O ELO

MATTHEW MANNING

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

O ELO

OS EXTRAORDINÁRIOS DONS DE UM ADOLESCENTE PSÍQUICO

MATTHEW MANNING

With a Preface by Peter Bander 1973

ÍNDICE

- Prefácio por Peter Bander
- Introdução por Derek Manning
- Capítulo I
- Capítulo II
- Capítulo III
- Capítulo IV
- Capítulo V
- Capítulo VI
- Capítulo VII
- Apêndices
    - I ‘‘O Caso do Bispo Paphalas Nektarios’’ por Peter Bander
    - II Relatório pelo Dr. George Owen

PREFÁCIO

Peter Bander

AOS DEZOITO ANOS, quando Matthew Manning escreveu este livro, já tinha experienciado mais fenómenos psíquicos do que a maioria das pessoas ouve falar numa vida inteira. Sem qualquer pedido de desculpas pela abordagem cética que tenho mantido desde que o conheci, considero a sua história mais do que apenas fascinante e totalmente absorvente; é o registo de um jovem que a natureza parece ter colocado à parte dos outros.

Não há certeza sobre o que causa exatamente a manifestação de tantos fenómenos na presença de Matthew. Quando estava a escrever o prefácio para a edição britânica deste livro, abundavam várias

explicações, mas nenhuma parecia minimamente conclusiva. Desde a publicação dessa edição, o Matthew submeteu os seus talentos invulgares a testes e experiências científicas sérias e extensas, cujos resultados lançam uma nova luz sobre os seus dons extraordinários.

Em julho de 1974, um grupo de cientistas eminentes fez algumas descobertas que não só parecem colocar as capacidades psíquicas de Matthew em perspetiva, como também prometem, após uma posterior avaliação dos resultados, uma revolução na investigação psíquica e uma explicação, até agora inimaginável, para muitos enigmas e mistérios. Nesta nova introdução, portanto, incluí o relato mais atualizado possível sobre os resultados das últimas experiências com o Matthew.

Quando fui abordado pela primeira vez pelo Matthew, houve quem acreditasse sinceramente que ele deveria ter recorrido, em vez disso, a algum sábio esotérico que o pudesse ter ajudado a desenvolver uma consciência espiritual mais elevada e que, talvez, até o tivesse treinado na arte de se tornar um mestre clarividente. O meu próprio percurso — psicologia criminal, teologia e pedagogia, antigo professor coordenador no *Cambridge Institute of Education* e atualmente editor — foi considerado por alguns críticos demasiado materialista e pragmático para um jovem ‘‘sensitivo’’, como o descreviam. No entanto, a nossa parceria, creio eu, enriqueceu as vidas de ambos e alargou o horizonte da nossa visão a um nível que nenhum de nós poderia ter previsto.

O Matthew pode ser classificado como um introvertido. Quando era uma criança pequena, contou-me a mãe dele, recusava-se absolutamente a falar com estranhos. Isto foi sempre atribuído a uma timidez extrema. Quando era repreendido por mau comportamento, recolhia-se a um canto e ali permanecia, por vezes durante horas, enroscado num isolamento total. Preferia a sua própria companhia, e sempre notei nele relutância em dizer mais do que parecia estritamente necessário. Quando se lhe pede para relatar um incidente, fá-lo com tanto detalhe que quem não o conheça pessoalmente poderá, por vezes, perguntar-se se estará a contar uma história ensaiada. Daria uma excelente testemunha em tribunal porque tem uma memória

fotográfica quase perfeita e é quase pedante ao relatar um acontecimento ou experiência.

O próprio relato do Matthew sobre a sua vida familiar, os seus colegas de escola, os seus associados e as suas ações e reações durante os anos turbulentos desde o início das perturbações psíquicas fala por si. Ao longo da minha associação com ele, permaneci um observador externo a olhar para dentro. Naturalmente, formei as minhas próprias opiniões sobre o Matthew, os seus pais, os seus professores e os seus colegas de escola.

Não invejo ao Matthew os seus dons e talentos. Como referi, eles afastaram-no dos seus contemporâneos. Enquanto os outros desfrutavam de amizades e partilhavam os entusiasmos habituais de um estudante, o Matthew era um objeto de curiosidade, um estranho e, frequentemente, uma pessoa a evitar devido aos seus ‘‘estranhos poderes’’. Sem dúvida que relatos distorcidos sobre o que se passava na escola, boatos e receios dos pais de que os seus filhos pudessem apanhar qualquer que fosse a ‘‘aflição’’ que o Matthew tinha, contribuíram muito para o seu dilema. Apesar de tudo, um pequeno núcleo de amigos apoiou-o ao longo dos seus dias de escola. É justo dizer que ele tinha apenas um amigo íntimo, cuja compreensão e profunda afinidade com o Matthew foram uma grande ajuda para ele.

O apoio e a compreensão mais fortes do Matthew vieram dos seus pais. Eles provavelmente sofreram mais do que o Matthew se dava conta na altura, e no entanto o seu auxílio foi incansável. Nesta era de igualitarismo, eu descreveria de forma faceta as circunstâncias da família Manning como sendo ligeiramente mais iguais do que a média das famílias inglesas. Todo o ambiente social é da sólida classe média inglesa. Há gerações que os filhos e filhas dos Manning recebem a melhor educação. Os Manning possuem uma casa muito agradável, mobilada na mais fina tradição inglesa. O pai do Matthew, Derek Manning, um arquiteto de algum prestígio e colecionador de vidro antigo, surge na narrativa do Matthew muito como o *paterfamilias*, um homem pragmático. A mãe do Matthew é uma mãe extremosa e amiga dos seus três filhos.

É contra este ambiente familiar que o caos causado pelas manifestações originais de *poltergeist* e acontecimentos posteriores deve ser visto; a família Manning é muito unida e, naturalmente, temiam tudo o que pudesse perturbar a felicidade e a tranquilidade da sua vida familiar.

À parte os seus pais, as duas pessoas mais de perto envolvidas com o Matthew foram o seu diretor na escola de Oakham e a governanta da sua residência escolar. Ambos estavam, como é óbvio, *in loco parentis* enquanto o Matthew residia na escola. A governanta não só era compreensiva em relação aos dons do Matthew e estava encantada com a perspetiva de obter ‘‘provas em primeira mão’’ de algo em que já acreditava, como não tinha dúvidas de que o Matthew era um médium natural e, por conseguinte, um grande conforto para as suas necessidades espirituais. O papel dela na escola e, especialmente, a sua influência sobre o diretor, que em duas ocasiões desejou que o Matthew fosse retirado da escola devido às perturbações insuportáveis causadas pelos fenómenos de *poltergeist* e outros, não é totalmente claro.

Mas pode haver poucas dúvidas de que ela usou toda a influência que tinha para suavizar o caminho do Matthew. No início dos acontecimentos relatados pelo Matthew, o diretor começou a receber relatos em segunda e terceira mão e queixas dos pais de muitos alunos e, sem dúvida, de membros do seu corpo docente. Um dos colegas de escola do Matthew teve mesmo de ser retirado da escola devido à tensão nervosa causada pelas perturbações noturnas. O Sr. J. D. Buchanan, o diretor, prestou a seguinte declaração à imprensa: ‘‘As coisas que aconteciam quando o Matthew estava em Oakham eram simplesmente inacreditáveis. Ele deve ser o rapaz mais singular que conheci em vinte e oito anos como professor e diretor.

Como é óbvio, sou cético em relação a assuntos psíquicos, mas sei que algo de perfeitamente extraordinário estava a acontecer. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para não me envolver, mas tenho a certeza de que havia poderes paranormais em ação para produzir acontecimentos tão misteriosos. Pessoalmente não presenciei nenhum dos acontecimentos, mas muita gente na residência escolar dele presenciou. Tive-o sob os meus cuidados pessoais durante cerca de

três anos e fiquei muito preocupado com todos estes acontecimentos. Nunca houve qualquer explicação sobre como ocorriam todas estas desarrumações nos dormitórios, etc. Facas, tijolos, vidro, seixos e coisas do género apareciam sem qualquer pista quanto à sua origem. E, no entanto, nunca nada pareceu faltar noutras partes da escola.

Os rapazes que partilhavam o dormitório do Matthew e cujos beliches se moviam de um lado para o outro foram absolutamente categóricos em como aquilo tinha acontecido; eram rapazes honestos e simpáticos e eu sei que não diziam mentiras. Sim, decidi desvalorizar a coisa o melhor que pude, mas algo de muito estranho se andava a passar. Quanto ao próprio Matthew Manning, como pessoa é um pouco solitário; é bastante letárgico, exceto na olaria, na qual se distinguia.

Certamente não era academicamente brilhante. As suas pinturas e desenhos automáticos *à la* Dürer e de outros grandes mestres pareciam todos ostentar a sua própria identidade e origem. Contudo, sei perfeitamente que o Matthew não tinha grande jeito para o desenho ou para a pintura. O seu professor de artes ficou impressionadíssimo com as pinturas que pretendiam ser produzidas pelos Grandes Mestres.''

O meu envolvimento com o Matthew começou escassos meses antes de ele deixar o ambiente relativamente protegido de Oakham. Discuti com o Sr. Derek Manning que futuro possível aguardava o Matthew e sugeri que talvez não fosse má ideia dar ao jovem um ''descanso de tudo isto''. O Matthew concordou prontamente em deitar mãos à obra num relato dos seus últimos anos. Deixei claro que não esperava que ele escrevesse a autobiografia de um rapaz de dezoito anos. Em vez disso, sugeri que a sua narrativa se restringisse ao período desde o início dos fenómenos psíquicos até ao presente. Ele haveria de vir de Cambridge, onde vivia, cerca de uma vez por quinzena a Gerrards Cross, onde analisaríamos o seu manuscrito capítulo a capítulo e, se necessário, linha por linha.

Naturalmente, uma multidão de perguntas surgiu na minha própria mente e, escusado será dizer, muitos dos meus antigos colegas académicos faziam-me perguntas a que eu achava muito difícil responder. Recebi uma longa carta de um amigo respeitado, o decano

da investigação parapsicológica na Grã-Bretanha, o Dr. Robert Crookall, D.Sc., Ph.D., B.Sc., avisando-me dos terríveis perigos de acolher um jovem como o Matthew Manning e permitir que ele se transformasse num fenómeno psíquico aberrante; o Dr. Crookall sentia que o Matthew era demasiado jovem para que lhe fosse permitido participar em experiências ou dedicar-se à escrita automática e a assuntos semelhantes.

Os meus amigos e colegas ainda perguntavam se o Matthew era um *Wunderkind* ou talvez um mensageiro especial do ‘‘outro lado’’, e eu ainda tentava convencê-los de que o Matthew Manning era um jovem normal, saudável e inteligente que por acaso possuía alguns dons paranormais invulgarmente fortes, quando, de um dia para o outro, aconteceu algo na Grã-Bretanha (e, cedo descobrimos, por todo o mundo) que nos causou mais problemas, inconvenientes e incómodos do que os próprios *poltergeists*. Por alguma razão, a televisão e os jornais passaram subitamente a ter um único tema que exploravam dia após dia, semana após semana: o Sr. Uri Geller. Mal o Sr. Geller apareceu na televisão com as suas exibições de dobragem de colheres e chaves, as perguntas que nos faziam mudaram: será o Matthew Manning outro Uri Geller?

À medida que as semanas passavam, os desafios impostos ao Matthew e, de certa forma, a mim tornaram-se ainda mais exigentes. Em maio de 1974, fui contactado por um conhecido que, vim a descobrir mais tarde, é um oficial de alta patente na *Special Branch* (grosso modo análoga ao FBI ou à CIA americanos). Ele tinha visto fotografias de Geller no Aeroporto de Frankfurt, onde Uri teria alegadamente feito com que um par de algemas Clejuso se dobrasse muito ligeiramente; na verdade, a opinião dividia-se sobre se tinham ou não dobrado realmente.

Segundo o meu conhecido, isto era uma evidência *prima facie* de fraude, porque ‘‘estas algemas são feitas de um metal especial que não dobra’’. Para provar o seu argumento, ofereceu-se para mandar entregar um par no meu escritório nessa mesma tarde. Aceitei, embora em retrospetiva ache que foi um erro. As algemas foram entregues às 15:00 e, como o Matthew por acaso estava no meu escritório, sugeriu colocá-las e que eu as trancasse. Como nada tinha acontecido por

volta das 16:30, tirei-as ao Matthew, guardei-as na minha pasta e levei-as comigo para casa nessa noite. Depois do jantar, o Matthew entrou no meu escritório e perguntou se eu poderia colocar as algemas em redor dos seus pulsos mais uma vez.

‘‘Tenho o pressentimento de que algo vai acontecer’’, disse ele. Enquanto as algemas estavam firmemente trancadas em redor dos seus pulsos, o Matthew via televisão. Passada uma hora, o meu colega Sr. Smythe, que, entre outros, também estava presente na casa, sugeriu retirar as algemas ao Matthew porque era evidente que o ajuste apertado lhe causava desconforto. A algema direita foi solta, mas houve alguma dificuldade com a esquerda. Como o Matthew nos garantia que nada tinha acontecido de facto (embora se sentisse muito exausto), pensámos simplesmente que a dificuldade em soltar a algema se devia à nossa falta de familiaridade com o mecanismo da chave.

Rodámos a chave na algema esquerda e nada aconteceu; tentámos durante cerca de dez minutos, altura em que fiquei impaciente, culpando os fabricantes por inventarem dispositivos estúpidos que não funcionavam corretamente. Pedi então ao Matthew que viesse para uma sala bem iluminada, onde eu pudesse ver mais claramente o que estava a fazer. Notei que a barra que eu tinha solto quinze minutos antes do pulso direito se tinha dobrado cerca de dez graus. Tentei empurrar a barra de volta para a fechadura, mas não consegui sequer pressionar a barra de volta para a ranhura. Examinei a algema no pulso esquerdo. Dentro do dispositivo de trancagem, a barra dentada tinha-se dobrado para o que estimei serem uns quinze graus.

Telefonei ao cavalheiro e pedi-lhe que viesse a minha casa. Seria demorado demais relatar detalhadamente os acontecimentos das duas horas seguintes; baste dizer que, após o Matthew ter sido interrogado durante cerca de uma hora, encontrou-se uma forma pela qual a circunferência da algema foi alargada cerca de um centímetro e meio, sem tirar a barra de trancagem da posição. As algemas foram colocadas num envelope selado e levadas pessoalmente pelo meu conhecido para os laboratórios forenses da Polícia Metropolitana, onde foram submetidas aos testes mais rigorosos.

O relatório dos laboratórios forenses foi generosamente dado a meu conhecimento. Recebemos as fotografias de raio-X dos exames metalúrgicos. Fazendo referências muito técnicas ao metal, à sua estrutura e comportamento molecular sob tensão, o relatório afirmava categoricamente que em momento algum fora exercida qualquer força física sobre aquelas algemas. A única explicação que fazia algum sentido para os peritos forenses da polícia era a de que as algemas tinham sido fabricadas com defeito.

Este acontecimento coincidiu com a partida iminente de Matthew Manning para Toronto, no Canadá, onde o Dr. George Owen tinha convocado um seminário que contaria com a presença de vinte e um cientistas de topo de todo o mundo ocidental. O Dr. Owen, que conhecia o Matthew desde o primeiro surto dos fenómenos de *poltergeist* em fevereiro de 1967, tinha algum tempo antes deixado a Universidade de Cambridge para ser o diretor da *New Horizons Research Foundation* em Toronto.

Ele acedeu de bom grado à sugestão do Dr. Owen de que o Matthew devesse participar numa conferência especial sobre psicocinese em Toronto durante as últimas duas semanas de junho e a primeira semana de julho de 1974. Num acordo entre o Dr. Owen e eu, ficou especificado que teríamos pleno acesso a todos os resultados da investigação e que seria mantido um diário de todos os acontecimentos notáveis durante as experiências. O Dr. Owen tinha concordado em enviar-nos um relatório preliminar e manter-nos genericamente informados por telefone, a partir de Toronto, de quaisquer acontecimentos especiais. Deve ser creditada ao Dr. Owen a sua abordagem imaginativa e clarividente de toda a série de experiências que foram realizadas e, mais tarde, publicadas numa série de artigos científicos sobre Matthew Manning.

A 8 de outubro de 1974, recebi o primeiro relatório oficial de Toronto. Joel L. Whitton, M.D., investigador bolseiro, publicou um artigo científico intitulado *"Ramp Functions" in EEG Power Spectra During Actual and Attempted Paranormal Events*, e o Dr. Owen publicou *A Preliminary Report on Matthew Manning's Physical Phenomena*. Na habitual terminologia modesta dos grandes cientistas, eles afirmam num curto prefácio: ‘‘... o resultado promete conduzir a

um novo campo de investigação cujo interesse bem pode estender-se além do meramente psíquico para domínios mais gerais da psicologia neurofisiológica.''

Entre os vinte e um gigantes da ciência que participaram nas experiências com Matthew Manning estava o Professor Brian Josephson, F.R.S., galardoado com o prémio Nobel da física (1973). O Dr. Josephson afirmou numa entrevista ao *Daily Mail* de Londres:

''Estamos à beira de descobertas que podem ser extremamente importantes para a física. Estamos a lidar aqui com um novo tipo de energia. Esta força deve estar sujeita a leis. Acredito que os métodos comuns de investigação científica nos dirão muito sobre os fenómenos psíquicos. Eles são misteriosos, mas não são mais misteriosos do que uma data de coisas que já existem na física. Em tempos passados, os cientistas "respeitáveis" não queriam ter nada a ver com fenómenos psíquicos; muitos deles ainda não querem. Acho que os cientistas "respeitáveis" podem vir a descobrir que perderam o comboio!''

O editor literário do *Daily Mail* seguiu as observações do Professor Josephson com a pergunta: ouvir isto de um professor de física em Cambridge, falando a partir daquele santo dos santos científico, o *Cavendish Laboratory*, faz com que a investigação psíquica pareça muito mais impressionante do que alguma vez pareceu antes; e quem poderia ser mais ''respeitável'' do que um professor de física com um prémio Nobel?

Durante a conferência de Toronto, realizou-se uma série inteira de experiências com Matthew Manning. Como base para a minha própria narrativa de acontecimentos e descobertas, utilizo o diário que os investigadores mantiveram em Toronto. Por necessidade e para os objetivos deste livro, os factos e os números são simplificados; estou também a acrescentar as teorias, hipóteses e até suposições inteligentes que constam no diário. Primeiro os factos.

Uma série inicial de oito experiências foi realizada com Matthew Manning (seguida de muitas outras experiências envolvendo pessoas diferentes, quer sozinhas, quer com o Matthew presente), durante as quais o Matthew foi ligado a um eletroencefalógrafo e a um

eletromiógrafo, estando ambos os dispositivos ligados a um computador.[1]

[1] N.E.: Nota respeitante à numeração original indicada no texto.

APÓS SEREM RECOLHIDAS leituras ‘‘normais’’ do padrão de ondas cerebrais do Matthew, tanto em condições de relaxamento como enquanto se concentrava num determinado projeto, o Matthew recebeu instruções para ‘‘ligar o seu poder’’. (Interroguei alguns dos cientistas sobre a utilização desta frase peculiar e foi-me dado a entender que o Matthew tinha utilizado a descrição de ‘‘ligar o poder’’ em conversa; os cientistas simplesmente adotaram a frase a fim de descobrir o que aconteceria se o Matthew realmente ligasse o seu poder.) Durante a experiência propriamente dita, foi colocada na mão do Matthew uma chave de uma fechadura canadiana *Dominion* ou, alternativamente, ele colocava a mão acima de uma chave. A ideia era descobrir se as ondas cerebrais do Matthew mostrariam alguma alteração peculiar durante a operação.

Assim que o Matthew cumpriu a instrução, o eletroencefalógrafo registou uma leitura inesperada e perfeitamente única. Para todos os cientistas presentes, exceto um, o padrão de ondas cerebrais, registado de cada vez por um período de vinte segundos, era inteiramente novo. Um dos professores de medicina presentes recordou-se de ter visto tal padrão uma vez antes, num paciente a quem tinha sido administrada uma forte overdose de uma droga alucinogénia; as circunstâncias dessa observação, contudo, tinham sido tais que não fora prestada nenhuma atenção particular ao seu significado.

Questionei não só a validade das leituras, mas também a descrição que tinha sido dada a esta nova onda cerebral: foi chamada de ‘‘função rampa’’. (O Dr. Joel Whitton explicou mais tarde que tinha simplesmente dado um nome à mesma para explicar a situação aos seus colegas cientistas. O EEG real assemelha-se bastante a uma rampa, e ‘‘função rampa’’ foi apenas uma descrição ilustrativa.)

Durante estas experiências, o eletromiógrafo não mostrou qualquer atividade muscular; pode-se, portanto, dispensar qualquer outra referência a este instrumento. As leituras do computador, no

entanto, são interessantes. De acordo com a avaliação feita em REM (*rapid eye movement* / movimento rápido dos olhos), o Matthew esteve num quarto grau de sono profundo. Era perfeitamente óbvio para os cientistas presentes que o Matthew não estava a dormir — podiam ver que ele estava bem acordado. Após vinte segundos, a função rampa cessou e as leituras do padrão de ondas cerebrais do Matthew regressaram ao normal. Alguns dos objetos de metal que tinham sido colocados sob a mão do Matthew tinham-se dobrado ou continuaram a dobrar-se depois disso.

A segunda observação significativa foi feita quando a função rampa foi rasteada até à parte do cérebro onde se originava. Teremos de aguardar pelas conclusões por escrito de alguns dos cientistas que estão extremamente ansiosos por que esta descoberta seja apresentada numa avaliação científica apropriada. A única declaração disponível é que a função rampa foi rasteada até uma parte do cérebro humano que até então se acreditava estar defunta e degenerada. O antigo ‘‘cérebro animal’’ do *homo sapiens* foi uma das descrições dadas, e *‘‘das Ur Gahirn’’* foi outra.

Penso que neste ponto é apropriado citar diretamente o relatório do Dr. Whitton.

A ‘‘função rampa’’ não foi relatada anteriormente; contudo, o grande aumento na energia theta e a diminuição habitual na energia beta que caracteriza a função rampa em comparação com outros estados foi considerada por Motoyama (1965) como distinguindo o comportamento ‘‘paranormal’’.

No teste número 2 (MM2) houve duas tentativas de comportamento paranormal, i.e., MM tentou dobrar duas chaves sem utilizar qualquer força física óbvia. A segunda chave não dobrou e nenhuma função rampa foi evidenciada durante a tentativa com esta chave. Uma função rampa apareceu, contudo, durante a tentativa com a primeira chave durante os primeiros 10,24 segundos da tentativa. No entanto, a primeira chave não dobrou até mais tarde na experiência. Ela dobrou misteriosamente enquanto estava caída sobre uma mesa numa sala contígua, mas antes do fim da experiência, enquanto MM ainda estava ‘‘ligado’’ ao amplificador do EEG. MM alega que este

efeito retardado ocorre ocasionalmente com objetos de metal que ele está a dobrar ‘‘psiquicamente’’.

Sumário

1. Durante os primeiros 10 segundos de uma tentativa de comportamento paranormal por indivíduos com declarada capacidade ‘‘psi’', o espetro de potência do EEG no vértice demonstra uma forma caracterizada como uma função rampa.

2. A rampa distingue-se por um pico na banda delta ou theta baixa, com a maior parte da energia nas frequências mais baixas do EEG, com a percentagem de theta a ser o dobro da de beta.

3. Confirma-se a constatação de Motoyama (1965) de um aumento da energia theta em indivíduos com pontuações elevadas de ESP durante o comportamento paranormal.

4. A função rampa não parece estar relacionada com os seguintes comportamentos: repouso com olhos abertos, repouso com olhos fechados, movimentos de músculos, falar ou concentração intensa. A função rampa parece ser um correlato fisiológico único do comportamento paranormal nos 3 psíquicos testados.

A função rampa foi encontrada em todos os três tipos de comportamento paranormal tentados: ‘‘psicocinese’’, ‘‘projeção’’ e ‘‘visão de aura’’.

A descoberta da função rampa conduziu imediatamente a uma série de experiências posteriores. Várias pessoas com reputação de serem psíquicas foram testadas de forma semelhante. No seguimento dos testes, um número de teorias e hipóteses foi apresentado pelos cientistas:

A origem da função rampa (and portanto a fonte de energia psíquica) no Matthew descobriu-se estar na parte mais antiga do cérebro humano; o Dr. Whitton sugere, por isso, que a capacidade ou energia psíquica não é um ‘‘dom aleatório’’ ou uma ‘‘capacidade da era espacial’’, mas uma função e capacidade inata no *homo sapiens* que provavelmente remonta à história mais recôndita do homem;

poderá ser uma função que se perdeu ou se tornou defunta na maioria das pessoas há muitos milhares de anos.

O nível de energia psíquica registado no Matthew era excecionalmente elevado — na verdade, único. Duas perguntas devem ser feitas: por que razão é o nível de energia do Matthew tanto mais elevado do que o de outros psíquicos conhecidos? E haverá um fator comum entre os psíquicos que justifique o funcionamento desta parte ‘‘antiga e defunta’’ do cérebro? (Avaliações preliminares de questionários podem apontar para uma solução, mas seria prematuro depositar demasiada confiança nos resultados obtidos até agora. Irei, contudo, tecer comentários sobre este problema mais adiante.)

Um não-psíquico pode receber poderes e capacidade psíquica através de *biofeedback*. Deverá, por conseguinte, ser possível utilizar as ondas cerebrais do Matthew, que foram armazenadas no banco de memória do computador, e transferi-las num momento posterior para um não-psíquico. (Tais experiências serão certamente realizadas por alguns cientistas no futuro.)

A função rampa produzida pelo Matthew durante as experiências é totalmente diferente das leituras obtidas durante ‘‘momentos de concentração’’, por exemplo. Pode, portanto, presumir-se que a capacidade psíquica, embora inata, não é um grau de concentração mais elevado ou diferente, mas sugere uma força exterior ou interior desconhecida que a cria.

Como é óbvio, as surpreendentes conclusões em Toronto dão azo à especulação; não têm fim as sugestões e teorias a que deram origem. Uma delas poderá estar correta. A teoria apresentada pelo Dr. Joel Whitton (puramente como uma hipótese de trabalho) é o resultado de uma investigação realizada a uma escala muito reduzida. Um número de psíquicos conhecidos tinha recebido do Dr. Whitton o pedido de preencher um questionário.

As suas respostas a perguntas sobre experiências pessoais durante a primeira infância mostraram que vários dos psíquicos tinham uma experiência em comum. A resposta que o Matthew forneceu é absolutamente fascinante. A experiência comum dos psíquicos era simplesmente que todos tinham sofrido um forte choque elétrico antes

dos dez anos de idade. O Matthew não se recordava de nenhum acidente desse tipo; foi apenas quando falámos sobre isto com os pais do Matthew que soubemos que a mãe do Matthew tinha sofrido um choque elétrico tão forte três semanas antes de o Matthew nascer que receou poder perder o Matthew.

Entre as outras experiências realizadas com o Matthew em Toronto contavam-se as do Dr. Douglas Dean com fotografia Kirlian. De acordo com o Dr. Dean, ‘‘O aparelho consiste num gerador de bobina de Tesla ou testador eletrónico de fugas que debita cerca de 25.000 volts c.a. a cerca de 100.000 a 1.000.000 de frequência em ciclos por segundo com cerca de 50 impulsos por segundo.’’

‘‘Os resultados que obtive com o Matthew Manning são absolutamente únicos’’, declarou o Dr. Dean posteriormente. ‘‘Nunca vi nada assim antes.’’

Houve uma sequela destas experiências. No seguimento das declarações entusiásticas do Dr. Dean, fui abordado por um grupo de peritos em eletrónica da Holanda e da Alemanha. A *Aura Electronics* da Holanda desenvolveu recentemente um aparelho Kirlian extremamente avançado, que gera 35.000 volts e permite tirar fotografias de áreas consideravelmente maiores. Agendámos uma curta sessão para 4 de setembro de 1974, e foi pedido mais uma vez ao Matthew Manning para ‘‘ligar o seu poder’’.

Tendo-me deixado perfeitamente claro que ‘‘este género de resultado nunca poderia ser reproduzido nas nossas máquinas porque são de longe superiores a qualquer coisa disponível no mundo’’, os três peritos em eletrónica deixaram a Inglaterra em considerável aflição: duas das suas máquinas Kirlian tinham avariado quando tinham convidado o Matthew ‘‘a colocar toda a energia que tinha na máquina’’.

O Sr. M. H. J. Th. van der Veer, chefe do grupo de investigação, emitiu a seguinte declaração posteriormente:

‘‘Após experiências com mais de mil indivíduos, estamos completamente perplexos com os resultados. Não só as fotografias Kirlian que tirámos são totalmente diferentes de tudo o que alguma vez vimos, como este jovem parece possuir a capacidade de gerar a

sua própria energia, a qual simplesmente anula os 35.000 volts da máquina. Na verdade, não tenho bem a certeza sobre o que realmente aconteceu; num momento, ele parecia absorver a energia total da máquina e, no seguinte, forçava o retorno de uma energia tal para a máquina que as máquinas simplesmente "deram a alma ao criador".

Se não tivéssemos visto isto com os nossos próprios olhos, não teríamos acreditado que fosse possível. Posso afirmar categoricamente que, para fazer o que o Matthew fez ao simplesmente colocar a mão na máquina Kirlian, seria necessário um equipamento eletrónico altamente sofisticado.''

Finalmente, deverei mencionar uma das experiências que, por razões de exatidão científica, deve ser descrita como inconclusiva. O Dr. Brian Josephson realizou uma experiência com uma bússola na qual o Matthew colocou a mão acima da bússola e a agulha girou violentamente. Quando o Matthew ''desligou'' a sua energia, a agulha, em vez de oscilar lentamente de um lado para o outro até imobilizar-se, parou subitamente de estalo.

Como o Professor Josephson pensou que a humidade na sala pudesse ter tido efeito no comportamento da agulha, preferiu classificar os resultados como ''inconclusivos''. Durante experiências subsequentes no *Cavendish Laboratory* em Cambridge, contudo, observou-se o mesmo efeito na agulha. Ao mesmo tempo, descobriu-se que a energia do Matthew afetava o campo magnético da bússola. Instrumentos concebidos para medir alterações em campos magnéticos estavam situados a várias jardas de distância da bússola e, à medida que o Matthew ligava o seu poder acima da agulha, os instrumentos registavam uma alteração. Quando o Matthew caminhou até aos instrumentos, estes registaram imediatamente, de novo, uma alteração no campo magnético em redor da bússola, mas a agulha da bússola permaneceu imóvel.

O Professor Josephson não conseguiu encontrar nenhuma explicação racional para o comportamento da agulha da bússola e dos instrumentos; a menos que possa provar que o Matthew Manning influenciou ou a agulha da bússola ou os instrumentos, e até que a natureza da emissão de energia do Matthew possa ser definida

cientificamente, como físico ele sente-se compelido a classificar tais resultados como ‘‘inconclusivos’’.

Visto à luz dos resultados de Toronto, o livro de Matthew Manning assume um significado novo e inesperado. Os dons do Matthew continuam a ser misteriosos e fascinantes, mas o ‘‘fantasma’’ desapareceu deles. Enquanto o Matthew e as suas capacidades extraordinárias irão provavelmente ocupar a investigação científica nos anos vindouros, percebamos também, entretanto, que a contribuição do Matthew, especialmente em Toronto, pode pôr um fim firme e definitivo às fantasias desenfreadas sobre dons psíquicos. Hoje podemos dizer que ser psíquico significa simplesmente ser capaz de utilizar uma faculdade que está latente em cada um de nós.

Toronto não forneceu uma resposta ou solução para a pergunta mais importante: o Matthew, quando ‘‘liga o seu poder’’, comunica com alguém? Todas as aparências indicam que sim. Eu, por exemplo, gostaria de saber por que razão Picasso, Dürer, Bertrand Russell e centenas de homens e mulheres reconhecidamente mortos quereriam comunicar através de um estudante de dezoito anos.

Este é um final extremamente insatisfatório para a introdução; teria preferido apresentar um caso perfeitamente claro e evidente. Resta-me esperar que o conhecimento ganho através das experiências de Toronto e todos os desejos de aprender mais não venham a dispersar-se para semear o caos na humanidade. Pelo contrário, partilho do desejo do Matthew de que tudo o que venhamos a aprender nos próximos anos beneficie o homem e ajude a construir um mundo melhor — aqui e no além.

P.B.
Gerrards Cross
Buckinghamshire, Inglaterra
Outubro de 1974

INTRODUÇÃO

POUCO DEPOIS da guerra li o livro de Harry Price, *Poltergeist over England*. Já estava familiarizado com *An Adventure*, das

falecidas Miss Moberly e Jourdain, e estes dois volumes eram a base de qualquer imperfeita compreensão que eu possuía sobre o sobrenatural. Naquela altura não podia prever que uma geração mais tarde estaria a introduzir um relato de experiências muito mais estranhas, persistentes e diversas do que quaisquer outras que Harry Price fora capaz de relatar. A narrativa que se segue possui uma imediação acrescida porque a vítima (e acredito que qualquer criança-*poltergeist* é uma vítima involuntária) é, neste caso, o meu filho. Estou grato pela informação que obtive e recordei do livro de Price: sem ela, o fenómeno que começou a desenrolar-se poderia ter permanecido por reconhecer muito mais tempo, e a ansiedade que provocou teria sido mais grave para a minha família.

O lar onde os acontecimentos originalmente tiveram lugar, em 1966, possuía uma característica comum à maioria dos casos de *poltergeist*: crianças. O Andrew tinha seis anos, a Rosalind oito e o mais velho (o autor) escassos onze anos. Nenhum deles conseguia compreender a natureza da situação e este fator aumentou, indubitavelmente, a sua apreensão. À medida que os acontecimentos persistiam, fui-me dando conta de certas características que a força revelava. Este *poltergeist* era um operador silencioso e que não se deixava apanhar em flagrante. Era, de forma provocatória, apenas aquele pouco mais rápido e previdente do que os humanos, e a perceção disto aumentava o sentimento de frustração e desamparo.

Em retrospetiva, a chegada do Dr. George Owen foi uma coincidência, mas o seu leque de experiência no assunto era inigualável e ele forneceu a segurança psicológica de que a minha família necessitava naquela altura. Ficámos especialmente confortados pela sua confiança em como o fenómeno era transitório, era esgotável, iria desaparecer. Nisto ele estava correto. Quando as atividades recomeçaram cinco anos mais tarde, toda a gente estava mais experiente, desejando apenas viver sem perturbações e em paz, mas este desejo haveria de ser tempestuosamente transtornado.

As forças manifestadas durante o segundo surto foram consideravelmente mais intensas, travessas e ousadas. Acredito que mereciam um exame muito mais sério e científico do que aquele que, na verdade, receberam, e estou convencido de que houve pistas não

detetadas que, caso tivessem sido seguidas, poderiam perfeitamente ter avançado a nossa compreensão sobre a dinâmica e os motivos da energia *poltergeist*.

O leitor de *The Link* terá, a dada altura, de avaliar as provas e decidir sobre a sua veracidade e probabilidade. Sei que o autor não tem intenção de convencer os incrédulos nem desejo de enganar os simpatizantes. É uma descrição feita por um jovem que esteve no centro de experiências tão excecionais que não podiam deixar de ficar registadas.

A minha atitude pessoal ao longo de tudo isto, confio, foi a de manter a mente aberta, que é tudo o que um leigo pode fazer. Não houve outra escolha senão responder aos acontecimentos à medida que ocorriam, mas, inevitavelmente, desenvolvi uma perceção acrescida da situação. Tornei-me mais observador e analítico e procurava sempre a explicação sensata para os acontecimentos. Mais tarde percebi que, se era para avaliar a probabilidade das provas, a minha escolha era inequívoca: ou rejeitava *in toto* a explicação paranormal dos acontecimentos ou aceitava-os. (Mesmo descartar 98% como partidas exuberantes deixaria uns cruciais 2% por explicar a desafiar o meu julgamento.) A primeira opção tornou-se crescentemente insustentável e menos racional do que a aceitação da alternativa.

É um reflexo da responsabilidade com que as pessoas hoje em dia tratam os fenómenos psíquicos registar o inesperado grau de aceitação social por parte de pessoas que estavam familiarizadas com a nossa situação. Uma esmagadora, e inesperada, maioria aceitou (creio que sinceramente) os nossos relatos de atividade *poltergeist*, desmaterializações e atividade espiritual a que tínhamos sido sujeitos. O próprio Matthew percebeu rapidamente a sua responsabilidade para com a sua família, a sua escola e para com aqueles motivados pelo desejo de compreender, bem como para com a investigação científica. Poucos de nós talvez tenham percebido o fardo único que ele tem carregado. Estou orgulhoso por registar o sentido de dignidade com que ele tem enfrentado o seu destino e confio piamente que possuirá a força de espírito para continuar.

Espero que o leitor encontre matéria de interesse em *Open To Suggestion* e compreenda a extensão juvenil da experiência literária do autor. Se esta Introdução estimular a curiosidade, então não é segredo para ninguém que esta narrativa é, por si mesma, a introdução a uma história muito maior.

Derek G. Manning
Outubro de 1973

CAPÍTULO I

SEMPRE ANSEIEI POR regressar à escola após as minhas férias. Não era por ser infeliz em casa, mas gostava muito da companhia dos meus amigos de escola, já que não conhecia muita gente na minha terra.

As minhas férias da Páscoa tinham chegado ao fim e, no domingo, estava a preparar-me para a viagem de regresso à escola; o meu pai ia acompanhar-me porque tinha solicitado uma entrevista com o meu Diretor. A perspetiva do que poderia resultar dessa entrevista preocupava-me bastante, mas a verdade é que o meu pai andava muito preocupado já há algum tempo e a minha família tinha atingido o limite das suas forças. Nas últimas quatro semanas, todos tínhamos sido submetidos aos acontecimentos mais perturbadores e, por vezes, assustadores dentro de casa. Descrevê-los apenas como fenómenos psíquicos não traduziu o desespero em que os meus pais, o meu irmão mais novo e a minha irmã tinham vivido. Não restam dúvidas de que eu estava na própria raiz de tudo o que tinha acontecido.

Face a estes fenómenos extraordinários, o meu pai considerou que seria apenas justo informar o Diretor de que, na sua própria opinião — e veio a provar-se que tinha razão —, existia a possibilidade de tais fenómenos ocorrerem após o meu regresso à escola. A julgar pelas perturbações que afetavam aqueles que me eram mais próximos, ele assumiu que, a verificarem-se episódios semelhantes na minha escola, os distúrbios poderiam ter efeitos muito mais devastadores do que tinham tido no meu lar.

Na noite de domingo, o meu pai e eu deixámos Cambridge de carro em direção à minha escola. Não sei se sentia pena de mim próprio ou do meu pai; ainda não tínhamos saído dos arredores de Cambridge quando começámos a falar sobre algumas das coisas que tinham acontecido, tentando encontrar-lhes um sentido e, de alguma forma, uma explicação que pudesse satisfazer o Diretor, preparando-me para aquela provação que o meu pai antecipava e que eu temia.

Tudo começara na manhã de 18 de fevereiro de 1967, muito cedo, numa cinzenta manhã de sábado, quando a minha família presenciou pela primeira vez fenómenos que começaram subitamente, sem qualquer razão aparente, e que pareceram cessar com a mesma rapidez pela Páscoa daquele ano.

Ocupávamos, nessa altura, uma vivenda isolada de construção recente, onde vivíamos há sete anos. Por ser uma casa razoavelmente moderna, tinha um estilo de plano aberto e possuía várias janelas que iam do chão ao teto.

A nossa casa funcionava numa rotina previsível e ordeira; mas, de repente, deixou de ser assim. De um dia para o outro, o nosso padrão de vida foi quebrado.

O meu pai costumava começar o seu dia abrindo a grelha da lareira que ardia a noite inteira, por volta das 07:00, para lhe deitar mais lenha. Depois disso, subia de novo até à casa de banho e descia para a sala de estar por volta das 07:25.

Assim o fez no dia 18 de fevereiro, um sábado. Deitada de lado, no chão, descobriu uma caneca de prata que era habitualmente guardada numa prateleira de madeira a um metro e vinte do chão. Ficou surpreendido ao ver que não estava danificada, muito embora diretamente por baixo da prateleira estivesse um armário; a caneca teria de ter batido nele se tivesse caído por si mesma.

O meu irmão mais novo, a minha irmã e eu fomos todos questionados sobre isto ao pequeno-almoço. Ninguém assumiu a responsabilidade pela caneca e todos negaram qualquer conhecimento do assunto.

Como era natural, pensámos imediatamente que tínhamos sido assaltados durante a noite. Esta ideia foi logo posta de parte quando constatámos que não faltavam outros objetos. De qualquer forma, não teria sido fácil para um assaltante entrar em casa à noite sem correr o risco de acordar alguém. O assunto foi esquecido.

Na quarta-feira seguinte de manhã, o meu pai encontrou a caneca novamente deitada de lado no chão, em circunstâncias idênticas. Mais uma vez, cada membro da família alegou inocência; a brincar, acusámo-nos uns aos outros, embora soubéssemos que o meu pai era sempre o primeiro a descer as escadas e a entrar na sala; na verdade, era ele quem nos acordava a todos os dias.

Estávamos agora um pouco curiosos e intrigados quanto à causa do movimento aparentemente inexplicável da caneca. Não havia razão para aquilo: a prateleira era de madeira bem seca, aplainada e polida, e estava perfeitamente horizontal. Não tínhamos animais de estimação que a pudessem ter deslocado e a prateleira não ficava perto de nenhuma lareira ou conduta.

Nessa noite, a caneca foi cercada por um anel de pó de talco polvilhado, ali colocado pelos meus pais, sem o conhecimento meu, do meu irmão ou da minha irmã. Se a caneca deslizasse posteriormente na horizontal em direção à borda da prateleira e ao chão, o pó daria provas disso ao ficar marcado.

O anel de pó continuava intacto quando a caneca foi encontrada no chão na manhã seguinte. Teria, portanto, de se ter elevado verticalmente e depois horizontalmente para alcançar tal posição sem tocar no pó. Além disso, este trabalho de detetive amador pareceu ter encorajado quem movia a caneca.

A minha mãe, ao olhar para a mesa posta na noite anterior para o pequeno-almoço, notou que uma jarra grande cheia de flores tinha sido colocada sobre a esteira onde normalmente púnhamos o bule do chá. A jarra tinha sido movida da extremidade oposta da sala, a cerca de seis metros, sem que se derramasse uma única gota de água. Eu encontrei depois um velho cão de loiça visivelmente recolocado acima da lareira, tendo-se movido um metro e meio da sua posição numa prateleira próxima.

Foi então que, pela primeira vez, suspeitámos de que estavam a ocorrer alguns episódios insólitos; os nossos sentimentos dividiam-se. Não sabíamos se havemos de rir ou de chorar. Não fazíamos ideia do que poderia acontecer a seguir, ou que contramedidas poderíamos tomar, dado que aquilo estava totalmente fora do nosso campo de experiência. Obviamente, nenhum de nós jamais se deparara com tais acontecimentos e, embora fosse divertido na sua traquinice, assustava-nos porque não estávamos familiarizados com aquilo e desconhecíamos os seus limites e propósito. Não conseguíamos compreender por que razão isto acontecia de repente; não parecia haver nenhuma causa percetível.

Sentindo que era necessária alguma forma de contramedida, o problema seguinte do meu pai foi descobrir o que se podia fazer e quem nos poderia ajudar. Tentou o médico e a polícia. Foram estes últimos que, embora muito compreensivos mas incapazes de oferecer assistência, o aconselharam a contactar a Sociedade de Investigação Psíquica de Cambridge.

Seguindo o conselho deles, entrou em contacto com o seu Secretário, o Dr. George Owen, que era um especialista em fenómenos de *poltergeist*. Ele era, por essa altura, membro docente do *Trinity College*, em Cambridge, onde lecionava Genética.

O Dr. Owen informou-nos de que tais surtos estavam frequentemente associados à presença de crianças, que a sua duração era geralmente de duas a obter semanas e que, uma vez cessados, não voltariam a repetir-se. Não foi capaz de sugerir quaisquer medidas preventivas, mas assegurou-nos de que o interesse científico superava os inconvenientes que estes acontecimentos causavam.

Como o Dr. Owen não podia oferecer nenhuma ‘‘cura’’ para os fenómenos, o meu pai escreveu a outro especialista universitário, numa universidade de província, descrevendo brevemente os acontecimentos e concluindo ‘‘que esta atividade está aparentemente a aumentar’’.

‘‘Temos três crianças’’, escreveu o meu pai, ‘‘o Matthew com onze anos e seis meses, a Rosalind com oito anos e sete meses e o Andrew com sete anos; e, embora possam ser indiretamente

responsáveis por estas ocorrências, estou razoavelmente seguro de que o movimento físico destes artigos não é obra deles.''

''Sou um estudante interessado em antiguidades e a nossa sala acomoda várias das minhas aquisições, a maioria das quais se poderia partir se caísse. É, portanto, particularmente gratificante observar que, no geral, os objetos frágeis não são tocados! Um cesto que contém cabaças ornamentadas, que já foi movido por duas vezes, pesa um quilo e duzentos gramas.''

''O efeito geral destes movimentos sugere um sentido de travessura irrequieta aliada a um cuidadoso sentido de ordem, e até agora a minha família está a encarar o assunto exteriormente com bastante leveza. É possível, contudo, que os resultados sejam talvez psicologicamente mais perturbadores e, por esta razão, sentir-me-ia aliviado ao ver estes episódios concluídos.'' A carta nunca obteve resposta.

Com acontecimentos semelhantes a continuarem e a aumentarem de intensidade, os fenómenos pareciam tornar-se mais poderosos. Transformaram-se numa rotina diária e tinham sempre lugar entre as 07:00 e as 07:30; este período abrangia a meia hora em que a família estava num estado de semiconsciência, a acordar. Do cimo das escadas era possível ouvir pancadas e outros sons à medida que as agitações aumentavam, mas não presenciámos nenhum destes objetos a voar.

Invariavelmente, os objetos que eram movidos eram ornamentos leves, cadeiras, talheres, cinzeiros, cestos, pratos, uma pequena mesa de café e uma vintena de outros artigos, mas nenhum aparecia partido ou derramado. A caneca era movida com regularidade; perguntámo-nos se seria talvez uma forma de protesto desafiador contra o meu pai, visto que a caneca era dele e só ele bebia por ela. Também uma jarra com flores era frequentemente trazida e colocada na mesa do pequeno-almoço, em frente ao lugar onde a minha mãe se sentava.

Numa ocasião, o meu pai entrou cedo na sala de estar, antes de qualquer distúrbio ter lugar, e deixou na sala um rádio a transístores a tocar música. Isto pareceu ter um efeito dissuasor, já que o fenómeno

não se manifestou com tanta força como se tinha experienciado anteriormente.

À medida que as manifestações físicas aumentavam, a casa começou a produzir estalidos e rangeres erráticos e inesperados. Os ruídos variavam entre uma pancada abafada e um som semelhante ao de uma pequena pedra a ser atirada contra a janela, e continuavam ao longo do dia e da noite por todas as divisões da casa.

Em várias ocasiões, à noite, todas as portas e acessos à sala de estar eram selados com fios de algodão que se romperiam se alguém entrasse na sala; e a escadaria foi armada com armadilhas semelhantes. Parecia que nada podia ser atribuído a travessuras humanas, pois os fios permaneciam intactos, mas a sala aparecia novamente desarrumada.

O Dr. Owen e o meu pai vigiaram a sala a partir do exterior em mais do que uma ocasião e constataram que, durante esses períodos, nenhum fenómeno podia ser testemunhado. Assim que abandonavam as suas posições, no entanto, os objetos começavam a mover-se, como se estivessem bem cientes de quando estavam a ser vigiados.

A fim de verificar duplamente e da melhor forma possível que estes movimentos não eram espúrios, o Dr. Owen apareceu uma manhã sem aviso, para vigiar a sala sozinho. Teve mesmo o cuidado de deixar o seu carro a alguma distância e fazer o último trajeto a pé, para que pudesse tomar posição sem ser visto por volta das 06:30. Enquanto vigiava, nenhum objeto foi visto a mover-se e ninguém entrou na sala. Assim que cessou a vigilância, para dar a volta até à porta da frente, os pequenos objetos começaram novamente a mover-se.

A 6 de março, por sugestão de George Owen, o meu irmão, a minha irmã e eu fomos todos enviados para ficar em casas de amigos diferentes durante uma semana. Embora os meus pais não tivessem tido dificuldade em encontrar amigos que acolhessem a Rosalind e o Andrew, tiveram grande dificuldade em encontrar alguém que estivesse disposto a receber-me sob o seu teto. Mesmo por esta altura, parecia que eu já era visto como a pessoa em redor da qual esta força

se centrava, principalmente devido à minha idade, embora eu não tivesse conhecimento desse facto.

Contudo, durante o tempo em que estivemos longe de casa, nenhum movimento teve lugar em redor dos meus pais, de mim, do meu irmão ou da minha irmã, mas os ruídos continuavam audíveis para os meus pais em casa a todas as horas do dia. Esta experiência pareceu provar que a força residia numa de nós, as três crianças.

Como que para compensar o tempo perdido, quando regressámos fomos brindados na primeira manhã com um novo surto executado com redobrado vigor. A 13 de março, nove objetos moveram-se entre as 07:00 e as 07:30 e, embora esse pudesse não ser um número extraordinariamente elevado, os objetos aumentaram de tamanho, de tal forma que uma cadeira estofada se moveu cerca de dois metros, uma cadeira de jantar foi voltada ao contrário, um castiçal foi colocado no meio de uma jarra de flores e outros pequenos objetos moveram-se.

O pico das manifestações físicas foi atingido na manhã seguinte, quando onze objetos foram movidos no espaço de quinze minutos. A partir desse dia, pareceu haver um declínio nos movimentos; os pequenos objetos moviam-se distâncias mais curtas. Tínhamos sido testemunhas deste *poltergeist* durante quase três meses e, embora não tivéssemos notado outras características ocasionalmente encontradas em casos semelhantes, tais como a deflagração de fogos ou a produção de odores, as restantes marcas de um *poltergeist* eram inequívocas. O Dr. Owen tinha alertado o meu pai para essas possibilidades.

O último acontecimento que ocorreu foi de particular interesse e foi diferente de tudo o que tínhamos experimentado anteriormente. Sentada num sofá, a minha irmã estivera a desenhar, com o trabalho sobre os joelhos; tinha cometido um erro e, querendo corrigi-lo, procurou a sua borracha, que tinha usado pouco antes, mas que agora parecia perdida. Ela estava sentada sozinha na sala de estar quando eu entrei. Parei de estalo ao ver erguer-se atrás dela uma borracha, ascendendo lentamente por trás do sofá onde ela se sentava. No mesmo instante em que eu a vi, ela também a avistou. Elevou-se a cerca de um metro e meio do chão, pairou no ar e flutuou lentamente

para baixo até pousar ao lado dela. Embora fosse a sua borracha perdida, ficámos aterrorizados pela primeira vez e fugimos de casa.

Um acontecimento que nos deu a certeza de que a força residia não na nossa casa, mas num membro da família, teve lugar noutra casa, a cerca de trinta quilómetros de distância. Ao chegar a casa dos meus avós num domingo, a minha mãe colocou o seu casaco no andar de cima, estendido em cima de uma cama. Quando nos preparávamos para sair e a minha mãe foi buscar o casaco, encontrou-o disposto no chão ao lado da cama, da mesma forma exata que tinha sido deixado sobre a cama. Embora os meus avós não quisessem nem ouvir falar da nossa explicação, percebemos que era provavelmente mais uma daquelas manifestações de *poltergeist*.

De muitas formas, o aspeto mais interessante do fenómeno era um som metálico, um ‘‘clique’’, que ouvíamos frequentemente; parecia fazer ricochete nas janelas ou radiadores e, ocasionalmente, em vidros ou loiças; embora soasse como pequenas contas a bater nesses objetos, o som era semelhante ao emitido por um morcego. Ocorreu-nos que o *poltergeist* estaria talvez a empregar uma técnica comparável à de um morcego para conduzir os artigos pelo ar e contornar esquinas; seria possível que, assente praticamente no mesmo princípio de eco-localização que um morcego utiliza para evitar obstáculos, o *poltergeist* estivesse a usar métodos semelhantes?

Eu tinha no meu quarto o crânio de um monge, que tinha retirado da arriba em desmoronamento que outrora sustentara um mosteiro medieval. Pensando que esta seria a causa deste episódio, o crânio foi devidamente enterrado (sob a árvore mais próxima), mas isso não fez qualquer diferença na intensidade dos acontecimentos.

Outra ocorrência interessante sucedeu ao meu pai em mais do que uma ocasião. Estando a dormir à noite, acordava subitamente sem qualquer razão aparente. Não se encontrava num estado de sonolência, mas perfeitamente alerta e consciente de tudo o que se passava ao seu redor. Tinha a sensação de que um gato se movia por cima das cobertas da cama, subindo e descendo pelas suas pernas, tentando encontrar uma posição confortável para se aconchegar. Depois de aparentemente o fazer, ele sentia um peso sobre os seus pés, embora

não houvesse ali gato nenhum. Tendo experienciado isto em mais ocasiões do que as que desejaria, obteve alguns comprimidos para dormir junto do médico e deixou de acordar durante a noite.

A reação da família foi inicialmente de medo, mas gradualmente começámos a brincar com a situação e conseguíamos ver um lado divertido em tudo aquilo, o que penso ter sido de grande ajuda para todos nós. As pessoas sentem sempre medo de acontecimentos que não conseguem compreender, e essa era a nossa situação. Por outro lado, as pessoas que não conseguem compreender algo tendem frequentemente a rejeitá-lo. Mas o que havia para rejeitar no nosso caso? Provas tão inegáveis de objetos em movimento não podiam ser rejeitadas e descartadas como se tivessem sido imaginadas. Tentámos compreendê-lo, mas admito que não fomos muito bem-sucedidos. Sentíamo-nos isolados porque não conhecíamos mais ninguém que tivesse tido alguma experiência semelhante e que nos pudesse ajudar. Vivíamos dominados pela sensação de ter de olhar sempre por cima do ombro para ver se íamos ser atingidos, embora isso nunca tenha acontecido. A minha mãe mostrava-se relutante em ficar na casa sozinha por esta altura e deambulava sem rumo pela cidade mais próxima.

Pouco depois do último acontecimento com a borracha, partimos para as férias da Páscoa, o que acabou por servir como uma pausa muito útil, pois distraiu as nossas mentes do assunto. No nosso regresso, três semanas mais tarde, tudo estava calmo novamente, tal como estivera antes de 18 de fevereiro.

O seguinte extrato foi retirado de uma carta posteriormente escrita pelo Dr. Owen:

... obrigado pela sua cuidadosa descrição dos acontecimentos em redor do Matthew. No fenómeno de assombração... no vosso lar anterior... a minha opinião foi a de que os acontecimentos eram genuínos, e não causados por artimanhas, que a casa não estava assombrada e que os acontecimentos eram de P.C. (psicocinese) causados por um membro do agregado familiar. Não foi possível naquela altura apurar qual o membro da família que era a fonte da força. O Matthew era o mais provável com base na idade, embora não

houvesse outro fator que indicasse isso especialmente. A sua óbvia inteligência, natureza agradável e seriedade subjacente eram, como é óbvio, bastante típicas de outras pessoas-*poltergeist*, mas estas características eram partilhadas pelo resto da vossa família. A dada altura perguntei-me se a Sra. Manning seria a fonte inconsciente e involuntária da força, já que ocasionalmente esta se manifesta em pessoas mais velhas, mas isto foi apenas porque ela era quem parecia exteriormente estar mais tensa. Contudo, nestas coisas é obviamente difícil separar a causa do efeito.

Penso que pode assumir que as presentes ocorrências não se devem de todo ao facto de a sua casa estar ‘‘assombrada’’. A força, seja ela qual for, reside principalmente no Matthew.

Importa referir aqui que o Dr. Owen é um investigador devidamente qualificado e experiente, com uma abordagem científica rigorosa à parapsicologia. Ganhou, em 1963, *The Treatise Award* da *Parapsychology Foundation* e, no ano seguinte, foi galardoado com o prémio da *Duke University* por trabalho distinto em parapsicologia. Os seus artigos científicos foram também publicados em revistas tão eruditas e prestigiadas como as *“Proceedings of the Royal Society”*. Em 1970, aceitou um convite para se tornar o Diretor da *The New Horizons Research Foundation*, em Toronto.

Na altura em que os fenómenos de *poltergeist* estavam a ocorrer, eu estava prestes a prestar o *Common Entrance Examination*, que determinaria para que escola iria após deixar a escola preparatória, e encontrava-me muito tenso. Acredito que isto possa ter sido um fator contributivo para o despoletar do fenómeno em primeiro lugar, e que, devido à tensão que sentia, eu estaria a gerar ‘‘energia’’ que ajudava a causar a atividade *poltergeist*.

Após os exames, deixei a minha escola preparatória em 1968 e, em setembro, entrei num grande colégio privado. No outono de 1968 também mudámos de casa e comprámos uma casa antiga a cerca de treze quilómetros da nossa habitação anterior. A razão da mudança nada teve a ver com o *poltergeist* e não foi por pensarmos que a nossa casa estava assombrada. Adaptei-me à nova escola e a família a uma

nova casa. Os acontecimentos que tinham lançado tanto caos nas nossas vidas desapareceram no passado e foram cedo esquecidos.

É comum os estudantes terem ‘‘paixões balofas’’ por alguma coisa, geralmente por um curto período de tempo, e é só disso que toda a gente fala enquanto está na moda. Uma dessas ‘‘modas’’ que assolou os meus colegas na minha residência escolar, no final de 1969, foi a realização de sessões espíritas, o que, em retrospetiva, considero ter sido uma parvoíce em que nos fomos meter.

Adotámos vários métodos de comunicação com variados graus de sucesso. Isto também dependia em grande parte de quem participava na sessão, e lembro-me de que alguns dos meus amigos batoteavam. Mesmo assim, alguns resultados são dignos de menção. Tentámos estas sessões com diferentes combinações de operadores e alguns dos melhores resultados pareciam ser alcançados quando eu fazia parte da equipa. Embora as mensagens que recebíamos fossem na sua maioria confusas e fizessem pouco sentido para qualquer um de nós, a minha presença era habitualmente uma garantia de que algo ‘‘atravessava’’ sem haver batota.

Um dos acontecimentos mais marcantes teve lugar quando três de nós tentámos contactar o avô de um dos rapazes que, embora presente, não estava propriamente a participar na sessão. Ele queria que descobríssemos, através do avô, onde este tinha falecido. Este rapaz sabia o lugar, mas nós não. O nome soletrado foi RAVENSGLASS, que era a resposta correta. Isto poderia, como é óbvio, ser explicado por telepatia.

Outros resultados talvez não fossem tão impressionantes e eram em grande parte do tipo: ‘‘O James avisa-vos para não fazerem isto. Estão a colocar as vossas vidas em risco.’’ Também recebemos a nossa quota-parte de mensagens que pretendiam ser de Maria Antonieta e de Winston Churchill! Quando se perguntava ao ‘‘outro lado’’ por que razão se alcançavam melhores resultados quando eu estava envolvido na experiência, a resposta soletrada era FREDERICK WHITE, que era o nome do meu avô, falecido cerca de onze anos antes.

Contudo, esta ‘‘moda’’ das sessões espíritas mudou depois de a maioria das pessoas ter ficado assustada demais para continuar. Durante quase um ano após isto, nada de invulgar ocorreu e 1970 foi um ano calmo. Nessa altura, realizei dois exames de nível ‘‘O’’ de Inglês. Os restantes exames de nível ‘‘O’’ deveriam ser realizados durante o verão de 1971, de modo que, no final de 1970, restavam-me seis exames de nível ‘‘O’’ por fazer.

Os períodos escolares da primavera e do verão de 1970 decorreram sem perturbações e o *poltergeist* de há três anos foi esquecido. Afinal de contas, o Dr. Owen tinha-nos dito em mais do que uma ocasião que os *poltergeists* nunca regressavam.

No início de julho de 1970, a escola encerrou para as férias de verão e eu regressei a casa.

A 17 de julho, passados poucos dias do início das férias de verão, os meus pais compraram um guarda-fatos antigo para o meu quarto, que ficava no rés do chão. Era um guarda-fatos de carvalho muito pesado e grande e, devido ao seu tamanho, tinha sido outrora cortado ao meio, de alto a baixo, para tornar possível a sua deslocação. Assim que foi colocado no meu quarto, tive uma sensação estranha com ele; gostava dele e, ao mesmo tempo, sentia que havia algo de muito errado com ele, provavelmente por ter sido cortado pelo meio. Contudo, pendurei as minhas roupas e fechei as portas. Havia duas portas que compunham a sua frente, e uma destas portas tinha ferrolhos para a fixar no topo e na base; a outra porta tinha uma fechadura acionada por chave que fechava o armário firmemente. Fechei-o, tranquei-o e saí do quarto.

Ao regressar ao quarto alguns minutos mais tarde para ir buscar uma coisa, encontrei ambas as portas escancaradas; voltei a correr os ferrolhos e a trancá-las. Não consegui ver de imediato nenhuma razão para as portas se abrirem sozinhas, já que ambas as metades do armário estavam aparafusadas firmemente uma à outra. Deixei novamente o quarto, com as portas do guarda-fatos firmemente trancadas.

Meia hora mais tarde, quando regressei, ambas as portas estavam outra vez escancaradas. Atribuí o facto a as duas metades não

encaixarem corretamente e voltei a trancar as portas com os dois ferrolhos e a chave. Depois de fechar as portas e de verificar que não as conseguia abrir quando estavam trancadas, meti a chave no bolso para que mais ninguém as pudesse abrir também. Este procedimento não impediu as portas de se abrirem, após eu continuar a trancá-las, mas elas só se abriam se eu não estivesse a olhar para elas. Contei aos meus pais o problema que estava a ter para manter as portas fechadas e deparei-me com uma resposta negativa e desinteressada, pelo que não disse mais nada sobre o assunto.

Este problema continuou por várias semanas até eu regressar à escola em setembro. Enquanto estive na escola, nada de estranho ocorreu e cedo me esqueci do armário. Embora estivesse desconfiado quanto à causa da abertura das portas, não pensei que se tratasse de outro *poltergeist*.

Regressei a casa para um fim de semana cerca de quatro semanas mais tarde e, quando entrei no meu quarto pela primeira vez, os batentes do armário estavam fechados. Tendo saído do quarto, regressei mais tarde para encontrar ambas as portas abertas. Fechei-as e sentei-me de costas para o guarda-fatos, a ouvir um disco. Passados cerca de quinze minutos, uma bota bateu na janela, cerca de três metros à minha frente, e encontrei ambas as portas do armário escancaradas; a bota tinha vindo do guarda-fatos. Não disse nada a ninguém sobre isto e o resto do fim de semana decorreu sem mais perturbações.

Quatro semanas mais tarde, regressei a casa para uma pausa de uma semana a meio do período escolar. As portas do guarda-fatos continuavam com as suas tropelias habituais e outros pequenos objetos começaram também a mover-se pelo quarto. Continuava sem dizer nada aos meus pais, tendo deparado com uma resposta de gelo quando lhes falara sobre o guarda-fatos há algum tempo. As almofadas começaram a ganhar vida própria, movendo-se de um lado para o outro do quarto.

Quando regressei à escola, contei a um ou dois dos meus amigos os acontecimentos e decidi que, da próxima vez que fosse a casa,

levaria uma máquina fotográfica e um gravador de fita. O fenómeno continuava a limitar-se à casa e nada acontecia na escola.

Levei para casa uma máquina fotográfica Polaroid e um gravador de fita a pilhas quando regressei três semanas mais tarde, para poder registar em película, e talvez em fita, alguns dos fenómenos que pareciam ter lugar no meu quarto.

Não fiquei dececionado e, muito pouco tempo depois de dispor a minha máquina fotográfica e o gravador de fita, as portas do armário abriram-se e uma bota ‘‘arremessou-se’’ em direção à janela. Acompanhei a trajetória da bota com a minha máquina durante o máximo de tempo possível, tentando obter uma boa fotografia, e consegui por pouco fotografá-la enquanto caía em direção ao chão; não consegui apanhar a bota por inteiro na imagem devido à velocidade a que estava a cair. Embora o gravador de fita tenha captado muito poucos sons, consegui fotografar um livro enquanto este voava de um lado para o outro do quarto.

Três semanas mais tarde, chegou o fim do período escolar e fui para casa para quatro semanas de férias de Natal. Os movimentos começaram no meu quarto quase assim que cheguei a casa, mas parecia que nada acontecia em mais lado nenhum fora dele. Isto começou a tornar-se irritante, porque eu era a única pessoa a ser submetida a estes acontecimentos e mais ninguém estava interessado ou acreditava em mim. O fenómeno, pelo menos, limitava-se a pequenos objetos como almofadas ou cabides, e por isso convenci-me de que poderia haver uma explicação natural para estes pequenos movimentos. Isto dava-me algum tipo de conforto.

As perturbações ocorriam a intervalos ao longo do dia, quando eu estava no quarto sozinho.

Cedo, na manhã de Natal, fui acordado por um ruído invulgar vindo de trás do apainelado do outro lado do quarto. Soou-me como um gato a arranhar o apainelado pelo lado de dentro. Isto continuou por alguns minutos e depois desvaneceu-se, para ser seguido por um ruído vindo mesmo do lado de fora da janela, que parecia o de alguém a caminhar para a frente e para trás sobre cascalho. Isto parou e, quando olhei pela janela, vi que a neve no chão não mostrava pegadas;

na verdade, também não havia ali cascalho nenhum, o que achei estranho. Quando voltei a estar na cama, o arranhar vinha novamente de trás do apainelado.

Enquanto ainda era audível, fui buscar a minha mãe ao andar de baixo para que ela também pudesse ouvir o som. Como que para me desafiar deliberadamente, o quarto estava silencioso quando descemos e a minha mãe recusou-se a acreditar que tais ruídos tivessem ocorrido. Tendo deparado novamente com tal resposta, decidi não voltar a mencionar o assunto, muito embora as perturbações tivessem continuado mesmo até ao fim das férias.

Senti-me aliviado por regressar à escola, onde estaria razoavelmente a salvo de qualquer atividade paranormal e, se alguma coisa acontecesse na escola, seria difícil de provar devido ao número de rapazes que poderiam mover objetos deliberada ou acidentalmente.

Durante um fim de semana em casa, no período seguinte, em duas ou três ocasiões fui atingido levemente por trás por almofadas que eram projetadas de um lado para o outro do quarto.

Vários dias mais tarde, a minha caneta desapareceu da secretária no meu quarto de estudo na escola. Pensei que devesse ter sido roubada ou ‘‘emprestada’’ por um amigo da escola. Encontrei-a no quarto de estudo ao lado e, como todos os ocupantes negaram tê-la tirado do meu quarto, decidi que devia tê-la deixado ali por engano, muito embora não me recordasse de lá ter estado. Cedo desapareceu de novo em circunstâncias semelhantes e, desta vez, encontrei-a num quarto de estudo diferente, mais afastado. Este processo repetiu-se também com outros objetos, embora nesta fase não fosse possível excluir a travessura por parte dos meus colegas.

Embora parecesse impossível provar que os acontecimentos na escola não eram causados por ‘‘amigos’’, houve um incidente que tivemos de aceitar como paranormal. Três de nós estávamos sentados juntos no nosso quarto de estudo uma noite, a ouvir um disco. Levantei-me para colocar outro disco no prato, preparado para operar o braço com um interruptor automático. Ao acionar este interruptor, o disco começou a erguer-se do prato, girando numa direção diferente da do prato por baixo dele, e elevando-se lentamente pelo eixo central.

Quando atingiu o topo do eixo, parou e encravou ali, tornando-se difícil movê-lo sem exercer alguma força.

Em abril de 1971, fui para casa para as férias da Páscoa. Cedo se tornou evidente que os fenómenos estavam a aumentar de intensidade no meu quarto e, sem que eu soubesse por esta altura, fora dele.

Poucos dias após o meu regresso a casa, os meus pais tinham notado objetos que não estavam nas suas posições habituais; pensaram que estas coisas tinham sido movidas acidentalmente ou deliberadamente por um membro da família. Estes pensamentos foram dissipados quando uma lanterna foi encontrada no meio do chão da despensa quando a minha mãe desceu para fazer o pequeno-almoço; para isto eles não tinham explicação.

Na altura, não o mencionaram a ninguém, de modo que estávamos ambos a jogar ao mesmo jogo de experienciar acontecimentos paranormais e não dizer nada um ao outro. O padrão dos acontecimentos não continuou por muito mais de uma semana quando fomos todos testemunhas de um holocausto caótico de fenómenos de *poltergeist* assustadoramente poderosos, que haveria de continuar por mais de três meses.

CAPÍTULO II

NO DOMINGO DE PÁSCOA, os meus pais receberam alguns amigos durante a noite e eu estava fora de casa. Cheguei a casa e, pouco tempo depois, os amigos deles saíram por volta das dez horas.

Enquanto acompanhavam os convidados até à porta, passaram pela sala de jantar e, para embaraço da minha mãe, encontraram uma grande bandeja de estanho voltada ao contrário sobre a mesa; não disseram nada aos seus amigos nem a mim sobre o assunto.

Eu já tinha ido para a cama por esta altura e estava ali deitado, irrequieto, embora não me recorde de estar particularmente calor nessa noite. De repente, ouvi um ruído de arrastamento vindo da direção do armário, que continuou por cerca de trinta segundos. Tendo-o escutado por um momento, acendi o meu candeeiro e vi, para meu horror, que o armário se movia centímetro a centímetro, afastando-se

da parede em minha direção. Quando imobilizou-se, tinha avançado cerca de quarenta e cinco centímetros. Apaguei a luz e, quase em simultâneo, a minha cama começou a vibrar violentamente para a frente e para trás.

Estava agora demasiado receoso para me mover e fiquei ali na expetativa do que pudesse acontecer a seguir. A vibração cessou e senti a cabeceira da minha cama erguer-se do chão na extremidade dos pés, para o que estimei ser cerca de trinta centímetros. A extremidade da minha cabeça elevou-se depois uns sete ou oito centímetros e, ao mesmo tempo, a cama inclinou-se em direção ao centro do quarto e imobilizou-se finalmente numa tangente à parede.

Não ia aceitar ser empurrado de um lado para o outro e saí da cama o mais depressa que pude, com a intenção de informar os meus pais de que já bastava e de que não ia ocupar mais aquele quarto enquanto não se fizesse algo a esse respeito.

Veio a verificar-se que eles também não estavam livres de preocupações; primeiro, tinham encontrado a bandeja de estanho voltada ao contrário na mesa da sala de jantar e depois, ao regressarem à sala de estar, viram o sofá puxado num ângulo que atravessava a sala. Quando fomos inspecionar o meu quarto, encontrámos uma poltrona pesada colocada a atravessar o vão da porta, barrando qualquer entrada no quarto. Foi nesta fase que, pela segunda vez em cinco anos, sentimos que estávamos enredados num dilema insólito e assustador.

Passei essa noite no andar de cima, no quarto dos meus pais, deitado no chão dentro de um saco de cama, e embora todos temêssemos o pior, nada mais ocorreu até ao início da manhã seguinte.

A primeira divisão que vimos foi a sala de jantar. Parecia que uma bomba a tinha atingido. As cadeiras estavam voltadas ao contrário ou simplesmente não estavam na sala, a mesa já não assentava nos seus pés e os ornamentos estavam espalhados pela sala e pelo chão. A sala de estar encontrava-se num estado semelhante, tal como quase todas as outras divisões do rés do chão da casa. Mesas e cadeiras estavam empilhadas umas em cima das outras, os quadros

estavam despendurados e vários objetos, tais como uma chaleira e peças de talheres, tinham desaparecido.

Tendo inspecionado o campo de batalha, começámos a recolocar tudo como estivera anteriormente, a começar pela sala de estar. Passámos para a sala de jantar e endireitámos o mobiliário desarrumado; encontrámos aqui um objeto que tinha sido movido da sala de estar e, ao devolvê-lo para lá, constatámos que esta divisão se encontrava de novo num estado de total desarranjo, escassos minutos após a termos arrumado. Depois de a cozinha e a sala de jantar terem sido arrumadas, voltámos a endireitar a sala de estar. Isto levou-nos apenas alguns minutos, altura em que a sala de jantar tinha sido novamente ‘‘atacada’’.

Esta sequência de desorganizar uma divisão após a outra continuou todo o dia na Segunda-Feira de Páscoa e, embora estivéssemos obviamente preocupados, conseguíamos ver um lado divertido em tudo aquilo. Estávamos perturbados porque não conseguíamos compreendê-lo e não sabíamos o que iria ou poderia acontecer a seguir. Os objetos eram constantemente movidos, mas nunca, nesta fase, podiam ser vistos a mover-se. Não era invulgar encontrar a chaleira na arca congeladora, todas as cadeiras colocadas em cima da mesa, um chapéu pendurado num prego onde deveria estar um quadro, ou uma vassoura equilibrada a atravessar as costas de uma cadeira.

No segundo dia do surto, quando o meu irmão e a minha irmã entravam na cozinha logo pela manhã, foram recebidos, ao passar pela porta da cozinha, por um carrinho de serviço que deslizava em direção a eles a cerca de dois centímetros e meio do chão; eles voltaram as costas e fugiram, e o carrinho foi encontrado pouco depois encravado no vão da porta onde eles tinham estado de pé. Mais tarde, viram uma embalagem de detergente a balançar de um lado para o outro na borda da banheira, sem que mais ninguém estivesse perto dela.

Esta sequência de acontecimentos continuou da mesma forma por vários dias. Cedo se tornou evidente que os fenómenos se tornavam particularmente pronunciados a certas horas do dia, principalmente a meio da manhã e à noite.

Os acontecimentos que tinham lugar eram peculiares e até divertidos; contudo, ao mesmo tempo, eram frequentemente demasiado difíceis de ser reproduzidos por qualquer membro da família. Algumas das demonstrações mais interessantes foram as que envolviam delicadas proezas de equilíbrio e, em mais do que uma ocasião, encontrámos uma vassoura equilibrada a atravessar o corrimão horizontal da nossa escadaria. Desequilibrava-se facilmente da sua posição quando tocada. Na nossa sala de estar, tínhamos três mesas de estrutura metálica com tampos de pedra, e estas eram ocasionalmente colocadas de forma delicada umas em cima das outras; o peso total das mesas era obviamente grande.

As camas pareciam sofrer mais do que quaisquer outras peças de mobiliário, e eram frequentemente despojadas por completo ou até voltadas ao contrário. A cama da minha irmã era particularmente ‘‘visada’’ e, numa ocasião, foi encontrada com dois dos seus pés pendurados para o lado de fora de uma janela do primeiro andar.

Muitos objetos desapareciam, para serem encontrados mais tarde escondidos ou devolvidos a um local diferente e, habitualmente, muito óbvio. Estes não eram necessariamente artigos pequenos, mas incluíam também quadros, roupas de cama, equipamento de cozinha e ornamentos que seriam frequentemente encontrados nas traseiras de armários ou debaixo de camas.

O meu pai encontrava-se preocupado e ansioso por ver um fim para estas atividades; tentou procurar aconselhamento junto do Dr. George Owen, apenas para descobrir que este tinha emigrado recentemente para o Canadá. Isto aumentou o dilema, porque agora nada podíamos fazer exceto observar enquanto esta força assertiva tentava dominar-nos e governar a casa. Estávamos novamente confrontados com o problema de não termos a quem recorrer.

Além disso, ficámos surpreendidos e intimidados por uma aptidão invulgar do *poltergeist* para executar quase tudo o que qualquer pessoa se lembrasse de sugerir, incluindo o acender de luzes e o abrir de torneiras. Tinha, pelo que parecia, uma afinidade com aparelhos elétricos. Durante os primeiros dias do fenómeno, uma resistência elétrica do nosso fogão estoirou, deixando-o estalado e

inutilizável, e fazendo fundir um fusível na caixa geral de fusíveis, de tal modo que o invólucro cerâmico do fusível ficou cheio com o metal fundido do fusível destruído. As lâmpadas pareciam ter um tempo de vida encurtado e o fogão adotou o hábito peculiar de se ligar sozinho, a menos que estivesse desligado da tomada.

Garatusas infantis materializavam-se nas paredes por toda a casa; eram geralmente executadas com a mina de um lápis. Embora parecessem desenhadas com um lápis, eram na verdade vistas a crescer na parede, do centro para fora, sem que nenhum lápis fosse utilizado. Eram como um cancro em expansão; ‘‘círculos’’ gatafunhados tais como os que uma criança pequena realizaria. Apareceram cerca de quinze destes, até serem suplantados por um rabisco implementado de forma semelhante, aparentado com um signo astrológico de Leão (o meu aniversário é em agosto). Estes ‘‘desenhos’’ tinham cerca de cinco a sete centímetros de diâmetro.

Os rabiscos que se seguiram mais tarde foram de certo modo mais preocupantes ou, pelo menos, foram-no para mim. Em mais do que uma ocasião vi nas paredes as palavras ‘‘Matthew Cuidado’’, numa caligrafia infantil. Os avisos não me diziam de que havia que ter cuidado e eu ignorei-os o mais possível. Era como se houvesse uma criança a causar muitas das perturbações, porque tantas das ocorrências exibiam uma mentalidade infantil.

Depois de nos termos habituado mais ou menos aos movimentos dos objetos, fomos submetidos a um novo espetáculo que constituía igualmente um incómodo. Tratava-se da cobertura de áreas de chão com água que descobrimos vir dos sifões em ‘‘U’’ dos lavatórios e das sanitas da casa. A água, tendo sido de alguma forma removida, seria descoberta em grandes poças no chão; este fenómeno pareceu limitar-se a uma área de chão de pedra no átrio, com uma ou duas exceções.

Parou então de usar apenas água e passaria a usar qualquer líquido que por acaso estivesse na casa. Noutras ocasiões, encontrámos ácido, decapantes de tinta e tinta da China vertidos no chão, tudo isto podendo ser rasteado até recipientes existentes na casa. Um exemplo é particularmente interessante: encontrámos um líquido vertido por todo o chão coberto de linóleo no andar de cima. Este

tinha dissolvido o revestimento do chão e infiltrado-se por baixo dele até às tábuas de madeira do soalho. Mais tarde, dissolveu os panos que foram utilizados para o limpar e queimava a pele. Decidimos que se tratava de hidróxido de sódio, já que existia na cave um frasco de cristais de hidróxido de sódio que tinha sido utilizado para limpar um lava-loiça velho e sujo. Estes cristais tinham encontrado o seu caminho até à água no chão do andar de cima.

Por vezes, todas as gavetas e portas dos armários na cozinha apareciam escancaradas, ou uma jarra de flores ou um ornamento podiam ser descobertos dentro do forno. Lembro-me de, numa ocasião, começar a pôr a mesa para o almoço; tinha colocado as bases de prato em redor da mesa e fui buscar os talheres, que já estavam num tabuleiro na cozinha. Isto não me deve ter levado mais de vinte segundos, mas, quando regressei, as bases já não estavam na mesa. Foram encontradas dispostas no chão da sala de estar, exatamente nas mesmas posições em que tinham estado na mesa.

Após as atividades de *poltergeist* se prolongarem por duas semanas, tornou-se claro que um determinado padrão estava a emergir. O fenómeno era basicamente divisível em três categorias: a primeira era puramente disruptiva e incómoda; a segunda dizia respeito à simetria e ao equilíbrio; e a terceira era uma demonstração de movimento ruidoso e turbulento, concebido, pelo que parecia, para atrair espetadores. Já descrevi a primeira categoria, que era principalmente o movimento de mobiliário e a perturbação doméstica; a segunda categoria incluía as proezas de equilíbrio e acontecimentos como o das bases de prato.

O terceiro tipo era provavelmente o mais interessante, pois podíamos efetivamente testemunhar o acontecimento em progresso. Objetos eram arremessados escadas acima, com grande força e ruído, a partir da base, e podiam ser observados em voo se alguém se colocasse no cimo das escadas. Muitas vezes, eu podia sentar-me na sala de jantar e ver os objetos passarem por mim, voando pela sala e subindo as escadas. Ocasionalmente, estes artigos vinham da sala de jantar onde eu estava sentado, mas habitualmente surgiam da cozinha.

Primeiro vibravam, depois sacudiam-se violentamente até se elevarem no ar para se afastarem. Curvas ou obstáculos não representavam qualquer impedimento e eram cuidadosamente contornados. Os objetos, uma vez em voo, ganhavam velocidade à medida que se aproximavam das escadas, até embaterem numa parede, caindo sobre os degraus com grande estrondo. Itens particularmente pesados causavam um grande alvoroço quando se despenhavam, tais como martelos, maços de madeira, cabides de madeira, blocos de madeira, latas de cinco litros de decapante de tinta e ferramentas de carpintaria. Aqueles que observavam estes objetos a partir do patamar do primeiro andar notaram que eles eram capazes de curvar os dois ângulos retos da escadaria e, por vezes, projetarem-se por cima do corrimão no cimo das escadas para o patamar. Isto acontecia sempre ou a meio da manhã ou ao início da noite.

A minha irmã tinha no seu quarto uma mesa com cerca de setenta e quatro centímetros de altura por noventa e um centímetros de comprimento e quarenta e cinco centímetros de largura; tinha também uma gaveta sob o seu tampo. O quarto dela ficava na frente da casa, no primeiro andar. Em cima da mesa, ela mantinha uma pilha de livros e papéis, uma caneca com lápis e outros ornamentos. Esta mesa, com tudo o que tinha em cima, desapareceu uma tarde. Procurámos por ela pela casa toda, mas em vão.

Numa segunda busca, um pouco mais tarde, foi descoberta no sítio onde estava na nossa cave, com todos os papéis e ornamentos ainda exatamente no devido lugar sobre ela. Na verdade, parecia que nenhum dos objetos sobre ela tinha sido mexido. Tinha viajado nada menos do que trinta e dois metros, descido três lanços de escadas, passado por cinco vãos de portas, alguns com menos de 76 centímetros de largura, e efetuado nada menos do que dez mudanças completas de direção em ângulo reto.

Outro incidente surpreendente que perfez verdadeiramente uma demonstração de força ocorreu quando uma pesada cama de casal, com todas as suas cobertas, foi colocada ao alto. A força total necessária para realizar tal proeza é imensa. Baste referir que o meu pai e eu conseguíamos apenas, a muito custo, levantá-la de volta para o chão.

Uma tarde, outro aviso apareceu na parede: ‘‘Matthew Cuidado’’. Estava rabiscado, como habitualmente, numa caligrafia infantil a lápis. Não me recordo do que motivou a sugestão, mas a minha mãe aventou que eu poderia colocar uma folha de papel sobre a mesa da sala de jantar para que essa escrita aparecesse nela. Isto pareceu uma ideia bastante boa, quanto mais não fosse para ver se o *poltergeist* era capaz de a utilizar. Todas as cortinas foram corridas, porque tínhamos reparado que o *poltergeist* parecia funcionar melhor se não corresse o risco de ser observado, e deixámos um lápis e uma folha de papel sobre a mesa.

A minha mãe e eu deixámos a sala e subimos, deixando a sala de jantar trancada e com os fechos corridos; mais ninguém estava em casa. Quando regressámos, dez minutos mais tarde, o papel tinha um gatafunho típico rabiscado. Noutra folha, escrevi na parte superior o alfabeto e os números de 0 a 9, a qual deixei sobre a mesa como anteriormente. O procedimento foi repetido e, quando voltámos um quarto de hora depois, vários pequenos rabiscos estavam espalhados pelo papel, juntamente com outro signo de Leão. No meio surgiam as palavras ‘‘Matthew Cuidado’’. Embora não o tivéssemos reconhecido na altura, este foi um passo muito significativo, porque provou que eu era realmente a fonte da energia que alimentava o *poltergeist*; mais importante ainda, foi um primeiro passo no sentido de controlar o *poltergeist*. O controlo efetivo não foi alcançado, contudo, senão passados alguns meses.

Foi por esta altura que outra faceta significativa do fenómeno se tornou óbvia. Estava em casa com a minha mãe e encontrávamo-nos ambos no andar de cima quando ela me pediu para mudar um pequeno cesto de verga da mesa da cozinha para a mesa da sala de jantar. Quinze minutos mais tarde, quando ambos descemos, o cesto tinha sido cuidadosamente colocado no meio da mesa da sala de jantar, conforme solicitado.

Aproximava-se o fim das férias e eu estava prestes a regressar à escola. No dia anterior à minha partida, havia ainda vários objetos que, tendo desaparecido, não tinham sido encontrados, e os meus pais estavam ansiosos por os ver devolvidos antes de eu partir. Pediram-me, por isso, para tentar que esses objetos fossem devolvidos; eram

principalmente coisas pequenas, tais como colheres de chá ou loiça. Enquanto estávamos todos na nossa sala de jantar, concordei em tentar que esses artigos fossem devolvidos para uma mesa na sala de estar.

Ficámos estupefactos com a seleção de artigos domésticos que encontrámos colocados sobre a mesa meia hora mais tarde. Desconhecíamos por completo o número de objetos que tinham, de facto, desaparecido. Fiquei ainda mais surpreendido por terem sido devolvidos. Bases de prato, talheres, livros e ornamentos foram encontrados sobre a mesa na sala de estar, e a maioria dos objetos não tinha sequer sido notada como em falta...

Ficou decidido pelo meu pai que ele iria falar com o Diretor e pô-lo totalmente a par da situação.

CAPÍTULO III

‘‘PELO QUE O SR. Manning escreveu, depreendo’’, escreveu o Dr. George Owen ao Diretor pouco tempo depois, ‘‘que lidou com a situação com grande simpatia e discernimento. É muito difícil para qualquer instituição com responsabilidade pela ordem geral, moral e condução dos assuntos normais sofrer uma perturbação, mas estou certo de que a sua decisão de manter o Matthew na escola, além de muito humana, foi inteiramente justificada. Espero piamente que consiga gerir a situação até ao fim do período escolar. Se alguma sugestão minha for oportuna, recomendaria, a bem dos rapazes, que se tentasse dissipar qualquer ideia de que os acontecimentos são “sobrenaturais” no sentido de uma intervenção angélica ou demoníaca, espíritos de mortos, etc.’’

O Diretor tinha pela frente um longo período escolar, durante o qual começou a desesperar em duas ocasiões, tentando compreender algo de que nunca tinha partilhado antes. Estava a correr um grande risco ao permitir que eu ficasse, sendo responsável, como era, por tantos rapazes. Ele era o meu Diretor de Residência, além de ser o Diretor da Escola.

Na noite do meu regresso, fui chamado por um Diretor bastante preocupado e apreensivo ao seu gabinete. Admitiu que nunca tinha entrado em contacto com nada desta natureza anteriormente e que não fazia ideia de como remediar a situação. Contudo, estava inteiramente disposto a seguir quaisquer sugestões que alguém pudesse ter, caso estas trouxessem um rápido término ao fenómeno. Por sinal, tivemos a sorte de ter como governanta na residência uma mulher que possuía o dom da P.E.S. (perceção extrassensorial). Ela sugeriu alguém que pensou que poderia ser de ajuda. A governanta tinha chegado cerca de quatro semanas antes do fim do último período escolar e eu não a tinha conhecido antes.

A notícia de ‘‘que algo se passava’’ tinha circulado pelo meu círculo de amigos bastante depressa. Não me recordo de quais foram as reações deles na altura. Contudo, durante a minha primeira noite na escola, no dormitório, nada aconteceu. O dia seguinte também decorreu sem incidentes, para grande surpresa minha, pois era a primeira vez que nada ocorria em algumas semanas.

No dormitório, tinha-me sido atribuída a cama de baixo de um beliche, sem nenhum ocupante acima de mim. Havia vinte e seis alunos internos a ocupar o dormitório, que tinha uma forma quadrada, com um grande armário quadrado que ia do chão ao teto no meio. Todos nós estávamos no quinto ano, devendo realizar os nossos exames de nível ‘‘O’’ nesse período escolar. O meu beliche ficava no canto do dormitório, junto a uma janela e afastado das outras camas. Não ficou afastado das outras camas por muito tempo. Na minha segunda noite de regresso à escola, deslocou-se sozinho para fora da parede, pouco depois de as luzes terem sido apagadas.

Saí da cama e empurrei-o quarenta e cinco centímetros de volta para o canto. No espaço de dois minutos, estava a mover-se novamente, para grande espanto de vários outros rapazes que o conseguiam ver a partir do lugar onde estavam deitados. Desta vez não o devolvi ao seu devido lugar, mas deixei-o ficar onde estava, a cerca de quarenta e cinco centímetros de ambas as paredes; pouco depois, um beliche vazio ao lado de onde o meu estivera começou a mover-se lateralmente em direção a outro bloco de camas. Este beliche parou após cerca de dois metros, deixando uma área vazia

junto à minha cama, a qual foi cedo preenchida pelo meu beliche, que se deslocou cerca de um metro e vinte na mesma direção do outro. Isto causou um grande alvoroço entre os ocupantes do dormitório e as luzes foram acesas. As camas movidas foram devolvidas aos locais a que pertenciam e, com muita conversa, as luzes foram apagadas. Quando a minha cama se moveu para fora novamente, deixei-a onde estava e dormi com ela fora do sítio nessa noite.

Surpreendentemente, os acontecimentos da noite só foram discutidos dentro do círculo dos ocupantes do dormitório, o que significava que apenas aquelas pessoas sabiam alguma coisa sobre as camas em movimento, exceto, como é óbvio, o Diretor e a governanta, que tinham sido informados por um amigo meu. Ninguém falou abertamente sobre as camas durante algumas semanas, porque os restantes moradores do dormitório tinham medo de ser feitos passar por parvos por quem não tivesse experienciado realmente estes acontecimentos.

As mesmas ocorrências tiveram lugar na noite seguinte, com uma reação em grande parte idêntica por parte de todos no dormitório; alguns deles ficaram bastante enervados pelo facto de os beliches serem difíceis de mover, quanto mais com alguém lá dentro. Os beliches tinham estruturas metálicas pesadas, com os pés revestidos por amortecedores de borracha e sem rodas. Nada ocorreu durante o dia nos primeiros dois dias, tanto quanto sei.

Após uma terceira noite de agitação no dormitório, um amigo meu foi ver a governanta. O Diretor tinha decidido deixar os acontecimentos decorrerem conforme aconteciam, porque não havia muita perturbação. Embora a governanta tenha sido indiretamente instrumental no eventual controlo do fenómeno, a verdade é que ela se envolveu em demasia e adotou uma atitude muito subjetiva, que conduziu a uma aceitação inteiramente acrítica. Era uma pessoa que queria genuinamente ajudar, mas, infelizmente, tinha o hábito de compreender as coisas ao contrário e depois vir a público manifestar as suas opiniões. A governanta era uma daquelas senhoras que tentam entrar em contacto com ‘‘o outro lado’’ em salas escurecidas. Pediu ao meu amigo para me dizer para ir vê-la; talvez ela pudesse ajudar o espírito.

Falei com ela por mais de duas horas e ela sentia-se segura de que poderia ajudar, muito embora também nunca se tivesse deparado com nada remotamente parecido com isto anteriormente.

Na noite seguinte, como que para compensar o tempo diurno perdido, fomos submetidos a mais fenómenos e exibições de *poltergeist* no dormitório. Não só o meu beliche se moveu como tinha feito nas três noites anteriores, mas dois outros beliches também, para grande surpresa dos seus ocupantes. Cedo se tornou aparente que objetos estavam a ser arremessados pelo quarto e, quando as luzes foram acesas, o chão apareceu coberto de pedaços de vidro partido, parafusos e pregos. Fomos buscar uma vassoura e varremos rapidamente o vidro e os outros objetos para um monte num canto. Quando as luzes foram apagadas, eles voaram novamente para todos os cantos do quarto. Isto continuou por cerca de uma hora e pareceu abrandar à medida que as pessoas adormeciam.

Isto o Diretor achou bastante mais preocupante, especialmente quando se descobriu, logo de manhã cedo no dia seguinte, que o meu quarto de estudo tinha sido desarrumado durante essa noite. O que diria ele se os pais dos rapazes lhe telefonassem e exigissem uma explicação? Relatos do que tinha acontecido iriam infalivelmente chegar até eles. Estavam certos de o acusar de permitir que travessuras escolares interferissem com o sono dos seus filhos no período dos seus exames de nível ‘‘O’’. Ele encontrava-se, por isso, muito ansioso por ver uma rápida conclusão para estes acontecimentos.

Durante a noite seguinte, quinta-feira, as mesmas coisas voltaram a acontecer e vários *apports* (objetos materializados) foram arremessados pelo dormitório. Estes incluíam vidro partido, seixos, talheres e pedaços de madeira, que eram atirados aparentemente com grande força em direção a uma parede ou a uma janela, onde causavam muito ruído. Estava perfeitamente claro que nenhum dos rapazes causava aquela travessura, porque o dormitório, não tendo cortinas, nesta altura do ano ainda estava bastante claro por volta das dez horas. Qualquer pessoa que atirasse estes objetos seria rapidamente vista por alguém. Naturalmente, toda a gente, embora timidamente, estava à espreita de quem pudesse estar a atirar os objetos.

Foi evidente no dia seguinte que as perturbações se tinham alargado aos quartos de estudo de outros ocupantes do dormitório. Os quartos de estudo ficavam num bloco separado, afastado de outros edifícios, e eram utilizados durante o dia para trabalho e lazer. Poças de água surgiram em grandes áreas dos chãos e as estantes de livros foram esvaziadas ou voltadas ao contrário, tal como outras peças de mobiliário.

O Diretor não quis correr mais riscos e seguiu o nome de um cavalheiro que a governanta lhe tinha dado. Ele possuía conhecimentos sobre o assunto e a governanta sugeriu que ele poderia ajudar. O Diretor falou com ele ao telefone, apenas para ser informado de que ele próprio não poderia ajudar; em vez disso, o Diretor recebeu outro endereço. Foi feita uma nova chamada telefónica e o Diretor foi informado de que eu poderia consultar alguém no sábado seguinte, que distava pouco mais de uma semana. Obviamente, isto era melhor do que nada, muito embora tivéssemos de testemunhar estas ocorrências por mais uma semana. Isto não era muito confortante para o Diretor, que decidiu chamar o capelão da escola para ver se este poderia ser de utilidade.

Após uma curta discussão comigo, o capelão decidiu que tais fenómenos psíquicos estavam fora do seu âmbito e que, embora tivesse ouvido falar de casos semelhantes, nada havia que pudesse fazer para aliviar a situação. O fenómeno no dormitório era em tudo semelhante às exibições nas escadas que tinham ocorrido na minha casa. Em muitas ocasiões, quando estávamos todos na cama, objetos passavam em velocidade em direção a alguém, como que para atingir a pessoa, e depois ou mudavam de trajetória num ângulo, mesmo antes de ela ser atingida, ou atingiam-na de forma tão leve que mal se sentia. Objetos arremessados falhavam as pessoas literalmente por escassos centímetros e frequentemente batiam na parede atrás da cabeça delas.

Um acontecimento que causou uma impressão duradoura, em mais do que um sentido, foi quando um *apport*, sob a forma de um peso de latão de cento e dez gramas, passou em velocidade de uma extremidade do dormitório para a outra, atingindo a estrutura metálica de um beliche com um estalido estrondoso. Fez tanto barulho que as

luzes foram acesas; constatou-se que a estrutura tinha ficado amolgada pelo peso, o que dá uma certa indicação da força por trás destes objetos. Tivesse ele se tivesse desviado uma fração de grau em qualquer direção e teria atingido alguém. As preocupações do Diretor cresciam diariamente.

Objetos, nenhum dos quais pertencente ao dormitório, seriam atirados e cedo se notou que certos projéteis apareceriam numa noite e não na noite seguinte. Numa noite, nada senão vidro se materializaria e, na noite seguinte, seriam apenas pregos. Outros *apports* incluíam espetos, pedras, pedaços de betão partido e colheres. O terror instalou-se no dormitório quando, numa noite, foram atiradas facas com cabo de osso, que ninguém tinha visto antes. Pela manhã seguinte, catorze destas facas foram recolhidas do chão. Várias delas tinham atingido pessoas de forma muito suave e uma ou duas falharam por pouco os colegas de escola enquanto passavam em velocidade em direção às paredes.

Na quinta-feira dessa semana, recebi pelo correio uma carta inesperada do Reverendo Dr. E. K. L. Quine (Cónego Honorário da Catedral de Leicester): ‘‘Querido Matthew’’, dizia, ‘‘recebi hoje uma chamada telefónica da mãe do David, que tem aparentemente andado preocupada contigo, e isto por si só é digno de nota numa época em que as pessoas tendem cada vez mais a olhar por si mesmas. Tanto o David como a mãe dele querem ajudar e, contudo, de forma bastante compreensível, não sabiam como começar. A mãe dele falou comigo porque sou o representante do Bispo na *Churches Fellowship for Psychical and Spiritual Studies* e sei um pouco sobre estas coisas. Se quiseres a minha ajuda, dar-ta-ei. Entretanto, não te preocupes em demasia. Existe uma explicação para estas coisas e o assunto pode ser tratado de forma satisfatória. ... Que Deus te abençoe agora. Tudo correrá bem se for lidado corretamente.’’

Decidi não responder à carta senão depois de ter visto a pessoa em Leicester que devia encontrar no sábado.

Na noite de quinta-feira, fomos submetidos às já habituais exibições de *poltergeist* no dormitório, e nessa noite este escolheu cabides de metal para arremessar. Na manhã seguinte, cerca de vinte

destes foram encontrados no chão. Muitos deles tinham sido completamente esmagados, de modo que eram pouco mais do que novelos de arame de espessura grossa. A atividade continuava agora ao longo do dia e parecia ocorrer dentro de um certo raio em redor de onde quer que eu me fixasse. Durante o dia, os quartos de estudo eram perturbados de tantas formas quantas pareciam possíveis.

Na noite de sexta-feira, foi novamente vidro partido que, como habitualmente, começou a voar por todo o lado às dez horas, quando as luzes foram apagadas. Também durante essa noite, as cadeiras de madeira ao lado das camas deram em dançar e cabriolaram pelo dormitório, colidindo com tudo o que por acaso estivesse no caminho.

No nosso dormitório encontravam-se rapazes da mesma idade que eu e, diretamente por baixo, ficava outro dormitório semelhante ao nosso, ocupado por rapazes um ou dois anos mais novos do que nós. Eles ficavam deitados nas suas camas a ouvir o alvoroço acima deles, com escasso conhecimento do que se estava a passar.

Às 04:30 da manhã de sábado, um prefeito num dormitório mais pequeno noutra parte da residência teve uma experiência interessante, que foi o início de uma forma diferente de fenómeno. Por que razão lhe aconteceu a ele não o consigo explicar, exceto que na altura éramos amigos próximos. Ele acordou àquela hora sem qualquer razão aparente e notou o frio gélido que fazia onde estava deitado. Na parede oposta a ele, viu um disco de luz luminosa. Era, disse ele, com cerca de quarenta e cinco centímetros de diâmetro e inicialmente pensou tratar-se de uma luz a ser projetada por baixo da porta, a partir de uma fonte no corredor exterior.

O frio intensificou-se e, à medida que o fazia, o tamanho da mancha de luz aumentava. Continuou a crescer até ter cerca de noventa centímetros de diâmetro e, por esta altura, o meu amigo ficava cada vez mais assustado. Depois de se ter expandido desde o rodapé até ao teto e de ter cerca de um metro e oitenta de largura, ele deixou a cama e rezou no corredor exterior. Depois de estar a rezar durante cerca de meia hora, foi encontrado pela governanta; a luz tinha quase desaparecido quando regressaram ao dormitório.

Fui informado deste incidente mais tarde nessa manhã e este acontecimento anunciou uma mudança de rumo nos fenómenos, tal como eram, e acredito que esta tenha sido a primeira ocasião em que ocorreu uma efetiva intervenção espiritual.

Poderia ter-se dito que os objetos no dormitório eram atirados pelos próprios ocupantes e não eram de todo causados por um *poltergeist*. Numa ocasião, um dos rapazes começou a atirar objetos do outro lado do dormitório e foi imediatamente visto por outros, pelo que parou. Depois disso, foi tão gravemente fustigado durante vários dias por fenómenos que teve de ser tratado com tranquilizantes; acabou por deixar a residência a pedido do Diretor. Ele alegou que eu era a raiz dos seus problemas e que tinha atirado ele próprio os objetos na esperança de me ver expulso da escola, o que poria fim aos seus problemas. Este foi o exemplo mais extremo do efeito que estas experiências tinham nas pessoas na escola. A maioria delas aprendeu a viver com os acontecimentos e a aceitá-los; alguns tinham medo, alguns tinham medo de mim, outros mostravam-se céticos e desconfiados. Na última categoria encontravam-se aqueles que não tinham estado diretamente envolvidos e que não tinham visto nada por si próprios;

eram alunos de outras residências. Era interessante notar como as testemunhas das ocorrências apoiavam veementemente a sua validade, mesmo correndo o risco de serem ridicularizadas. O efeito geral dos acontecimentos foi o de proporcionar um forte sentido de ‘‘espírito de corpo’’, como alguém lhe chamou; ficámos muito unidos. Em grande medida, o ditado de que ‘‘ver para crer’’ era verdade entre aqueles que tinham experienciado o *poltergeist* por si mesmos.

Na tarde de sábado, 8 de maio, fui levado a consultar um cavalheiro numa cidade próxima, o qual, segundo me tinham dito, poderia ser de ajuda. Eu estava bastante cético. O tutor da residência levou-me a um grande hospital psiquiátrico onde este homem trabalhava e, logo desde o início, senti que havia algo de estranho nele. Não confiei nele e achei-o pouco franco. Havia poucas dúvidas, contudo, de que era um psíquico. Não sei exatamente que cargo ocupava no hospital; fomos conduzidos a uma sala pequena, onde ele se encontrava sentado com uma mulher de cabelo escuro.

Eu tinha levado comigo um cesto cheio de *apports* que tinham sido encontrados no dormitório, mas ele não se mostrou interessado. De um pequeno livro, retirou um ritual que alegou que me livraria do problema e pediu-me para o copiar:

‘‘Volta-te para leste. Toca na testa e diz ATEH (tu és). Toca no peito e diz MALKUTH (o Reino). Toca no ombro direito e diz VE-GEBURAH (e o Poder). Toca no ombro esquerdo e diz VE-GEDULAH (e a Glória). Junta as mãos à tua frente e diz LE-OLAM (para sempre). Aponta para cima e diz AMEN. Desenha no ar, em direção a Leste, o Pentagrama de banimento, vibra o nome da divindade — YOD HE VAU HE. Imagina que a tua voz se projeta para o Leste do Universo. Estende o dedo à tua frente, desloca-te para Sul, desenha o Pentagrama e vibra de forma semelhante o nome da divindade ADONAI.

Desloca-te para Oeste, desenha o Pentagrama e vibra EHEIEH. Desloca-te para Norte, desenha o Pentagrama e vibra AGLA. Regressa a Leste e completa o teu círculo trazendo a ponta do dedo ao centro do primeiro Pentagrama. Permanece de braços estendidos em forma de cruz e diz — Diante de mim Rafael (Ar), Atrás de mim Gabriel (Água), à minha direita Miguel (Fogo), à minha esquerda Auriel (Terra). Diante de mim flameja o Pentagrama, atrás de mim brilha a estrela de seis pontas. Faz novamente a Cruz Cabalística conforme indicado acima dizendo ATEH, etc...’’

Fui instruído a fazer isto sempre que ocorresse algo de paranormal. Achei que era uma sugestão ridícula, pois passaria o dia inteiro a fazê-lo. Recebi o ritual com um ar de ceticismo e não disse nada. Poderia isto realmente pôr fim a estas ocorrências? Durante a hora e meia seguinte, o tutor e eu fomos submetidos a uma extraordinária exibição de clarividência, tanto por parte do homem como da mulher. Foi-nos feita uma análise dos nossos caracteres e das nossas vidas que, quer quiséssemos admiti-lo quer não, estava correta e era bastante impressionante. Também nos falaram de experiências semelhantes de outras pessoas, o que foi interessante, e muito se disse sobre vários círculos ocultistas. Fui então firmemente avisado para não ter nada a ver com Magia Negra. Embora não tivesse intenções de me meter em tais assuntos, só algum tempo mais tarde percebi o quão

hipócritas tinham sido aquelas palavras e como o meu tutor e eu estivemos quase a ser apanhados em tais práticas pela mesmíssima pessoa que me tinha avisado.

Outro dos temas que ele mencionou foi a projeção astral. Explicou-nos como se fazia e falou das suas experiências na matéria. Quando deixámos o hospital, ambos tínhamos chegado à conclusão de que nunca deveríamos ter sido enviados para lá, logo à partida. Hoje estou convencido de que o homem praticava magia e era altamente inadequado para me dar conselhos.

Assim que regressei à escola nessa noite, subi ao dormitório sozinho e executei o ritual de banimento. Tinham-me dito que, se desenhasse os pentagramas ao contrário, o mesmo procedimento funcionaria como uma força de invocação, o que poderia ser extremamente perigoso. No espaço de duas horas, pareceu que eu teria repetido o ritual de banimento de forma invertida, tal era o caos que se estava a gerar. Repeti-o mais duas vezes no dormitório antes de se tornar óbvio que só conseguiríamos paz se eu deixasse o quarto. Não fui, por isso, para a cama nessa noite e, a partir desse momento, acredito que a atividade *poltergeist* começou efetivamente a diminuir.

Antes de os restantes ocupantes do dormitório irem para a cama nessa noite, a governanta reuniu-os no balneário do rés do chão e falou-lhes sobre o que sabia do assunto, o que me disseram ter sido um pouco confuso, mas reconfortante face à situação; ela funcionou naquela altura como um desativador emocional, que era o que se exigia. Enquanto ela se ocupava disso, eu encontrava-me no gabinete do Diretor a informá-lo do que tinha acontecido. Ele estava por esta altura muito preocupado, já que vários pais lhe tinham ligado a pedir uma explicação. O seu dilema não era fácil: tinha de dar alguma explicação aos pais e sentia que teria de me pedir para deixar a escola se recebesse mais chamadas. Que explicação iria ele oferecer aos governadores ou administradores da escola para me afastar? Pareceria bastante ridículo se dissesse que eu era o centro de um surto de *poltergeist*. Se eu tivesse mesmo de sair, ele poderia ter de enfrentar investigações da imprensa, o que teria dado uma má reputação à escola. Sentia que estava perante um dilema.

Durante a reunião com a governanta, fenómenos inexplicáveis ocorreram diante de toda a assembleia, cerca de trinta pessoas. Enquanto se encontravam todos em grupo, a ouvir o que a governanta dizia, uma ficha elétrica foi atirada de um canto vazio da sala, aterrando aos pés da governanta, para grande deleite desta! A isto seguiram-se vários pedaços de vidro partido que pareceram cair do teto. O grupo sobressaltado recolheu à cama com muito de que falar e eu preparei-me para passar o resto da noite acordado com a governanta na sua sala de estar. Tinha o forte pressentimento de que muito iria acontecer durante a noite e que era provavelmente melhor eu não ir para a cama; pelo menos o resto do dormitório teria uma noite pacífica sem mim no quarto.

Conversámos na sala da governanta com alguns outros rapazes, que foram para a cama por volta das onze e meia. Depois de eles terem saído e de ficarmos sozinhos, aparas de madeira, pequenos seixos e pedaços de vidro surgiram na sala. Materializavam-se no nosso regaço e caíam nas chávenas de café; durante todo o tempo parecia haver uma quantidade invulgar de ruído, pancadas e estalidos vindos das paredes, do chão e do teto, bem como os característicos sons metálicos, os ‘‘liques’’, que vinham das janelas, dos quadros e até das chávenas.

Por volta da meia-noite, quando a maioria dos alunos estava a dormir, a governanta deu uma volta por todos os dormitórios para verificar se tudo estava em ordem e se não havia nenhuma perturbação: estava tudo calmo. Pouco mais de uma hora mais tarde, quando tudo continuava imóvel e silencioso, exceto pelas pancadas nas paredes na sala da governanta, um frio gélido envolveu os nossos pés e a parte inferior das nossas pernas. Foi uma sensação que senti muitas vezes desde então.

É como ter éter vertido sobre as pernas. Subiu gradualmente até ser tão intenso que fomos ambos forçados a mover-nos. Ao fazê-lo, perdemos essa sensação: era como se estivesse apenas a rodear a área imediata que tínhamos ocupado. Ambos suspeitámos de que este efeito de ‘‘congelamento’’ anunciava algo que estava prestes a acontecer e deixámos a sala, entrando num pequeno dormitório de alunos mais novos ao lado da sala de estar da governanta. Este era

ocupado por oito rapazes novos, com dois prefeitos mais velhos encarregues.

O mesmo frio semelhante a éter pareceu infiltrar-se neste quarto e, na parede oposta à porta, encontrava-se uma pequena mancha de luz. Não havia luz no corredor para o qual a porta do dormitório se abria. Colocando a minha mão à frente desta mancha de luz, nenhuma sombra podia ser vista, como se a luz estivesse a ser emitida pela parede, em vez de projetada ou refletida nela. Quando toquei nesta mancha na parede, estava muito quente, ao contrário da área circundante, que se encontrava tão fresca quanto uma parede de estuque sem revestimento costuma estar. Afastámo-nos dela, esperando que crescesse como tinha acontecido quando fora vista anteriormente; e cresceu.

‘‘Ficámos de pé, o Matthew e eu, a olhar fixamente para esta aparição na parede oposta à porta, acima da cabeça de um rapaz que dormia. Era uma luz brilhante, redonda e pequena que cresceu gradualmente. De repente, o Chris acordou; o frio tinha penetrado através do seu sono e ele também viu este círculo luminoso brilhante na parede’’, escreveu a governanta mais tarde, continuando: ‘‘Disse calmamente: ‘Está tudo bem, Matthew, consigo ver uma cruz colocada ao centro sobre ela’. O Matthew disse: ‘É uma coroa de espinhos em redor da borda’. Não tínhamos luzes acesas — a luz desta aparição era suficientemente brilhante para iluminar o dormitório.’’

Foi assim que a governanta descreveu o que viu, e é particularmente interessante porque o que ela viu e o que eu vi não era o mesmo. Eu via a mancha de luz rodeada pelo que parecia uma faixa ou coroa de espinhos, ao passo que a governanta não via isto — via uma cruz sobre a luz, que eu não conseguia ver.

Mais uma vez, voltei-me para Leste e repeti o ritual de banimento, concentrando-me em remover a luz da parede. Após vinte minutos, ela começou a encolher até ficar uma área do tamanho de um Pires, sem a cruz ou os espinhos. Acendemos então a luz elétrica e a luz paranormal desapareceu por completo.

Com o esmorecer da luz na parede, a temperatura começou a subir novamente até parecer mais a temperatura normal de uma sala.

Permanecemos no dormitório por mais alguns minutos depois disto, até estarmos satisfeitos de que não havia mais nenhuma perturbação.

Durante o resto da noite, muito pouco aconteceu além das manifestações habituais, tais como o arremesso de seixos pelo quarto ou os ruídos de pancadas. Os dormitórios permaneceram calmos e imóveis até à manhã seguinte, quando a vida retomou novamente a normalidade.

Cedo, na manhã de domingo, o Diretor decidiu que já não me podia manter na escola enquanto este fenómeno estivesse em curso. Ele tinha suportado cerca de quatro semanas destas perturbações com grande paciência. Consequentemente, telefonou aos meus pais, que concordaram em ter uma reunião com ele nessa tarde. Para mim foi uma espécie de alívio, na medida em que já não estaria a perturbar os outros membros da Residência, e todos nós tínhamos os exames de nível ‘‘O’’ a aproximarem-se rapidamente.

Eu ainda me encontrava na sala de estar da governanta quando ele tomou a sua decisão. Pouco tempo depois, uma coisa estranha aconteceu enquanto estávamos sentados juntos a discutir a decisão do Diretor, que a governanta considerava extremamente injusta. Ela tinha decidido na sua mente que iria falar com ele e tentar convencê-lo a mudar de ideias. Houve uma batida à porta e entrou um prefeito que estivera a inspecionar os dormitórios. Entregou-lhe algo que tinha encontrado perto da minha cama. Era um pedaço de arame, torcido num anel do tamanho de um pires, e um pequeno livro cinzento de capa mole. Na capa estava um crucifixo com uma coroa de espinhos colocada ao centro sobre ele; ao abri-lo, constatámos tratar-se de uma cópia de *“The Saint John and Saint Matthew Passion”* (A Paixão segundo São João e São Mateus). Além dos dois nomes, Matthew, o meu, e John, o do Diretor, era mais do que uma coincidência, visto que o desenho da capa era o mesmo que eu tinha visto na parede durante a noite.

A meio da manhã, o Diretor tinha revogado a sua decisão relativamente à minha saída da escola e, quando os meus pais chegaram, a situação estava relativamente normal. O meu pai falou

com ele durante algum tempo e ficou acordado que eu poderia ficar, já que o Diretor pensava que os acontecimentos estavam em declínio.

Enquanto os meus pais ainda se encontravam na escola, foi recebida uma chamada telefónica do homem do hospital psiquiátrico, e este falou com a governanta. Não só afirmou ter invocado a luz na parede, como também ter-se projetado astralmente para a sala onde nos encontrávamos, onde alegou ter-nos visto a mim e à governanta. Se eu continuasse a realizar o ritual de banimento, disse ele, as manifestações de *poltergeist* dariam lugar a uma utilização controlada da energia psicocinética, ou palavras com esse efeito.

Num estado de ansiedade, os meus pais partiram sem mim e regressaram a casa. A sua principal preocupação era o efeito psicológico que esta experiência estava a ter em mim e nos outros alunos.

CAPÍTULO IV

POUCO DEPOIS, o Diretor recebeu uma carta do Dr. George Owen, que escreveu:

... Investiguei um pequeno surto de fenómenos de *poltergeist* na casa do Sr. Manning há alguns anos. Acreditei que não se deviam a artimanhas, mas a fenómenos reais. As provas não permitiam que fossem atribuídos ao Matthew em particular como a fonte involuntária. As probabilidades eram de que não voltassem a repetir-se. Esta última suposição provou-se errada.

Poderá ser útil, contudo, registar as minhas opiniões sobre os atuais acontecimentos, conforme relatados pelo Sr. Manning.

(1) Estou certo de que os acontecimentos são fenómenos genuínos, sem qualquer artimanha ou má-fé por parte do Matthew.

(2) Muito embora ele esteja a alcançar alguma medida de controlo voluntário, os fenómenos originais foram totalmente

involuntários e nenhuma culpa lhe deve ser atribuída pelos primeiros. Da mesma forma, seria errado supor que ele consiga controlar tudo o que acontece agora.

(3) Não haveria justificação para supor, sem provas muito periciais e altamente específicas em contrário, que o Matthew seja psicologicamente anormal ou perturbado, exceto na medida em que as próprias ocorrências possam perturbar qualquer pessoa. Os poderes que ele está a exibir são raros e invulgares, mas não há razão para acreditar que sejam o resultado de problemas de saúde emocional.

Penso que uma breve alocução à Escola, ou à Residência, ou às turmas mais visadas seria útil para ‘‘baixar a temperatura’’, por exemplo:

‘‘Estes acontecimentos, embora raros, ocorrem com mais frequência do que se supõe. Não se devem a partidas ou a pessoas a “ver coisas”. Devem-se a forças físicas invulgares que as pessoas por vezes desenvolvem sem se darem conta. Estas forças são objeto de estudo ativo por parte de cientistas em Inglaterra, nos EUA, no Canadá e na Europa. As melhores autoridades acreditam que são naturais, embora raras. Não são sobrenaturais. Este caso particular é de um género que acontece algures no mundo a cada poucos meses.

Outros estão sem dúvida a decorrer noutros locais. Muitas pessoas têm talentos raros, por exemplo, ouvir os pensamentos de outras pessoas. Outras têm a capacidade de mover objetos através de uma força desconhecida. Quando os talentos começam assim, é cientificamente de extrema importância e interesse. O interesse científico supera os pequenos inconvenientes que os acontecimentos causam. Esta é uma excelente oportunidade para observar todas estas coisas de uma forma distanciada e científica.’’

Sempre constatei, mesmo com pessoas muito excitadas ou assustadas, que esta abordagem científica fria é muito eficaz na ‘‘desativação emocional’’.

O Diretor não seguiu o conselho do Dr. Owen; nunca se dirigiu à Escola nem falou abertamente sobre o que estava a acontecer. Era mais do que óbvio que algo se passava, mas ele insistia sempre em nunca mencionar todo o assunto e em agir como se este não existisse.

Isto teve o efeito de causar boatos generalizados mais tarde e muito se disse que era completamente fictício.

Na manhã de segunda-feira seguinte, adicionei deliberadamente uma nova dimensão ao fenómeno. Como não tinha aulas, decidi averiguar se conseguiria projetar-me astralmente até casa, visto que, se fosse bem-sucedido, o que visse poderia ser verificado. Seguindo o mais fielmente possível as instruções que me tinham sido dadas no sábado à tarde, tentei deixar o meu corpo. Embora me recorde exatamente do que fiz, não sei se alcancei a projeção astral.

Estar deitado na cama pareceu mais como sonhar acordado. Lembro-me de, a dado momento, estar ‘‘acima’’ de mim próprio, de modo que conseguia ver muito claramente o meu corpo na cama. Pensando e concentrando-me na minha casa, a coisa seguinte que vi foi a parte de trás da nossa casa, com as portas e janelas abertas, como costumam estar em tempo quente. Entrando, pela porta das traseiras aberta, vi a minha mãe junto ao lava-loiça da cozinha, com a máquina de lavar roupa ao lado dela.

Ela voltou-se e olhou na direção de onde eu me encontrava; depois, passados alguns momentos, voltou ao seu trabalho. Eu conseguia ver muito claramente, embora tudo estivesse estranhamente silencioso. Pouco tempo depois, a minha mãe dirigiu-se à sala de jantar e eu segui-a. Ela olhou em redor novamente para o local onde eu estava e senti que estava a olhar para mim. Isto prolongou-se por cerca de dez a vinte minutos. À medida que ela deambulava pela casa, parecia que estava à minha procura; olhava persistentemente na minha direção, embora, como é óbvio, não me visse realmente.

Mais tarde, questionei-a sobre esta ocasião e partilhámos ambos os lados da nossa experiência. Ela não me tinha visto, mas tinha ‘‘sentido’’ que eu estava em casa nessa manhã; tivera a sensação de que eu estava de pé atrás dela, a observá-la enquanto ela se encontrava na cozinha. Tinha caminhado pela casa à minha procura e estava quase à espera de me ver. Fiquei com dor de cabeça durante vários dias após esta experiência.

Os fenómenos de *poltergeist* continuavam e pareciam não ter travão até ao momento, apesar de eu estar a realizar o ritual de

banimento conforme instruído. A governanta tinha por esta altura aceitado os fenómenos de *poltergeist* como ocorrências normais. Escrevia sobre eles com toda a naturalidade:

‘‘As camas aparecem movidas: pesados beliches duplos de ferro que são muito difíceis de mover sem um esforço físico considerável e ruído. As pernas têm pontas de borracha, não rodas. Rapazes que dormem nelas acordaram de manhã para encontrar as suas camas movidas. Muitas vezes, na presença do Matthew, sinto este ar frio terrível, como se tivesse sido banhada em éter. No dormitório, após o apagar das luzes, pregos são arremessados pelo ar. Facas cruzam o ar a grande velocidade e com grande força, tal como vidro, porcelana partida, pratos e talheres.

Colheres apareceram numa noite, tal como tinha acontecido com as facas, e eu não as conseguia identificar, exceto pelo facto de as colheres ostentarem o brasão G.R. e a coroa; as facas tinham, em alguns casos, cabos de osso envelhecidos e amarelados... Nem uma única vez qualquer um dos projéteis atingiu alguém ou o magoou — parecem fazer ricochete ao contacto. Um dia, ao limpar o dormitório, a funcionária de limpeza encontrou a sua saída do dormitório dificultada por cadeiras dispostas a atravessar o vão da porta, como que para a impedir de sair.

Noutros locais da residência, fichas elétricas voam pelo ar; poças de água surgem e lâmpadas caem dos seus casquilhos, embora raramente se partam. Não foram causados danos estruturais, mas há sempre sujidade para limpar.

Na minha sala de estar posso estar sentada tranquilamente, talvez a costurar, por vezes a ouvir a telefonia, quando sou de repente ensopada por um frio gélido e uma chuva de seixos cai do teto. Algumas noites, podem ser pequenas aparas de madeira que me caem no regaço.

Várias vezes entrei na minha sala para encontrar talvez uma almofada no chão ou uma cadeira voltada ao contrário. Os objetos são movidos, mas nada se parte. Na verdade, estou tão habituada a isso que, passados tempos, aquilo faz-me apenas sorrir.’’

Um amigo de escola fez o seguinte registo no seu diário:

‘‘A hora seria por volta das 22:20. Desde o apagar das luzes que tudo estivera calmo, salvo por um ou outro parafuso ou prego a ser projetado. Um rapaz na cama ao lado e eu tínhamos estado a trautear melodias e o Richard, ficando irado, tinha saído da cama para bater no outro rapaz e dizer-lhe para estar calado. O Richard encontrava-se ele próprio num estado de nervos, creio eu. Contudo, enquanto ele estava de pé junto às nossas camas, um prato despenhou-se contra o chão. Obviamente caiu de uma altura superior a escassos centímetros. Na verdade, o ruído que fez indicava que caiu de pelo menos um metro e meio ou um metro e oitenta. Curiosamente, o prato não se partiu, mas aterrou no chão de linóleo como uma moeda aterra frequentemente, de modo que rodou com pouca inclinação em redor da sua circunferência, causando um som de rolamento. Todos ficaram muito sobressaltados por uns segundos. (Na verdade, o Richard tinha dado um salto para a cama mais próxima!) Depois, de repente, a conversa explodiu, como seria de esperar.

Cinco minutos mais tarde, a segunda ocorrência teve lugar. O ruído da conversa tinha diminuído quando um estrondo colossal se ouviu novamente entre a minha cama e a cama do Matthew, onde o incidente anterior tinha tido lugar. Nesta ocasião, ou o prato foi deixado cair de uma altura maior do que antes, ou foi atirado com uma força superior, pois o resultado foi um prato estilhaçado cujos pedaços ficaram espalhados por uma área excecionalmente vasta... alguns pedaços foram, de facto, recolhidos a distâncias tão grandes como três ou quatro metros do local do incidente.’’

UMA NOITE FUI acordado por um prefeito de madrugada, que me pediu para ir ao pequeno dormitório dos alunos mais novos, porque estavam com problemas lá. Quando cheguei, o quarto estava às escuras e encontravam-se ali várias pessoas, na sua maioria prefeitos e rapazes que tinham acordado. O quarto estava excecionalmente frio e, ali na parede, havia uma poça de luz muito brilhante que, ao toque, estava quente demais para que eu conseguisse manter lá a mão. Depois de mandar sair todas as pessoas que pareciam estar apenas ali paradas a olhar, executei o ritual de banimento; a governanta entrou e afirmou novamente que conseguia ver uma cruz colocada sobre a luz. A luz não diminuiu após eu concluir o ritual. Outro pequeno

dormitório de alunos mais novos era contíguo àquele onde nos encontrávamos e fomos até lá, para ver se algo se passava ali dentro. Nada se pôde ver de imediato; a governanta colocou a mão contra a área da parede que ficava nas costas de onde a mancha de luz se estava a manifestar no outro dormitório. Constatou que estava quente, tal como eu, e sentimos que estava a ficar mais quente, indicando que o calor se estava a propagar através da parede.

De volta ao outro quarto, executei novamente o ritual de banimento na esperança de livrar a parede da luz. Mais uma vez falhou, e a área tinha por esta altura ficado tão aquecida que acendi a luz geral, temendo que, se não se tomasse brevemente alguma medida, a parede pudesse começar a deitar fumo ou a arder. Era como se estivesse a ser utilizada uma lupa para focar os raios de sol na parede, com a exceção de que a luz parecia emanar de dentro da própria parede. Quando executei o ritual de banimento com a luz acesa, a manifestação diminuiu e desapareceu.

Este episódio foi devidamente comunicado ao Diretor, para quem se provou ser, mais uma vez, a gota de água. Não podia aceitar a responsabilidade de um incêndio e os acontecimentos estavam de novo a atormentar o seu sentido de justiça, especialmente quando pais preocupados telefonaram mais tarde a pedir uma explicação. Mais uma vez, decidiu que a única solução ‘‘para benefício dos restantes membros da Residência’’ era enviar-me para casa enquanto estes acontecimentos persistissem. Os meus pais foram convocados no domingo.

Por persuasão da governanta, o Diretor tinha, por volta de domingo, concordado novamente em permitir que eu permanecesse na escola.

Uma semana mais tarde, regressei a casa para o fim de semana e, durante esse tempo, teve lugar outra reviravolta significativa na história. Esta foi, acredito eu, la primeira ocasião em que entrei em comunicação direta com entidades espirituais, e registei a minha experiência no papel assim que ela terminou.

Se eu conseguia viajar projetando-me astralmente, raciocinei, por que não haveria de conseguir projetar-me astralmente no passado?

Achei que seria ainda mais provável ser bem-sucedido já que estaria a realizar esta experiência na nossa casa, que tinha sido construída por fases entre 1550 e 1790. O estado em que caí assemelhava-se na verdade a um transe, e talvez projeção astral não seja a terminologia correta. Não consigo explicar como entrei neste transe; pareceu apenas que caí nele naturalmente, como quem adormece.

Após o que deve ter sido cerca de meia hora, consegui ouvir a voz suave de uma mulher algures perto da minha cabeça. Eu tinha planeado com bastante cuidado, de antemão, as perguntas que faria se fosse bem-sucedido na experiência. Tinha-me sido dito pelo homem em Leicester que, se alguma vez fizesse qualquer comunicação com espíritos, lhes perguntasse antes de tudo o mais se vinham em paz. Assim o fiz e uma voz ténue respondeu ‘‘Sim’’, para minha surpresa.

‘‘Qual é o teu nome?’’, perguntei.

‘‘Henrietta. — Henrietta Webb.’’

‘‘Quando nasceste?’’

‘‘No ano do Nosso querido Senhor de mil seiscentos e dezanove’’, veio a resposta.

‘‘Com quem casaste?’’

‘‘James Webb.’’

‘‘Qual era o seu ofício?’’

‘‘Ele comerciava panos de lã'', respondeu ela.

‘‘Quando ocupaste este edifício pela primeira vez?’’

‘‘No ano de mil seiscentos e quarenta e seis.’’

‘‘Quais eram os nomes dos teus filhos?’’, perguntei.

‘‘Henrietta — James — Ellen, e Anne e Charles’’, respondeu ela.

‘‘Quando morreste?’’ Após uma longa pausa, respondeu: ‘‘Faleceu no ano do Senhor de mil seiscentos e setenta e três.’’ E depois: ‘‘Rogo-te que rezes pelo meu espírito.’’

‘‘De que morreste?’’, perguntei.

‘‘Uma febre maligna.’’

Quando lhe perguntei que género de febre a tinha acometido, não veio resposta.

‘‘Onde’’, perguntei-lhe, ‘‘comerciava o teu marido James?’’

‘‘Ele comerciava a partir de Butchers Row e Hog Lane.’’

‘‘O que pensas desta casa desde que a deixaste?’’ A pergunta ela pareceu achá-la difícil de compreender, e respondeu que não gostava do barulho. Depois disto, partiu sem mais nada a dizer e perdi o contacto com ela.

Algum tempo mais tarde, uma voz disse:

‘‘Aqui estou eu. Aqui está o Thomas.’’

‘‘Thomas quê?’’, quis saber.

‘‘Sim, Thomas Salmon.’’

‘‘Quando nasceste?’’

‘‘Nasci de Thomas e Mary no ano de mil quinhentos e sessenta e oito.’’

‘‘Com quem eras casado?’’

‘‘A minha querida Rachel.’’

Pouco depois disto, ele também desapareceu. Quase imediatamente a seguir à sua partida, um Richard Webb começou a falar. Contou-me que tinha casado com uma senhora de nome Anne Thyson, que era um proprietário agrícola e que não sabia quando tinha nascido. Após informar-me de que tinha entrado pela primeira vez na posse da casa em 1688, interrompeu o seu contacto.

Apareceu-me regressar ao presente e fiquei estupefacto ao constatar que, tendo começado esta experiência às 22:45, a hora passava agora das 02:00 da manhã. Contudo, desejoso de saber mais e apesar do facto de me sentir cansado, regressei ao meu estado de transe.

Não muito tempo depois, ouvi:

‘‘Anne. Anne. Aqui está a Anne Willis.’’

‘‘Quando nasceste?’’, perguntei.

‘‘Mil setecentos e dois’’, respondeu ela. Perguntei-lhe com quem tinha casado.

‘‘O Robert era o meu marido. Robert Webbe.’’

‘‘Qual era o ofício do Robert?’’

‘‘Um comerciante de grão era o Robert.’’

‘‘Quando ocupaste a casa pela primeira vez? Foi o Robert que mandou construir a frente da casa?’’, perguntei-lhe.

‘‘Sim. O Robert mandou construir isto em outubro de mil setecentos e trinta. A sua bela casa.’’ Depois disto, ela partiu.

Até esta altura, eu tinha sido deixado em total escuridão e não conseguia ver nada. Estava apenas a ouvir as vozes.

Depois de a Anne Willis ter partido, a negritude foi substituída por uma luminosidade crescente, como se o amanhecer estivesse a romper. Encontrei-me de pé no nosso átrio, mas por toda a parte era como se fosse pleno dia. Notei quão plano e limpo estava o chão de pedra. Não se encontrava desgastado pelo uso como eu sabia que estava em 1971. Quando notei uma porta pesada a abrir-se para um pátio empedrado a partir deste átrio, percebi que devia estar a visualizar a casa tal como era quando tinha acabado de ser construída em 1731.

Além disso, de pé no vão aberto da porta, encontrava-se uma criança pequena amparada numa estrutura circular de cana com rodas que segurava a criança, num vestido comprido, e a ajudava a aprender a caminhar, impedindo-a de cair. Ela andava sobre as rodas de um lado para o outro, mas não me via. No pátio, conseguia discernir através do vão da porta uma pilha de tijolos vermelhos com aspeto de novos em frente a uma parede castanho-amarelada de uma casinha que eu sabia ser branca. Não havia barulho e, nas escadas, encontrava-se um homem que parecia ser um carpinteiro, ajoelhado num canto no segundo lanço de escadas a martelar silenciosamente. O seu cabelo,

notei, era ruivo e usava um longo avental de couro. Tal como a criança, que já não estava visível, não me prestou qualquer atenção.

A parede de estuque acima do apainelado na escadaria era de um azul marcante.

Deslocando-me do átrio para a sala de jantar, fiquei imediatamente impressionado com a diferença entre esta divisão e aquela com que estava familiarizado. A lareira, que eu sabia ser de tijolo burro, estava agora estucada e encontrava-se visivelmente mais baixa. Um cão estendia-se a toda a largura da lareira no chão e não parecia estar consciente da minha presença. As janelas, que agora têm caixilharia de madeira, eram todas de chumbo; uma janela que agora existe na sala de jantar parecia estar em falta. Uma grande mesa de refeitório era circundada por pequenas cadeiras que pareciam particularmente rústicas, desconfortáveis e desnudadas.

Subitamente, encontrei-me de volta à minha cama, totalmente acordado. Escrevi esta experiência imediatamente para que não ficasse distorcida. Não foi possível verificar todos os factos que registei, mas a maioria dos nomes foi mais tarde rasteada em velhos registos paroquiais. Estas pessoas tinham vivido durante os séculos dezassete e dezoito.

Algum tempo mais tarde, quando mandámos decorar o átrio e a escadaria, um pedaço de estuque caiu da parede perto do teto. A parede por baixo desta área revelou ser de uma cor azul-giz brilhante, a mesma que eu tinha visto naquela noite. A área onde eu tinha observado a criança perto do vão da porta encontrava-se agora emparedada e coberta de prateleiras. Posteriormente, esta secção da parede foi aberta de novo e a estrutura da porta que eu tinha notado foi encontrada.

Embora me sentisse muito cansado após a experiência de transe, não sofri nenhuns efeitos nocivos. Regressei à escola no domingo à noite e esperava que o padrão anterior de acontecimentos continuasse.

Tinha realizado esta experiência a 22 de maio e nenhuma atividade *poltergeist* foi testemunhada até à quinta-feira da semana seguinte, que foi o dia 27 de maio. Durante quatro dias, tudo esteve calmo.

A partir desta data, as atividades de *poltergeist* pareceram diminuir. Embora os fenómenos ainda continuassem, não eram tão regulares nem tão violentos. George Owen sentia que qualquer uma das seguintes hipóteses era possível e escreveu:

Na maioria das pessoas-*poltergeist*, os fenómenos mentais (telepatia, clarividência viajante, etc.) não aparecem, nem qualquer capacidade de os controlar voluntariamente. Algumas pessoas desenvolvem o poder da psicocinese sem os fenómenos mentais. Em casos muito raros, os fenómenos físicos caóticos dão lugar aos fenómenos mentais, como se se tratasse de uma evolução natural. Com o Matthew, podem acontecer as seguintes possibilidades diferentes:

(1) Os poderes, quer voluntários quer involuntários, podem desaparecer subitamente.

(2) Ele pode retê-los e alcançar um elevado grau de controlo.

(3) A maioria dos fenómenos pode desaparecer, mas ele pode ficar com uma ou duas capacidades.

Perguntei-me qual destas três possibilidades se aplicaria a mim.

Uma semana mais tarde, estava a escrever um ensaio no meu quarto de estudo. Não me recordo de mais ninguém estar presente, e faltavam escassos dias para os exames de nível ‘‘O’’ começarem. Também não me recordo de qual era o tema do ensaio. Contudo, não estava a achar fácil escrever e tinha de parar constantemente para pensar no que ia escrever a seguir. Enquanto estava sentado com a minha caneta suspensa acima do papel, preparado para começar a escrever o que quer que pensasse a seguir, a minha mão baixou para o papel de uma forma completamente involuntária e começou a escrever. Enquanto pensava no que ia escrever, a minha mente tinha-se afastado do assunto, fixando-se em nada de particular.

Observei, sobressaltado, enquanto escrevia palavras numa caligrafia diferente da minha. Depois, ficando momentaneamente assustado, afastei a mão e olhei para o que tinha escrito. As palavras eram incompreensíveis e estendiam-se por metade da página. Rasguei a página quase imediatamente e só mais tarde percebi que devia ter

escrito ‘‘automaticamente’’ e que a minha mão tinha sido utilizada e controlada por uma influência exterior.

Perguntei-me se isto seria repetível e, se fosse, como o poderia fazer. A única forma em que consegui pensar para tentar de novo foi sentar-me com o intuito de permitir que a minha mão fosse utilizada para a escrita automática. Também era necessário ter testemunhas, pensei.

A 6 de junho, pedi a seis dos meus amigos de escola para se juntarem a mim à noite para uma experiência. Durante dez minutos, num quarto de estudo escurecido, sentei-me com uma caneta na mão numa secretária, esperando ser capaz de começar a escrever no papel. Para minha deceção, nada aconteceu. Cinco minutos mais tarde tentei de novo, desta vez com a caneta no papel, em vez de acima dele. Este parecia ser o segredo: em breve a minha mão começou a mover-se pelo papel, produzindo uma escrita em forma de teia de aranha, sob a forma de uma frase curta que dizia:

‘‘Preciso de ajuda agora. Não me conseguem apanhar. Ajuda. Por favor.’’

Satisfeito com o resultado, tentei de novo e produzi, com a mesma caligrafia:

‘‘Perigo. Para.’’

Este aviso não esmoreceu a minha curiosidade e continuei. Apareceu uma terceira frase que dizia:

‘‘Se não o fizeres tu irás’’, e desvaneceu-se numa escrita ilegível, até à frase seguinte que dizia:

‘‘não sou faca.’’

Nada disto fazia qualquer sentido, pelo que escrevi no papel:

‘‘Quem é?’’

‘‘Joseph West 1783. Vai buscar o cão. Preciso que me ajudes brevemente. Fogo. Fogo. Fogo 11 de junho. Eu alto demais por isso morro quando preciso da tua ajuda brevemente. Perigo de fogo quando cão galeirão. Vai buscar-me brevemente rogo-te.’’

A escrita tornou-se mais ilegível e pedi à entidade que explicasse melhor o que queria dizer, e a resposta chegou:

‘‘Vê a tua cama demasiado tarde quando para o fogo. Não vás buscar o cão a 19 de junho. Vidro a ser deixado cair no fogo. Vai para os campos a 19 de junho passado o segundo tu e leva-o contigo vocês dois.’’

Embora estivesse a receber algo, parecia haver grandes partes em falta. Contudo, tinha sido bem-sucedido na produção de alguma escrita que parecia originar-se fora da minha própria consciência. Surpreendeu e intrigou os meus amigos que se encontravam presentes. Depois disto, outra descoberta foi feita por três dos que tinham estado presentes; quando foram para as suas camas pouco tempo depois, constataram que estas estavam ensopadas em água por dentro. Talvez tenha sido mera coincidência o facto de ter sido feita referência, numa das frases, a verem as suas camas antes que fosse demasiado tarde.

Após esta experiência com a escrita automática, nenhuma atividade *poltergeist* ocorreu durante mais de trinta e seis horas.

Dois dias mais tarde, ao realizar uma experiência semelhante, recebi uma mensagem numa caligrafia ligeiramente diferente da anterior, e muito diferente da minha:

‘‘Sarah Whiffin era... Vai até à sebe passado as faixas à décima sexta hora e eu aparecerei. Quero dizer as hortas comunitárias. 1697 foi o meu tempo. Não me perturbes...’’

No conteúdo, esta mensagem parecia muito semelhante à primeira; ambas eram aparentemente irrelevantes e difíceis de compreender. Não me deixei demover por isto, pois estava a ter sucesso em escrever algo que pensei que, se fosse praticado e desenvolvido, poderia ser bastante interessante.

Continuei a escrever tais ‘‘mensagens’’ e todas foram semelhantes no conteúdo durante algum tempo. Estava a tornar-se óbvio, contudo, que sempre que fazia escrita automática, os fenómenos de *poltergeist* cessavam temporariamente. No espaço de uma semana ou duas, as mensagens pareceram tornar-se mais coerentes e recebi mensagens tais como:

‘‘O Henry Taylor tem uma bela égua castanha naquele campo além que devo levar à feira de Barnstable ao romper do dia. Ela cairá, velha égua, ela cairá junto à ponte se olharem pelas vossas janelas esta noite. Pobre animal, como ela sofreu naquela tempestade.’’

Um dia escrevi:

‘‘Je suis Marie Anne Lebourgoir. Je te verrai ce soir dans la piece. Marie Anne Lebourgoir.’’

As mensagens pareciam na sua maioria originar-se de pessoas que tinham tido um fim desagradável ou de espíritos que não conseguiam compreender que já não viviam na Terra. Duas dessas mensagens que recebi logo no início ilustram isto de forma bastante clara:

‘‘O Roger Legault está enforcado pelo seu pescoço torcido no fundo do meu sótão. Se o encontrarem não digam aos polícias...’’

Outra, em francês, dizia:

‘‘J'ai dis que je ne suis pas mort. En Suisse entrain. Non je ne suis pas mort.’’

Tivemos uma pausa a meio do período escolar por esta altura e levei a minha nova descoberta para casa comigo; e, numa noite, passei algum tempo a fazer escrita automática com a minha família. Como é óbvio, com um talento recém-descoberto como este, eu era ambicioso demais. Pediram-me para tentar comunicar com pessoas famosas tais como Churchill, Isabel I, Cromwell, etc. Quando me pediram para tentar o Samuel Pepys, recebi efetivamente uma mensagem, escrita numa caligrafia que não era a minha, nem penso que fosse a dele. De onde esta mensagem se originou, não sei. Dizia:

‘‘Percebo que o tempo está poderosamente quente. De facto tão quente que o próprio pó escorre do meu rosto. Esta mesmíssima noite irei ter conversas com o Rei Carlos sobre o deplorável estado da Marinha e da frota holandesa que percebemos estar perto demais da costa.’’

Não consigo acreditar que Pepys escrevesse algo tão ingénuo, e o estilo da linguagem não está correto.

Contudo, uma mensagem que produzi no dia seguinte pareceu mais significativa. Era o dia das corridas de Ascot e aqui apresentava-se uma oportunidade para ver se conseguia descobrir os vencedores. O meu bisavô, falecido em 1960, onze anos antes, fora proprietário de cavalos de corrida e associado de homens como Lord Rosebery. Pedi-lhe que me desse os nomes dos cavalos vencedores. Quando o jornal da manhã chegou nesse dia, foi guardado para que ninguém na família soubesse os nomes dos cavalos em questão. Raciocinámos que, se eu fosse bem-sucedido e escolhesse os nomes dos concorrentes e, com sorte, dos vencedores, isso significaria que a telepatia poderia ser excluída. Quando tentei esta experiência, escrevi o seguinte:

‘‘Não tenho a certeza mas tenta por esta ordem, Spartan, Shady Fellow, Miss London, Dawn Review, Winter Fair, Sea Rover.’’ Estava assinada com um ‘‘C’’ (que significava Hayward Collins, o nome do meu bisavô).

Tinha de facto sido bem-sucedido em escrever os nomes de cavalos que iam competir nas corridas dessa tarde. Quando olhámos mais tarde no jornal, os nomes deles estavam todos lá. Ninguém em casa sabia os nomes, o que excluía o meu subconsciente e a telepatia.

Esperámos tensamente até à tarde, quando os resultados foram anunciados da seguinte forma:

- Spartan, classificado em terceiro lugar.
- Shady Fellow, classificado em primeiro lugar.
- Miss London, não classificado.
- Dawn Review, classificado em terceiro lugar.
- Winter Fair, classificado em segundo lugar.
- Sea Rover, classificado em primeiro lugar.

Os nomes dos cavalos que me tinham sido dados terminaram todos nos três primeiros lugares, com uma única exceção.

À medida que fazia mais escrita automática, a qualidade melhorava, as mensagens tornavam-se mais coerentes, inteligíveis e esmeradas, embora continuassem a dizer respeito, em grande parte, a

assuntos insignificantes e parecessem frequentemente triviais. Por exemplo:

‘‘Por favor diz à Harriett que estou a salvo. Não me magoou realmente. Estou a salvo. Um dia ver-te-ei a muitos mundos de distância. Susan Horseman’’, ou: ‘‘O John ficou com as minhas colheres. Tira-as dele antes que as perca. Elas são-me queridas e não se devem perder. David Fraser, 1971.’’

A escrita automática pareceu ser o método mais bem-sucedido para controlar ou prevenir os fenómenos de *poltergeist* e, se parecesse que as perturbações estavam iminentes, eu sentava-me e escrevia. Mais tarde, tornou-se claro para mim que a escrita era o fator de controlo.

Parecia que a energia que eu utilizava para a escrita tinha sido anteriormente empregue para causar as perturbações de *poltergeist*.

O ritual de banimento tinha obviamente falhado, mas eu estava disposto a tentar e a fazer qualquer coisa para me livrar dos fenómenos de *poltergeist*. Tinha deparado com la escrita automática por acidente. Só após algum tempo de experimentação é que percebi o quão eficaz ela era na prevenção de fenómenos tão perturbadores como os que todos tínhamos experienciado no passado.

Pouco depois de ter começado com a escrita automática, outras capacidades tornaram-se aparentes:

‘‘Descobriu-se que o Matthew conseguia ler mentes e que toda e qualquer pessoa tinha uma aura, composta por várias cores, as quais são indicativas do caráter da pessoa. Poderia ser desconcertante darmo-nos conta, na presença do Matthew, de que ele consegue apanhar o fio do nosso pensamento. Felizmente, isso exige muita energia e concentração da parte dele, de modo que não mantém esta atividade perpetuamente.’’ (Relatório da Governanta.)

Ao aproximar-se de mim, numa noite, no recinto da escola, vinha outro rapaz que eu não conhecia; eu caminhava sozinho e penso que me tinha deixado deslizar quase até ao estado em que costumava realizar a escrita automática. Fui despertado sobressaltado deste estado ao ver, para meu espanto, que o rapaz estava circundado por

uma aura em forma de pera, com cores que se assemelhavam muito a ondas de calor coloridas. Assim que saí do meu ‘‘entorpecimento’’, as cores desapareceram e o rapaz passou por mim.

Descobri que conseguia ligar-me e desligar-me como um interruptor de luz elétrica. Se me ligasse como se fosse escrever, mas sem o fazer realmente, conseguia ver auras a rodear as pessoas. Não consigo descrever em palavras como alcanço este ligar e desligar.

Certas cores numa aura pareciam denotar um traço particular no caráter de uma pessoa. Ao averiguar que cores rodeavam as pessoas que eu conhecia bem, constatei que cada cor era representativa de uma faceta particular do seu caráter. Distingui seis cores básicas: azul, verde, laranja, roxo, vermelho e amarelo. Se alguém tinha um caráter predominantemente fogoso ou temperamental, então a cor predominante na sua aura era o vermelho. Se fossem também amáveis e generosos, poderiam ter este vermelho orlado por azul ou roxo. Muito poucas pessoas tinham todas as seis cores. Na maioria dos casos, as bandas de cor limitavam-se a duas ou três e, nalguns casos raros, quatro.

Por alguma razão, que eu próprio desconheço, a clareza e a intensidade destas cores varia imenso de pessoa para pessoa. Uma observação interessante que fiz é que a aura é particularmente evidente e clara quando rodeia alguém que possui qualquer grau de dons psíquicos, especialmente se tiverem o hábito de os usar. Em redor daqueles que estão doentes ou têm uma enfermidade grave, ela é frequentemente fraca, e notei que uma sombra de cor mais escura rodeia qualquer área do corpo da pessoa que esteja doente ou afetada por uma enfermidade. Se, por exemplo, alguém tem um tumor, este escurecerá a aura em redor da área em que se localiza.

Ocasionalmente, se um grupo de amigos se reunia de forma relaxada numa sala e eu estava presente, eu dizia persistentemente o que quer que outra pessoa estivesse prestes a dizer, com as mesmas palavras que ela ia usar. Descobri isto de uma forma puramente acidental e tornou-se óbvio que, se me ligasse e me concentrasse numa pessoa, conseguia captar o seu fio de pensamento, o que muitos dos meus amigos achavam extremamente desconcertante, especialmente

quando lhes falava de assuntos que lhes diziam respeito e que só eles conheciam. Mais uma vez, era muito mais fácil fazer isto com algumas pessoas do que com outras.

A forma óbvia de testar a exatidão desta leitura de mentes era empregar um baralho de cartas Zener, o que foi devidamente feito. As instruções numa embalagem de cartas Zener dizem:

‘‘A. Condições Psicológicas.

1. É essencial uma atmosfera de teste agradável e informada. O sujeito, ou pessoa testada, deve estar interessado e confiante. Apelem ao seu espírito competitivo — façam-no vencer o acaso.

2. O encorajamento por qualquer sucesso é útil.

3. Evitem sessões longas; é extremamente difícil manter o entusiasmo e o interesse por longos períodos.

4. Permitam sempre que o sujeito trabalhe à sua velocidade preferida.

B. Condições Experimentais.

1. Baralhem as cartas cuidadosamente e cortem-nas antes de cada série. Uma série são 25 tentativas, uma passagem completa pelo baralho. Um baralho novo deve ser minuciosamente baralhado.

2. Todo o ato de baralhar deve ser ocultado do sujeito, assim como o corte e o manuseamento. Um pedaço de cartão, colocado na mesa entre o examinador e o sujeito, servirá para ocultar as cartas durante o teste.

3. O sujeito deve ser informado do seu sucesso ou fracasso apenas no final da série e deve ser-lhe permitida apenas uma tentativa por carta.

4. Em testes sérios, é essencial um mínimo de 4 séries por sujeito...

5. Durante a verificação, o próprio examinador deve observar e verificar duplamente o registo.’’

As cartas Zener são um baralho de cartas: vinte e cinco cartas — cinco de cada um de diferentes desenhos. Os desenhos são muito simples e fáceis de memorizar: um círculo, um quadrado, um conjunto de linhas onduladas, uma estrela e uma cruz. O objetivo do teste de P.E.S. é descobrir se uma pessoa consegue ou não ‘‘adivinhar’’ o que está na mente de outra pessoa um número de vezes superior ao que seria de esperar pelo acaso. Percorrendo o baralho de cartas Zener, a média de palpites corretos seria de cinco por cada vinte e cinco cartas. Entre nós, testámo-nos uns aos outros com estas cartas, de acordo com as instruções. Os resultados dos meus amigos foram, com uma exceção ocasional, a média. Os resultados que alcancei quando fui testado oscilaram de um extremo ao outro. Num conjunto de quatro séries, posso adivinhar corretamente apenas cerca de seis em cada cem cartas, o que ficou muito abaixo da média. No entanto, por vezes adivinhava corretamente vinte e duas, ou até vinte e quatro cartas em vinte e cinco. Normalmente, constatava-se que eu adivinhava corretamente entre nove e quinze cartas em vinte e cinco.

O sucesso no teste com cartas de P.E.S. é estimado da seguinte forma:

Séries de 4 testes: O acaso prevê **20** acertos; o sucesso razoável sobe para **28**; os resultados excelentes atingem os **52**.

Séries de 100 testes: O acaso fixa-se nos **500** acertos; o sucesso razoável nos **540**; e os excelentes nos **560**.

Uma noite, ao pegar numa chávena de café, recebi um sobressaltado choque elétrico da asa. Fui de tal forma apanhado de surpresa que deixei cair a chávena e derramei o seu conteúdo. Talvez não tivesse pensado mais no assunto, não fora o facto de, no dia seguinte, ter tido a mesma experiência ao colocar a mão no puxador de uma porta.

Este fenómeno continuou em alturas estranhas e inesperadas por um período de quase um ano. Parecia que quase qualquer objeto tinha a capacidade de me dar um pequeno choque elétrico, quer fosse de metal ou de outro material. Lembro-me de receber tais choques elétricos de livros, janelas e até enquanto segurava morangos. Numa ocasião, coloquei a mão num grande frigorífico aberto numa loja para

retirar uma lata de refrigerante. Para surpresa do lojista que observava, larguei-a quase imediatamente após a ter pegado, tal foi o choque que me deu. Nunca encontrei nenhuma explicação óbvia para os choques elétricos que recebia de objetos variados.

O resto do período escolar de verão passou sem demasiada perturbação, à medida que os fenómenos de *poltergeist* davam lugar à escrita automática. Obviamente, ainda havia algumas perturbações físicas, mas, em comparação com o que tinha sido anteriormente experienciado, eram bastante discretas.

Realizei uma experiência interessante perto do início desse período escolar. Perguntei-me quais seriam os resultados dos meus exames de nível ‘‘O’’, desconsiderando a minha tendência pessoal para certas disciplinas. Num pedaço de papel, anotei as notas dos resultados de todos os exames que ia realizar. Selei-as num envelope e entreguei-as aos meus pais para que não pudesse, numa data posterior, alterar nada do que tinha escrito. Fiz os exames para seis níveis ‘‘O’’ durante o período escolar e, numa verificação, três meses mais tarde e após receber os resultados, descobriu-se que eu tinha indicado a nota correta em todos os casos.

CAPÍTULO V

DURANTE O VERÃO de 1971, tive muito tempo para me dedicar à realização de experiências com a escrita automática. Grande parte dele foi dedicado a comunicar com um cavalheiro de nome Robert Webbe. Ele tinha construído a frente da casa em que vivemos atualmente, em 1731, e falecera pouco tempo depois, em 1733.

‘‘O Matthew diz que Webbe parece obviamente continuar apegado à casa que desenhou. Webbe foi efetivamente ‘visto’ pelo Matthew em quatro ou cinco ocasiões e ele diz que outras pessoas na casa têm ‘sentido o cheiro do seu tabaco ou ouvido os seus passos’.

Webbe parece ser de uma disposição autocrática e, quando fica insatisfeito com a produção de escritos transmitidos pelo Matthew, parece recorrer à atividade de poltergeist...’’ escreveu *The Psychic Researcher* em julho de 1973.

Tornava-se cada vez mais óbvio que, se os espíritos de onde estas mensagens pretendiam originar-se estavam de facto noutro ‘‘mundo’’, então eram perfeitamente capazes de ver e tecer comentários sobre qualquer coisa que acontecesse neste mundo. Isto ficou ilustrado em ocasiões como quando recebi mensagens que continham referências a acontecimentos de que eles não poderiam ter conhecimento enquanto vivos. O exemplo seguinte pretende vir do meu avô materno, que faleceu em 1958:

‘‘Contente por ver que gastaste o dinheiro num carro. Exatamente como eu teria feito. Lamento quanto à Anne. Boa sorte com a casa. Deus te abençoe. Golfe usa os meus tacos eles ganham pó. Pobre Lionel que erro. Bom amigo. Trata do jardim. Desfruta da vida.’’

Embora a escrita fosse mais angulosa do que a caligrafia do meu avô enquanto vivo, a assinatura era idêntica. O conteúdo da mensagem era relevante para a nossa vida naquela altura. Os seus interesses absorventes enquanto vivo eram os carros e o golfe; a minha mãe comprou um carro com o dinheiro que ele lhe tinha deixado e, na nossa cave, encontravam-se os seus tacos de golfe, que ninguém utilizava, pois mais ninguém na família jogava golfe. Estávamos em processo de renovação da nossa casa antiga e a esposa dele tinha voltado a casar com um amigo próximo dele chamado Lionel. Não havia nada naquela mensagem particular que eu já não soubesse, mas desde então tenho recebido muitas mensagens relativas a acontecimentos de que não tinha qualquer conhecimento.

As mensagens que eu anotava variavam tremendamente, do sublime ao ridículo. Talvez isto se devesse ao facto de pretenderem vir de toda uma gama de pessoas; na verdade, desde um Zé Ninguém até

Bertrand Russell. Parecia que, a menos que eu fizesse uma pergunta específica que exigisse resposta, os conteúdos das mensagens eram irrelevantes, insignificantes e frequentemente mero absurdo. A extremidade inferior deste espetro parecia atrair alcoólicos falecidos e vítimas de acidentes de viação que transmitiam mensagens com o efeito de que a garrafa os matou, que não tinham dores ou que a sua morte foi rápida e sem sofrimento.

A extremidade superior atraía pessoas como Bertrand Russell, a quem coloquei a pergunta: ‘‘As suas opiniões sobre a vida após a morte mudaram desde que faleceu, ou continua a acreditar que não há vida após a morte?’’

Por alguma razão, eu sempre pensara que o seu primeiro nome se escrevia ‘‘Bertram’’ e, como escrevia sempre no topo do papel o nome da pessoa com quem desejava comunicar, foi isso o que anotei, além da pergunta. Recebi a seguinte resposta:

‘‘A vida regressa no seu caminho para uma névoa, a sua velocidade é novamente a sua quietude: a existência deste mundo de coisas e de homens renova, em última análise, a sua ausência de necessidade de existir. Novamente o conhecimento estudará os outros, a sabedoria é auto-reconhecida e o músculo domina os irmãos; o autodomínio é osso; o contentamento pode nunca precisar de pedir emprestado, a ambição deambulará cega e à medida que a vitalidade se agarra à medula deixando a morte para trás. O universo é imortal porque, não tendo um eu infinito, permanece infinito. A clareza manifestou-se no céu e a pureza no espírito. O homem não tem morte para morrer. Bertrand Russell.’’

O nome estava assinado corretamente, ao passo que, se tivesse sido eu a escrever a mensagem, tê-lo-ia escrito incorretamente. O leitor deve julgar se se trata ou não de uma mensagem de quem pretende originar-se. Se for, então as suas ideias foram alteradas pelas suas experiências pós-morte; é estranho que utilize a estrutura do corpo humano como uma alegoria enquanto escreve sobre um tema espiritual.

Outra comunicação curiosa que recebi foi uma receita que teria sido alegadamente transmitida pela Sra. Beeton. Dizia muito simplesmente:

‘‘Ingredientes: Um par de perdizes Óleo ou manteiga Duas fatias de presunto magro Dente de alho Um tomate Seis cogumelos Quatro cravinhos Seis grãos de pimenta Sal Água ou caldo.

Corte as suas aves maiores pelas articulações ou em metades, deixe os pombos inteiros. Aloure em gordura. Deite numa panela de estufar e adicione o presunto, o alho, o tomate, os cogumelos, os grãos de pimenta, o sal e água ou caldo suficientes para os cobrir. Um cálice de vinho do Porto ou vinho tinto pode ser adicionado. Durante duas horas, cozinhe lentamente as aves em lume brando até ficarem tenras. Sirva numa travessa etc.’’

Fanny Cradock comentou esta receita em *The Psychic Researcher*:

‘‘A receita foi-me entregue e pediram-me para comentar. Claramente, não foi escrita por um chefe profissional. As quantidades são vagas ou estão totalmente ausentes. Os ingredientes alternativos incluem itens como a água, escassamente utilizada por chefes exceto para caldos básicos, a dissolução de gelatina e 'básicos' semelhantes. Tivesse esta sido uma receita de um chefe e as alternativas de caldo ou água (tal como com o óleo ou manteiga) teriam sido impensáveis.

Para o primeiro, o fluido seria *jus-de-viande* ou *consommé*; enquanto para o segundo, óleo ou manteiga teriam sido especificados. De qualquer forma, não são dadas quantidades para nenhum deles! A incidência de grãos de pimenta é excessivamente elevada, o tamanho do dente de alho e se deve ser descascado e esmagado ou utilizado para ‘picar’ não é indicado. Sem me alongar sobre o assunto, esta é uma receita de quarta categoria, dada por alguém totalmente inexperiente na cozinha prática.

Tendo tecido estes comentários, foi-me dito que a receita pretendia ser da autoria de Mrs. Isabella Beeton. Considero este um dos exemplos mais evidentes de escrita automática que alguma vez vi! A Sra. Beeton era uma jornalista trabalhadora. O seu marido, Sam Beeton, foi o primeiro dos grandes publicitários. Ele lançou-a e ela e

ele compilaram o seu original ‘Mrs. Beeton’s Book of Household Management’ a partir de receitas que lhes eram enviadas por leitoras da sua revista de três cêntimos, que eram convidadas a participar num concurso. Assim, por um Primeiro Prémio de uma guineia, um Segundo Prémio de dez xelins e um Terceiro Prémio de cinco xelins, os Beeton conseguiram compilar as receitas que aparecem no livro supracitado.

A investigação revelou que a Sra. Beeton faleceu aos 29 anos, conseguiu marcar presença em praticamente todas as reuniões de corridas de cavalos em Inglaterra ao longo dos seus anos adultos, quando não estava retida com um dos seus filhos ou a sofrer de problemas de saúde. No entanto, se tivesse cozinhado durante 3 horas e um quarto diariamente, todos os dias da sua vida a partir dos 23 anos, teria apenas conseguido cozinhar uma única vez cada receita publicada no manuscrito original, e a testagem honesta de receitas antes da publicação não resulta em 100% de satisfação à primeira tentativa.

Na verdade, existe apenas um registo sobrevivente de a Sra. Beeton alguma vez ter cozinhado alguma coisa. Este veio da sua irmã de oito anos, que afirmou: ‘ela fez um bolo que resultou mais num biscoito e foi um triste fracasso’.’’

O comentário da Sra. Cradock fala por si.

Por esta altura, eu recebia quase tantas mensagens em línguas estrangeiras como em inglês. A única dificuldade aqui era o facto de eu ser incapaz de as traduzir, já que a única outra língua de que tinha algum grau de conhecimento era o francês. Isto significava que eu não conseguia saber o conteúdo das mensagens. As línguas incluíam o italiano, o alemão, o grego, o latim, o russo, o árabe e várias línguas orientais, bem como o inglês antigo ou saxónico. Muitas das mensagens pareciam, à primeira vista, fragmentos de obras existentes ou reproduções do trabalho de outra pessoa, embora isto seja difícil de apurar. Recebi, por exemplo, uma mensagem que estava assinada ‘‘William Falconer 1801’’ que dizia:

‘‘Como algum conquistador decaído, frenético com o sucesso,

Derrama sobre a ruína e o desespero da nação;

Assim, enquanto o deserto aquoso ele percorria,

Incitado a uma fúria sete vezes maior, as espumas;

E sobre os pinheiros trémulos, acima, abaixo,

Estrila através do cordame, uiva com dor.’’

Talvez isto não tenha sido escrito por William Falconer, mas por outra pessoa qualquer. Como tantos dos escritos, era irrelevante e aparentemente sem sentido. Uma das mensagens que recebi em francês dizia, em forma de prosa:

‘‘Digo: a grandes males grandes remédios ou após a morte o médico que diz que a paciência é um remédio para todos os males. Comerciante que perde não pode rir porque as mais curtas loucuras são as melhores. Jacques Chaumont. 1933.’’ Traduzida, lê-se: ‘‘Digo: para uma doença desesperada tem de haver uma cura desesperada ou depois da morte vem o médico que diz que a paciência é um gesso para todas as chagas. Riam-se os que ganham porque as loucuras mais curtas são as melhores.’’ Soa como uma série de provérbios escritos em francês.

‘‘Uma manhã o Matthew veio ter comigo e disse que tinha tido uma visitação durante a noite, e isto aconteceu mais três vezes depois disso. Descreveu-me então a mulher que tinha visto e, depois disto, disse-lhe que não tinha nada com que se preocupar, pois poderia perfeitamente ser, de acordo com tudo o que ele dizia dela, a minha mãe, que faleceu a 12 de agosto.

Ele apresentou um pedaço de papel, no qual estava uma mensagem da minha mãe, Jeanne Cracknell. Ela tinha falado com o Matthew uma noite, dizendo-lhe para não se preocupar e que estava apenas interessada. Tinha conhecimento, antes da sua morte, do dilema do Matthew e dos seus dons. Também estava ciente de que eu tinha P.E.S. e encarava tudo como perfeitamente natural.

Recebi através do Matthew três mensagens inequivocamente no estilo dela. Queria que os seus bens fossem mantidos em boas mãos, do que eu já tinha tratado, e queria dizer que eu não me devia preocupar com ela, pois estava a salvo. O Matthew tinha-a visto tal

como ela estava quando faleceu e ela tinha exatamente o mesmo aspeto de quando a vi partir...'' (Relatório da Governanta.)

Uma noite, durante a primeira semana do meu regresso à escola, acordei por volta da uma hora da manhã, sem qualquer razão aparente, sentindo o mesmo frio que já tinha percebido em ocasiões anteriores. Eu estava a dormir num pequeno dormitório com cerca de sete rapazes mais novos, encontrando-me eu próprio encarregue deles. Era o mesmo quarto no qual a cruz crucifixo iluminada e a coroa de espinhos tinham sido testemunhadas.

A porta estava aberta, e no entanto eu lembrava-me de a ter fechado devidamente. Na escuridão, conseguia ver a forma vaga de uma pessoa a cerca de três metros da minha cama. À medida que se aproximava do meu canto do quarto, percebi que se encontrava numa posição curvada e arredondada, e não era ninguém que eu reconhecesse. Eu continuava ''banhado'' por este frio gélido, muito embora estivesse na cama, e, para meu desespero, esta figura aproximava-se lentamente do meu lado do quarto.

Quando a figura chegou aos pés da minha cama, consegui ver que era uma mulher; era idosa e curvada. O seu cabelo estava apanhado num coque na parte de trás da cabeça. Após alguns momentos, ela esboçou um leve sorriso, ergueu uma mão e desapareceu.

Por acaso mencionei isto à governanta no dia seguinte, e ela mostrou-se totalmente despreocupada, dizendo que era a mãe dela. Descreveu-me a sua mãe e mais tarde encontrou uma fotografia dela. A senhora tinha falecido há cerca de cinco semanas e reconheci-a como sendo a mesma pessoa que tinha visto durante a noite.

Ela estivera doente antes de morrer, e isso fizera com que adotasse a posição curvada que eu vira. Durante a sua doença, enquanto era tratada, pedia sempre que a porta do seu quarto fosse deixada aberta à noite, para que, se necessário, pudesse chamar por ajuda.

Durante as duas noites subsequentes, voltei a vê-la nas mesmas circunstâncias, quando ela arrastava os pés pelo dormitório até aos pés da minha cama, onde permanecia de pé, como que a olhar para mim, erguendo depois a mão e desaparecendo. Após aparecer três vezes,

não a voltei a ver. Eu era, pelo que parecia, a única pessoa que a via nessas ocasiões, talvez por ser o único ocupante do quarto que se encontrava acordado.

Ocasionalmente, objetos que outrora lhe pertenceram e que estavam agora sob os cuidados da governanta moviam-se, de modo a ficarem numa posição de destaque no meio da sala. Não conseguíamos ver nenhuma razão óbvia para isto, além do facto de ela querer fazer notar a sua presença.

Poucos dias mais tarde, uma grande poça de luz apareceu esporadicamente, durante algumas semanas à noite, no teto acima da minha cama. Decidi tentar descobrir a razão desta ocorrência através da escrita automática. Passado relativamente pouco tempo, numa mensagem confusa, foi-me dito que Anne Chapman queria ajuda, que tinha estado a tentar atrair a atenção de alguém. Annie, como se chamava a si própria, contou a sua história através da minha caneta.

A casa fora construída no final da década de 1880 e ela fora empregada como criada neste lar que estava familiarizado com bailes e entretenimento; a casa era aparentemente um refúgio de campo nesta altura e pertencia a um fazendeiro abastado. Por alguma razão que ela não quis revelar, tentara tirar a vida em 1890, enforcando-se, mas falhara, embora tivesse conseguido sufocar-se até ficar quase inconsciente.

Tinha sido encontrada por um homem conhecido como William, ou Bill, que estava de alguma forma ligado à sua tentativa de suicídio. Ele cortou a corda e retirou-a dali. Depois, arrastou-a de uma ponta à outra da casa, descendo por um lanço de escadas de serviço até à copa, onde finalmente lhe tirou a vida ao depositar o seu corpo inanimado, de cabeça, num barril de água, onde ela se afogou.

O horror desta atrocidade fez com que o seu espírito ficasse irrequieto, e ela continuava a assombrar os quartos e corredores da casa. Pediu-me por escrito para a ajudar, colocando por uma noite um recipiente com água em cima de uma Bíblia num quarto específico, para que pudesse encontrar a paz. Fiz isto e a luz no teto nunca mais apareceu. O seu assassino, um homem chamado William, manifestou-se em várias ocasiões.

Embora eu não tivesse desejo nem intenção de me associar a tais entidades, começava agora a parecer que a minha própria presença agia como um íman para aqueles que queriam comunicar. Estar perto de um local onde algum ato terrível fora cometido no passado parecia incitar as partes principais a reencenar o acontecimento através da minha caneta. Muitas vezes, eu era praticamente forçado a escrever, embora tentasse resistir ao impulso com todas as minhas forças.

CAPÍTULO VI

DURANTE O INVERNO de 1970 e o início da primavera, eu estivera a compilar um trabalho sobre a família Webbe da nossa aldeia para um projeto de história de nível ‘‘O’’, a partir de fontes contemporâneas guardadas no Arquivo Público de Cambridgeshire.

O meu pai possui um conjunto de quatro moedas comerciais da nossa aldeia. Há uma de meio cêntimo que ostenta o nome de Robert Halls, datada de 1667, uma moeda de John Bittin, datada de 1657, uma moeda de John Harvey e uma moeda de Robert Moore, datada de 1667. Eu queria também encontrar alguma informação relativa a estes nomes. Ao pesquisar nos registos, cedo descobri que havia menos famílias do que eu esperava, mas estas eram maiores; muitas gerações e ramos familiares viviam numa só aldeia e, frequentemente, sob o mesmo teto. Os nomes que predominavam nos documentos que eu pesquisava eram Tofts, Hockley, Onyon, Moore, Bittin, Whiffin, Paris, Milicent e Webbe.

O nome Webbe era de particular interesse para mim, mais do que os quatro nomes dos comerciantes, porque, gravado num tijolo de uma parede exterior da nossa casa, encontra-se o nome ‘‘John Webbe 1731’’. Noutros tijolos podem encontrar-se iniciais gravadas

semelhantes, tais como ‘‘J.K.K.’’, ‘‘J.P. 1799’’, ‘‘J.E.’’ e ‘‘T.W.’’. Sabíamos que uma família de nome Webbe tinha ocupado a casa em tempos e, por isso, procurei mais informações relativas aos Webbes. Documentos e referências relativos a este nome não escasseavam e rapidamente reuni uma grande quantidade de informação. Mas havia também grandes secções e períodos que estavam em falta e não constavam nos registos. Estas peças em falta significavam que muitos dos factos que eu tinha reunido estavam desligados e, portanto, incompletos. Não conseguia, por exemplo, produzir uma árvore genealógica completa porque muitos nomes não estavam registados nos documentos.

Contudo, apurei conclusivamente que a família Webbe teve origem numa aldeia vizinha no início do século dezasseis e tinha vindo em busca de fortuna para a nossa aldeia que, naquela altura, era uma terra de lãs, crescendo em prosperidade da mesma forma que muitas outras terras e aldeias circundantes. A família Webbe floresceu e cresceu muito rapidamente, ganhando riqueza e terras. Esta prosperidade atingiu o auge quando um certo Richard Webbe, Cavalheiro, possuía onze lojas e uma quantidade considerável de terras. Faleceu em 1708.

Diz-se frequentemente que a fortuna de uma família se perde em três gerações e isso aplicou-se a esta família; Robert Webbe, o filho mais velho de Richard, herdou a fortuna e vendeu parte da propriedade. Quando o seu filho, também chamado Robert, faleceu em 1756, o seu ofício era descrito nos registos como vidraceiro. A partir dessa altura, a fortuna da família declinou.

A minha presença na nossa casa, outrora ocupada durante quase trezentos anos por sucessivas gerações de Webbes, pareceu provocar o aparecimento de um certo Robert Webbe. Isto assim que comecei a passar a limpo as notas que tinha tirado sobre a sua família.

Alguns dos primeiros escritos automáticos que recebi pretendiam vir de alguém que assinava ‘‘Rob: Webbe 1733’’. Ao longo de um período de cerca de um ano, ele escreveu através da minha mão perto de cinquenta páginas de papel almaço, falando sobre a sua vida quotidiana durante os primeiros anos do século dezoito. Além disso,

nestes escritos ele reivindicava a responsabilidade por muitos acontecimentos inexplicáveis, incluindo a chegada de uma variedade de *apports* que foram encontrados pela casa. Após ter escrito vários milhares de palavras através da minha mão, pareceu desenvolver o poder de escrever por sua própria vontade, e sem que a minha mão fosse utilizada para segurar e guiar a caneta.

A minha mãe tem o hábito de escrever num pedaço de papel as refeições que planeia preparar durante a semana seguinte. Numa ocasião, anotou num envelope os dias da semana, quando foi chamada a sair antes de concluir a ementa. O lápis foi deixado em cima do papel. Quando ela regressou, algum tempo mais tarde, o envelope tinha escrito, na caligrafia característica de Webbe:

‘‘Quarta-feira. Eu proporia as pequenas pombas bravas recheadas com amêndoa. Sexta-feira. Para este dia apetecem-me carpa e molho de ervilhas. Sábado. Um lombo de porco tenro do meu homem Rob: Moore por 2 xelins e 2 dinheiros e recheio de especiarias. Domingo. Para este dia fazei uma bela refeição. Porventura o cisne e filetes de lúcio com pato comprados ao bom Rob Moore. Do meu bom homem Robert Moore uns dinheiros por um peixe inteiro.’’

Quando a minha mãe me mostrou o envelope, peguei numa caneta e escrevi eu próprio que meio quilo de toucinho custava 7 xelins e 8 dinheiros (recorrendo à moeda antiga, já que Robert Webbe não compreenderia o sistema decimal). A isto ele respondeu imediatamente, utilizando a minha mão que segurava o lápis:

‘‘Isto é do mais grandioso desregramento. Eu compro um porco inteiro ao Rob: Moore por 7 xelins.’’

Dizendo-lhe eu que uma dúzia de ovos grandes de galinha custava 6 xelins, ele respondeu:

‘‘Não posso acreditar nisto. Eu tinha as minhas próprias aves(!) mas os ovos custam apenas 2 dinheiros por doze. Sr. Moore.’’

A sua reação quando lhe disse que um casaco e calções, feitos à mão por um alfaiate, custavam cerca de 50 libras, foi:

‘‘Isto é do mais angustiante. Eu compro um belo casaco, calções, meias e um belo chapéu por 6 libras, em Cambridge.’’

A seguinte transcrição de uma ‘‘conversa’’ que mantive com ele é típica. Mostra a sua completa incapacidade de compreender a vida tal como a conheço, ou de conseguir apreender qualquer assunto fora do seu próprio ambiente passado. Tudo o que eu escrevia tinha de ser explicado em termos que ele pudesse porventura acompanhar. Ele não tinha conhecimento de carros, por isso descrevi-os como ‘‘carruagens sem cavalos’’!

‘‘Demoramos vinte minutos a viajar até Cambridge na nossa carruagem sem cavalos.’’ ‘‘Demoro cerca de uma hora ou mais através de um mau caminho e muita terra selvagem coberta em parte por bosque.’’ ‘‘Podes voar para França em vinte minutos.’’ ‘‘Isto não pode ser verdade. As aves são as únicas criaturas a voar e demora cerca de três dias a cruzar para França. Não posso acreditar em tal ridículo e disparate.’’ ‘‘Já voei para o Mediterrâneo em três horas e meia.’’ ‘‘Na verdade vejo que és um belo Bobo. Não me contes tais histórias. Talvez o filho de Barnarde saiba andar de camelo.’’ ‘‘Não estou a troçar. Só digo a verdade.’’ ‘‘Começo a duvidar de ti. Na verdade tenho um leão manso que guarda a minha casa enquanto permanece no teto.’’

Quando lhe expliquei que um carro era uma carruagem sem cavalos, ele respondeu:

‘‘Há muito tempo que não ouvia semelhante disparate. Todas as carruagens devem ter um cavalo senão ficam paradas.’’

A sua presença tornou-se de certo modo indesejada em certas ocasiões, especialmente quando começou a acender velas que temos na nossa casa, independentemente da sua posição ou do risco de incêndio. Uma noite, uma vela num castiçal foi encontrada a arder estavelmente no chão de uma casa de banho social. Perguntei-lhe por que razão acendeu a nossa vela.

‘‘Isto devo admitir ter sido feito. Devo expressar a minha gratidão por me dares no meu quarto estas belas velas que são muito melhores do que as que eu tenho. Estas velas deitam tão pouco fumo.’’

Perguntei-lhe então por que razão colocou uma vela numa posição tão improvável como no chão do quarto de banho.

‘‘Não conheço o quarto de banho de que me falas’’, escreveu ele, ‘‘mas coloquei as minhas velas na minha copa que carecia do mesmo.’’

Como, perguntei eu, acendia ele as velas?

‘‘Ora, isso é por meio de uma caixa de pederneira ou pelo fogo nos quartos. É assim que sempre acendo as minhas velas.’’

Notou-se o desaparecimento de certos objetos domésticos. Pensámos que isto pudesse ser um fenómeno de *poltergeist*, embora parecesse de algum modo improvável, já que estes itens não voltavam a ser encontrados. Além disso, encontrávamos frequentemente outro objeto que ninguém tinha visto antes, logo após um dos nossos pertences ter sumido. Foram-nos assim apresentados, ao longo de alguns meses, muitos objetos, incluindo um livro do final do século dezoito, que encontrámos página a página ao longo de um período de seis semanas no verão de 1971; um pequeno pão antigo que era muito pesado para o seu tamanho e literalmente tão duro como betão; um fóssil com o nome de Robert Webbe gravado; uma velha vela de cera de abelha; uma vidraça em forma de losango e outros itens.

Nenhum destes tinha sido visto antes, apenas ‘‘chegavam’’, sem nunca serem testemunhados a materializarem-se. Parecia provável que o próprio Webbe estivesse a remover os nossos objetos e, em contrapartida, a dar-nos itens que presumíamos que ele tivesse tirado, talvez de famílias anteriores que ocuparam a casa. Os objetos raramente eram contemporâneos do tempo de vida de Webbe, embora muitos deles fossem obviamente antigos. A nossa ideia de os objetos terem origem em Webbe foi apoiada quando ele escreveu:

‘‘Agora que perguntas, terei de confessar ter encontrado certos artigos, tais como por exemplo um belo lenço de pescoço, e alguns dos quais não sei o que são, mas guardo-os nos meus bolsos ou dou-os aos meus amigos.’’

‘‘O que mais tens tu?’’, perguntei-lhe.

‘‘Tenho também que encontrei uma pequena boneca de cera e uma bela faca de osso, um alfinete para um chapéu, um belo livro

sobre julgo que um tal Thomas Jones ou um nome assim, um pano bonito de que o bom homem John Byttine nunca viu igual.''

Perguntei se ele no-los podia devolver.

''Não posso dar-te estes por tantas razões. Primeiro não os tenho a todos, segundo alguns agradam-me e terceiro eles estão na minha casa e por isso são por direito meus.''

Tolitamente, disse-lhe um dia que tínhamos quatro moedas comerciais, ao que ele respondeu muito rapidamente:

''Devo usar tais moedas já que vós não as podeis gastar. Se as eu vir posso usá-las para pagar os meus mantimentos ao meu bom homem Robert Moore. Isto é muito belo. Agora posso pagar as minhas velas e comprar algumas poções. Devo comprar algum sebo brevemente.''

No espaço de poucos dias, para desespero do meu pai, as moedas tinham desaparecido todas. Felizmente, consegui convencer Webbe a devolvê-las.

Ficámos novamente desanimados escassos dias mais tarde quando, na parede do meu quarto, numa manhã de sábado, apareceu em letras grandes ''Rob: Webbe''. Pouco depois de termos encontrado este nome, outro numa caligrafia mais controlada apareceu, dizendo a mesma coisa. Uma hora mais tarde surgiu ainda outro, desta vez lendo-se ''Hannah Webbe 1652''.

''Diz ao Webbe que não é para escrever nas nossas paredes. Já temos que chegue para fazer sem ele nos arranjar mais trabalho'', foi-me dito pelo meu pai.

''Escreverei como quiser. São as minhas paredes e esta é a minha casa'', retorquiu Webbe.

No espaço de quinze minutos, outro nome tinha aparecido, ''Thomas Webbe 1620.''

Por volta do meio-dia, cerca de quinze nomes tinham sido rabiscados na parede apainelada e pintada de branco. Apresentavam-se em caligrafias variadas. Comuniquei novamente com Robert

Webbe para lhe perguntar por que razão estava a escrever estes nomes na parede.

‘‘Na verdade eu vi os teus próprios belos trabalhos sobre a minha família’’, alegou ele, ‘‘e decidi ajudar-te permitindo que os meus amigos e família assinassem o seu nome na parede. Debes perceber que esta é a minha parede e estou em liberdade de escrever nas minhas próprias paredes. O teu trabalho era muito belo e na maior parte muito correto.’’

Prometeu-me ‘‘meio milhar’’ de nomes que ele esperava que preenchessem algumas das lacunas do meu projeto.

‘‘Os escritos na parede apareciam durante o dia e sempre quando o quarto estava vazio'', escreveu *The Psychic Researcher* na edição de setembro de 1973. ‘‘Lápis eram deixados no quarto e apareciam rombos pelo uso após cada ocorrência... Os acontecimentos propriamente ditos, que tiveram lugar ao longo de um período de seis dias, estão extremamente bem documentados; na verdade, marcámos as paredes claramente com letras do alfabeto para que o progresso desta ‘convenção de espíritos’ pudesse ser acompanhado mais facilmente. Num dos casos, a letra T foi efetivamente incorporada no desenho dos nomes dos escritores.

Quanto aos nomes que apareceram: muitos foram rasteados em velhos registos paroquiais.

Por que haveria Robert Webbe de estar tão ansioso por chamar quinhentas testemunhas? O Matthew sente que esta foi apenas uma das ocasiões em que as provas, pelo seu mero volume, pareceram subjugar a mais cética das testemunhas.

Como é óbvio, há muito mais nisto do que apenas alguns grafiti nas paredes; visto em contexto com outras comunicações de Robert Webbe, um padrão definido emerge. Mas que papel desempenha o Matthew neste invulgar fenómeno psíquico? ‘O Matthew parece ser um catalisador’, afirmou um dos psicólogos atualmente envolvidos numa análise do caso.’’

Robert Webbe manteve a sua promessa e quinhentos e três nomes foram escritos nas paredes; incluídas nestes nomes encontravam-se

algumas assinaturas continentais, presumivelmente de mercadores, com nomes tais como Johann Oubonnet e Hugo Beaumont. Cada uma era acompanhada por uma data que parece não ter relevância particular, exceto pelo facto de, em alguns casos, eu ter constatado ser a data da morte da pessoa. A grande maioria dos nomes são apelidos familiares conhecidos da aldeia.

O Sr. Webbe faleceu, pelo que parece, de uma doença nas suas pernas; em cada duas mensagens dele vem uma queixa sobre as suas maleitas. Ele continua a pensar que está vivo e que é o dono da casa — não tem bem a certeza de por que razão vivemos nela. Há um traço particularmente dogmático no seu caráter que fica bem ilustrado pela seguinte passagem, quando tentei fazê-lo acreditar que estávamos em 1972 e não em 1727, como ele tão fervorosamente acreditava.

‘‘Se o ano é 1972 então estarei a descansar sob as pedras frias. Tem sido o ano de nosso Senhor de 1727 há perto de quatro meses. Talvez a seguir me digas que estou a viver na torre da igreja com o Diabo.’’

Foi interessante que, na altura em que ‘‘escrevi’’ isto, estávamos em abril de 1972, e por isso informei-o de que estávamos em 1972 há quatro meses. Em resposta veio:

‘‘Não te posso explicar isto. O nosso Rei Jorge subiu ao trono em 1714, o que perfaz uns 27 menos 14, 13 anos. Duvidas tu do Reinado da nossa Realeza ou és um pacóvio.’’

Após cerca de doze meses, ele tornou-se tão impetuoso, inteligível e errático nas suas declarações que dediquei a minha energia a fins mais construtivos.

Durante uma pausa a meio do período escolar no meu Período de Outono em 1971, foi sugerido pela minha mãe que eu tentasse comunicar com um artista e lhe pedisse para desenhar uma imagem para mim. Ela aventou que eu poderia tentar Sir Alfred Munnings, o famoso pintor equestre; os cavalos são um dos animais mais difíceis de desenhar e ela sabia que a minha própria aptidão para o desenho me impediria de desenhar um por mim próprio.

Tudo o que eu tinha para desenhar era um lápis e um pedaço de papel. Sentei-me e adotei o mesmo procedimento como se estivesse prestes a escrever automaticamente. Concentrei-me no pedido de que Alfred Munnings desenhasse um cavalo para mim.

1. As teorias de Lethbridge serão discutidas mais detalhadamente no Capítulo 14.

O Cientista Investiga

Quanto ao *poltergeist*, a teoria do «espírito travesso» encontrou pouca aceitação entre os investigadores, mesmo nos primórdios da investigação psíquica. A razão era simplesmente que um investigador científico prefere explicações naturais. E no que dizia respeito a *poltergeists*, havia uma série de explicações plausíveis. Eusapia Palladino conseguia fazer com que mesas se elevassem no ar. O famoso médium vitoriano Daniel Dunglas Home fazia frequentemente com que pesados objetos de mobiliário flutuassem até ao teto, enquanto ele próprio flutuava para fora de janelas do terceiro andar e regressava pela janela do outro lado da sala.

Home e Palladino afirmavam que os seus poderes vinham de espíritos; mas podiam estar a enganar-se a si mesmos. Uma das primeiras coisas que impressionou os primeiros investigadores científicos de *poltergeists* é que costumava parecer haver um adolescente perturbado na casa — geralmente uma rapariga. O próprio Lombroso tinha notado a frequência com que as adolescentes pareciam estar envolvidas nos seus casos paranormais — como a rapariga que conseguia ver com o ouvido. E a sua teoria original da «força nervosa» pareceu à maioria dos investigadores muito mais plausível do que a sua crença posterior em espíritos travessos.

Esta geração mais jovem de investigadores tinha outra razão para descartar a teoria dos espíritos. Por volta de 1909, Freud tinha tornado a maioria dos psicólogos cientes de que a mente inconsciente é uma força muito mais poderosa do que Lombroso tinha reconhecido. Lombroso tem uma secção sobre o inconsciente em *After Death—What?* e esta revela que ele pensava nele como pouco mais do que outro nome para a distração ou a inspiração poética. Freud tinha tornado as pessoas cientes de que o inconsciente é uma espécie de

oceano, cheio de correntes perigosas e monstros estranhos. Além disso, Freud enfatizou que a mais poderosa destas forças inconscientes é o impulso sexual. Poderia ser coincidência que a maioria dos casos de *poltergeist* envolva adolescentes na idade da puberdade?

Isto, claro, continua a falhar em explicar como a mente inconsciente de um adolescente perturbado pode fazer garrafas voar pelo ar. Mas, mais uma vez, a ciência tinha algumas teorias plausíveis. Em Basileia, um estudante universitário chamado Carl Jung ficou intrigado com uma prima que começou a entrar em transes na idade da puberdade e falava com vozes estranhas. E por volta da altura em que isto começou, a mesa da sala de jantar fendeu-se subitamente com um forte estalido.

Houve também uma explosão súbita num aparador, e quando olharam para dentro, descobriram que uma faca de pão se tinha despedaçado em vários pedaços. Jung suspeitou que a «doença» da sua prima era responsável por estes eventos, e cunhou o termo «fenómeno de exteriorização» para os explicar — significando mais ou menos o que Lombroso queria dizer com «força nervosa». Jung não tinha dúvidas de que era causado pela mente inconsciente, e uma experiência pessoal confirmou-o nesta perspetiva. Um dia, ele estava a discutir com Freud sobre «exteriorização» e Freud estava altamente cético. A irritação crescente de Jung causou uma sensação de queimadura no seu peito «como se o meu diafragma estivesse a ficar em brasa!». Subitamente, houve uma forte explosão na estante de livros. «Aí tem», disse Jung, «isso foi um fenómeno de exteriorização». «Disparate», disse Freud, ao que Jung respondeu: «Não é disparate, e para o provar, haverá outra explosão num momento». E ocorreu uma segunda explosão. Jung não tinha dúvidas de que tinha, de alguma forma, causado as explosões ao ficar zangado.

A maioria dos investigadores modernos de fenómenos de *poltergeist* concordaria com Jung. Uma das raras exceções foi o falecido Harry Price, que escreveu em *Poltergeist Over England*: «A minha própria perspetiva é que eles são entidades invisíveis, intangíveis, maliciosas e barulhentas...». Ele acrescenta: «Os *poltergeists* são capazes, por leis ainda desconhecidas para os nossos físicos, de extrair energia de pessoas vivas, frequentemente dos

jovens, e habitualmente de raparigas adolescentes, especialmente se sofrerem de algum distúrbio mental».

Infelizmente, a reputação de Price tem declinado continuamente desde a sua morte em 1948, com acusações de mentira, trapaça, busca de publicidade e fraude; por isso, a maioria dos investigadores psíquicos descartaria as suas perspetivas sobre *poltergeists* como uma tentativa deliberada de sensacionalismo. Além disso, o próprio Price admitiu que os *poltergeists* parecem estar ligados a energias sexuais; e descreveu como o marido da médium austríaca Frieda Weisl lhe contou que, durante o início da sua vida de casados, adornos saltavam da prateleira da lareira quando ela tinha um orgasmo sexual. Isto certamente soa ao «fenómeno de exteriorização» de Jung.

Podemos dizer, então, que o consenso de opinião moderno é que um *poltergeist* é uma pessoa, não um espírito. A perspetiva é resumida por Richard Cavendish[1]:

1. Encyclopedia of the Unexplained, p. 197.

«Como os incidentes de *poltergeist* costumam ocorrer em estreita proximidade com uma pessoa viva, os parapsicólogos tendem a considerá-los como casos de psicocinese ou PK. Dado que os incidentes de *poltergeist* são recorrentes e surgem inesperada e espontaneamente, são comummente referidos como casos de 'psicocinese espontânea recorrente' ou RSPK. Parecem ser casos inconscientes de PK, uma vez que a pessoa que parece provocá-los geralmente não tem consciência do seu envolvimento.

Algumas pessoas permanecem convencidas de que os fenómenos de RSPK se devem à ação de uma entidade incorpórea, tal como o espírito de uma pessoa falecida ou um 'demónio' que se fixou a alguma pessoa viva e que causa os incidentes por PK. No entanto, como não há evidências de tais espíritos além dos próprios fenómenos, a maioria os parapsicólogos é de opinião que os fenómenos de *poltergeist* são exemplos de PK inconsciente exercida pela pessoa em torno da qual ocorrem.»

«Psicocinese» significa, claro, «a mente sobre a matéria». E tem sido amplamente aceite pelos investigadores desde meados da década de 1930, quando o Dr. J.B. Rhine, da Universidade de Duke, realizou

uma série de experiências com um jogador que afirmava conseguir influenciar a queda dos dados ao concentrar-se neles. As experiências de Rhine mostraram que o jogador estava correto; ele conseguia, até certo ponto, influenciar os dados para fazer com que saíssem seis. Desde então, tem havido milhares de experiências semelhantes, e as evidências de PK são consideradas avassaladoras.

No entanto, tem de se admitir que mesmo os seus «intérpretes principais» — Nina Kulagina, Felicia Parise, Ingo Swann, Uri Geller — não conseguem fazer objetos voar pela sala como os *poltergeists* parecem ser capazes de fazer. A russa Kulagina chamou a atenção dos cientistas pela primeira vez quando estava no hospital após um esgotamento nervoso; os seus médicos ficaram fascinados ao ver que ela conseguia alcançar o seu cesto de costura e tirar qualquer cor de linha que quisesse sem olhar para ela.

Testaram-na e descobriram que ela conseguia, para além de qualquer dúvida, «ver» cores com as pontas dos dedos. Os seus poderes de cura também eram notáveis — por exemplo, conseguia fazer com que feridas sarassem num período de tempo muito curto simplesmente segurando a mão acima delas. Mas foi quando a testaram para PK que descobriram as suas capacidades excecionais. Conseguia sentar-se a uma mesa, fixar o olhar num pequeno objeto — como uma caixa de fósforos ou um copo de vinho — e fazê-lo mover-se sem lhe tocar.

Ela disse aos investigadores que, quando a sua concentração «funcionava», sentia uma dor aguda na coluna e a sua visão turvava-se. A sua pressão arterial subia abruptamente. O feito mais espetacular de Nina Kulagina foi fazer uma maçã cair de uma mesa. Ingo Swann, um americano, é capaz de desviar agulhas de bússola por PK. Felicia Parise, que foi inspirada a tentar «a mente sobre a matéria» após ver um filme sobre Kulagina, consegue mover pequenos objetos como palitos de fósforo e pedaços de papel. Uri Geller, o «psíquico» mais conhecido do mundo, consegue dobrar colheres esfregando-as suavemente com o dedo, e quebrar anéis de metal simplesmente segurando a mão acima deles.

Ora, Geller produziu, de facto, certos «efeitos de *poltergeist*». Em 1976, passei algum tempo com Geller em Barcelona, entrevistando-o para um livro que escrevi posteriormente sobre ele. Uma série de objetos caiu do ar quando eu estava com ele, e estes pareceram ser exemplos típicos de «teletransporte». Outro amigo, Jesse Lasky, descreveu-me como, quando Uri estava a jantar no apartamento deles, houve um ruído de ricochete como o de uma bala, e um botão de prata voou pela cozinha; tinha vindo da gaveta do quarto da esposa de Jesse, Pat.

Geller estava de pé junto ao frigorífico com uma garrafa de leite numa mão e uma lata de Coca-Cola na outra quando isso aconteceu. Outra característica estranha deste incidente é que o botão — se veio da gaveta do quarto — deve ter, de alguma forma, viajado através de três paredes para chegar à cozinha. A «interpenetração da matéria» é outra característica curiosa em muitos casos de *poltergeist*.

Mas, na altura, Geller não estava a tentar fazer com que isso acontecesse. Como descobri ao conhecê-lo, eventos estranhos parecem acontecer quando ele está por perto. Na manhã em que o fui encontrar, num escritório no West End de Londres, ele perguntou-me: «Tem alguma ligação com a Espanha?». Eu disse que não. Um momento antes de eu entrar no escritório, uma moeda espanhola tinha-se elevado do cinzeiro na secretária e flutuado até ao outro lado da sala, onde Geller e uma técnica de relações públicas estavam de pé. Posteriormente, vim a conhecer bem a R.P. ao ponto de aceitar a sua palavra de que isto realmente aconteceu.

Quando Geller deixou o apartamento dos Lasky no centro de Londres, tocou-lhes pelo intercomunicador da porta da frente e explicou com embaraço que tinha danificado a porta. Um dragão de ferro forjado que decorava o centro da porta tinha sido torcido — felizmente conseguiram forçá-lo a voltar à posição sem o partir. Geller explicou que nunca tem a certeza de quando tais coisas vão acontecer, ou mesmo se a lâmina com que se barbeia tem probabilidade de se empenar na sua mão.

Em suma, parece que mesmo os praticantes mais talentosos de psicocinese não conseguem produzir um verdadeiro «efeito de

poltergeist» à vontade. Mas então, claro, já sabemos que existe outra possibilidade interessante: que os efeitos possam ser produzidos por «Stan», aquela pessoa no outro lado do cérebro. Se há outra pessoa a viver no hemisfério direito do seu cérebro, não é possível que seja ela a responsável pela «psicocinese espontânea»?

Mas mesmo que estejamos dispostos a entreter esta hipótese, ela ainda nos deixa com a questão: como é que o cérebro direito o faz? Na verdade, existe alguma evidência, seja ela qual for, de que o cérebro direito possua poderes paranormais?

E a resposta a isto é um sim condicionado. Podemos começar com um dos mais simples e mais bem autenticados de todos os «poderes paranormais», a radiestesia. O radiestesista segura uma vara de aveleira bifurcada (ou mesmo uma vara bifurcada feita de duas tiras de um espartilho de barbatana de baleia, atadas na ponta) em ambas as mãos, de modo a que haja uma certa tensão — uma certa «elasticidade» — na vara. E quando ele caminha sobre um fluxo ou nascente subterrânea, a vara torce-se ou para cima ou para baixo nas suas mãos.

Na verdade, os radiestesistas podem procurar quase tudo, desde petróleo e minerais até uma moeda escondida debaixo do tapete. Parece que eles apenas têm de decidir o que estão a procurar, e a mente inconsciente — ou o «outro eu» — faz o resto.

Descrevi noutro local[1] como descobri, para meu próprio espanto, que conseguia praticar radiestesia. Estava a visitar um círculo de pedras erguidas chamado Merry Maidens, na Cornualha — um círculo que provavelmente remonta ao mesmo período de Stonehenge. Quando segurei a vara — feita de duas tiras de plástico atadas na ponta — de modo a dar-lhe uma certa tensão, ela respondeu poderosamente quando me aproximei das pedras. Ela torcia-se para cima à medida que eu chegava perto da pedra, e depois baixava novamente quando eu recuava ou passava por ela. O que me surpreendeu foi que não senti nada — nenhum formigueiro nas mãos, nenhuma sensação de expectativa. Parecia acontecer tão

1. *In Mysteries, p. 116.*

automaticamente como a resposta de um voltímetro num circuito elétrico.

Desde então, já mostrei a dezenas de pessoas como praticar radiestesia. É a minha própria experiência que nove em cada dez pessoas conseguem fazê-lo, e que todas as crianças pequenas o conseguem fazer. Alguns adultos têm de se «sintonizar» — aprender a permitir que a mente e os músculos relaxem — mas isto geralmente pode ser feito em poucos minutos.

Testes científicos mostraram que o que acontece na radiestesia é que os músculos se contraem — ou se Step tensionam — por vontade própria. E se o radiestesista segura um pêndulo — feito de um prumo de madeira num pequeno pedaço de fio — então o pêndulo entra num balanço circular sobre pedras erguidas ou água subterrânea — mais uma vez, através de alguma ação inconsciente dos músculos.

Outra experiência realizada por Roger Sperry lança uma luz interessante sobre a radiestesia. Ele tentou projetar luzes verdes ou vermelhas aleatoriamente no olho «cego» de pacientes com cérebro dividido (no campo visual esquerdo, ligado ao hemisfério cerebral direito). Os pacientes eram então questionados sobre qual a cor que tinha acabado de ser vista. Naturalmente, eles não tinham ideia, e as suposições mostravam uma pontuação aleatória. Mas se lhes fosse permitida uma segunda suposição, eles acertavam sempre. Podiam dizer: «Vermelho — oh não, verde...». O lado direito do cérebro tinha ouvido a suposição errada e comunicou provocando uma contração nos músculos do paciente. Era o equivalente a um pontapé por baixo da mesa.

Incapaz de comunicar de qualquer outra forma, o cérebro direito fê-lo contraindo os músculos. Parece, portanto, uma suposição razoável que isto seja também o que acontece na radiestesia. O cérebro direito sabe que há água ali em baixo, ou alguma força magnética peculiar nas pedras erguidas; comunica este conhecimento fazendo com que os músculos se tensionem, o que faz com que a vara dê um solavanco para cima.

A maioria dos «psíquicos» observa que o esforço deliberado inibe os seus poderes. Uma psíquica, Lois Bourne, escreveu:

«Uma das maiores barreiras à mediunidade é o intelecto, e o problema mais sério que tive de aprender no início da minha carreira psíquica foi a suspensão do meu intelecto. Se, durante a prática da perceção extrassensorial, eu permitisse que a lógica prevalecesse e me permitisse racionalizar as impressões que recebia e as coisas que dizia, ficaria desesperadamente perdida num conflito. É necessário que eu ignore totalmente a minha mente consciente...»

Da mesma forma, Felicia Parise descobriu que, ao início, era totalmente incapaz de causar «efeitos de PK», por mais que tentasse. Mas um dia, quando tinha recebido um choque emocional — a notícia de que a sua avó estava a morrer —, estendeu a mão para uma pequena garrafa de plástico e esta moveu-se para longe da sua mão. A partir daí, ela passou a ter o «truque» de causar PK.

Tudo isto sublinha algo que deveria ser bastante claro de qualquer forma: que, num sentido, somos todos «pacientes de cérebro dividido». O eu lógico interfere com as operações naturais do cérebro direito. É por isto que o artista tem de esperar pela «inspiração» — para que o cérebro esquerdo relaxe e permita que o direito assuma o controlo. Mozart foi um exemplo de um artista que nasceu com uma harmonia invulgar entre as duas metades do seu cérebro, e comentou uma vez que as melodias estavam sempre a «entrar-lhe na cabeça» — significando no seu cérebro esquerdo. Na maioria de nós, uma certa desconfiança em nós próprios, uma tendência para fazer perguntas, senta-se como um porteiro de mau humor entre as duas metades do cérebro. Quando ficamos sujeitos a uma tensão e preocupação crescentes, isto tem o efeito de aumentar a desconfiança do porteiro. Ele pensa que está a desempenhar um serviço útil ao manter de fora os impulsos da «outra metade». Na verdade, ele está simplesmente a isolar o eu do cérebro esquerdo e a torná-lo mais tenso e miserável. O esgotamento nervoso deve-se às tentativas cada vez mais desesperadas deste porteiro para lidar com os problemas daquela que ele considera ser a forma correta, e que é, na verdade, a pior forma possível.

O que Lois Bourne disse sobre suspender o intelecto racional parece aplicar-se à maioria das formas de «perceção extrassensorial» e capacidades paranormais. A maioria das pessoas já teve a experiência de estender a mão para atender o telefone e saber quem está do outro

lado. Toda a gente já teve a experiência de pensar em alguém de quem não ouvia falar há anos e receber uma carta dessa pessoa no próprio dia. A «perceção extrassensorial» (ESP) parece operar quando estamos relaxados e a pensar noutra coisa qualquer.

Tudo isto, então, parece oferecer uma base para uma explicação do *poltergeist*. É verdade que os poderes humanos de psicocinese parecem bastante fracos — seria muito mais convincente se pudéssemos apontar para algum médium ou psíquico que conseguisse fazer objetos voar pela sala à vontade. Mas então, talvez a explicação seja que o «porteiro» inibe os poderes naturais do cérebro direito. Mesmo os bons «médiums» não conseguem colocar-se num estado «sensível» à vontade; alguns deles precisam de entrar em transe; outros precisam de estar na disposição mental correta. Os médiuns de transe que tentam «trabalhar normalmente» (ou seja, quando bem acordados) consideram frequentemente isso exaustivo e frustrante, porque o «censor» continua a meter-se no caminho. Portanto, se o *poltergeist* é algum poder ou força peculiar residente no cérebro direito, talvez isto explique por que razão não pode ser invocado à vontade, mesmo por psíquicos dotados como Uri Geller.

A radiestesia também nos fornece uma explicação possível para a origem dessa força. Em alguns radiestesistas, a presença de água subterrânea produz um efeito tão poderoso que entram em convulsões violentas. Um dos mais famosos radiestesistas franceses, Barthélemy Bléton, descobriu os seus poderes acidentalmente aos 7 anos de idade; levava a refeição do pai para os campos quando se sentou num determinado local e se sentiu enjoado e fraco. A escavação neste local revelou um poderoso fluxo subterrâneo. Da mesma forma, uma senhora idosa que é membro da British Society of Dowsers descreveu numa conferência, há alguns anos, como conseguia pegar num grande ramo do chão e este girava na sua mão como um ponteiro até indicar água.

Se a vara de radiestesia está a responder a alguma força magnética, seja na água ou nas pedras erguidas, parece possível que esta mesma força, canalizada através do cérebro direito, pudesse fornecer a energia para os efeitos de *poltergeist*.

Parece, então, que o investigador psíquico moderno está numa posição muito melhor do que o seu predecessor de há um século quando se trata de construir teorias sobre o paranormal. O reconhecimento das «duas pessoas» dentro das nossas cabeças pode ser o passo mais importante alguma vez dado nesta direção.

Dito isto, é necessário admitir que a maior parte do mistério permanece inexplicada. A «hipótese psicométrica» de Lodge e a teoria dos «vampiros» de Lethbridge podem fornecer uma explicação para a maioria dos fantasmas — mas e quanto a todos aqueles casos em que as testemunhas insistem que o fantasma se comportou como se as visse? Mais uma vez, seria certamente conveniente se pudéssemos explicar o *poltergeist* em termos de «psicocinese inconsciente». Mas por que razão nenhum psíquico foi capaz de duplicar os efeitos de *poltergeist*? Não é realmente uma resposta dizer que eles não aprenderam a ligar e desligar o poder. Muitos psíquicos conseguem ligar e desligar outros poderes — telepatia, psicocinese, segunda vista. Então, por que não os efeitos de *poltergeist*?

Estas perguntas incómodas relembram-nos de que existem outras a que não conseguimos responder. No caso do *poltergeist* de Lombroso na Via Bava, que partia garrafas, por que razão parou ele de as partir quando a esposa se ausentou pela primeira vez? Se Lombroso estiver correto, e o *poltergeist* fosse um «espírito» que extraía a sua energia das pessoas, então temos a nossa explicação. O espírito precisava da energia tanto da esposa como do jovem empregado para partir garrafas e louça. Quando a esposa se ausentou pela primeira vez, ele perdeu metade do seu fornecimento de energia e decidiu descansar. Mas, na segunda vez que ela se ausentou, amaldiçoou-o, e ele fez um esforço especial para ser desagradável. Para fazer isto, teve de recorrer à «energia vestigial» que ela tinha deixado nos pratos e noutros objetos em que tinha tocado. Quando o jovem empregado foi finalmente despedido, a esposa sozinha não conseguia fornecer energia suficiente para as suas necessidades e ele foi para outro lado...

A investigação psíquica moderna tem uma tendência para ignorar tais questões. Prefere distinções diretas. Se houver um «médium» presente (ou, como dizemos agora, um «foco»), então trata-se de um *poltergeist*; se não, então é um fantasma.

Mas mesmo esta distinção agradavelmente simples revela-se menos útil do que parece. Os próprios «espíritos» parecem não gostar de ser rotulados e frequentemente recusam-se a ater-se ao seu papel apropriado. Um caso que começa como uma assombração comum pode evoluir para uma assombração por *poltergeist*, e vice-versa. E depois, apenas para confundir a questão, os espíritos identificam-se ocasionalmente como demónios e manifestam-se sob a forma altamente perturbadora conhecida como «possessão». Este assunto é tão complexo que merece um capítulo próprio.

Por volta da altura em que Lombroso morreu, em 1909, a investigação psíquica estava num impasse. O Espiritismo continuava a florescer; mas, enquanto investigação científica, tinha parado. A razão pode ser vista por qualquer pessoa que leia *Footfalls on the Boundary of Another World*, de Owen, e depois passe para *After Death—What?*, de Lombroso. Os livros foram publicados com cinquenta anos de diferença; no entanto, poderiam ambos ter sido escritos exatamente ao mesmo tempo. Lombroso oferece alguma «evidência científica», por meio de algumas experiências de telepatia; de resto, apresenta exatamente o mesmo tipo de evidência que Robert Dale Owen tinha apresentado. Havia imensa evidência de fantasmas, de *poltergeists*, de telepatia, de precognição, de «experiências fora do corpo» e de uma dúzia de outras variedades de experiência «paranormal». Mas a evidência parecia não levar a lado nenhum.

Um caso notável tinha até provado a vida após a morte, para satisfação da maioria dos investigadores de mente aberta. Tratava-se das célebres «correspondências cruzadas». Por volta de 1904, três dos principais fundadores da SPR — Henry Sidgwick, Frederick Myers e Edmund Gurney — estavam mortos, e parecia lógico esperar que, se estivessem vivos noutro mundo, tentassem comunicar através de médiuns.

No ano anterior, uma psíquica chamada Sra. Holland, irmã de Rudyard Kipling, começou a receber mensagens escritas — através de escrita automática — que pareciam muito mais inteligentes e ponderadas do que a generalidade de tais textos. E em 1904, outra psíquica, a Sra. Verrall — esposa de um professor de Cambridge —,

também recebeu algumas mensagens, uma das quais incluía as palavras «Regista os pedaços, e quando encaixados eles farão o todo».

E tornou-se lentamente claro que os «remetentes» alegavam ser os espíritos de Sidgwick, Myers e Gurney, e que o que tentavam era uma «prova» de tal complexidade que não haveria qualquer possibilidade de fraude. Na verdade, pareciam estar a utilizar um grande número de médiuns — outras incluíam a Sra. Flemming, a Sra. Forbes e a famosa médium americana Sra. Piper — para produzir um complexo quebra-cabeças ou enigma, dando a cada mulher apenas uma parte do enigma, de modo a que não pudesse haver qualquer dúvida de que não havia conluio entre elas. Infelizmente, os enigmas eram tão complexos que seria necessário um pequeno livro apenas para dar um esboço simples. Um exemplo típico é o seguinte:

In 1906, a Sra. Flemming produziu um texto que continha as palavras *Alvorada, Entardecer e Manhã*, uma referência a folhas de louro e o nome *Laurence*. Seis semanas mais tarde, a Sra. Verrall escreveu uma mensagem que mencionava «loureiro» e uma biblioteca. A Sra. Piper saiu de um transe a falar de loureiro, «negro» e uma frase que soava como «mais cabeça». A Sra. Flemming produziu mais textos que se referiam a *Noite e Dia, Entardecer e Manhã*, e também uma referência ao túmulo de Alexandre com folhas de loureiro. E, eventualmente, todas estas pistas apontavam para o túmulo dos Médici na Igreja de San Lorenzo, em Florença.

Tinha sido projetado por Michelangelo e continha a sua escultura da *Noite e o Dia, o Entardecer e a Manhã*. O emblema de Lorenzo de Médici era o loureiro, e perto dos túmulos fica a Biblioteca Laurenziana. Alexandre (ou Alessandro) de Médici era meio negro; após o seu assassinato, o seu corpo foi escondido no túmulo de Giuliano. «Mais cabeça» era na verdade «cabeça de Mouro» — a cabeça de um negro. Este enigma só foi resolvido quatro anos após a primeira «pista», e não podia haver questão de telepatia entre as médiuns, uma vez que elas não compreendiam do que se tratava.

No geral, o caso das correspondências cruzadas é um dos mais impressionantes — talvez o mais impressionante — na história da investigação psíquica. É verdade que as várias «pistas» são tão

complicadas que poucas pessoas se deram ao trabalho de estudar o caso. No entanto, a própria complexidade do código indica, pelo menos, que este teve origem num nível de inteligência muito mais elevado do que a maioria das mensagens de espíritos. Além disso, elimina eficazmente a objeção de que os espíritos nunca têm nada de interessante a dizer.

Se os «espíritos» de Myers, Gurney e Sidgwick falharam em convencer o mundo da realidade da vida além-túmulo, um divulgador muito mais habilidoso e vistoso preparava-se agora para se lançar no projeto.

Harry Price, caçador de fantasmas extraordinário, afirmava ter nascido em Shrewsbury, filho de um próspero fabricante de papel. Uma brilhante biografia crítica de Trevor Hall, *The Search for Harry Price*, revela que ele era, na verdade, filho de um merceeiro mal-sucedido e que tinha nascido em Londres, em 1881. Desde essa altura até por volta dos seus 40 anos, parece ter-se sustentado com uma variedade de empregos, incluindo caixeiro-viajante, fabrico de medicamentos patenteados, jornalismo e realização de concertos de gramofone.

O que é certo é que o seu interesse de toda a vida pelo ilusionismo começou aos 8 anos de idade, quando viu um mágico itinerante e vendedor de medicamentos patenteados, o Grande Sequah, a fazer uma demonstração pública. Price começou a colecionar livros sobre magia e tornou-se um mágico especialista. Pode ter sido o interesse pela magia que o levou a juntar-se à Society for Psychical Research em 1920 — a SPR estava então, como agora, muito ocupada a tentar detetar fraudes em médiuns.

E.J. Dingwall, que era na altura Diretor de Investigação da Sociedade, perguntou a Price se gostaria de ir com ele a Munique, para assistir a algumas sessões de um notável médium alemão, Willi Schneider — um de dois irmãos. O homem que organizava as sessões era o investigador alemão, Barão von Schrenck-Notzing, amigo de Lombroso e autor de um livro de sucesso sensacional chamado *Materialisation Phenomena*, que tinha despertado um ceticismo generalizado na Alemanha quando apareceu em 1914. O próprio

Schrenck-Notzing era uma espécie de divulgador vistoso, e Trevor Hall sugere que Harry Price seguiu o seu exemplo com empenho e decidiu que esta era a forma de alcançar a fama de que ansiava. (Ele admitia francamente que sempre quisera ter o seu nome no *Who's Who*.)

Os irmãos Schneider, Willi e Rudi, os membros mais dotados a nível psíquico de uma família psíquica, nasceram em Braunau-am-Inn e, de acordo com um amigo da família, os fenómenos começaram depois de terem passado um serão a brincar com um tabuleiro Ouija. Willi tinha então — em 1916 — atingido a idade da puberdade e a família ficou perturbada por fortes ruídos de pancadas.

Depois, objetos começaram a mover-se e Willi viu um fantasma na sala de estar. Os vizinhos ficaram tão alarmados com o barulho que a família esteve prestes a desocupar o apartamento. Por meio do tabuleiro Ouija, tentaram questionar o «espírito», que se identificou como uma rapariga chamada Olga Lindtner, a qual afirmava ser uma reencarnação da notória Lola Montez. No devido tempo, Willi entrou em transe e Olga falou através dele.

Apesar das dúvidas mais tarde levantadas por Harry Price — depois de se ter zangado com os irmãos —, não pode haver dúvidas de que os fenómenos eram genuínos. O romancista Thomas Mann assistiu a uma sessão e registou como, enquanto pressionava firmemente os joelhos de Willi entre os seus e duas outras pessoas lhe seguravam as mãos, um lenço flutuou no ar, uma sineta começou a tocar e depois flutuou no ar, uma caixa de música tocou e as teclas de uma máquina de escrever foram premidas. Mann ficou convencido de que a fraude era impossível.

Harry Price e E.J. Dingwall testemunharam ocorrências semelhantes e também viram uma mão branca que se materializou à frente deles; não tiveram qualquer dúvida sobre a genuinidade dos fenómenos e afirmaram-no numa palestra na SPR. Mas, como forma de manter as suas opções em aberto, Price ajudou a editar e a publicar um livro chamado *Revelations of a Spirit Medium*, no qual um falso médium descrevia os truques do ofício.

Em 1923, Price meteu conversa com uma jovem enfermeira num comboio; o seu nome era Stella Cranshawe. Ficou fascinado ao saber que ocorriam fenómenos ligeiros de *poltergeist* em redor dela — uma sensação semelhante a uma brisa, movimento de pequenos objetos, ruídos de pancadas e lampejos de luz. Nesta altura, Price sabia o suficiente sobre investigação psíquica para perceber que a rapariga era provavelmente, sem o saber, uma médium. Persuadiu-a a deixar-se investigar. E na primeira sessão, uma mesa pesada levitou e moveu-se pela sala em duas pernas, soaram pancadas, luzes piscaram e a temperatura na sala desceu consideravelmente. (Em sessões posteriores tornou-se mesmo muito baixa.)

Noutra sessão, a mesa atingiu Harry Price no queixo, depois três das suas pernas partiram-se, o tampo partiu-se em dois pedaços e a mesa inteira desfez-se em estilhas. A própria Stella achava todos estes fenómenos bastante aborrecidos e, após casar-se em 1928, recusou-se a participar em mais experiências. É possível, de qualquer forma, que os seus poderes tivessem desaparecido com o casamento; muitos investigadores notaram que existe uma ligação entre a frustração sexual e os «efeitos de *poltergeist*», e que tais efeitos cessam quando o «foco» leva uma vida sexual normal. (Ela também pode ter sentido que as sessões eram más para a sua saúde — frequentemente deixam o médium exausto.)

Em 1926, Price deparou-se com um dos casos de *poltergeist* mais notáveis de todos os tempos. Em fevereiro de 1925, uma rapariga camponesa romena de 13 anos chamada Eleonora Zugun foi visitar a sua avó à aldeia de Buhai e, no caminho, encontrou algum dinheiro à beira da estrada, que gastou em doces. A sua avó, que tinha 105 anos e reputação de bruxa, disse a Eleonora que o dinheiro tinha sido deixado pelo diabo e que ela ficaria agora possuída pelo diabo. No dia seguinte, choveram pedras sobre a casa, partindo janelas, e pequenos objetos perto de Eleonora elevaram-se no ar.

Eleonora foi rapidamente enviada para casa, em Talpa, e os fenómenos continuaram lá. Um jarro cheio de água elevou-se lentamente no ar e flutuou ao longo de vários pés. Uma arca balançou para cima e para baixo. Uma tigela de papas atingiu um visitante na cabeça e causou-lhe uma ferida feia. Eleonora foi enviada para um

mosteiro vizinho e, depois, encerrada num manicómio. Um investigador psíquico conseguiu que a retirassem de lá e a levassem de volta para o mosteiro. Ali, ele testemunhou todo o tipo de coisas a voar pelo ar. O «espírito» também começou a esbofetear a rapariga.

Depois, uma condessa com interesse em investigação psíquica — Zoé Wassilko-Serecki — ouviu falar de Eleonora, foi vê-la e levou-a consigo para Viena. Eleonora ficou encantada com a sua nova vida no apartamento da condessa e começou a receber formação como cabeleireira.

E os fenómenos de *poltergeist* continuaram — indicando, talvez, que um *poltergeist* não precisa de um adolescente psicologicamente «perturbado» para as suas manifestações. A condessa observou o que a maioria dos outros investigadores de atividade de *poltergeist* notou: que o *poltergeist* parece não gostar que ninguém o veja realmente a mover objetos; a condessa reparou que vários artigos pequenos caíam do ar sem serem vistos a mover-se do seu lugar original. O *poltergeist* — ou *dracu* (demónio), como Eleonora lhe chamava — comunicava por escrita automática e até falava algumas frases numa «voz sussurrada e sem tom». Mas o que ele tinha a dizer indicava que o seu nível de inteligência era extremamente baixo.

O *dracu* também esmurrava e esbofeteava Eleonora, atirava-a para fora da cama, puxava-lhe o cabelo, enchia-lhe os sapatos com água (o *poltergeist* parece ser capaz de criar água, como veremos) e roubava os seus pertences favoritos. Em março de 1926, começou a arranhá-la e a mordê-la, bem como a espetar-lhe agulhas. As marcas de mordeduras ficavam frequentemente húmidas com saliva.

Price deslocou-se a Viena no final de abril de 1926 e ficou logo convencido de que este era um *poltergeist* genuíno. Levou-a para Londres, onde ela foi submetida a testes laboratoriais. O movimento de objetos era menos violento do que em Viena, mas as mordeduras e os arranhões continuavam a aparecer. Um dia, quando ela estava a atar um embrulho em frente a várias testemunhas, soltou um suspiro e apareceram marcas de dentes no seu pulso, surgindo depois arranhões no antebraço, nas bochechas e na testa.

De regresso a Viena, o movimento de objetos cessou, mas os arranhões e as mordeduras continuaram, agora frequentemente acompanhados por quantidades de uma cuspidela desagradável. Submetida a análise química, descobriu-se que esta fervilhava de microrganismos (ao passo que a própria saliva de Eleonora estava relativamente livre deles). Quando ela foi a Berlim para ser estudada por Schrenck-Notzing, um investigador chamado Hans Rosenbusch acusou-a de fazer batota — com a cooperação da condessa; mas isto parece ser típico do ceticismo extremo de certos investigadores. Finalmente, em 1927, o «espírito» cansou-se de a atormentar e foi-se embora. Ela mudou-se para Czernowitz, na Roménia, e geriu um negócio de cabeleireiro bem-sucedido.

A condessa estava convencida de que a própria Eleonora — ou melhor, a sua mente inconsciente — era responsável pelos ataques: acreditava que Eleonora tinha impulsos sexuais poderosamente desenvolvidos e que estes estavam fixados no seu pai (parece que ela tinha ficado impressionada por Freud); portanto, os «ataques» eram uma forma de autopunição. Harry Price tendeu a concordar, comparando as mordeduras aos «estigmas» que aparecem nas mãos de santos e fanáticos religiosos.

No entanto, ao lermos o relato dos sofrimentos de Eleonora às mãos do *dracu* (há um excelente relato em *Poltergeists*, de Alan Gauld), estas explicações parecem cada vez mais absurdas. Uma rapariga não continua a arranhar-se e a morder-se a si própria durante dois anos porque se sente culpada em relação aos seus desejos sexuais, particularmente se se vir transformada, como a Cinderela, na protegida de uma condessa rica. Então, o que aconteceu exatamente?

Claramente, a avó foi de alguma forma responsável por «despoletar» os ataques. Eleonora tinha atingido a idade — 13 anos — em que tais coisas acontecem; não era particularmente feliz no seu ambiente atual em Talpa, por isso havia um sentimento subjacente de frustração. Os camponeses são supersticiosos e, quando a avó lhe disse que a partir dali ela pertenceria ao diabo e nunca se veria livre dele, o efeito deve ter sido traumático. As energias de Eleonora começaram a «verter».

E alguma entidade delinquente viu a sua oportunidade e fez uso delas. Pode ou não ser relevante que a sua avó tivesse reputação de bruxa. Se a magia — e presumivelmente a bruxaria — faz uso de «espíritos», como sugere Guy Playfair, então a casa da sua avó pode ter sido o pior local possível para uma adolescente frustrada como Eleonora. (Esta questão da bruxaria é um assunto ao qual voltaremos no Capítulo 10.)

Quanto a Harry Price, continuou a sua carreira triunfante como o principal Diretor de Relações Públicas do mundo dos espíritos. Investigou o caminhar sobre o fogo e o truque da corda indiana, organizou sessões, foi fotografado em «camas assombradas» (com o «Professor» Joad) e encenou uma experiência no topo do Brocken para tentar transformar um bode num jovem. (Esta foi um fracasso.) Price adorava publicidade e não perdia uma oportunidade para ser fotografado por jornalistas.

Ficava encantado por tantos correspondentes parecerem pensar que o seu nome era Sir Harry Price. No entanto, também tornou o público geral consciente da investigação psíquica de uma forma que nunca antes tinha acontecido. Como Price enfatizava que era um cético e um cientista, e não um espírita, as pessoas levavam-no mais a sério do que levavam um «crente» como Conan Doyle ou Sir Oliver Lodge. Quando anunciou, em 1933, que sentia agora que Rudi Schneider poderia ser uma fraude e apresentou uma fotografia que parecia mostrá-lo a fazer batota durante uma sessão, as pessoas sentiram que ele estava a demonstrar uma honestidade inabalável. (Na verdade, a fotografia veio mais tarde a revelar-se uma farsa; o motivo de Price foi quase de certeza um desejo de se vingar de Rudi por este, na sua perspetiva, o ter «abandonado» por outro investigador, Lord Charles Hope, cujas conclusões Price denunciou.)

Contudo, apesar da sua ânsia por publicidade e do seu desejo de entrar no *Who's Who*, Price fez muito trabalho importante e valioso durante estes anos. Num certo sentido, a sua motivação é irrelevante; ele era um entusiasta genuíno da investigação psíquica. A maioria das suas investigações não era espetacular: apenas o trabalho rotineiro e diário de um investigador paciente, sentando-se com médiuns,

psicometristas, curandeiros, operadores de milagres. E, se alguma coisa, Price tinha tendência para ser excessivamente crítico.

Na Noruega, visitou a casa do Juiz Ludwig Dahl e teve uma sessão com a filha do juiz, Ingeborg, cujos «guias» eram os seus dois irmãos mortos. Embora não a considerasse uma farsa absoluta, Price não ficou impressionado. No entanto, um dos irmãos mortos profetizou que o pai deles morreria a 8 de agosto de 1934, sete anos mais tarde, e este foi precisamente o dia em que ele morreu devido a um acidente vascular cerebral durante um mergulho.

Um caso que certamente merece menção em qualquer relato da carreira de Price é o curioso assunto do mongo falante de Cashen's Gap. Este esteve longe de ser um dos sucessos de Price; no entanto, continua a ser um mistério intrigante. Em 1932, Price ouviu falar de um agricultor chamado Irving, em Cashen's Gap, na Ilha de Man, que tinha feito amizade com um mongo que conseguia falar várias línguas. Também conseguia ler mentes e cantar hinos. Price não conseguiu encontrar tempo para ir à Ilha de Man, mas um amigo seu, o Capitão M.H. Macdonald, ofereceu-se para ir.

Parecia que a família Irving — que (significativamente) tinha uma filha de 13 anos chamada Voirrey — andava a ser perturbada por ruídos vindos de trás dos painéis de madeira da casa: ladridos, sons de escarros e de sopros. O agricultor ficou à espreita com uma espingarda, sem sucesso, e tentou colocar veneno; a criatura eludiu-o. Então, o agricultor tentou comunicar com ela, fazendo vários ruídos de animais; para seu espanto, ela parecia ser capaz de os imitar. Voirrey tentou rimas infantis e ela começou a repeti-las. Finalmente, mostrou-se — uma criatura pequena com uma cauda peluda que afirmava ser um mongo. Chamaram-lhe Gef. E Gef disse-lhes que era da Índia. O Sr. Irving raramente via Gef, exceto de relance, enquanto este corria ao longo de uma viga, mas Voirrey e a Sra. Irving viam-no frequentemente cara a cara.

Macdonald chegou à quinta a 26 de fevereiro de 1932 e não viu nada. Quando saiu para ir para o seu hotel, uma voz estridente gritou: «Vai-te embora! Quem é aquele homem?». O agricultor disse que se tratava de Gef. No dia seguinte, enquanto Macdonald tomava chá com

os Irving, uma agulha grande fez ricochete no bule; e Irving comentou que Gef estava sempre a atirar coisas. Mais tarde, ele ouviu a voz estridente no andar de cima a falar com Voirrey e com a Sra. Irving; quando ele chamou a perguntar se o mongo desceria, la voz gritou: «Não, não gosto de ti». Ele tentou subir as escadas sorrateiramente, mas o mongo ouviu um degrau ranger e gritou: «Ele vem aí!». E, a partir de então, Macdonald não viu nem ouviu mais nada de Gef.

De acordo com Irving, que mantinha um diário, Gef falava numa língua que afirmava ser russo, cantava em espanhol e recitava um poema em galês. Ele matava coelhos para eles — por estrangulamento — e deixava-os lá fora. Afirmava ter feito visitas à cidade mais próxima e contava aos Irving o que várias pessoas andavam a fazer; Irving verificava e descobria que ele estava correto. Conseguia dizer a Irving o que estava a acontecer a dez milhas de distância sem sair da quinta. E quando lhe perguntavam se era um espírito, Gef respondia: «Sou um espírito preso à terra».

Em março de 1935, Gef disse a Irving que tinha arrancado alguns pelos da sua cauda e os tinha deixado sobre a prateleira da lareira; estes foram enviados a Price, que os mandou examinar. Revelaram ser pelos de cão — provavelmente do cão de pastor (*collie*) da quinta.

Quando Harry Price era mencionado, Gef dizia que não gostava dele porque ele «tinha o seu barrete de duvidar posto». E quando Price finalmente visitou Cashen's Gap, a visita foi uma perda de tempo. Gef só voltou para a quinta depois de Price ter saído. E este foi, virtualmente, o fim da história — embora Macdonald tenha feito uma segunda visita à quinta e ouvido novamente o mongo falar com a sua voz estridente.

É possível, claro, que os Irving fossem impostores. Mas causaram aos investigadores a impressão de serem honestos. E é difícil ver por que razão, se queriam atenção, haveriam de inventar algo tão bizarro como um mongo falante. Por que razão haveria Irving de convidar Price para ficar alojado se fosse simplesmente um impostor? O que parece bastante mais provável é que Gef fosse um *poltergeist* — um «espírito preso à terra», como ele próprio afirmava. Voirrey era uma rapariga solitária que tinha acabado de atingir a puberdade. As

perturbações começaram como a maioria das perturbações de *poltergeist*, com ruídos na madeira, arranhões e outros sons. Mais tarde, pequenos objetos voaram pelo ar, e assumiu-se que Gef os tinha «atirado». Mas ele também parecia ser capaz de causar «ação à distância»: quando uma panela de água se virou no fogão e ensopou os sapatos de Irving, este assumiu que tinha sido Gef.

A clarividência também soa a *poltergeist*, bem como o conhecimento dos assuntos de outras pessoas. E parece estranho que os coelhos fossem estrangulados — o que não é o método normal de caça de um mongo. Na verdade, o caso Gef parece pertencer à zona de fronteira entre o *poltergeist* direto e o elemental ou duende. (Em meados do século XIX, como Robert Dale Owen assinala, a palavra *poltergeist* era habitualmente traduzida por duende.)

Trevor Hall é de opinião que o caso de *poltergeist* que Price afirmava ter sido a sua primeira experiência de «caça aos fantasmas» foi pura invenção, e pode muito bem ter razão — Price diz que este ocorreu quando tinha 15 anos numa aldeia que chama Parton Magna, mas como o resto dos pormenores diz respeito aos seus familiares ricos e ao seu regresso a um colégio privado (*public school*), estamos provavelmente seguros ao assumir que nunca aconteceu. Mas com Price, nunca se pode ter a certeza. Em *Confessions of a Ghost Hunter* (1936), ele tem um capítulo chamado «Os Estranhos Feitos de um Poltergeist de Londres», no qual afirma ser forçado a disfarçar os nomes e a localização por ter ocorrido muito recentemente. Mas o caso que ele passa a descrever está perfeitamente bem documentado e é, de facto, um dos mais notáveis deste século.

Ocorreu na verdade no n.º 8 da Eland Road, em Battersea, e começou a 29 de novembro de 1927, quando pedaços de carvão, pedaços de soda de lavagem e moedas de cobre começaram a chover sobre o teto do jardim de inverno. A casa era ocupada por um inválido de 86 anos, Henry Robinson, pelo seu filho Frederick (27), pelas suas três filhas e por um neto de 14 anos, Peter. Quando alguns dos objetos em queda partiram os vidros, eles chamaram a polícia. Enquanto o guarda estava no jardim das traseiras, um pedaço de carvão derrubou-lhe o capacete. Ele correu para o muro do jardim e içou-se — mas não estava ninguém por perto. A lavadeira dos Robinson ficou aterrorizada

quando entrou na lavandaria e encontrou o local cheio de fumo e uma pilha de brasas em brasa no chão; ela despediu-se.

Então o *poltergeist* começou a entrar no seu ritmo — e era um espírito excecionalmente destrutivo. Adornos desfaziam-se contra as paredes, peças de mobiliário viravam-se, janelas eram partidas. Quando mudaram o velho do seu quarto, uma enorme cómoda tombou; escassos minutos depois, o cabide do átrio começou a mover-se e partiu-se em dois quando Frederick tentou segurá-lo.

Em janeiro, uma jornalista desempregada chamada Jane Cunningham passava pela casa quando ouviu um estrondo tremendo. Um jovem em mangas de camisa saiu a correr. Jane agarrou no seu bloco de notas e entrou para investigar. Desta vez, o *poltergeist* tinha desfeito o jardim de inverno por completo, exatamente como se lá tivesse colocado uma bomba — por todo o jardim havia vidro, pedaços de carvão e soda de lavagem — e moedas de um cêntimo. A sua reportagem sobre a ocorrência levou a um interesse generalizado da imprensa pelo caso.

Price foi ver a casa e o *poltergeist* atirou um acendedor de gás que passou por ele; de resto, não aconteceu grande coisa. Pouco tempo depois, Frederick teve um esgotamento mental e teve de ser enviado para o hospital. Cadeiras marcharam pelo corredor em fila pirilampa. Quando a Sra. Perkins — a mãe do rapaz, Peter — tentava pôr a mesa, as cadeiras continuavam a espalhar toda a louça. Price assumiu que Peter era o «foco» e sugeriu que ele fosse enviado para fora; ele foi ficar com familiares no campo. Mas o *poltergeist* permaneceu. Objetos continuaram a ser atirados de um lado para o outro. O velho teve de ser transferido para o hospital e uma das filhas adoeceu. A polícia só pôde aconselhar a família a desocupar a casa temporariamente, o que eles fizeram, ficando em casa de amigos.

Uma médium realizou uma sessão na casa e começou a tremer. Mas não teve sucesso em identificar o «espírito». Price fez outra visita, com um jornalista, e mais objetos foram atirados — embora não quando alguém estivesse a observar. Finalmente, Frederick Robinson regressou do hospital psiquiátrico onde tinha sido internado

e mudou rapidamente toda a família para outro local. Este foi virtualmente o fim da história.

No entanto, houve um pós-escrito. Price tinha ouvido dizer que pequenos pedaços de papel com escrita tinham flutuado do ar. Frederick, farto de todo o assunto, recusou-se a comentar. Mas muitos anos mais tarde, em 1941, quebrou o silêncio no jornal espírita *Two Worlds*, afirmando que pedaços de papel tinham caído do ar e que alguns deles continham escrita feita por minúsculos furos de alfinete. (A Vidente de Prevorst também produzia folhas de papel com desenhos geométricos feitos pelo mesmo método.) Uma destas mensagens dizia: «Estou a passar um mau bocado aqui. Não consigo descansar. Nasci durante o reinado de Guilherme, o Conquistador». Estava assinada «Tom Blood». Outras mensagens estavam assinadas «Jessie Blood».

O *poltergeist* de Battersea parece ser em tudo típico da espécie. Se era ou não genuinamente um espírito preso à terra desde os dias de Guilherme, o Conquistador, deve permanecer em dúvida; os *poltergeists* não são necessariamente fidedignos. (Mas, como mostra o caso Rocha (ver p. 282), os mortos não têm a noção do tempo a passar.) O principal mistério do caso é onde ele obtinha a energia para continuar a «assombração» depois de o rapaz, Peter, ter saído — pois parece razoável assumir que ele era o «foco». A resposta pode ser fornecida pela observação de Price de que nas traseiras da casa ficava um hospital psiquiátrico.

Price sugeriu na verdade que alguns pacientes ex-combatentes deste hospital poderiam ter atirado os pedaços de carvão (mas isto é provavelmente um exemplo do seu desejo de ser considerado um cético pragmático). Os mentalmente perturbados são frequentemente os «focos» de atividade de *poltergeist*, pelo que parece possível que o «espírito» tenha encontrado um reservatório conveniente de energia excedente mesmo do outro lado do muro do jardim.

O caso com o qual o nome de Price ficou mais amplamente associado é, escusado será dizer, o da Reitoria de Borley. E apesar do «desmistificar» que teve lugar desde a morte de Price em 1948, este continua a ser uma das assombrações mais interessantes do século

XX. Após a morte de Price, um volume inteiro dos *Proceedings of the Society for Psychical Research* foi dedicado a *The Haunting of Borley Rectory*, «A Critical Survey of the Evidence», por Dingwall, Trevor Hall e Kate Goldney. Eles alegam que Price provavelmente produziu alguns dos fenómenos de «*poltergeist*» ele próprio ao atirar seixos — o que, pelo nosso conhecimento de Price, deve ser admitido como possível. A sua conclusão geral é de que existem tantas dúvidas que seria provavelmente mais simples considerar a assombração de Borley como uma história de fadas.

Mas isto é ignorar o facto de que as histórias de assombrações eram comuns muito antes de Price entrar em cena e continuaram depois de ele a ter deixado. Quem quer que sinta que o estudo da SPR prova que Price era um mentiroso deve ler o longo relato sobre Borley em *Gazetteer of British Ghosts*, de Peter Underwood, com os relatos em primeira mão do próprio Underwood a partir de entrevistas com testemunhas.

A Reitoria de Borley foi construída em 1863 no local da Casa Senhorial de Borley, que por sua vez parece ter sido construída no local de uma abadia beneditina. Foi construída pelo Reverendo H.D.E. Bull. É difícil precisar os primeiros «avistamentos» conhecidos, mas é claro que, durante o período de permanência de Henry Bull, várias pessoas viram a aparição de uma freira. O próprio Henry Bull conhecia a lenda de que uma freira e um monge beneditino tinham tentado fugir, tinham sido apanhados e tinham sido ambos mortos, tendo a freira sido emparedada viva. A filha de Bull, Ethel, confirmou numa carta a Trevor Hall em 1953 que tinha acordado e encontrado um homem estranho de pé junto à sua cama, e que tinha sentido alguém sentar-se na cama em várias ocasiões; ela também contou a Peter Underwood como, a 28 de julho de 1900, ela e as suas duas irmãs viram todas uma figura semelhante a uma freira a deslizar ao longo do «Caminho da Freira», aparentemente a rezar o terço. A outra irmã, Elsie, viu a freira, que parecia bastante sólida, e foi perguntar-lhe o que queria; a freira desapareceu.

Após a morte do Reverendo Henry Bull, o seu filho, o Reverendo Harry Bull, assumiu a reitoria. Ele estava interessado em investigação psíquica e afirmava ver muitos fantasmas. A sua filha contou a Price

que ele tinha visto uma carruagem fantasma lendária (na qual se supunha que os amantes tinham fugido) e que, um dia no jardim, o cão de caça (*retriever*) tinha ganido de terror, olhando em direção a umas pernas visíveis sob uma árvore de fruto. Bull, pensando que se tratava de um caçador furtivo, seguiu as pernas enquanto estas caminhavam em direção a uma porta falsa; ponto em que percebeu que o «caçador furtivo» estava, de alguma forma, incompleto. O par de pernas desapareceu através da porta sem a abrir.

Harry Bull morreu in 1927 e a reitoria esteve vazia até 1928, altura em que o Reverendo Guy Smith e a sua esposa se mudaram para lá. Numa noite de tempestade, houve um toque furioso da campainha da porta; quando Smith lá chegou, não encontrou ninguém. Aconteceu novamente mais tarde — um toque tão prolongado que Smith conseguiu chegar à porta antes de este parar; novamente, não estava ninguém. Depois disso, todas as chaves de todas as salas caíram das fechaduras durante a noite; mais tarde, desapareceram. Depois, começaram a ouvir passos de chinelos. Pedras foram atiradas — pequenos seixos. Luzes eram acesas. Um dia, a Sra. Smith pensou ter visto uma carruagem puxada a cavalos na alameda de acesso. O Sr. Smith pensou ter ouvido alguém sussurrar «Não faças isso, Carlos, não faças isso», enquanto caminhava para a capela.

Os Smith decidiram contactar o *Daily Mirror*, que perguntou a Harry Price se estaria disposto a acompanhar um investigador. Eles contaram a Price a sua história e deram-lhe todas as facilidades para investigar. Mas, no espaço de nove meses, já tinham tido o suficiente do lugar — talvez porque a sua canalização deixasse muito a desejar — e mudaram-se para Norfolk. De acordo com o relatório da SPR, os Smith só chamaram o *Daily Mirror* porque estavam preocupados com todas as histórias de que a casa estava assombrada e queriam tranquilizar os seus paroquianos obtendo uma certidão de bom comportamento para o local.

Esta história parece, à partida, absurda. Além disso, existe uma carta do Sr. Smith para Harry Price que afirma: «Borley está indubitavelmente assombrada». (É verdade que a Sra. Smith escreveu uma carta ao *Church Times* em 1929 a dizer que não acreditava que a casa estivesse assombrada, mas isto parece ter sido uma tentativa

tardia de estancar a vaga de publicidade sensacionalista que se seguiu à história do *Daily Mirror*.)

Em outubro de 1930, a reitoria foi assumida pelo Reverendo L.A. Foyster e pela sua esposa, Marianne, muito mais jovem. Foyster, por estranho que pareça, tinha vivido perto de Amherst na altura do caso Esther Cox, e o estudo da SPR dá muita importância a esta coincidência; no entanto, parece duvidoso que o vigário tentasse forjar perturbações seguindo o modelo da sua experiência anterior. Certamente, o período de Foyster assistiu às exibições mais espetaculares do *poltergeist* de Borley. Foyster mantinha um diário das perturbações. Campainhas eram tocadas, tijolos atirados, passos ouvidos e água de um jarro derramada sobre o casal quando estava na cama. Foyster foi mesmo acordado por uma pancada violenta na cabeça desferida pela sua própria escova de cabelo. Viram uma série de aparições, incluindo a freira e um clérigo que foi identificado como o Reverendo Henry Bull, o construtor da reitoria. Escrita apareceu nas paredes, a pedir que fosse rezada uma missa e a pedir «Luz».

Existe muita confirmação independente de todos estes eventos. Um juiz de paz chamado Guy L'Estrange visitou Borley a convite dos Foyster e escreveu um longo relato sobre o assunto. Assim que chegou, viu uma figura ténue perto do alpendre, que desapareceu assim que se aproximou. A Sra. Foyster tinha uma contusão na testa — algo «como o punho de um homem» tinha-a atingido na noite anterior. Os Foyster estavam a falar a L'Estrange sobre fogos misteriosos que continuavam a deflagrar em divisões fechadas à chave quando se ouviu um forte estrondo no átrio; encontraram-no juncado de louça partida.

Depois, garrafas começaram a voar por todo o lado. L'Estrange nota que pareciam aparecer subitamente no ar. As garrafas vinham de um depósito exterior fechado à chave. Todas as campainhas começaram a tocar, fazendo um clamor ensurdecedor — mas todos os fios das campainhas tinham sido cortados. L'Estrange gritou: «Se alguma pessoa invisível está presente, por favor pare de tocar por um momento». Instantaneamente, as campainhas pararam — pararam abruptamente, como se cada badalo tivesse sido agarrado por uma mão invisível. Mais tarde, sentado sozinho em frente à lareira,

L’Estrange ouviu passos atrás de si; voltou-se, mas a sala estava vazia. Os passos tinham vindo de uma parte da parede onde outrora existira uma porta. Na cama, L’Estrange sentiu a divisão ficar gélida e viu uma espécie de forma a materializar-se a partir de uma mancha de luminosidade; caminhou em direção a ela e teve a sensação de algo a tentar empurrá-lo para trás. Falou com ela e esta desapareceu lentamente. Teve mais sorte do que outro visitante que pensou que a figura fantasmagórica era alguém a pregar uma partida e tentou agarrá-la; levou um forte soco no olho.

O reitor e outros tentaram rezar na capela, levando consigo uma relíquia do Cura de Ars, e depois percorreram a casa fazendo sinais da cruz. Finalmente, passaram todos a noite no Quarto Azul, onde Henry Bull (e outros) tinham morrido; pediram que a entidade parasse de perturbar os habitantes da casa; uma sombra negra começou a formar-se contra a parede, desfazendo-se depois. Mas, após isto, uma paz temporária desceu sobre a Reitoria de Borley.

Em 1935, os Foyster decidiram que já tinham tido o suficiente e mudaram-se. Price arrendou la reitoria em 1937 e organizou a entrada de uma equipa de investigadores. Mas os fenómenos principais tinham terminado. Mesmo assim, o investigador principal, Sidney Glanville, um engenheiro reformado, ficou completamente convencido da realidade da assombração. Em março de 1938, a equipa estava a fazer experiências com uma *planchette,* que escreveu a mensagem de que Borley seria destruída pelo fogo.

Isto aconteceu em fevereiro de 1939, quando a casa ardeu misteriosamente até aos alicerces. Contudo, os fenómenos continuaram; uma equipa de Cambridge que investigava as ruínas ouviu passos, viu manchas de luz e registou quedas bruscas e súbitas de temperatura.

Em agosto de 1943, Price decidiu tentar escavar nas caves de Borley — o que lhe tinha sido aconselhado por uma mensagem de *planchette* que afirmava vir de «Glanvil» — o mesmo Glanvil que escreveu o relato do tamborileiro de Tedworth. Encontraram um jarro de leite, que também tinha sido referido pela *planchette*, e alguns fragmentos de um crânio humano. O osso da mandíbula mostrava

sinais de um abcesso profundo — Peter Underwood especula que é por isso que a freira fantasma parecia sempre infeliz.

O estudo da SPR sobre Borley, que apareceu oito anos após a morte de Price, teve o efeito de minar seriamente o seu crédito. *The Search for Harry Price* (1978), de Trevor Hall, completou o trabalho de destruir a sua reputação. No entanto, embora isto não deixe dúvidas de que Price mentiu sobre as suas origens — talvez romanceou fosse uma palavra melhor — e ansiou por fama, não apresenta provas de que Price não fosse exatamente o que sempre afirmou ser: um investigador científico entusiasta de fenómenos paranormais.

Assumir que, pelo facto de Price querer ser considerado um «cavalheiro», era também desonesto como investigador paranormal é, sem dúvida, má psicologia. Price era um daqueles homens ambiciosos que anseiam por uma via de escoamento para as suas energias. Tinha 40 anos antes de encontrar a oportunidade que procurava — muito tempo para um homem com o temperamento impaciente de Price. Esta surgiu quando Dingwall o convidou a ir a Munique para estudar os irmãos Schneider. A partir de então, Price tinha descoberto a sua vocação; finalmente, tinha encontrado a via de que necessitava para a sua energia explosiva e romantismo. E quando um homem tão energético e romântico como Harry Price encontra finalmente o que procura, não corre o risco de estragar tudo com uma pequena trapaça barata. Basta um único escândalo para destruir a reputação de um cientista. Mas colocar as coisas desta forma é implicar que Price disciplinou a sua desonestidade natural unicamente para manter a sua reputação, e isto é falhar o ponto fulcral: que, uma vez que um homem encontra a sua vocação, verte nela tudo o que tem de melhor.

Bernard Shaw deixou uma descrição interessante do socialista Edward Aveling, que foi companheiro de Eleanor Marx; ele era um sedutor inveterado e um devedor que nunca pagava as suas dívidas, no entanto, no que dizia respeito ao socialismo, era ferozmente sincero. Tudo o que sabemos sobre Price revela que, no que tocava à investigação psíquica, ele era totalmente dedicado — embora não estivesse acima de agarrar publicidade onde quer que a pudesse encontrar.

Resumindo, não seria vantajoso para ele fingir que os fenómenos de Borley eram genuínos quando não o eram. A sua reputação baseava-se tanto no seu ceticismo como no seu apoio à realidade dos fenómenos psíquicos. Possivelmente — como a maioria de nós — ele era capaz de esticar um facto quando este apelava ao seu romantismo. Mas, no caso de Borley, não havia necessidade de esticar factos. A assombração de Borley não repousa apenas na evidência de Price; existem dezenas de outras testemunhas, tais como Guy L'Estrange — ou Dom Richard Whitehouse, citado por Underwood —, que testemunharam quase o mesmo número de ocorrências incríveis: objetos a voar, toque de campainhas, escrita nas paredes, deflagração de incêndios, materialização de garrafas.

E haverá evidências de que Price esticou os factos? O estudo da SPR cita como exemplo da sua desonestidade o episódio do par de pernas que Harry Bull viu caminhar através da porta falsa. Price diz, reconhecidamente, que quando o homem emergiu de trás das árvores de fruto, estava sem cabeça. Mas o relatório passa depois a citar as notas originais de Price, que dizem: «Rev. Harry Bull viu carruagem, Juvenal, [cão] aterrorizado e rosnou.

Viu pernas de homem, resto escondido por árvores de fruto, pensou caçador furtivo, seguiu com Juvenal, porta fechada, mas viu pernas desaparecer através da porta». Claramente, o que Bull viu desaparecer através da porta não foi um homem completo, caso contrário Price não se referiria apenas às pernas. Soa como se a metade superior do seu corpo estivesse em falta — caso em que, sem cabeça, é uma descrição justa.

O que parece claro de todos os relatos do caso é que o próprio «terreno» está assombrado, e continua a sê-lo. Borley é um «lugar de poder», o género de local que seria escolhido para um mosteiro, e que provavelmente albergou algum local de culto pagão muito antes disso (Ver Capítulo 15). Nos primórdios da Reitoria, o próprio Harry Bull — filho do Reverendo Henry Bull — era provavelmente o foco ou médium inconsciente; Paul Tabori diz que ele era provavelmente dotado a nível psíquico.

Isto é sustentado pelo facto de o jovem Bull ver tantos dos «fantasmas», incluindo a carruagem e a freira. É importante perceber que nem todas as pessoas conseguem ver fantasmas. O «caçador de fantasmas» Andrew Green descreve, em *Our Haunted Kingdom*, uma visita que ele e outros membros da Ealing Psychical Research Society fizeram a Borley em 1951:

«Um dos membros da Sociedade agarrou-me no braço e, embora obviamente aterrorizado, passou a descrever um fantasma que conseguia ver a cerca de trinta pés à sua frente, de pé na extremidade do 'Caminho da Freira'. Tratava-se de uma mulher com um longo vestido branco, e movia-se lentamente em direção ao fundo do jardim negligenciado... a testemunha transpirava abundantemente de medo e, mais tarde, de irritação por eu ter falhado em ver o fantasma.»

Green tinha apenas ouvido o sussurro das árvores e dos arbustos, como se algo estivesse a caminhar pela vegetação rasteira. Podemos assumir, então, que se Green tivesse sido inquilino de Borley antes da sua destruição, provavelmente não teria visto fantasmas. Bull era, ao que parece, suficientemente «médium» para ver os fantasmas. E Marianne Foyster era uma médium muito mais poderosa que alterou o caráter da assombração para atividade de *poltergeist*.

(A maioria das mensagens rabiscadas nas paredes era dirigida a ela.) A razão pela qual a investigação subsequente de Borley (durante o período de permanência de Price) foi tão mal-sucedida prendeu-se com o facto de não estar presente nenhum médium para fornecer a energia.

Questionado sobre o «sistema de linhas de ley» da área de Borley, o especialista em *leys* Stephen Jenkins respondeu o seguinte: «Norfolk e Suffolk são uma teia de aranha de alinhamentos, muitos dos quais estão ligados a manifestações curiosas. A igreja de Borley ergue-se num nó onde quatro linhas se cruzam, uma indo da igreja de Asher para a igreja de Sproughton...». Após dar mais pormenores sobre o sistema de *leys*, ele continua:

«A minha esposa fotografou-me enquanto eu estava de costas voltadas para a parede sul do adro da igreja de Borley, às dez horas da manhã de sábado, dia 1 de setembro de 1979. Recentemente, esta foi

emprestada para um artigo de revista, e o editor enviou-me gentilmente uma ampliação. Nada menos do que três pessoas, nenhuma delas conhecida das outras, notaram em ocasiões separadas na ampliação alguns rostos estranhos — e não muito atraentes — entre as árvores perto da igreja. As mesmas identificações foram feitas sem possibilidade de conluio.

Mais dramático do que rostos inesperados numa fotografia, que podem sempre ser explicados como 'simulacros' ou algo de errado com a emulsão, é um incidente de domingo, dia 28 de agosto de 1977, na estrada a norte de Belchamp Walter Hall. A hora era precisamente 12h52, e conduzíamos para sudoeste ao longo da estrada secundária que marca a extremidade norte dos terrenos do Hall, quando na estrada à frente, no ato de virar à esquerda para a sebe (quero dizer à nossa esquerda, cruzando o trajeto do carro), apareceram instantaneamente quatro homens de preto — achei-os encapuzados e de capa — a carregar um caixão preto, à moda antiga, ornadamente guarnecido de prata.

A impressão causada em ambos foi de uma absoluta presença física, de uma realidade material completa. A Thelma e eu concordámos imediatamente em fazer notas separadas sem comparar impressões. Fizemo-lo, e as descrições coincidiram exatamente, exceto que ela notou o carregador da frente à esquerda voltar o rosto para ela. Eu não vi isto, pois estava a travar abruptamente na altura.

O que eu tinha visto como um capuz, ela descreveu como um chapéu alto e macio, com uma espécie de lenço a cair para o ombro esquerdo, atirado através do corpo de capa para a direita. O rosto era o de uma caveira.

No dia seguinte, voltámos ao local exato, precisamente à mesma hora, e tirámos uma fotografia. É um diapositivo a cores da Kodak. Na sebe, perto da aberta onde o 'grupo fúnebre' desapareceu (há ali um caminho que leva ao adro da igreja de Belchamp Walter), encontra-se uma figura baixa, aparentemente de capa, com o rosto voltado para baixo e com uma cúpula semelhante a uma caveira na cabeça. Um ano mais tarde, voltei para examinar a área onde ela aparentemente estivera de pé. Não havia nada, nenhum poste ou tronco que pudesse

ter fornecido tal imagem, nem havia o mais pequeno sinal de o terreno ter sido perturbado pela remoção de algo que pudesse ter estado ali enraizado. A imagem está simplesmente ali na película — não vimos nada de errado à vista desarmada.

Aquela estrada secundária ao longo da margem norte da propriedade de Belchamp Walter coincide precisamente com uma linha que passa pelo nó na água a oeste de Heaven Wood. Esse próprio nó ligava-se ao nó em Borley.»

Ele acrescenta um pós-escrito: «Atrevo-me a adivinhar que o traje do carregador do caixão é do final do século XIV. Parece não haver nenhuma lenda local de um funeral fantasma».

Se Price inventou os fantasmas de Borley, deve ter estado em conluio com um número notável de pessoas.

«Não gostava de [Harry Price] porque ele era um homem difícil de se gostar. Era intensamente egoísta, ciumento e focado na sua própria glória a todo o custo, mas estas fraquezas do seu caráter não retiram valor à sua investigação como um investigador honesto e um desmascarador implacável de fraudes. Esta foi a característica resplandecente da sua vida.»

Estas palavras foram escritas por outro homem que merece ser recordado como um dos caçadores de fantasmas proeminentes do século XX. Ao contrário de Price, Nandor Fodor parece não ter tido uma grande compulsão para alcançar a glória pessoal; o resultado é que, desde a sua morte em 1964, o seu nome foi em grande parte esquecido e a maioria dos seus livros está esgotada. Contudo, pelo menos um dos seus livros — o seu relato do caso do *poltergeist* de Thornton Heath — merece o estatuto de clássico.

Fodor nasceu na Hungria em 1895, estudou direito, tornou-se depois jornalista e visitou a América. Em 1926, entrevistou dois homens notáveis: Hereward Carrington, o investigador psíquico, e Sándor Ferenczi, um dos discípulos mais proeminentes de Freud. Fodor ficou simultaneamente fascinado pela psicanálise e pela investigação psíquica e, no devido tempo, tornou-se ele próprio psicanalista.

Previsivelmente, portanto, a sua análise de casos de *poltergeist* é dominada pela convicção de que estes têm uma origem sexual. Mas como — como vimos — existe uma grande quota-parte de verdade nesta perspetiva, as crenças psicanalíticas de Fodor distorceram a sua visão bastante menos do que é frequentemente o caso com os freudianos.

Fodor assistiu à sua primeira sessão na casa de um conhecido médium americano, Arthur Ford, em outubro de 1927, e o que ouviu ali não lhe deixou dúvidas de que os mortos podem comunicar. Na penumbra, uma trombeta elevou-se no ar e, depois, uma voz começou a falar. Vários parentes de pessoas que estavam presentes vieram então e (aparentemente) falaram através do médium. Fodor perguntou depois se o «guia» poderia trazer alguém que falasse húngaro. Era, talvez, um pedido irracional, mas um excelente teste para o médium. E, após alguns momentos, uma voz falou a partir do ar dizendo: «Fodor, jornalista», utilizando a pronúncia alemã da palavra — tal como o pai de Fodor fazia.

Depois, a entidade procedeu a falar com Fodor em húngaro. A voz identificou-se como o pai de Fodor e mencionou vários parentes; chamou o seu irmão mais velho pelo seu nome carinhoso. O «espírito» estava a ter grande dificuldade em comunicar — porque, explicou o guia, era a primeira vez que tentava falar. O guia ajudou ao dizer a Fodor que o seu pai tinha falecido a 16 de janeiro. O «espírito» terminou dizendo «Isten Áldjon meg. Édes fiam» — «Deus te abençoe, meu querido filho». Depois disto, outro húngaro manifestou-se — o falecido irmão da esposa de Fodor, que estava presente. Mencionou que o «pobre Tio Vilmos» estava doente e ficaria cego. E, no devido tempo, foi exatamente isso que aconteceu ao Tio Vilmos.

Surgiu mais tarde que o médium — um homem chamado Cartheuser — conseguia falar húngaro. No entanto, isto dificilmente ajuda a explicar o seu conhecimento sobre o pai de Fodor e a profecia sobre o Tio Vilmos. Cartheuser também tinha um impedimento na fala, devido a um lábio leporino; as vozes não tinham tal impedimento.

Fodor veio para Inglaterra para trabalhar para Lord Northcliffe — proprietário do *Daily Mail* — e, no seu tempo livre, compilou uma *Encyclopedia of Psychic Science*, que continua a ser uma das melhores disponíveis (uma nova edição combina-a com uma obra semelhante de Lewis Spence). Após publicar o livro, em 1934, Fodor teve experiência em primeira mão da natureza ambígua dos «fenómenos psíquicos». Ouviu falar de um notável médium húngaro chamado Lajos Pap, um carpinteiro, cuja especialidade era fazer aparecer em sessões «aportes» de aves, animais e escaravelhos vivos. Em junho de 1933, Fodor assistiu a uma dessas sessões em Budapeste. Pap foi despido e revistado, sendo depois vestido novamente com uma túnica de pano luminoso, para que os seus movimentos no escuro pudessem ser claramente vistos.

Dois homens seguravam os pulsos de Pap durante a sessão, embora ele pudesse mover as mãos com as mãos deles sobre si. Numa sessão de uma hora, Pap tateou no ar e produziu trinta escaravelhos vivos, muitos deles com uma polegada de comprimento. Também produziu um cato com terra nas raízes e uma roseira. Noutras ocasiões, Pap tinha produzido aves, lagartas, libelinhas, cobras e um peixe-dourado vivo. O seu «guia», o Rabino Isaac (que afirmava ter vivido seiscentos anos antes na Galícia), tinha sentido de humor. Numa sessão, surgiu uma pistola de brinquedo e foram disparadas várias fulminantes; o Rabino afirmou ter morto a tiro vinte e um grilos e, após a sessão, foram encontrados grilos mortos na sala.

Noutra ocasião, surgiram nove pedaços de neve suja durante a sessão, que se provou estar misturada com estrume de cavalo e palha. A temperatura na sala era de 72 graus Fahrenheit, pelo que teria sido difícil manter a neve sem derreter por muito tempo se estivesse escondida sob a túnica do médium.

Fodor organizou a vinda de Lajos Pap para Londres. Numa sessão ali realizada, apareceu uma cobra morta com mais de dois pés de comprimento. Fodor ficou impressionado; mas insistiu, apesar de tudo, em que Pap fizesse um exame de raio-X para descobrir se poderia ter alguma coisa secretada no corpo. Para surpresa e desgosto de Fodor, provou-se que Pap usava uma cinta de linho e barbatana de baleia sob a túnica. Ele disse que era uma espécie de funda para

hérnia, porque tinha um rim descaído; mas Fodor decidiu com pesar que era ali que a cobra morta tinha sido escondida, e que tinha sido retirada através da gola da túnica.

Consequentemente, no seu relatório subsequente, «The Lajos Pap Experiments», Fodor concluiu que os poderes psíquicos de Pap deviam ser considerados como «não provados». No entanto, acrescenta: «Nem estaria disposto a declará-lo uma fraude e nada mais do que uma fraude. Há demasiado tempo que a investigação psíquica é vítima da ilusão fatal de que um médium é ou genuíno ou fraudulento. É uma suposição mínima que a mediunidade signifique uma dissociação de personalidade. Havia imensa evidência de que Lajos Pap sofria de tal dissociação».

De facto, Pap continua a ser considerado um médium não fraudulento, e os relatos das suas sessões nas quais apareciam aves e insetos vivos parecem indicar que os seus poderes eram notáveis.

Fodor tinha sido nomeado Diretor de Investigação do International Institute for Psychical Research. Em novembro de 1936, foi-lhe pedido que investigasse um caso de assombração por *poltergeist* em Aldborough Manor, em Yorkshire. As campainhas para chamar os criados tinham tocado quase sem parar durante cinco dias, portas tinham-se aberto e fechado por vontade própria e duas criadas tinham visto um fantasma acima de um berço antigo. Lady Lawson-Tancred, que vivia na casa, tinha receio de ter de se mudar se a assombração continuasse. Mas quando Fodor chegou, esta já tinha terminado.

Uma das duas criadas tinha tido um esgotamento nervoso e saído. As campainhas tinham tocado durante a noite em que ela saiu e na manhã seguinte, parando depois. Para Fodor, portanto, era claro que a criada era o «foco» da perturbação. O seu esgotamento nervoso foi provavelmente causado pelo «dreno» das suas energias provocado pelo *poltergeist.* A outra criada, uma rapariga muito bonita, também tinha um poder estranho sobre os animais; os pássaros pousavam-lhe nos ombros e os ratos corriam para as suas mãos.

Lady Lawson-Tancred pensou que ela também poderia estar ligada às perturbações e despediu-a. (Fodor parece ter-lhe explicado a

diferença entre um *poltergeist* e uma assombração real, dado que a própria casa parece concentrar as forças negativas, como em Borley.) Após isto, Aldborough Manor tornou-se pacífica.

A mesma solução foi encontrada no caso de um *poltergeist* de Chelsea que perturbava uma casa com as suas pancadas. Fodor foi à casa, em Elm Park Gardens, e ouviu as batidas ele próprio — disse que eram como golpes de martelo. Fodor procurou pelo foco e logo o encontrou: uma criada de 17 anos chamada Florrie. Meteu conversa com ela e ela contou-lhe que esta não era a sua primeira experiência de pancadas misteriosas — o mesmo tinha acontecido em casa quatro anos antes, quando tinha 13 anos. As crianças foram todas enviadas para fora e, quando regressaram, as pancadas tinham parado. Claramente, Florrie estava completamente alheia de que tinha sido a «causa» das pancadas.

Fodor disse ao proprietário da casa, o Dr. Aidan Redmond, que Florrie era provavelmente a médium inconsciente. Nessa noite, os golpes foram como fogo de metralhadora. O Dr. Redmond, com pesar, despediu Florrie. E o silêncio desceu sobre a casa.

Em julho de 1936, Fodor investigou um caso no qual a distinção entre fantasma e *poltergeist* se torna difusa; este foi em Ash Manor, em Sussex, e ele disfarça a família sob o nome de Keel. Está entre as histórias de fantasmas mais notáveis alguma vez registadas.

A casa foi comprada pela família em junho de 1934; quando disseram que não podiam pagar o preço exigido, o proprietário baixou a sua exigência de forma tão surpreendente que os Keel decidiram que deveria haver algo de errado com o lugar, provavelmente o saneamento. Mas a esposa logo começou a ter sensações extremamente desagradáveis num quarto que tinha sido usado para os criados. (O proprietário anterior disse que eles tinham fugido.)

As primeiras manifestações foram ruídos vindos do sótão. Mas esta divisão não tinha soalho — apenas as vigas nuas. Em novembro de 1934, o Sr. Keel foi acordado por três fortes pancadas na sua porta. Dirigiu-se ao quarto da esposa, mais abaixo no corredor — ela também as tinha ouvido. Isto aconteceu às 3h da manhã. Na noite seguinte, houve dois baques na porta à mesma hora e, na noite

seguinte, um baque forte. Keel ausentou-se em negócios por alguns dias e, quando regressou, decidiu ficar acordado até às 3h da manhã para ver se algo acontecia. Nada aconteceu e ele adormeceu. Depois, uma pancada violenta acordou-o. Embora o quarto estivesse escuro, conseguia ver com bastante clareza um homem baixo, de certa idade, vestido com uma túnica rústica (*smock*) verde, com calções lamacentos e um lenço à volta do pescoço. Parecia tão sólido e normal que Keel ficou convencido de que se tratava de um intruso e, ao não obter resposta, saltou da cama e tentou agarrá-lo. A sua mão atravessou-o e Keel desmaiou.

Quando recuperou os sentidos, correu para o quarto da esposa, balbuciando de forma incoerente, e a esposa saiu a correr para ir buscar um pouco de brandy. Fora do quarto do marido, viu os pés e as polainas de um homem, olhou depois para cima e viu o mesmo homem idoso e baixo. Também ela foi capaz de o ver com bastante clareza no escuro, embora ele não parecesse brilhar. Observou que ele usava um chapéu em forma de tigela, que o seu rosto era muito vermelho, «os olhos malévolos e horríveis», e que a sua boca se babava.

Também lhe perguntou quem era e o que queria. Quando ele não deu resposta, tentou bater-lhe. O seu punho atravessou-o e ela magoou os nós dos dedos no umbral da porta. O marido estava desmaiado no quarto dela na altura, pelo que não tinha tido oportunidade de descrever o homem que vira; foi apenas mais tarde que se aperceberam de que ambos tinham visto o mesmo fantasma.

Depois disto, continuaram a ver o homem idoso e baixo de verde várias vezes por semana. Também ouviam passos e pancadas.

O velho geralmente atravessava o quarto de Keel, surgindo da chaminé no patamar, e desaparecia num armário que outrora fora um esconderijo para padres (*priest hole*). Passado algum tempo, a família deixou de ter medo dele. A esposa descobriu que conseguia fazê-lo desaparecer estendendo um dedo e tentando tocar-lhe. À terceira vez que o viu, o velho ergueu a cabeça e a Sra. Keel pôde ver que ele tinha a garganta cortada e a traqueia saliente. Um dia, ouviu passos pesados a aproximarem-se ao longo do corredor e pensou tratar-se do marido.

A porta do seu quarto — que estava trancada — abriu-se de rompante e passos invisíveis ecoaram ruidosamente pela divisão (embora o chão estivesse alcatifado), subindo depois em direção ao teto, como se estivessem a subir uma escada. Uma alçapão no teto abriu-se de rompante e os passos continuaram no sótão — mais uma vez, soando como se estivessem sobre tábuas de soalho, embora estas tivessem sido retiradas. Um cão que estava no quarto ficou aterrorizado. Pat, a filha de 16 anos da Sra. Keel, estava a dormir no quarto da mãe e testemunhou todo o episódio. O homem que lhes vendeu a casa contou-lhes que tinha existido uma escada no quarto, a qual ele mandara retirar para a substituir pela lareira.

Dois investigadores psíquicos que foram chamados declararam que a casa fora construída no local de um círculo de pedras druídico, e que isso explicava por que razão estava assombrada. O fantasma, disseram, era um homem chamado Henry Knowles, que cortara a garganta em 1819 quando uma leiteira o rejeitara.

Na qualidade de Diretor de Investigação do International Institute, Fodor foi chamado para investigar; trazia consigo a Sra. Maude ffoulkes, que também publicou a história da casa senhorial no seu livro *True Ghost Stories* mais tarde nesse ano (fornecendo assim uma confirmação independente da história). Um fotógrafo amador tinha conseguido tirar uma fotografia de uma forma ténue no patamar assombrado, pelo que Fodor levou o seu próprio equipamento fotográfico.

Fodor tinha agora experiência suficiente de assombrações para procurar a infelicidade na casa. A filha, Pat, pareceu-lhe nervosa e muito ciumenta de qualquer atenção dada à mãe, e admitiu sofrer de acessos de fúria. Na primeira noite, nada aconteceu. Na vez seguinte, Fodor dormiu no «quarto assombrado», mas, para além de pesadelos terríveis, não teve nada a registar. Decidiu pedir a ajuda da famosa médium americana Eileen Garrett, que por acaso se encontrava em Inglaterra. No final de julho, a Sra. Garrett deslocou-se à casa e teve imediatamente fortes impressões psíquicas.

O fantasma, disse ela, era um homem que tinha estado preso ali perto. Tinha existido um palácio real nas proximidades e o homem

fora torturado. Ele tinha algo a ver com um rei chamado Edward. As suas observações subsequentes sugeriram que o «fantasma» que via não era o mesmo velho, pois descreveu-o como tendo feições aguçadas, cabelo loiro, e disse que tinha participado numa rebelião contra o seu meio-irmão, o rei. (De facto, existiam dois castelos reais na área, Farnham e Guildford.)

A Sra. Garrett entrou em transe e foi assumida pela sua personalidade de transe, Uvani, um árabe. Uvani fez o comentário interessante de que as assombrações só ocorrem quando existe alguém num «mau estado emocional» que consegue revivificar velhas memórias infelizes. Havia maus estados emocionais nesta casa, disse Uvani. «A vida não pode morrer», disse Uvani, «pode-se explodir o seu dinamismo, mas não se pode dissipar a sua energia. Se sofreu onde a vida sofreu, a essência que outrora preencheu a estrutura retirará de si algo para dramatizar e viver novamente». Cerca de quinhentas jardas a oeste desta casa, disse Uvani, existira uma prisão na primeira parte do século XV, e muitos homens e mulheres desafortunados tinham morrido ali. «Há dezenas de almas infelizes por aqui.» (O início do século XV foi o período da batalha de Azincourt, de Joana d'Arc e de muitas revoltas e rebeliões. A conspiração contra Eduardo IV — pelo seu irmão, o Duque de Clarence — deu-se em 1470.)

«De acordo com isto», diz Fodor[1], «o nosso fantasma era um autómato espetral, que vivia de vida emprestada de destroços humanos — uma conceção fascinante que era muito diferente das conceções espíritas comuns e muito condenatória para os proprietários da casa».

1. *The Haunted Mind, Capítulo 8.*

Uvani disse então que permitiria que o fantasma tomasse posse do corpo da Sra. Garrett. A médium ficou rígida e a sua respiração tornou-se difícil. Parecia estar a tentar falar, mas era incapaz. O «espírito» apontou para os seus lábios, bateu-lhes como que para sinalizar que era mudo e depois apalpou a garganta com cuidado. Fez sinal a Fodor e depois agarrou-lhe a mão num aperto tão poderoso que Fodor uivou de dor. Embora outra pessoa presente tentasse ajudá-lo a

libertar a mão, foi impossível. A mão de Fodor ficou dormente e esteve inutilizada durante dias após a sessão.

O «homem» atirou-se de joelhos em frente de Fodor, parecia estar a suplicar e estalava a língua como se tentasse falar. Depois chamou «Eleison, eleison» — suplicando por misericórdia com as palavras da missa. Consciente de que o fantasma o tomava pelo seu carcereiro, Fodor tentou tranquilizá-lo e disse que estavam a tentar ajudá-lo. Finalmente, o homem pareceu acalmar-se e sentou-se. Começou a falar num inglês medieval estranho (infelizmente, não existiam gravadores de fita naqueles dias — teria sido fascinante ter um exemplo autêntico do inglês do período de Chaucer) e falou sobre o Conde de Huntingdon, chamando-lhe ingrato.

Pediu a Fodor que o ajudasse a encontrar a esposa e depois enfureceu-se contra o Duque de Buckingham (talvez o que liderou uma rebelião contra Ricardo III no final do século XV). Parecia que o Duque de Buckingham tinha oferecido ao homem «longos acres e ducados» em troca da esposa, tendo-o depois traído. O espírito identificou-se como Charles Edward Henley, filho de Lord Henley. Numa folha de papel, escreveu o seu nome, depois «Lord Huntingdon» e a palavra «Esse», que era o nome medieval da aldeia perto da casa senhorial. Fez a curiosa afirmação de que Buckingham, o amigo da sua infância, tinha «forçado os olhos dela», sendo «ela» a sua esposa Dorothy. Acrescentou: «*Malgré* o seu pai estar sepultado em Esse», e continuou: «Sendo tu amigo, provaste ser um irmão, não me deixes, mas ajuda-me a alcançar a minha vingança».

Lembrando-se de que, segundo os ensinamentos do Espiritismo, é o remorso ou o desejo de vingança que frequentemente mantém os espíritos presos à terra, Fodor e outro participante, um Dr. Lindsay, tentaram afincadamente persuadir o espírito a abandonar o seu ódio. Finalmente, este pareceu concordar, gritando depois: «Segurem-me, segurem-me, não posso ficar, estou a escorregar...». Depois desapareceu e a Sra. Garrett acordou.

Durante esta sessão, os Keel tinham estado presentes. A Sra. Keel perscrutou de perto o rosto da médium enquanto «Henley» falava

através dela e ficou horrorizada ao ver que este se parecia agora com o velho que ela tinha visto.

Mas teria o fantasma sido acalmado? Aparentemente não. Algum tempo depois, Keel telefonou a Fodor para lhe dizer que o velho estava de volta, de pé na ombreira da porta e a tentar falar.

O Dr. Lindsay, que estivera presente na sessão, também tinha tido uma experiência notável. No College of Psychic Science, estivera envolvido numa sessão com outra médium quando o fantasma de «Henley» se manifestou. Queixou-se de que Fodor prometera apoiá-lo, mas que quando tinha regressado na noite seguinte, não estava lá ninguém. O velho disse que tinha visto o seu filho, de quem andava à procura, mas não a esposa.

Tiveram outra sessão com a Sra. Garrett nessa tarde. Novamente, o fantasma manifestou-se e fez mais pedidos de ajuda, além de contar um pouco mais sobre o seu passado. Não foi particularmente informativo; mas o guia, Uvani, tinha algumas coisas interessantes a dizer. Afirmou que os Keel andavam a «utilizar» o fantasma para se «embaraçarem» mutuamente. O que se sugeria era que a cerimónia de exorcismo teria funcionado se os Keel não quisessem agarrar-se ao fantasma como um estratagema para, de alguma forma, se «atacarem» um ao outro.

Seguindo esta pista, Fodor conversou com a Sra. Keel. Ela admitiu então que Uvani tinha razão sobre a infelicidade no ambiente doméstico. O marido era homossexual, pelo que a vida sexual de ambos deixava muito a desejar. E a filha tinha ciúmes da mãe — Fodor insinua que se tratava de um clássico complexo de Édipo. A Sra. Keel mantinha o ânimo à custa de drogas.

Pouco depois disto, o caso começou a atingir uma espécie de clímax. O próprio Sr. Keel estava a ficar «possuído» pelo espírito, falando a dormir e dizendo coisas sobre «Henley» e a sua vida. Fodor enviou-lhe uma transcrição das coisas que Uvani dissera sobre o desejo dos Keel de se «agarrarem» ao fantasma; como resultado, Keel telefonou-lhe para admitir que sentia que aquilo era verdade.

Esta confissão teve o efeito que a «cerimónia de exorcismo» de Fodor falhara em alcançar: o fantasma de Ash Manor desapareceu e não regressou.

Este é, sem dúvida, um dos casos de assombração mais interessantes de que há registo, por uma série de razões. Primeiro, a confirmação é impressionante: a história também foi descrita por Maude ffoulkes e publicada em 1936. E a participação de Eileen Garrett afasta qualquer sugestão de que Fodor pudesse ter simplesmente inventado a história toda — uma sugestão que foi feita a respeito de um dos casos mais impressionantes de Harry Price, «Rosalie».

Segundo, o comportamento do fantasma parece mostrar que a teoria da «gravação de fita» de Lethbridge e de Sir Oliver Lodge não abrange todas as assombrações: «Henley» era claramente mais do que uma «gravação». E terceiro, demonstra de forma muito clara que não existe uma linha divisória nítida entre um fantasma e um *poltergeist*. Este caso começou com estrondos e pancadas e depois evoluiu para uma assombração. E, se pudermos aceitar as declarações de Uvani como qualquer tipo de evidência, também sugere que existem coisas como espíritos «presos à terra», provavelmente numa abundância assustadora. As outras implicações — sobre a natureza de tais espíritos — devem ser deixadas para mais tarde.

Se Fodor possuísse o talento de Price para a publicidade, o caso «Henley» poderia tê-lo tornado tão famoso quanto Borley tornou Price. Mas ele não fez qualquer tentativa de o publicitar. Tão-pouco tentou tirar partido de uma visita para estudar o mongo falante de Cashen's Gap (exceto por um único capítulo num livro), embora a sua investigação tenha sido bastante mais minuciosa — se bem que dificilmente mais bem-sucedida — do que a de Price. (Fodor concluiu que o mongo era provavelmente genuíno, mas negou que fosse um *poltergeist* com o argumento duvidoso de que os *poltergeists* são sempre invisíveis; já vimos que os «elementais» são bastante menos fáceis de classificar do que isto implica.)

Na verdade, o único rebate de notoriedade de Fodor ocorreu quase acidentalmente como resultado de uma ação de difamação que

ele moveu contra o *Psychic News*. Perguntaram-lhe se era verdade que queria levar uma médium, a Sra. Fielding, à Torre de Londres para roubar as Joias da Coroa por meios psíquicos, e ele admitiu que isso era verdade, e que estaria disposto a ir para a prisão se a experiência tivesse sido bem-sucedida. Contudo, tal fora proibido pelos outros membros do International Institute. A partir de então, Fodor ficou conhecido como o homem que queria «esfumar» as Joias da Coroa.

A Sra. Fielding era, de facto, o «foco» do caso de *poltergeist* mais interessante e complexo que ele alguma vez investigou. A Sra. Fielding (Fodor chama-lhe Sra. Forbes no seu livro *On the Trail of the Poltergeist*) era uma dona de casa londrina de 35 anos, que vivia em Thornton Heath, uma mulher atraente com um filho de 17 anos. As perturbações começaram na sexta-feira, 19 de fevereiro de 1938, quando os Fielding estavam na cama e prestes a adormecer. Um copo despedaçou-se no chão e, quando acenderam a luz, outro copo voou junto às suas cabeças. Apagaram a luz e o edredão voou-lhes contra os rostos. Tentaram acender a luz novamente, mas a lâmpada tinha sido retirada. Um boião de creme facial foi atirado ao filho quando este entrou para ver o que se passava. No dia seguinte, chávenas, pires e adornos voaram pelo ar.

Eles notificaram o *Sunday Pictorial* e dois repórteres compareceram. O *poltergeist* brindou-os com uma exibição impressionante. Uma chávena e um pires na mão da Sra. Fielding despedaçaram-se e cortaram-na gravemente, um enorme pedaço de carvão atingiu a parede com tanta força que deixou um grande buraco, um copo de ovo despedaçou-se na mão de um repórter e a Sra. Fielding foi projetada da sua cadeira por alguma força. Enquanto o Sr. Fielding subia as escadas, uma jarra voou pelo ar e atingiu-o com um estrondo — no entanto, embora ele parecesse atordoado, a sua cabeça não ficou com contusões. No espaço de três dias após a chegada do *poltergeist*, este tinha partido trinta e seis copos de água, vinte e quatro copos de vinho, quinze copos de ovo e uma longa lista de outros artigos.

Quando Fodor chegou, alguns dias mais tarde, o *poltergeist* não dececionou. Fodor regista vinte e nove incidentes de *poltergeist* durante essa primeira visita. Repetidas vezes, tinha os olhos fixos na

Sra. Fielding quando as coisas aconteciam — copos voavam das mesas, um pires esmagava-se contra a parede, copos eram arrancados das suas mãos e partiam-se no chão. Ficou logo claro que era a Sra. Fielding, e não o seu filho de 17 anos, o foco e a «causa» das perturbações. Um copo voou da sua mão e partiu-se ao meio no ar com um forte tinido, como se tivesse sido atingido por um privilégio de martelo.

Fodor pediu à Sra. Fielding que se deslocasse à sede do Instituto, Walton House, para a realização de testes. Ela foi vestida com uma peça de roupa única após ter sido revistada (uma precaução que ele pode ter aprendido com o caso de Lajos Pap) e entraram na sala de sessões. Enquanto a Sra. Fielding estava em plena linha de visão, com três testemunhas em redor dela, ouviu-se um ruído e uma escova de cabelo com guarnições de latão apareceu no chão.

Estava quente, como os «aportes» habitualmente estão (sendo a teoria de que são «desmaterializados» e depois rematerializados). A Sra. Fielding identificou-a como sendo sua e disse que a tinha deixado no seu quarto em casa. O *poltergeist* facultou então mais alguns aportes e também fez com que pires voassem das mãos da Sra. Fielding e se partissem com um tinido no ar. Homens robustos descobriram que não os conseguiam partir com as mãos.

A ideia de roubar as Joias da Coroa provavelmente surgiu a Fodor quando ele e a Sra. Fielding entraram numa loja de recordações e ela decidiu não comprar um pequeno elefante; quando estavam a entrar no carro, uma caixa na mão da Sra. Fielding chocalhou e eles encontraram o elefante lá dentro; tinham cometido um «furto em loja psíquico».

Numa «sessão» posterior, a Sra. Fielding produziu alguns resultados impressionantes. Numa ocasião, sentou-se com as mãos firmemente cerradas enquanto alguém lhas segurava. A pessoa que as segurava sentiu uma das mãos contrair-se «como se algo estivesse a nascer» e, quando a Sra. Fielding abriu a mão, trazia nela uma cruz de tartaruga.

Ela também começou a experienciar «projeções psíquicas», encontrando-se noutros locais nos seus estados de transe. Na sala de

sessões, num semi-transe, projetou-se de volta para a sua casa. Eles telefonaram ao marido dela, que disse que ela estava ali, e até lhe passou o telefone; nesse momento, a chamada foi cortada. O «duplo» da Sra. Fielding entregou ao marido uma receita que ela tinha escrito na sala de sessões; ele leu-a de volta para eles ao telefone e era idêntica à que tinham à sua frente. Ele também entregou ao «duplo» uma bússola, que reapareceu depois na sala de sessões, a dez milhas de distância. O «duplo» tinha saído pela porta da frente com a bússola.

Um relato completo dos fenómenos da Sra. Fielding ocuparia um capítulo inteiro. Ela produziu alguns artefactos antigos, como lâmpadas romanas e cerâmica com a etiqueta «Cartago», ratos brancos e uma ave, e uma emanação de perfume de violetas em redor do seu corpo (bem como violetas que caíam do ar). Sob uma tensão crescente, começou a dar sinais de esgotamento.

Começou a ficar com cegueira histérica, apareceram marcas de queimaduras no seu pescoço e ela afirmava estar a ser arranhada por um tigre invisível (produzindo um desagradável odor a «jardim zoológico»). Quando o marido disse a brincar que gostaria de ter um elefante, ouviu-se um estrondo e um dente de elefante apareceu no átrio. Ela também teve uma gravidez fantasma.

Numa sessão, um espírito que afirmava ser o seu avô declarou ser o responsável pelos aportes. Solicitado a provar a sua identidade trazendo algo seu, materializou uma caixa de fósforos de prata — que a Sra. Fielding disse ter pertencido ao seu avô — nas suas mãos unidas.

E, neste ponto, a história tomou um rumo desconcertante. A Sra. Fielding começou, aparentemente, a fazer batota. Fodor viu-a a produzir uma «brisa» durante uma sessão ao soprar na parte de trás do pescoço de alguém. Fodor ficou convencido de que ela estava a produzir pequenos «aportes» de debaixo das suas roupas, e uma fotografia de raio-X mostrou um alfinete de peito escondido sob a sua mama esquerda. Mais tarde, ela apresentou este alfinete de peito como um aporte. Ao ser despida, um pequeno quadrado de linho caiu de entre as suas pernas, manchado com secreção vaginal; parecia que ela também estava a utilizar a vagina para ocultar aportes.

Dois dias após isto, ela afirmou ter sido atacada por um vampiro. Havia duas pequenas marcas de perfuração no seu pescoço e ela parecia apática e pálida. Um dos incidentes mais estranhos ocorreu quando Fodor caminhava com ela para o Instituto. Sem qualquer tentativa de ocultação, ela abriu a mala, tirou algo lá de dentro e atirou uma pedra por cima do ombro. Quando Fodor lhe perguntou sobre aquilo, ela negou-o indignada.

No seu relato do caso em *The Haunted Mind*, Fodor faz a afirmação: «Esta descoberta... eliminou qualquer suspeita remanescente de que um espírito ou força psíquica estivesse ainda em atividade». Mas o «ainda» implica que ele sentia que tinham existido forças psíquicas genuínas em atividade numa fase anterior. Lendo o seu relato completo do caso, isto parece autoevidente. Teria sido impossível para a Sra. Fielding ter forjado as ocorrências de *poltergeist* na sua casa e, mais tarde, no Instituto. A própria análise de Fodor é a seguinte:

Em criança, a Sra. Fielding era propensa tanto a acidentes como a doenças. Aos 6 anos de idade, a recuperar de uma amígdala, pensou que um braço negro musculado tentou estrangulá-la na cama; este desapareceu quando a mãe entrou a correr. Foi mordida por um cão raivoso e atacada (e ficou com cicatrizes) por um papagaio. Vivia numa casa com reputação de estar assombrada e Fodor afirma como facto que nem as janelas nem os espelhos precisavam alguma vez de limpeza — eram limpos por mãos invisíveis durante a noite.

Aos 16 anos, teve «visões» de um fantasma; um armário no seu quarto abriu-se e um homem saiu lá de dentro, desaparecendo em seguida. Posteriormente, ela viu-o várias vezes. Numa ocasião, ele deixou um pedaço de papel com gatafunhos tisnados ao lado dela, mas a mãe dela queimou-o. Um acidente de bicicleta nesta altura provocou-lhe um abcesso num rim, que mais tarde necessitou de muitas operações. Aos 17 anos, fez um casamento por fuga, teve o seu primeiro bebé aos 18 e o segundo aos 21. (Este morreu de meningite.) Aos 20 anos, contraiu uma infeção por antraz e tentou esfaquear o marido com uma faca de trinchar. Correu para a rua em camisa de noite gritando «Assassínio, fogo», e recuperou após lhe terem sido extraídos vinte e oito dentes.

Aos 24 anos, teve uma visão do pai, que tentava arrancá-la ao marido. Ele fez o sinal da cruz sobre a sua mama esquerda. Quando acordou do transe, esta estava a sangrar. No hospital, descobriram que ela tinha um cancro da mama, e a mama foi amputada. Aos 26 anos, teve um ataque de cegueira histérica que durou seis semanas e, aos 27, esteve num acidente num barco a vapor que se esmagou contra o cais de Margate. Aos 28 anos, abortou gémeos após ter ficado aterrorizada ao encontrar um rato morto no meio da sua roupa lavada. Aos 30 anos, foi submetida a uma operação ao rim e, aos 32, a uma pleurisia. Ao todo, como se pode ver, a Sra. Fielding era uma mulher perfeitamente azarada.

Fodor passa então a interpretar a evidência do ponto de vista freudiano. Está convencido de que a verdade fundamental é que a Sra. Fielding foi atacada e violada, provavelmente num adro de igreja, por um homem de óculos redondos, antes de ter 5 anos de idade. Tudo o resto, pensa ele, brota deste trauma. Em duas ocasiões, quando estava acordada na cama à noite, sentiu uma forma semelhante a um homem — mas tão fria como um cadáver — meter-se na cama com ela; depois, esta «comportava-se como um homem» (ou seja, tinha relações sexuais).

Um dia, a caminho do Instituto, a Sra. Fielding foi atacada por um homem no comboio. Fodor não duvida de que ela tenha sido atacada — chegou numa situação de sobressalto —, mas pensa que os óculos redondos do homem podem ter despertado nela uma mistura de aversão e desejo que foi incorretamente interpretada pelo homem como um convite. Fodor vai ao ponto de sugerir que o marido passou, de alguma forma, a ser identificado na mente dela com o seu atacante, pelo que os ataques de *poltergeist* se deviam às suas agressões inconscientes contra ele.

Há momentos em que as interpretações freudianas de Fodor roçam o cómico. Por exemplo, está convencido de que os seus aportes são uma cifra «na qual a sua trágica história de vida está oculta». Numa noite, os aportes foram: um dente de elefante, uma garra de tigre, cerâmica de Cartago, uma casca de noz tropical e um pedaço de coral. Estes, diz Fodor, simbolizam a enormidade do homem que a agrediu (um elefante), a sua ferocidade e bestialidade, o seu caráter

escamoso (a casca de noz), enquanto a cerâmica simboliza o rompimento do seu hímen; o coral representa a música da igreja ali perto. (A música de órgão fazia sempre a Sra. Fielding chorar, e Fodor conjetura que o coral era coral-tubo-de-órgão.)

Existe, como é óbvio, uma objeção básica a toda esta teoria: a Sra. Fielding não disse a Fodor que tinha sido violada e, aparentemente, não tinha tal recordação. Fodor pensa, naturalmente, que esta foi reprimida. Mas serão as recordações desse tipo de tal forma reprimidas que desaparecem por completo? Parece altamente improvável.

Fodor nunca foi capaz de levar o caso a uma conclusão satisfatória. Quando começou a expor as suas teorias sobre a violação no Institute for Psychical Research, estes opuseram-se de forma tão veemente que ele se sentiu obrigado a abandonar o caso. Pelo menos, isso permitiu-lhe acreditar que a Sra. Fielding estava cada vez mais perto de se recordar da sua experiência de violação e que um dia teria confirmado todas as suas teorias.

Recordar-se-á que, no caso da «Bruxa» de Bell, Fodor acreditava que Betsy tinha sido agredida sexualmente pelo pai, e que isso produzira o *poltergeist*, «despedaçando parte do sistema mental e deixando-o flutuar livremente como uma entidade desincorporada». Como bom freudiano, sentia-se na obrigação de procurar uma explicação sexual no caso de Thornton Heath. Contudo, tal como tantas das «cenas primordiais» que Freud acreditava causarem doenças para toda a vida, a que foi postulada por Fodor é completamente inverificável.

Seria uma pena deixar este caso sem, pelo menos, uma tentativa de explicação alternativa. E a mais simples e óbvia é que a Sra. Fielding era uma médium nata. As suas numerosas doenças transformaram-na naquilo que os investigadores do século XIX gostavam de chamar uma «sensível doente». A sua visão do braço negro que tentou estrangulá-la na cama pode não ter sido um sonho ou alucinação, como pensa Fodor. Se vivia numa casa assombrada, então parece provável que entidades espirituais extraíssem energia dela,

aumentando a sua propensão para a doença. E mais tarde na vida, ela acabou por se desenvolver como médium.

Durante a investigação, entrava frequentemente em transe, e um «guia» chamado Bremba falava através dela. Estando sentada perto de um pub — e de uma igreja — em Coulsdon, teve a visão de um rosto maléfico e trocista, que continuou a ver durante dez minutos. Mais tarde, numa sessão, «Bremba» afirmou que o homem que ela vira tinha pertencido à igreja e fora enforcado por se abusar de crianças pequenas. «Ela estava provavelmente sentada no local onde um dos ultrajes tinha ocorrido.»

Quando a Sra. Fielding saiu do transe, não conseguia falar nem sequer sussurrar, depois, enquanto todos observavam, apareceram marcas de estrangulamento na sua garganta. Quando conseguiu falar, disse: «Sinto-me como se estivesse a ser puxada para cima» — como se estivesse a sofrer o enforcamento do homem. Mais tarde, quando estava a contar o sucedido a amigos, as marcas do laço reapareceram na sua garganta. Fodor utiliza isto como suporte para a sua teoria sobre a violação precoce; mas poderia, na verdade, ser mediunidade comum. Bremba poderia estar a dizer a verdade sobre o homem enforcado por crimes sexuais contra crianças.

Então por que razão começou a Sra. Fielding a fazer batota? Existem duas explicações possíveis. Uma é que ela estava a desfrutar da sua nova posição como objeto de investigação. Era uma dona de casa aborrecida e, como diz Fodor, os fenómenos significavam «um novo interesse, uma nova vida para ela». Isto poderia ser verdade; mas se a Sra. Fielding estava a desenvolver poderes genuínos como médium, então não tinha necessidade de fazer batota para os manter. Soa como se tivessem estado latentes desde a infância; tudo o que ela tinha de fazer era permitir que se desenvolvessem.

A outra explicação é que ela não tinha consciência de estar a fazer batota — o que explicaria a pedra atirada em frente de Fodor, sem qualquer tentativa de ocultação, e a sua subsequente negação. Num caso citado por William Roll, um homem que estava a ser investigado foi visto, através de um espelho unidirecional, a atirar um objeto — no entanto, um teste de detetor de mentiras apoiou a sua

negação de que o fizera. Já vimos que existe uma evidência considerável de que os *poltergeists* conseguem entrar na mente e influenciar as pessoas — os médiuns mais do que outros.

A quem leia seguidamente a obra de Fodor *On the Trail of the Poltergeist*, parece óbvio que la teoria da «entidade espiritual» se ajusta melhor do que a maioria. Ambos os Fielding tinham estado doentes durante algum tempo antes do primeiro surto. Pelo que a Sra. Fielding poderia estar numa condição suficientemente «baixa» para permitir que a entidade começasse a utilizar a sua energia. A partir daí, utilizou-a continuamente e, consequentemente, ela começou a sofrer de exaustão nervosa. Contudo, a sua atitude em relação a tudo isto deve ter sido ambígua, pois trouxe um novo interesse à sua vida; isto poderia ter permitido à entidade — ou entidades — manipulá-la para fazer batota. E por que haveriam de o fazer? Porque, por alguma razão, os *poltergeists* parecem deleitar-se em produzir estupefação e confusão.

O ponto que emerge acima de todos os outros é que a Sra. Fielding não era apenas o foco das perturbações de *poltergeist*: era uma médium e logo começou a desenvolver a sua capacidade; com aportes, clarividência viajante, projeção do «duplo» e assim por diante. Em suma, a Sra. Fielding era uma Daniel Dunglas Home ou Eusapia Palladino em potencial. E isto, parece provável, é verdade para todas as pessoas que se tornaram «focos» de fenómenos de *poltergeist*. Com as suas doenças, o seu casamento precoce, até mesmo a perda dos dentes, a Sra. Fielding traz à mente outra médium, a «Vidente de Prevorst», cuja história analisámos num capítulo anterior.

Nandor Fodor, tal como Justinus Kerner, era um homem da medicina. No entanto, não se pode dizer que o seu estudo sobre a Sra. Fielding seja tão penetrante ou sugestivo como o estudo de Kerner sobre Friederike Hauffe. Ler *On the Trail of the Poltergeist* depois de *The Seeress of Prevorst* é uma experiência deprimente. É darmo-nos conta de que um século de investigação psíquica trouxe muito poucos avanços — que, pelo contrário, uma abordagem pouco imaginativa e excessivamente cautelosa dos fenómenos apenas os tornou menos compreensíveis do que nunca.

Considerando que os *poltergeists* são registados há mais de mil anos e que cientistas eminentes os estudam há cerca de um século, parece um pouco surpreendente que continuem a ser considerados um mistério insolúvel. Nas últimas duas décadas, existiram três grandes estudos científicos sobre o *poltergeist*: *Can We Explain the Poltergeist?* do Dr. A.R.G. Owen, *The Poltergeist* de William Roll e *Poltergeists* de Alan Gauld e Tony Cornell. Todos os três levantam a questão de saber se os *poltergeists* poderiam ser espíritos dos mortos ou outros tipos de entidades desincorporadas; todos os três decidem que isso é improvável e que, portanto, os *poltergeists* são provavelmente alguma espécie de manifestação da mente inconsciente: isto é, de «psicocinese espontânea».

Owen assinala que um grande número de crianças em casos de *poltergeist* tem problemas mentais, Roll nota que a maioria dos objetos tende a mover-se no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e sugere que existe uma espécie de turbilhão ou vórtice psíquico que os arrasta para o movimento. Mas ninguém explica por que razão os efeitos de *poltergeist* são tão mais poderosos do que o género de psicocinese que tem sido estudado em laboratório.

Existe, reconhecidamente, um caso que parece ser uma exceção a esta regra. No início da década de 1970, membros da Toronto Society for Psychical Research, sob a direção de A.R.G. Owen, decidiram tentar fabricar um fantasma. Para este efeito, inventaram o historial clínico de um homem chamado Philip, contemporâneo de Oliver Cromwell, que tinha um caso com uma bela rapariga cigana. Quando a esposa de Philip descobriu, mandou acusar a rapariga de bruxaria e queimá-la na fogueira; Philip cometeu suicídio. Tendo elaborado esta história e criado um cenário apropriado — uma antiga casa senhorial —, puseram-se a tentar evocar o espírito de Philip. Durante vários meses, não existiram resultados. Depois, numa noite, enquanto relaxavam e cantavam canções, ouviu-se uma pancada na mesa. Utilizaram o código habitual (uma pancada para sim, duas para não) para interrogar o «espírito», que afirmou ser Philip e repetiu a história que tinham inventado para ele. Em sessões posteriores, Philip fez a mesa dançar por toda a sala e até a fez levitar em frente de câmaras de televisão.

O grupo de Owen considerou, com razão, esta «criação» de um fantasma como algo que representava um triunfo, assumindo naturalmente que Philip era um produto das suas mentes inconscientes. Mas esta assunção é questionável. O que eles fizeram, na verdade, foi realizar uma série de sessões até obterem resultados. Philip pode ter sido uma manifestação das suas mentes inconscientes coletivas. Ou pode ter sido outro daqueles «espíritos» aborrecidos e mentirosos que já encontrámos, juntando-se ao jogo por falta de algo melhor para fazer. O caso Philip não pode ser considerado como uma prova ou refutação da teoria da psicocinese.

O problema é que, quando os cientistas começam a procurar padrões, têm tendência a ver aquilo que esperam ver. Se forem bons cientistas, acabam por notar os factos que contradizem as suas teorias e modificam-nas. Mas isto por vezes demora muito tempo; por vezes, nunca chega a acontecer.

Em termos gerais, o cientista fica em melhor situação se recolher os seus factos por acidente, pouco a pouco, para que possa estudá-los antes de tentar encaixá-los num quebra-cabeças. Foi assim que o falecido Tom Lethbridge chegou às suas teorias sobre outras dimensões da realidade. Foi também assim que Guy Lyon Playfair chegou a desenvolver as suas próprias teorias sobre a natureza do *poltergeist*.

Em 1961, Guy Playfair tinha saído de Cambridge há dois anos — tinha-se licenciado em línguas modernas — e considerava a vida em Inglaterra difícil e bastante aborrecida. E quando viu um anúncio na secção de classificados do *The Times* a dizer que se procuravam professores para o Rio de Janeiro a 1.000 libras por ano, candidatou-se imediatamente. Assinou um contrato de dois anos e, no final dos dois anos, decidiu permanecer no Rio como jornalista independente. Teve um sucesso razoável, trabalhando como correspondente para a *Time* e para o *The Economist*, e depois como redator na secção de informação da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Quando Nixon cortou o orçamento externo em 1971, foi oferecido a Guy Playfair um generoso acordo de rescisão e ele aceitou-o; como resultado, pôde mudar-se para uma casa confortável com uma boa vista para o porto.

Um dos seus vizinhos era um ator de cinema americano chamado Larry Carr, e foi através dele que Playfair se envolveu no mundo do Espiritismo brasileiro. Um dia, Carr perguntou-lhe casualmente se ele gostaria de ir ver um curandeiro. Com a mesma casualidade — não tendo nada melhor para fazer —, Playfair aceitou. Conduziram até um centro espírita numa zona cheia de armazéns e bares decadentes — «o género de rua onde se vai parar se nos perdermos a caminho de um aeroporto». O curandeiro, um homem chamado Edivaldo, estava atrasado, tendo tido de conduzir quinhentas milhas a partir da sua cidade natal; era um professor do ensino básico que, com os seus óculos e bigode cuidado, parecia mais um funcionário bancário ou, possivelmente, um gerente de banco. Quando o grupo de Playfair entrava no consultório, Edivaldo apalpava a zona que causava o problema, escrevia algo num bloco de receitas e passava para o seguinte. Quando chegou a vez de Playfair, a mão de Edivaldo foi diretamente para o ponto do seu estômago que lhe causava problemas; foram receitadas pílulas e disseram a Playfair que voltasse mais tarde para «uma pequena operação». Alguns meses mais tarde, ele voltou para a operação.

Quando entrou na sala, um homem idoso estava deitado na cama e Edivaldo estava debruçado sobre ele. O estômago do velho tinha sido rasgado, expondo as entranhas. Playfair admite que não observou tão bem quanto poderia porque achou tudo aquilo demasiado avassalador. «Ele andava a chapinhar em sangue — era uma visão bastante macabra.» Olhou para o lado por um momento e, quando voltou a olhar, o estômago do homem estava «todo asseado e arrumado» e estava a ser coberto com uma ligadura. O homem levantou-se e foi ajudado pela esposa a sair. Um dos auxiliares disse a Playfair que se deitasse na cama. Ele desabotoou a camisa. Edivaldo aproximou-se e passou a mão pelo seu estômago, depois as suas mãos pareceram encontrar o que procuravam e ele pressionou. Playfair sentiu um baque distinto e as mãos entraram na sua pele e penetraram no seu estômago.

«O meu estômago pareceu imediatamente molhado por completo, como se estivesse a sangrar até à morte. Conseguia sentir uma espécie de cócegas no interior, mas dor nenhuma. Pensei cheirar a éter. Depois

tudo terminou e disseram-me que me podia levantar e ir para casa. Sentia-me curiosamente rígido, como se o meu meio estivesse anestesiado, incapaz de se dobrar. (Isto intrigou-o de tal forma que mais tarde tentou reproduzir o mesmo efeito — com a ajuda de um médico amigo que lhe deu vinte picadas de anestesia local: «Não foi de todo a mesma coisa.») Quando chegou a casa, teve de descalçar os sapatos dando um pontapé em cada um com o outro pé. No seu estômago havia uma linha vermelha irregular onde Edivaldo tinha pressionado os polegares, e dois pontos vermelhos brilhantes ali perto.

Mais tarde, após uma segunda operação, apareceram mais dois pontos vermelhos. E a queixa de estômago de Playfair, embora não permanentemente curada, ficou consideravelmente aliviada.

Algum tempo depois, Playfair entrevistou Edivaldo e ouviu a lenda notável de como este se tinha tornado um curandeiro. Numa noite em 1962, tinha sido chamado para se sentar com uma vizinha que tinha enlouquecido temporariamente. Ele perdeu os sentidos e, durante este período, desfez a sala. Mas quando recuperou a consciência, a mulher estava curada.

Pouco tempo depois disso, visitou uma mulher que tinha ficado rígida após o parto. Subitamente, ficou ele próprio rígido, e a rigidez da mulher desapareceu. Estava claro que ele estava, de alguma forma, a «assumir» a doença de outras pessoas. Um psiquiatra disse-lhe que ele era provavelmente um médium e aconselhou-o a ir a um centro espírita. Na primeira noite em que o fez, entrou novamente em transe. Quando recuperou, estava a ser conduzido a casa e disseram-lhe que tinha realizado várias operações. Aparentemente, era «assumido» por vários espíritos que tinham sido cirurgiões em vivos — um Dr. Calazans, um francês chamado Pierre, um londrino chamado Johnson e um alemão chamado Dr. Fritz, que também operava através do famoso cirurgião psíquico Arigó.

Durante mais um ano, Playfair continuou a passar grande parte do tempo nos consultórios de Edivaldo e assistiu a inumeráveis operações — numa ocasião, Edivaldo (o antes, o «espírito» que o controlava) pegou na mão de Playfair e enterrou-a no estômago aberto. Por esta altura, estava convencido de que tinha descoberto o assunto sobre o

qual queria escrever. Começou a frequentar sessões espíritas (o Espiritismo é a versão brasileira do Espiritualismo e baseia-se nos ensinamentos de Kardec).

Quando encontrou Hernani Andrade, fundador do IBPP — Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas —, decidiu mudar-se do Rio de Janeiro para São Paulo, uma mudança que pareceu excêntrica aos seus amigos, dado que é o equivalente a mudar-se, digamos, da Riviera da Cornualha para a zona industrial do interior, ou da Florida para Detroit. Mas Andrade ofereceu a Guy Playfair acesso total e irrestrito aos seus arquivos, bem como as perspetivas de quarenta anos de Espiritismo. Consequentemente, o interesse de Playfair passou a estender-se da cura psíquica aos *poltergeists*, à reencarnação, à magia negra e à vida após a morte.

Em São Paulo, começou por investigar mais cirurgiões psíquicos. Depois, ouviu falar de um caso de assombração por *poltergeist* e ofereceu-se para ajudar o IBPP a investigá-lo. Na altura em que ouviu falar dele, em 1973, o caso já decorria há cerca de seis anos. A família consistia numa mãe portuguesa, que tinha sido casada com um imigrante lituano e estava agora divorciada. Tinha um filho e uma filha, ambos adultos. Tinham existido os habituais estrondos e embates, roupas e lençóis tinham-se incendiado ou tinham sido encharcados com água; e, como resultado destas perturbações, a família já tinha mudado de casa três vezes. Também parecia haver alguma evidência de magia negra envolvida; fotografias de uma rapariga com linha cosida através dela tinham sido encontradas na casa. Os problemas tinham começado depois de o filho da família se ter casado com uma rapariga chamada Nora.

Foi para a casa deles que Guy Playfair se dirigiu em outubro de 1973, levando consigo o seu gravador. Ficou acordado até às tantas da madrugada, a ler Frank Podmore — um dos primeiros investigadores psíquicos — sobre o assunto dos *poltergeists*. Podmore chegara à conclusão de que estes são invariavelmente fraudes — um exemplo do género de estupidez a que os membros da SPR parecem ocasionalmente estar sujeitos — e, nesta fase, Playfair pensava que ele poderia muito bem estar correto. Finalmente, no preciso momento em

que estava prestes a pegar no sono, foi acordado por uma série de estrondos que abalaram a casa.

O *poltergeist* tinha chegado. Playfair ficou impressionado com a escolha do momento — o facto de ter começado quando ele estava a deixar-se dormir; a mesma coisa tinha acontecido a Suzuko Hashizume, a investigadora que passara a noite anterior na casa. Playfair veio subsequentemente a suspeitar que os *poltergeists* têm um sentido de oportunidade misterioso, o que sugere que são capazes de prever o momento exato em que o investigador estará a olhar para o outro lado.

Havia algo de estranho naqueles estrondos. Não faziam nada vibrar, como tais estrondos normalmente fazem, e pareciam ecoar mais tempo do que deveriam. Kardec notou em *O Livro dos Médiuns*: «Os sons dos espíritos são geralmente de um caráter peculiar; têm uma intensidade e um caráter próprios e, apesar da sua grande variedade, dificilmente podem ser confundidos, pelo que não são facilmente confundidos com ruídos comuns, tais como o ranger da madeira, o crepitar de um fogo ou o tiquetaque de um relógio; as pancadas dos espíritos são claras e nítidas, por vezes suaves e leves...».

De facto, um investigador, o Dr. J.L. Whitton, submeteu gravações de áudio de «pancadas de espíritos» a análise laboratorial e descobriu que são de caráter bastante diferente das pancadas normais. Mostrado num gráfico, um som comum tem uma curva distintiva, subindo e descendo como as encostas de uma montanha; as pancadas de espíritos começam e terminam abruptamente, como penhascos. Na verdade, parecem ser ruídos «fabricados», como se o *poltergeist* tivesse um laboratório de som da BBC à sua disposição e tivesse de confecionar os ruídos eletronicamente.

A outra coisa estranha sobre estes fortes estrondos era que não perturbavam os quatro cães, que tinham ladrado freneticamente quando Guy Playfair chegou; ou não os ouviam ou aceitavam-nos como perfeitamente normais.

A estes estrondos seguiram-se outros, a intervalos. Mais tarde, Playfair tentou produzir estrondos semelhantes batendo com a

extremidade do cabo de uma vassoura no chão; foi impossível fazê-los tão fortes. Na noite seguinte, quando Playfair estava a dormir na divisão do andar de baixo, um banco de pés saltou escadas abaixo e, depois, uma gaveta de quarto cheia de roupa foi projetada por uma janela para o quintal. Uma almofada disparou de debaixo da cabeça de Nora e voou pela sala. Repetidas vezes, Playfair notou o sentido de oportunidade do *poltergeist* — como as coisas pareciam acontecer precisamente quando as pessoas estavam a adormecer ou a acordar. Os solavancos aconteciam principalmente à noite. Os surtos de incêndio podiam acontecer a qualquer momento — numa ocasião, um guarda-fatos cheio de roupa incendiou-se e teria queimado a casa por completo se não tivesse sido detetado a tempo.

Neste ponto, o IBPP chamou a sua equipa de médiuns para a eliminação de *poltergeists*, os quais entraram na casa, sentaram-se na cozinha e pediram aos seus guias espirituais que persuadissem o *poltergeist* a mudar-se. Depois disto, houve silêncio durante duas semanas; a seguir, pequenas perturbações recomeçaram.

Desta vez, a família decidiu chamar um especialista em candomblé — sendo o candomblé um dos maiores de entre os muitos cultos do Brasil com influência africana. Este homem trouxe consigo uma equipa de auxiliares. Disse à família que aquilo lhe parecia um caso particularmente desagradável de magia negra. Rituais foram realizados e incenso foi queimado. E no fim de tudo, o *poltergeist* finalmente deixou a família em paz. (Pelo menos, não tinha reaparecido na altura em que Playfair escreveu o seu livro, cerca de dois anos mais tarde.)

Ora, a noção de um *poltergeist* estar associado a magia negra é algo que os investigadores europeus considerarão bizarro e extravagante. Mas no Brasil, isso é dado como certo. Hernani Andrade é citado como tendo dito:

«Em todos os casos de atividade de *poltergeist* dirigida a uma pessoa em que pude estudar o ambiente familiar, existiram evidências de que alguém na casa poderia ser o alvo de vingança de um espírito. Pode ser um antigo amante que cometeu suicídio, um parente ciumento, um vizinho rancoroso ou até um membro da própria família

que nutre um ressentimento trivial. Qualquer brasileiro está bem ciente de que este país está cheio de terreiros de quintal de quimbanda (centros de magia negra) onde as pessoas utilizam forças espirituais para fins malévolos.

Pode-se utilizar uma faca para cortar pão ou para cortar a garganta de um homem, e o mesmo acontece com os poderes ocultos do homem; podem ser voltados para fins bons ou maus, embora continuem a ser os mesmos poderes. Para produzir um *poltergeist* de sucesso, tudo o que precisa é de um grupo de maus espíritos dispostos a fazer o trabalho por si, por uma recompensa apropriada, e de uma vítima suscetível que não esteja suficientemente desenvolvida espiritualmente para ser capaz de resistir. A magia negra é um problema social realmente sério no Brasil e temos de encontrar formas fiáveis de nos livrarmos dela...»

Playfair passa a citar outro caso numa cidade perto de São Paulo, no qual o *poltergeist* fez uma série de tentativas para queimar o bebé. Um dia, o bebé desapareceu e a mãe ouviu gritos abafados vindos de um cesto de roupa suja. Correu para lá e encontrou o bebé enterrado dentro de roupas sujas, em vias de morrer por asfixia. O *poltergeist* também partiu mobiliário e destruiu o telhado ao desferir pancadas nele; quando a família finalmente deixou a casa, esta parecia ter sido atingida por uma bomba. Tudo isto não é, como é óbvio, prova de que os *poltergeists* possam ser convocados por magia, mas indica que conseguem, por ocasião, comportar-se com algo semelhante a uma malevolência demoníaca.

No seu livro *The Indefinite Boundary*, Playfair dedica um capítulo chamado «O Submundo do Psi» a este problema da magia e da malevolência. Cita o caso perturbador de Maria José Ferreira, de 11 anos, que, em dezembro de 1965, se tornou o centro de uma violenta atividade de *poltergeist*. Pedaços de tijolo começaram a cair dentro da casa, em Jabuticabal, perto de São Paulo, e uma tentativa de exorcismo tornou as coisas muito piores. (Os *poltergeists*, como vimos, parecem desdenhar das tentativas para os exorcizar.) Um vizinho que sabia sobre Kardec levou a criança para a sua casa; as coisas pioraram, com bombardeamentos de pedras e ovos.

Uma grande pedra desceu do teto e dividiu-se em duas; quando alguém pegou nos dois pedaços, estes uniram-se bruscamente como se estivessem magneticamente atraídos um pelo outro. (Já vimos que os *poltergeists* parecem ter uma afinidade com a eletricidade; é interessante especular se a força que fez com que as pedras se unissem bruscamente era um exemplo de «poder de *ley*» ou do que tem sido chamado «força telúrica».)

Durante algum tempo, o *poltergeist* pareceu estar com uma disposição amável; Maria podia pedir uma flor ou um pedaço de doce e este caía instantaneamente aos seus pés. Depois, de forma bastante súbita, o *poltergeist* começou a atacá-la, mordendo-a e esbofeteando-a no rosto ou nas nádegas. Tentou sufocá-la enquanto ela dormia, colocando chávenas ou copos sobre a sua boca e narinas. Depois, começou a atear fogo às suas roupas.

Quando Maria foi levada a um centro espírita, a esperança de a «curar» desapareceu. Um espírito veio e falou através do médium, dizendo: «Ela era uma bruxa. Muita gente sofreu e eu morri por causa dela. Agora estamos a fazê-la sofrer também...». Os espíritos, como é óbvio, não são invariavelmente fidedignos, e este pode ter estado a inventar a história de que Maria fora uma bruxa numa existência anterior. (Kardec, deve ser recordado, ensinava a reencarnação como parte integrante do Espiritismo.) Orações especiais e apelos aos espíritos falharam em parar os ataques à rapariga. E, quando ela tinha 13 anos, tomou uma dose de formicida numa bebida refrescante e estava morta quando a encontraram. Seria interessante saber se Maria tomou o veneno deliberadamente ou se o *poltergeist* o colocou ali, tal como a «Bruxa dos Bell» doseou o medicamento de John Bell.

Tudo isto torna um pouco difícil seguir o raciocínio de William Roll neste parágrafo central do seu livro sobre *poltergeists*:

«Não conheço nenhuma evidência da existência do *poltergeist* como uma entidade incorpórea além das próprias perturbações, e estas podem ser explicadas de forma mais simples como efeitos de PK vindos de uma entidade de carne e osso que está no seu centro. Isto não quer dizer que devamos fechar as nossas mentes à possibilidade de que alguns casos de RSPK possam dever-se a entidades

incorpóreas. Mas não há razão para postular tal entidade quando os incidentes ocorrem em redor de uma pessoa viva. É mais fácil supor que a pessoa central é ela própria a fonte da energia de PK.»

A fonte, possivelmente. Mas a causa total dos fenómenos? É verdade que em alguns casos — talvez na maioria — podemos interpretar as perturbações como uma tentativa inconsciente por parte do «foco» de atrair atenção para os seus problemas, tal como o faz uma tentativa de suicídio mal-sucedida. As manifestações de Esther Cox cessaram depois de ela ter sido colocada na prisão. Mas se as agressões inconscientes de Maria faziam com que as suas roupas se incendiassem e marcas de mordeduras aparecessem por todo o seu corpo, certamente o desespero que finalmente a conduziu ao suicídio teria chegado à parte rebelde da sua mente e tê-la-ia persuadido a parar? Simplesmente carece de sentido acreditar que as próprias agressões inconscientes de Maria a conduziram a matar-se.

O ponto é sublinhado por um dos casos mais notáveis descritos por Guy Playfair, o de uma rapariga que inadvertidamente incorreu numa «maldição de magia negra». Ele chama-lhe Márcia F. e menciona que ela tinha um mestrado em psicologia. Em maio de 1973, quando Márcia tinha 28 anos, foi numa excursão familiar à costa atlântica perto de São Paulo. Enquanto caminhavam pela praia, Márcia notou algo caído na areia — uma estátua de gesso de uma mulher com cerca de seis polegadas de altura, com grande parte da pintura desgastada pelo mar.

Levou-a de volta para casa, para o seu apartamento, que partilhava com outra rapariga — apesar do aviso da sua tia de que poderia trazer azar levar uma estátua da deusa do mar, Iemanjá, que tinha obviamente sido colocada ali como uma oferenda em troca de algum favor. Mas Márcia era uma boa católica, bem como uma licenciada em psicologia, e pensou que a conversa sobre o azar era um disparate. Colocou-a sobre a prateleira da sua lareira.

Alguns dias mais tarde, ficou violentamente doente com uma intoxicação alimentar após comer chocolate. Depois, começou a perder peso e a sentir-se esgotada. A sua vitalidade estava a esvair-se. Começou a cuspir sangue e os raios-X mostraram uma mancha no seu

pulmão. No entanto, algumas semanas mais tarde a mancha tinha desaparecido — o que normalmente teria demorado pelo menos um ano. Após um período de férias em casa com os pais, Márcia regressou ao seu apartamento. A panela de pressão explodiu e ela sofreu queimaduras de segundo grau nos braços e no rosto. Depois, o forno explodiu, projetando uma língua de fogo em direção a Márcia; um engenheiro considerou o incidente inexplicável. Poucos dias mais tarde, uma amiga contou-lhe que, no momento em que a sua panela de pressão tinha explodido, a fotografia de Márcia tinha saltado da parede na casa dos pais desta.

Quando uma amiga a avisou novamente sobre a estátua de Iemanjá, Márcia descartou de novo a ideia como absurda.

Ora, ela começou a experienciar impulsos suicidas. Ao atravessar a estrada num semáforo, sentia subitamente um desejo poderoso de se atirar para debaixo dos carros que avançavam. Ao abrir a janela do seu apartamento (que ficava no décimo quinto andar), parecia ouvir uma voz no seu interior a incitá-la a atirar-se dali para fora.

E, neste ponto, a primeira sugestão inequívoca de bruxaria entrou no caso. O seu quarto parecia estar cheio de presenças. Depois, estas entraram na sua cama e ela sentiu-se a ser tocada por todo o lado. E, numa noite, sentiu a presença de um corpo masculino, que se moveu por cima dela; sentiu um pénis a penetrá-la e ficou ali deitada enquanto a entidade mantinha relações sexuais. Isto continuou a acontecer durante várias noites, até que Márcia, questionando-se se estaria a enlouquecer, foi novamente ficar com os pais. Ali, por acaso, receberam a visita de um espírita, a quem Márcia contou a sua história. Ele aconselhou-a a ir ao centro local de umbanda — sendo a umbanda o mais popular culto afro-brasileiro. Ela levou também a estátua, por insistência da sua companheira de apartamento.

O diretor do centro escutou a sua história e disse-lhe que o seu problema era indubitavelmente um caso de um trabalho de magia negra a ser dirigido contra ela devido à sua remoção da estátua. Foi apenas nessa altura que Márcia olhou mais de perto para a estátua — que tinha apenas vestígios de pintura — e percebeu subitamente que cada mancha restante correspondia a uma parte do seu próprio corpo

que tinha sido danificada: as marcas de queimaduras nos seus braços, pescoço e rosto correspondiam exatamente à tinta na estátua, e a mancha na parte de trás ficava mesmo acima da «mancha» que tinha sido encontrada no seu pulmão. A estátua ainda tinha tinta nos seus olhos azuis, o que era sinistro. Ela seguiu o conselho do diretor e devolveu a estátua ao local na praia onde a tinha encontrado. Imediatamente, a vaga de azar cessou.

Playfair investigou pessoalmente o caso de Márcia e não ficou surpreendido quando ela lhe contou que, como resultado da sua experiência, o seu ceticismo em relação ao «azar» e ao trabalho tinha dado lugar a uma atitude mais pragmática.

As observações de Playfair receberam forte apoio das de outro investigador, o seu amigo David St. Clair, que descreveu as suas experiências no Brasil num livro chamado *Drum and Candle*. Fala de caminhar pela Avenida Copacabana com alguns amigos na sua primeira noite no Rio e de notar no passeio um círculo de velas acesas em redor de uma estátua de barro do diabo. Quando estendeu a mão para lhe tocar, um dos seus amigos puxou-o para trás, dizendo: «É um despacho — uma oferenda a um espírito».

«Mas vocês certamente não acreditam nessas coisas?», disse St. Clair. «Vocês são todos licenciados.» Os seus amigos admitiram que não acreditavam nisso — mas, apesar de tudo, não lhe permitiram tocar na estátua.

Depois disso, St. Clair viu muitas oferendas desse género. Viu oferendas de frango cozinhado e os mendigos famintos que ficavam a olhar para elas, afastando-se depois silenciosamente. Viu até um cão cheirar uma oferenda dessas e depois afastar-se.

St. Clair tem muitas histórias sobre candomblé e Espiritismo. Mas o capítulo final do livro descreve a sua própria experiência de um trabalho. Vivia no Rio de Janeiro há oito anos e tinha um apartamento confortável com uma bela vista. Tinha também uma criada atraente chamada Edna, uma rapariga bonita, de cor morena. Ela era, assegura ele ao leitor, uma criada e nada mais. A vida dela tinha sido dura: abandonada pelo pai, a sua família tinha sido criada num casebre

numa favela. Estava obviamente encantada com o conforto e a segurança do seu emprego com St. Clair.

Juntou-se a um grupo de dança folclórica e, após uma aparição na televisão, tornou-se uma espécie de celebridade local. E um dia, St. Clair contou-lhe que tinha decidido que era altura de deixar o Brasil. Edna estava agora a sair-se tão bem que ele não tinha dúvidas de que ela encontraria facilmente outro emprego; disse-lhe que lhe daria 6 meses de salário.

Depois, as coisas começaram a correr mal. Um livro que ele tinha escrito não conseguiu fazer qualquer progresso; a sua dactilógrafa fez uma trapalhada com o texto, caindo depois doente, de modo que este ficou na secretária dela durante semanas. Um editor de Nova Iorque rejeitou-o. Uma herança que ele esperava não se materializou. Os seus planos para se mudar para a Grécia tiveram de ser arquivados. Um caso amoroso correu desastrosamente mal e um amigo a quem pediu um empréstimo recusou-lho. Chegou mesmo a cair doente com malária.

Um dia, encontrou uma amiga psíquica na Avenida Copacabana; ela olhou para ele uma única vez e disse: «Alguém te deitou mau-olhado. Todos os teus caminhos foram fechados». Poucos dias mais tarde, outro amigo escreveu-lhe a dizer que tinha estado numa sessão de umbanda e que um espírito o tinha avisado de que um dos seus amigos estava em grave perigo devido a uma maldição, todos os seus caminhos tinham sido fechados.

Um amigo ator — que era também espírita — adivinhou imediatamente que tinha sido Edna a rogar-lhe a maldição. St. Clair achou aquilo absurdo. Para começar, Edna era católica e tinha manifestado frequentemente a sua desaprovação em relação ao Espiritismo e à umbanda. Mas o seu amigo ator disse-lhe que tinha assistido a uma sessão espírita onde lhe tinham assegurado que o apartamento de David St. Clair estava amaldiçoado. Mas como poderia Edna fazer isso, quis St. Clair saber. Tudo o que ela tinha de fazer, respondeu o amigo, era ir a uma sessão de quimbanda — magia negra — e levar algum artigo do vestuário dele, que pudesse ser utilizado num ritual para lhe rogar uma maldição. E agora que o seu

amigo mencionava o assunto, St. Clair recordou que as suas meias tinham andado a desaparecer recentemente. Edna tinha alegado que o vento as estava a levar do estendal.

St. Clair disse a Edna que acreditava estar amaldiçoado; ela desvalorizou a ideia. Mas ele disse-lhe que queria que ela o levasse a uma sessão de umbanda. Após muitos protestos, ela permitiu-se ser forçada a isso.

Nesse sábado à noite, Edna levou-o a uma casa longa e branca numa zona remota fora do Rio. Nas paredes existiam pinturas do diabo, Exu. Perto da meia-noite, os tambores começaram a tocar e os negros sentados no chão começaram a cantar. Uma dança ritual teve início. Depois, a sacerdotisa da umbanda entrou como um turbilhão — uma negra enorme vestida com camadas de renda e um turbante de seda branca. Ela dançou e as outras mulheres começaram a sacudir-se como se estivessem possuídas. A sacerdotisa saiu e, quando voltou a entrar, estava vestida de vermelho, a cor de Exu/Satanás. Deu um gole de álcool e depois acendeu um charuto. Após mais dança, notou St. Clair e ofereceu-lhe um trago de uma garrafa cujo gargalo estava coberto com a saliva dela.

Depois cuspiu uma boca cheia de álcool na cara dele. Após mais cânticos, perguntaram a uma médium quem lhe tinha rogado a maldição. Ela respondeu: «A pessoa que o trouxe aqui esta noite! Ela quer que cases com ela. Ou isso, ou que lhe compres uma casa e um pedaço de terra...». A sacerdotisa ordenou a Edna que saísse. Depois disse: «Agora vamos livrar-nos da maldição». Houve mais batucar e dança ritual, depois a sacerdotisa disse: «Agora estás livre. A maldição foi levantada e vai cair agora com o dobro da força sobre a pessoa que ta rogou». Quando ele protestou, disseram-lhe que era demasiado tarde — já tinha sido feito.

Três dias mais tarde, St. Clair recebeu um telegrama de uma revista a pedir uma história; ele tinha-a sugerido meses antes, mas eles tinham-na rejeitado. Agora, inesperadamente, mudaram de ideias e enviaram-lhe dinheiro. Uma semana depois, a herança concretizou-se. O livro foi aceite. E dez dias mais tarde recebeu uma carta a perguntar se o seu caso amoroso desfeito poderia ser reiniciado no ponto onde

tinha ficado. Depois Edna adoeceu. Foi-lhe diagnosticado um tumor no estômago e ela teve de ser submetida a uma operação, que St. Clair pagou.

Mas a saúde dela continuou a declinar. Ela foi ver um sacerdote de umbanda, que lhe disse que a maldição que tinha rogado a St. Clair tinha feito ricochete contra ela e que ela sofreria enquanto permanecesse perto dele. Ela admitiu ter tentado fazer com que ele casasse com ela por magia negra. Recusou a oferta dele para lhe comprar uma casa ou um apartamento e saiu da sua vida.

Em *The Indefinite Boundary*, Playfair passa a discutir a magia negra. Parece, diz ele, basear-se numa troca de favores entre encarnados e desencarnados — homem e espírito:

«O homem encarnado quer que lhe façam um favor; quer um emprego melhor, casar com uma determinada rapariga, ganhar a lotaria do estado, impedir alguém de andar atrás da sua filha... Os espíritos desencarnados, por seu lado, querem desfrutar dos prazeres da carne mais uma vez; uma boa refeição farta, um trago da melhor cachaça, um bom charuto e talvez até relações sexuais com um ser encarnado.

O espírito tem a vantagem em tudo isto. É ele que dita as regras. Quer a sua refeição deixada num determinado local a uma determinada hora, e é bom que a cachaça e o charuto sejam de boa qualidade. O homem encarnado está pronto a fazer a vontade, e é notável como tantos membros das classes mais pobres do Brasil, que são tão pobres como alguém pode ser, conseguem de alguma forma organizar um banquete magnífico para um espírito que concordou em realizar alguma magia por eles...

Quem são estes espíritos? Os kardecistas e umbandistas ortodoxos veem-nos como desencarnados inferiores que vivem num plano astral baixo, que estão próximos do mundo físico, não tendo evoluído desde a morte física... Na Umbanda são conhecidos como exus, espíritos que parecem não ter moral nenhuma e estão igualmente preparados para trabalhar a favor ou contra as pessoas. Como os pistoleiros da Máfia, fazem o que o chefe diz sem fazer perguntas.»

Ele acrescenta o comentário interessante:

«O exu lembra-nos os espíritos tradicionais os quatro elementos: os gnomos da terra, as sereias da água, os silfos do ar e as salamandras do fogo. Estas criaturas são tradicionalmente pensadas como parte humanas e parte 'elementais', forças integrantes da natureza que conseguem agir sobre os seres humanos sujeitas a certas condições. Existe um número enorme de exus, cada um com a sua própria especialidade. Para apanhar um e persuadi-lo a trabalhar para si, é necessário subornó-lo abertamente com comida, bebida e lisonja geral. Um exu é uma entidade vaidosa e temperamental e, apesar da sua total falta de moral, é muito picuínhas quanto ao cumprimento correto dos rituais.»

Tudo isto soa tanto a *poltergeist* que é tentador sentir que encontrámos finalmente a sua verdadeira natureza e caráter.

Ao estudar o historial do caso «Nora» — já descrito —, Playfair encontrou fortes evidências de que o *poltergeist* tinha sido desencadeado sobre a família por magia negra. Em 1968, uma «oferenda» de garrafas, velas e charutos tinha aparecido no jardim deles, indicando que alguém estava a realizar um trabalho contra a família. Playfair lista os suspeitos. Um antigo namorado de Iracy, a filha, tinha cometido suicídio; depois, havia uma tia idosa que tinha morrido abandonada pelo resto da família e que poderia nutrir um ressentimento.

Depois, Iracy tinha tido um caso amoroso com um homem que era (sem ela o saber) já casado; a esposa do homem poderia ter organizado o trabalho. Ou poderia possivelmente ter sido algum antigo amante descontente de Nora, a rapariga que casou com o filho da família; fotografias do marido de Nora eram frequentemente desfiguradas e encontraram muitos bilhetes que afirmavam que ela estava a ter um caso com outro homem.

Playfair menciona que, na altura em que estava a investigar o caso «Nora», Andrade estava a estudar um na cidade de Osasco onde havia evidências concretas de que um *poltergeist* era causado por magia negra. Duas famílias vizinhas mantinham uma longa disputa sobre limites de propriedade, e uma das famílias ordenou uma maldição contra a outra. O resultado foi que a outra família foi

assombrada por um *poltergeist* que fazia cair pedras no telhado, provocava fortes ruídos de pancadas e incêndios espontâneos. Uma característica original deste caso foi que, quando a família ia tirar com uma concha a refeição de uma panela — que tinha estado coberta com uma tampa —, descobria que a comida tinha sido estragada por um charuto grande.

O candomblé — um dos maiores cultos afro-brasileiros — parece ter tido origem entre escravos negros libertos na década de 1830, e tem a mesma origem que o vodu, que começou no Haiti quando os primeiros escravos chegaram no início do século XVII. Isto, por sua vez, teve origem em África como *ju-ju*. Os europeus têm uma inclinação natural para descartar isto como o resultado da ignorância e da estupidez; mas poucos dos que tiveram experiência direta do assunto mantêm essa atitude cética.

Na noite de 9 de setembro de 1977, Guy Playfair assistiu a uma palestra sobre *poltergeists* na Society for Psychical Research e viu-se sentado ao lado de um homem chamado Maurice Grosse. Após a palestra, Grosse anunciou que estava a meio de um caso e que teria muito gosto em receber alguma ajuda. Ninguém se voluntariou. Poucos dias mais tarde, Playfair ouviu uma transmissão na BBC Radio 4 na qual Maurice Grosse descrevia algumas das coisas incríveis que andavam a acontecer na casa da família Harper, em Enfield. Relutantemente — porque tinha acabado de terminar um livro e estava ansioso por gozar umas férias —, Playfair decidiu oferecer alguma ajuda.

O *poltergeist* de Enfield tinha feito a sua primeira aparição na noite de 30 de agosto de 1977. Havia quatro crianças na casa: Rose, de 13 anos, Janet, de 11, Pete, de 10 e Jimmy, de 7; a mãe estava separada do marido. Pete e Janet partilhavam um quarto. Nessa noite, logo após Pete e Janet se terem deitado, as suas camas começaram a abanar de uma forma estranha.

Chamaram a mãe, mas o abanão tinha parado. Ela assumiu que eles andavam a «brincar» e disse-lhes para irem dormir. Na noite seguinte, as crianças ouviram um ruído de arrastar, como uma cadeira a mover-se. A Sra. Harper entrou e pediu-lhes para estarem quietos. O

quarto parecia estar perfeitamente normal. Mas quando ela apagou a luz, também ouviu o ruído de arrastar. Soava como alguém a arrastar-se pela divisão de chinelos.

Depois, ouviram-se quatro pancadas fortes e claras. E quando a Sra. Harper acendeu a luz novamente, viu a pesada cómoda a mover-se sozinha. Deslizou uma distância de cerca de dezoito polegadas pelo chão. Ela empurrou-a para trás. Esta deslizou para trás novamente. Tentou empurrá-la para trás, mas ela não se moveu — era como se alguém estivesse do outro lado, a impedir que se movesse. A Sra. Harper começou a tremer de medo. «Está bem, toda a gente para baixo...»

Foi à porta ao lado e pediu a ajuda dos vizinhos. Vic Nottingham e o seu filho dirigiram-se à casa dos Harper e revistaram-na de alto a baixo. Depois, começaram as pancadas. Vic Nottingham correu para fora, para ver se era algum brincalhão do outro lado da parede. Não estava ninguém ali.

Chamaram a polícia. Quando as luzes foram apagadas, as pancadas começaram. Depois, à luz vinda da cozinha, todos viram uma cadeira que oscilava entrando em movimento. Deslizou em direção à cozinha ao longo de três ou quatro pés. A polícia não podia fazer nada em relação a fantasmas, pelo que se foi embora. E a família Harper dormiu na sala de estar.

No dia seguinte, tudo esteve calmo até ao anoitecer. Depois, o *poltergeist* começou a atirar coisas. Berlindes e peças de Lego vinham a zunir pelo ar como se fossem disparados de uma catapulta. Quando alguém apanhou um dos berlindes, descobriu que este estava a queimar de quente.

Sem saber o que fazer, a Sra. Harper permitiu que o seu vizinho telefonasse para o *Daily Mirror*. Um repórter e um fotógrafo compareceram, mas não viram nada. Decidiram ir embora nas primeiras horas da manhã. Assim que estavam lá fora, o bombardeamento de Lego recomeçou. A Sra. Harper correu para fora e contou-lhes. Quando o fotógrafo entrou, com a câmara erguida, uma peça de Lego voou pela sala e atingiu-o acima do olho direito.

Causou uma contusão considerável — um dos poucos exemplos de um *poltergeist* a magoar realmente alguém. No entanto, a fotografia não mostrava nenhuma peça de Lego a voar em direção a ele — deve ter estado mesmo fora do alcance da câmara. Mais tarde, ocorreria a Guy Playfair que o *poltergeist* parecia dar-se a um grande trabalho para não ser visto a fazer as coisas.

O *Daily Mirror* contactou a Society for Psychical Research, e a SPR contactou Maurice Grosse, um membro recente que procurava um caso para investigar. Poucos dias mais tarde, Guy Playfair dirigiu-se à casa em Enfield. Foi o início de um envolvimento de dois anos.

Playfair estava inclinado a suspeitar de Janet, uma rapariga extremamente viva. Pediu à Sra. Harper que a vigiasse especialmente, acrescentando: «Mesmo que a Janet esteja a pregar partidas, pode não ser culpa dela». Pois ele tinha-se deparado com uma descoberta curiosa feita por investigadores anteriores como Nandor Fodor e William Roll: que o «foco» de um caso de *poltergeist* pode atirar coisas — da forma comum — sem ter consciência disso. A implicação parece ser que um *poltergeist* consegue entrar no interior de alguém e «fazê-lo fazer coisas».

Enquanto Playfair e um fotógrafo do *Mirror* esperavam no escuro no quarto de Janet, um berlinde aterrou com um estrondo no chão. O aspeto estranho era que não rolou, como um berlinde normalmente faria. Ficou imóvel. Playfair tentou afincadamente duplicar aquilo, mas achou-o impossível; a menos que seja largado de muito perto do chão, um berlinde rolará, particularmente em linóleo liso.

Quando o fotógrafo tentou tirar uma fotografia de teste, os três flashes em todas as três câmaras falharam em funcionar. Quando examinou os flashes, descobriu que tinham sido todos esvaziados de energia — embora os tivesse carregado escassos minutos antes de tentar tirar a fotografia.

Playfair tentou atar a perna da cadeira de cabeceira de Janet à perna da cama dela. Utilizou arame. No espaço de minutos, a cadeira tinha caído; o arame tinha sido partido. Amarrou-a com várias voltas de arame. Não muito depois, a cadeira caiu novamente — o arame tinha partido mais uma vez. Uma grande poltrona tombou, depois a

cama disparou pelo quarto além. Um livro voou da prateleira, atingiu a porta, prosseguiu em ângulo reto e aterrou em pé no chão; chamava-se *Fun and Games for Children*.

Enquanto olhavam para uma das almofadas numa cama, apareceu nela uma reentrância, como se uma cabeça invisível estivesse ali apoiada. A cabeça parecia ser pequena, o que levou a Sra. Harper a manifestar a sua suspeita de que se tratava do fantasma de uma rapariga de 4 anos que tinha sido sufocada pelo pai numa casa vizinha; parte do mobiliário dessa casa tinha ido parar à casa dos Harper, e a Sra. Harper já o tinha deitado fora, suspeitando que poderia ser a causa do problema. Claramente, ela estava enganada.

Chegou um ponto em que Guy Playfair começou a sentir que a «entidade» queria comunicar — continuou com as suas pancadas numa ocasião durante duas horas e meia. Uma médium chamada Annie Shaw veio à casa com o seu marido, George. Annie entrou em transe, depois gritou subitamente «Vai-te embora» e começou a cacarejar. Quando o marido lhe falou, ela cuspiu-lhe. Gemeu: «Gozer, Gozer, ajuda-me. Elvie, vem cá». George falou firmemente com a «entidade» que tinha assumido o corpo dela, aconselhando-a a ir-se embora e a deixar a família Harper em paz. Quando Annie regressou ao normal, afirmou que a assombração se centrava em redor de Janet e que existiam várias entidades por trás dela, incluindo uma mulher idosa. George acrescentou: «Este Gozer é um tipo desagradável, uma espécie de sujeito da magia negra.

O outro, Elvie, é um elemental». Annie explicou que o campo áurico em redor de Janet e da sua mãe estava a «verter» e que, quando isso acontece, os *poltergeists* conseguem utilizar a energia para as suas manifestações. Os Shaw «limparam» as suas auras através de uma técnica bem conhecida — movendo as mãos da cabeça aos pés em redor dos contornos do corpo, a cerca de seis polegadas de distância. O problema, disseram os Shaw, devia-se ao ambiente negativo na casa — e a Sra. Harper admitiu que se sentia de facto amargurada em relação ao ex-marido e que andava a guardar esse sentimento reprimido há anos. Uma forma de impedir que um *poltergeist* se manifeste, disse Annie Shaw, era aprender a controlar as próprias energias, para que estas parem de «verter».

Durante algumas semanas após esta sessão de cura, as manifestações quase cessaram. Depois, no final de outubro, recomeçaram — mobiliário arremessado de um lado para o outro, camas a abanar, cobertores arrancados das camas —, tendo Playfair e Grosse registado cerca de quatrocentos incidentes num curto espaço de tempo. Poças de água também começaram a aparecer no chão da cozinha — poças com contornos muito distintos, como se tivessem sido feitas ao verter água de um jarro diretamente no linóleo. Uma poça tinha a forma de uma figura humana.

A entidade começou a fazer coisas que poderiam ter causado danos graves. Numa noite, uma grelha de ferro da parte inferior de uma lareira voou pelo quarto além e aterrou na almofada de Jimmy — um pouco mais perto e poderia tê-lo morto. Na noite seguinte, o pesado aquecedor a gás foi arrancado da parede — tinha sido cimentado na alvenaria. (Os *poltergeists* conseguem exibir uma força assustadora; em *The Flying Cow*, Playfair regista um *poltergeist* que elevou um Jeep a quarenta jardas pelo ar.)

Seguindo o conselho do veterano investigador E.J. Dingwall, Playfair tentou comunicar com a «entidade». Quando esta batia, ele batia de volta. Quando lhe pediu para utilizar o código habitual — uma pancada para sim, duas para não —, seguiu-se uma descarga de pancadas fortes. Playfair perguntou: «Não percebes que estás morto?», o que pareceu enfurecê-la. Ouviram-se estrondos vindos de um quarto e, quando subiram a correr, a divisão estava no caos, com objetos espalhados por todo o lado. Evidentemente, «Gozer» não estava ansioso por manter uma conversa educada.

Maurice Grosse teve mais sucesso algumas semanas mais tarde. «Morreste nesta casa?» O código de pancadas indicou «Sim». «Vais-te embora?» Um baque forte disse «Não». A entidade indicou que tinha vivido na casa durante muito tempo — mais de trinta anos. Tinha partido há cinquenta e três anos. Quando as pancadas pareceram tornar-se absurdas, Grosse perguntou: «Estás a brincar comigo?». Uma caixa de cartão que continha almofadas voou pela sala além e atingiu Grosse na testa. Guy Playfair, que estava do lado de fora da porta com o seu gravador (o *poltergeist* tinha ganho aversão a ele), registou tudo isto em fita; a caixa fez um ruído estranho de sussurro.

No entanto, ninguém viu realmente a caixa a voar pela sala. Foi como se tivesse desaparecido da sua antiga posição e rematerializado ao atingir Maurice Grosse na cabeça.

Como a maioria dos *poltergeists*, este estava a entrar no seu ritmo à medida que se tornava mais perito. As crianças começaram a ver figuras sombrias, e Jimmy, de 7 anos, ficou aterrorizado quando olhou em direção à parede e viu um rosto desincorporado — o rosto de um velho com grandes dentes brancos — a olhar fixamente para ele. Em frente de Grosse e de várias outras testemunhas, projetou Janet da sua cadeira, através da sala, a uma distância de oito pés. Enquanto Rose, a rapariga mais velha, subia as escadas, o fantasma puxou-lhe literalmente a perna — os investigadores encontraram-na de pé numa perna, com a outra esticada atrás de si, incapaz de se mover. Só foi capaz de caminhar quando Grosse a rodou para o lado.

Decidiram pedir ao fantasma para escrever uma mensagem e deixaram um lápis e papel. Poucos minutos mais tarde, descobriram que alguém tinha escrito: «Vou ficar nesta casa. Não mostres isto a mais ninguém ou eu vou retaliar». Outra mensagem dizia: «Posso ter um saquinho de chá». A Sra. Harper colocou um sobre a mesa e, escusados momentos depois, um segundo saquinho de chá apareceu ao lado deste.

Quando o marido da Sra. Harper veio fazer uma visita para pagar o dinheiro da pensão de alimentos, manifestou incredulidade em relação a tudo aquilo, e a Sra. Harper mostrou-lhe a mensagem — esquecendo-se de que esta lhe tinha ordenado que não o fizesse. Disse em voz alta: «Desculpa, esqueci-me». Outro pedaço de papel apareceu sobre a mesa: «Um mal-entendido. Não o faças outra vez».

Poucos dias depois disto, a Society for Psychical Research enviou uma equipa de investigadores para analisar o local. Tinham evidentemente decidido que a atividade de *poltergeist* se devia inteiramente às raparigas. Balões cheios de água foram colocados debaixo das camas por alguma razão; e, quando rebentaram, a água gotejou através do teto. Quando a equipa se foi embora, Grosse e Playfair — que tinham estado presentes — tiveram algumas coisas irritadas a dizer sobre a obsessão da SPR com a fraude.

Por esta altura, era muito claro que Janet era o alvo principal do *poltergeist*. Era frequentemente atirada para fora da cama sete ou oito vezes antes de conseguir pegar no sono. Quando adormecia, sacudia-se e gemia; Playfair começou a sentir cada vez mais que ela estava «possuída». Recordou o caso de Maria Ferreira, a rapariga sul-americana que tinha sido conduzida ao suicídio por um *poltergeist*, e sentiu algum receio. Numa ocasião, com um fotógrafo no quarto, Janet foi projetada para fora da cama — o evento foi fotografado — e depois, enquanto o fotógrafo e Maurice Grosse tentavam segurá-la, ela entrou em convulsões, gritou de forma histérica e mordeu Grosse. Quando finalmente recolocada na cama, adormeceu. Mais tarde, ouviu-se um estrondo e encontraram-na deitada em cima do aparelho de rádio, ainda profundamente adormecida.

Na noite seguinte, Janet teve mais convulsões e deambulou, falando alto: «Onde está o Gober. Ele vai matar-vos».

Dois dos amigos de Playfair vindos do Brasil, que por acaso se encontravam em Londres, visitaram a casa de Enfield e conseguiram trazer Janet para fora de um dos seus estados semelhantes ao transe. A perspetiva deles era de que Janet era uma médium poderosa e deveria ser treinada para utilizar os seus poderes. Um dos dois médiuns brasileiros escreveu numa folha de papel: «Vejo esta criança, Janet, na Idade Média, uma mulher cruel e libertina que causou sofrimento a famílias de pequenos proprietários agrícolas (*yeomen*) — alguns destes parecem ter voltado agora para se desforrarem da família».

Pouco depois disto, Janet começou a produzir desenhos, num estado de semi-transe; um deles mostrava uma mulher com sangue a verter da garganta, com o nome «Watson» escrito por baixo. Outros desenhos continuavam este tema de sangue, facas e morte. Quando Playfair perguntou à Sra. Harper se conhecia algum Watson, ela respondeu que era o nome dos inquilinos anteriores da casa. A Sra. Watson tinha morrido de um tumor na garganta.

- *Durante a redação deste capítulo, a 20 de setembro de 1973, foi encontrada uma mensagem na porta de um armário na cozinha, assinada por Webbe, que dizia: "Vejo que escreves a*

gozar comigo e a fazer troça de mim. Vejo que escreves sobre mim."

Uma hora mais tarde, o pedaço de papel tinha sido preenchido com uma cena estranha, no centro da qual estava um cavalo. O desenho não era particularmente bom — na verdade, a única coisa que tinha algum pequeno mérito artístico era o próprio cavalo. O resto do desenho era uma cena morta, desolada e mal desenhada. Havia um cavalo cilhado, amarrado por uma rédea a um cepo morto numa árvore morta, de aspeto oco e plano. De facto, todo o desenho parecia morto; a única coisa viva nele parecia ser o animal.

Era sinistro e, durante algum tempo, assustou-me. Atrás do cavalo estava outra árvore morta. Erva rígida, de aspeto morto, erguia-se em leques rígidos ao redor do chão plano e sem vida, que estava juncado de pedras grandes e duras. O céu, descendo até ao horizonte, era negro, tempestuoso e opressivo. Eu sabia que não tinha desenhado aquele desenho com a minha própria mão. Eu nunca conseguiria ter desenhado o cavalo. Isto aconteceu a 2 de novembro de 1971.

No mesmo dia, "desenhei" um camelo, aparentemente sob a orientação do gravador de madeira Thomas Bewick, que morreu em 1826. Artisticamente, o camelo era melhor do que o cavalo que viera de Munnings — não era tão plano. Para minha deceção, já não me restava energia para continuar a comunicar e, relutantemente, parei de desenhar. Mais tarde, nessa semana, produzi um desenho a lápis de um cisne e de uma pequena pena, pretendendo vir de Thomas Bewick. O nível artístico dos desenhos estava a melhorar. Depois de ter regressado à escola para o resto do período de outono, recebi mais vários desenhos, todos a lápis, e pretendendo originar de uma variedade de artistas que estavam mortos, alguns anónimos, outros assinando as suas assinaturas.

Quando já andava a fazer estes desenhos automáticos há cerca de um mês, a qualidade do conteúdo dos escritos também melhorou. A qualidade os desenhos tinha melhorado muito mais depressa do que a da escrita. Recebi várias mensagens em escrita automática de pessoas que frequentemente me davam uma morada e o nome de uma pessoa viva a quem desejavam que eu transmitisse uma mensagem.

Obviamente, eu não estava em posição de o fazer. Estas mensagens assumiam a forma da seguinte, que eu próprio inventei e não é uma mensagem genuína. Destina-se apenas a explicar o tipo de mensagem que eu recebia: "Morri no Hospital de St. Hilary, Castle Rise, na terça-feira, 19 de novembro. A minha esposa está a chorar por mim e está infeliz. Por favor, diz-lhe que estou seguro e feliz. Encontrei o John e a Jessie. Envio o meu amor para os filhos Susan, David e Richard. Por favor, contacta a minha esposa Doris em Pollard Avenue, 4, Furnby."

Poder-se-ia dizer que eu andava a ler obituários em jornais diários e depois, consciente ou inconscientemente, a reproduzi-los em textos escritos automaticamente. Mas, nesta altura, na escola, eu não lia nenhuns jornais, exceto ocasionalmente o *Daily Express*, que não tem coluna de obituários. Parece-me improvável, portanto, que eu estivesse apenas a reproduzir algo que já tinha visto antes. A 8 de outubro de 1971, recebi uma mensagem curiosa que dizia: "Ele não tem muito tempo de vida. Daqui a uma semana estará aqui. Não lhe segures a cabeça. L.F.M." Não muito tempo depois de ter recebido este aviso, Lionel Frederick Mullis morreu. Era o segundo marido da minha avó. Na altura em que escrevi esta mensagem, eu não tinha conhecimento do seu estado de saúde e, de facto, só depois da sua morte é que esta mensagem teve qualquer relevância para as iniciais L.F.M.

Os desenhos que eu produzia faziam com que cada vez mais perguntas fossem feitas sobre a sua origem e sobre como eu conseguia desenhá-los, especialmente porque era bem sabido que eu nunca possui qualquer capacidade para desenhar ou pintar. Já mencionei que muitos dos desenhos eram "anónimos", mas havia tantos estilos diferentes expressos nos desenhos que isso, por si só, era bastante desconcertante.

No final de 1971, eu tinha desenhos nos estilos de Walt Disney, Bewick, antigos gravadores de madeira europeus e artistas franceses do início do século vinte. Temas e características semelhantes podiam ser encontrados em muitos dos desenhos, mas eram todos traduzidos para o estilo particular de diferentes artistas. Uma grande proporção

dos desenhos parecia apresentar ramos mortos e superfícies de pedra dura, dando-lhes uma aparência um pouco sinistra.

Um mocho desenhado com a minha caneta de tinta permanente, e pretendendo ser desenhado por Thomas Bewick, estava executado de forma atraente e depois inserido num fundo de ramos mortos salientes de uma árvore. A própria ave pousava numa pedra, exibindo grandes garras e um bico de rapina. De um artista anónimo, recebi um desenho no qual estava escrito "VIVE LA FRANCE". Este também parecia sinistro e mostra um homem sem pernas numa esquina de uma rua.

Atrás dele, em dois lados, há paredes de pedra; o homem está sentado numa saliência de pedra, que vai dar a uma estrada calcetada. As suas mãos estão deformadas e, de um dos lados dele, há um ralo, uma garrafa e uma ave sem vida. Entre os cepos das suas pernas há um espalhado de moedas. Ele tem uma barba preta e os seus olhos estão tapados a preto para parecerem órbitas escuras. Está de tal forma posicionado na esquina da rua que todas as linhas que constituem os cantos ou arestas das paredes, as saliências e a estrada se unem num único ponto na sua virilha.

Numa parede estava borratado "Vive La France", com o F escrito ao contrário. Em dezembro de 1971, eu já andava a fazer escrita automática há quase cinco meses. Muito pouca atividade de poltergeist tinha sido testemunhada desde julho; de facto, a única altura em que tal fenómeno ocorria era quando eu não fazia nenhuma escrita ou desenho por mais de uma semana, e então pequenos objetos moviam-se de forma travessa.

A Governanta deixou a escola no início de dezembro para se tornar gerente de um pub que o seu pai estivera a gerir antes dela. Ele adoeceu e, como não havia mais ninguém para cuidar daquilo, ela teve de nos deixar. Menciono isto porque vários acontecimentos interessantes estiveram ligados a ambos nós mais tarde. Continuei a receber mensagens automáticas regulares; os seus conteúdos variavam. Alguns deles eram banais e sem sentido, outros fascinantes e até muito inteligentes. Um Gerald Wood informou-me de que achava que eu iria

"encontrar o balanço do pêndulo T dado como T=*2π vl"*

g

Um Martin Warboys esperava que eu tivesse “algo no vento”. “Tenta as velhas corridas outra vez, companheiro Bert”, aconselhou ele! Recebi uma comunicação particularmente triste mas interessante de um rapaz pequeno que tinha sido atropelado por um carro e morto numa estrada principal a escassas jardas da nossa casa. Ele vinha a caminho de casa vindo da escola, onde costumava ser esperado pela mãe; naquela tarde em particular não estava ninguém para o esperar e ele foi morto ao atravessar a estrada desacompanhado. “Diz à Mamã”, escreveu ele numa caligrafia infantil, “que estou bem, mas não tenho os meus dentes da frente porque o carro os arrancou com o golpe.”

É importante mencionar que eu não tentei comunicar com aquele rapaz; a nota dele simplesmente apareceu com as outras. Um incidente estranho aconteceu em janeiro de 1972. Fui à cidade para comprar um disco de vinil, “It don’t come easy” de Ringo Starr, mas não consegui arranjá-lo em nenhuma das duas lojas de discos.

Dececionado, caminhei de volta para a escola, mas ao entrar no meu estúdio dez minutos mais tarde, encontrei uma cópia branda nova na sua capa em cima da minha secretária, contudo ninguém na minha casa na escola tinha um, disso eu estava certo. De onde tinha vindo? Ainda não sei a resposta. Desejei eu tão fortemente ter este disco que ele simplesmente se materializou? Terá sido um *apport* de um daqueles que comunicavam comigo? Em ocasiões posteriores, experienciei situações semelhantes, embora nunca tenha sido capaz de forçar um desejo a realizar-se. Normalmente, encontro certos objetos se tiver desejado por eles, não conscientemente de modo a obtê-los, mas subconscientemente como parte dos meus pensamentos enquanto tento deitar-lhes a mão da forma mais natural.

Por exemplo, eu estava a recolher material para uma fogueira de Guy Fawkes no fundo do nosso jardim. Encontrando-me com falta de resíduos, exceto por meia dúzia de caixas de cartão, fui à casa e perguntei à minha mãe o que poderia usar. Não estava mais ninguém em casa e ela não tinha nenhuma ideia ou sugestão. Regressei ao fundo do jardim e, para meu absoluto espanto, encontrei uma pilha de grandes troncos e lenha colocada ao lado das caixas de cartão. Naquela altura não havia ninguém que pudesse ter feito isto, quanto

mais no curto espaço de tempo em que eu estivera dentro de casa. Ao todo, havia vários quintais de lenha e troncos.

A única explicação viável é que se materializaram como resultado do meu desejo. O que é curioso é que os artigos que se materializam desta forma nunca são essenciais; são, talvez, extras úteis. Outros desses *apports* incluíram vários discos de vinil, um pacote de açúcar, uma nota de banco, um par de luvas pretas de renda e selos postais. Um disco de longa duração do qual eu já tinha uma cópia apareceu um dia em casa; parecia ter vindo de outro proprietário, pois ostentava marcas óbvias de uso.

Não parecia haver razão para isto se materializar, visto que eu já possuía uma cópia do mesmo. Outro incidente curioso ocorreu no comboio de Brighton para Londres. Uma noite, eu estava a regressar de Brighton para Cambridge e, não tendo comido nada o dia todo, estava a sentir muita fome. Não havia carruagem-bar no comboio. Desloquei-me até ao lavabo para me lavar, levando comigo uma toalha de rosto que trazia na minha mala.

Quando regressei ao meu compartimento, voltei a colocar a minha toalha de rosto dentro da mala de viagem, que eu tinha deixado fechada com o fecho de correr. Para meu espanto, havia na mala uma garrafa de meio litro de cerveja e uma tarte de maçã; estas eu consumi de bom grado. Está fora dos limites da realidade tentar explicar isto sugerindo que alguém tinha entrado no meu compartimento e colocado a tarte e a cerveja na minha mala enquanto eu estive no corredor durante cinco minutos. Simplesmente não faria sentido.

Tal como no caso da lenha, quem teria concebivelmente realizado tal ato de caridade, e quem mais poderia saber que eu estava com fome? O compartimento que eu ocupava estava vazio, exceto por mim. Uma manhã entrei no meu quarto e encontrei um maço de selos de brinde em cima da minha cama. Eu não tinha, tanto quanto me conseguia recordar, estado a desejar por eles, embora a minha mãe os colecione. Quando os contámos, estavam todos numa única tira longa, 680 selos que, de acordo com os meus cálculos, teriam significado gastar £17, ou £8.50 numa loja que desse selos a dobrar. De onde estes

selos se materializaram continua a ser, tal como os outros objetos, um mistério.

Por vezes, a minha presença parecia ter um efeito muito peculiar nos carros em que eu viajava. Em várias das muitas viagens que fiz com o meu pai entre Cambridge e a minha escola, o motor ia abaixo sem razão aparente, como se a ignição tivesse sido desligada. Parecia ser uma falha elétrica que parava o motor; podíamos estar a viajar, por vezes a uma velocidade de 70 m.p.h. ao longo da A1, quando de repente perdíamos toda a velocidade e aceleração. O carro imobilizava-se e recusava-se a pegar novamente. O remédio que encontrámos, após alguma experiência disto, foi eu sair do carro, após o que o motor pegava imediatamente. Isto ocorreu em três carros diferentes e nunca aconteceu quando eu não era passageiro.

Uma tarde, eu estava deitado numa banheira na escola. À minha frente estava uma janela que estava firmemente fechada. Numa saliência na extremidade do ralo da minha banheira estava uma variedade de sabonetes e tampas. Da minha posição, estavam à minha frente primeiramente as torneiras, depois a saliência e, a alguns pés atrás da saliência, estava a janela. Enquanto eu devaneava naquela direção, uma tampa elevou-se no ar. Isto sobressaltou-me. Foi o primeiro fenómeno de poltergeist que eu tinha testemunhado há algumas semanas e a primeira vez em muitos meses que eu tinha efetivamente visto um objeto mover-se.

A tampa disparou então em direção à janela com tanta velocidade como se alguém lhe tivesse batido com muita força com um taco. Na verdade, pensei num ápice que ela iria despedaçar a janela. Para meu espanto, passou através da janela e desapareceu de vista. A janela permaneceu firmemente fechada e intacta. Alguns minutos mais tarde, encontrei uma tampa, que presumi ser a mesma, caída no chão do outro lado da janela. Isto para mim poderia ser uma explicação de como objetos, durante o violento surto de poltergeist do ano anterior, se tinham movido de uma extremidade da casa para a outra, sem serem vistos; frequentemente pareciam ter de passar por divisões cheias de pessoas ou portas fechadas. Poderia também justificar a razão pela qual muitos artigos domésticos simplesmente sumiram

naquela altura, mesmo sendo aparentemente demasiado grandes para serem meramente escondidos.

Contudo, um outro fenómeno interessante manifestou-se num gravador de rolos, em duas ocasiões distintas. O primeiro caso ocorreu na escola e foi testemunhado por cinco pessoas, e o segundo incidente teve lugar em casa durante o período de férias. Uma noite, decidi com quatro amigos realizar uma experiência segundo as linhas do Fenómeno da Voz Eletrónica e reunimo-nos todos no meu estúdio em redor de um grande gravador de rolos por volta das 23h.

A máquina foi colocada em gravação e o gravador, embora ligado à tomada, era desligado depois de cada um de nós anunciar o seu nome e pedir a uma pessoa em particular para falar na fita. Quando reproduzimos a fita, não havia nada senão três minutos de silêncio. A seguir, pedimos a outra pessoa para falar; novamente não houve resposta após três minutos.

Uma hora mais tarde, não tendo ainda obtido qualquer sucesso, decidimos fazer mais uma tentativa e depois ir para a cama. Parecia que não íamos obter qualquer resposta. “Porque não tentar o Hitler?”, sugeriu alguém. “É muito mais provável que funcione, pois é sempre mais fácil atrair uma força do mal do que uma força do bem.” Isto, na altura, pareceu uma boa ideia, por isso convidámos o Hitler a falar e depois concentrámo-nos no seu nome enquanto o gravador de rolos funcionou por alguns minutos. Depois de pararmos a fita, rebobinámo-la até ao início para reprodução. Começou com o estrondo distante de tiroteio, que logo deu lugar a um marchar arregimentado. Isto continuou por quase um minuto e soava como se o microfone estivesse colocado perto de soldados enquanto estes marchavam por ele. Depois, por trás deste ruído, podia ouvir-se um som como o de uma banda de música militar a tocar uma melodia de marcha, que mais tarde foi identificada como uma das canções nazis alemãs.

Os pés que marchavam começaram a correr à medida que o tiroteio podia ser ouvido mais claramente ao fundo. Ainda assim, a música continuava a tocar por cima de tudo e uma gritaria incoerente era audível. Começou então a soar como se os pés estivessem a correr

por um corredor de pedra ou cimento que produzia um eco. Neste ponto a fita terminou. Sobressaltados e maravilhados, reproduzimos a fita repetidamente. Todos nós tínhamos verificado a fita cuidadosamente de antemão e podemos jurar que estava limpa em todas as quatro pistas. O microfone não estava ligado, tornando-o inútil para gravar sons normais.

Curiosos para ver se a experiência poderia ser repetida, ligámos o gravador de rolos novamente. Três minutos mais tarde não havia nada na fita, por isso começámos a gravar novamente por mais três minutos. Eu tinha na minha secretária um ovo de pedra de alabastro. O ovo estava a cinco pés de distância do gravador de rolos e a cerca de oito pés do microfone. Sem razão óbvia, este ovo, que estava na secretária, a cerca de dezoito polegadas de onde eu estava sentado, começou a emitir um som sibilante que começou como um baixo "zumbido" e subiu até um ruído comparável a um retroalimentação eletrónica.

O gravador de rolos ainda estava ligado. Estendi a mão para pegar no ovo e, assim que cheguei a uma polegada dele, o ruído intensificou-se para um nível que nos magoava os ouvidos. Quando retirei a mão, o nível do ruído retrocedeu para um tom sibilante claramente audível. Um dos meus amigos esticou-se para tocar no ovo e o ruído parou.

Ele pegou no ovo e disse que este estava bastante quente; não deveria estar quente, pois era pedra maciça e não tinha sido manuseado antes. Ele entregou o ovo a outro amigo e este começou novamente a ganir. Quando eu o peguei, o ruído subiu para o seu nível anterior até que o voltei a colocar na secretária, onde apenas continuou a emitir um zumbido baixo. Quem quer que tocasse no ovo fazia com que este produzisse um ruído diferente, que por vezes era um som sibilante agudo e por vezes um zumbido baixo. O ruído aumentava mais quando eu lhe tocava. Este fenómeno continuou por pouco mais de quinze minutos.

Tínhamos iniciado o gravador de rolos quando este assobio começou e gravámos tudo enquanto durou. Quando o reproduzimos, os ruídos e as nossas vozes estavam claramente gravados. O segundo

incidente aconteceu em casa, quando eu me entretinha com um gravador de cassetes já tarde na noite. Ouvindo as notícias das dez horas na rádio, o repórter falou sobre a violência na Irlanda do Norte, bombardeamentos e tiroteios, e as mortes de alguns soldados cujas patrulhas tinham sido emboscadas. Depois das notícias, fui para o meu quarto e liguei o gravador de cassetes com o microfone encaixado.

Deixei que gravasse o silêncio por cerca de dois minutos e depois reproduzi-o. Ao início correu silenciosamente. Fui subitamente abalado por dois tiros de arma claramente audíveis. Seguiu-se outro curto silêncio que logo foi despedaçado por duas rajadas de fogo de metralhadora. Após um par de segundos, estas deram lugar a tiros isolados e a muita gritaria que era incoerente. A sequência de ruídos correu por quase quarenta e cinco segundos e o resto da fita esteve novamente quieto. Reproduzi isto várias vezes, e os meus pais ouviram-no tão horrorizados como eu próprio estava. Fui lá fora dar um passeio sozinho e regressei a casa cerca de vinte minutos mais tarde. Fui novamente ao gravador de cassetes e liguei-o para gravar, pois estava a perguntar-me se receberia alguma informação ou talvez os mesmos sons novamente. Imediatamente ao reproduzir a fita, música de órgão era claramente audível. Soava como um órgão de tubos e como se eu o tivesse gravado dentro de uma igreja enquanto tocava.

Com os meus pais, reproduzi esta peça de música de cerca de quinze segundos de duração repetidamente. Não era nada que nos conseguíssemos recordar de ter ouvido anteriormente, e soava realmente como uma peça de música fúnebre. A minha reação à primeira gravação de tiroteio tinha sido de tristeza e eu tinha pensado nos familiares dos soldados mortos. Eu só tinha saído para dar um passeio porque me sentia tão triste e infeliz a pensar nos jovens, apenas um ano mais velhos do que eu. Se estas duas sequências estavam relacionadas, não sei.

Nem pretendo saber a resposta a perguntas que me têm sido colocadas pelos meus pais, nomeadamente se eu poderei ter projetado estes sons subconscientemente na fita. A 2 de abril de 1972, recebi uma comunicação pretendendo vir de e assinada por Frederick Myers, o bem conhecido investigador psíquico e um dos membros fundadores

da S.P.R. Dizia: “Não deverias realmente ceder a isto a menos que saibas o que estás a fazer. Eu fiz muito trabalho em escrita automática quando estava vivo e nunca consegui decifrá-la. Ninguém vivo irá alguma vez decifrar todo o segredo da vida após a morte. Ele gira em torno de tantas coisas — personalidade — condição dos corpos físico e mental. Continua a tentar, no entanto, porque poderás em breve estar perto do segredo. Se o encontrares, ninguém vai acreditar em ti de qualquer maneira.” Em muitos aspetos, estas afirmações revelaram-se corretas. Na minha curta e limitada experiência, aprendi a ser muito cuidadoso ao falar às pessoas sobre certos acontecimentos psíquicos.

Muitas vezes, “menosprezo” deliberadamente ou omito por completo partes de mensagens ou acontecimentos quando os relato a amigos. Parece haver um limite para a prontidão e boa vontade deles em aceitá-los completamente. Tenho a certeza absoluta de que Myers tem razão: se algum dia eu descobrir o que causa os fenómenos ou a escrita automática, ninguém vai acreditar em mim. Muitas vezes, quando demonstrei um ou outro fenómeno a amigos ou a estranhos, eles ficam perplexos e bastante entusiasmados. Passada cerca de uma hora, tendo gasto o seu tempo a discutir e a analisar o que acabaram de ver com os seus próprios olhos, começam a duvidar de si mesmos.

Cinco minutos mais tarde, surgem com todas as explicações possíveis e ridículas; no fim, tentam dizer-me que simplesmente não podia ser como tinham pensado antes, porque vai contra a vontade deles aceitar qualquer coisa fora da sua experiência pessoal e do seu preconceito. Dignas de nota são as diferentes caligrafias em que as mensagens aparecem. Algumas delas apresentam-se num estilo de caligrafia que corresponde ao do comunicador enquanto este estava vivo, e algumas apresentam-se num estilo que é completamente diferente. Parece, contudo, que é o conteúdo da mensagem, mais do que o estilo da caligrafia, que corrobora qualquer evidência possível.

Às vezes, porém, o caso inverte-se e a caligrafia parece ajustar-se, enquanto a mensagem aparentemente não faz sentido nenhum. O que é invariavelmente correto é a assinatura na mensagem, que muitas vezes é a mesma que a assinatura do comunicador quando vivo. Não tenho nenhuma explicação a oferecer nem posso tecer comentários sobre tais mensagens que escrevi automaticamente em línguas

estrangeiras que não conheço, ou até em grafias que eu consideraria difíceis de reproduzir se tentasse copiá-las.

O caso de George Laing é particularmente intrigante e é descrito com algum detalhe mais adiante. Sei agora que foi por causa da minha escrita automática de várias grafias e mensagens estrangeiras, antigas e modernas, que *The Psychic Researcher* mostrou interesse em mim. Como o editor desse jornal também está associado aos meus editores, enfrentei provavelmente mais ceticismo e testes do que um autor de um livro normalmente experienciaria. Sempre que eu era convidado para mais um teste ou demonstração, aqueles que eu tinha de conhecer e enfrentar muito raramente estavam dispostos a aceitar a minha palavra para o que quer que fosse. A minha experiência mais desgastante foi ser submetido a um interrogatório de "terceiro grau" pelo Major e pela Sra. Cradock (mais conhecidos como Fanny e Johnnie Cradock, os gastrónomos da televisão).

Durante muitos meses, pensei que Peter Bander, o editor de *The Psychic Researcher*, estava decididamente empenhado em expor-me como um fraude qualquer. A notícia de que seria ele, finalmente, a decidir se o meu livro seria ou não publicado preocupou-me, porque durante seis meses ele não indicou se realmente acreditava na minha história. A minha timidez natural ao conhecer estranhos parecia colocar-me sempre à defensiva; com o tempo, aprendi a aceitar e a respeitar a cautela e o julgamento por vezes crítico deles. Afinal de contas, com a idade de dezassete e dezoito anos, sou talvez um espécime raro para que tantos fenómenos psíquicos lhe aconteçam.

A 26 de setembro de 1972, o meu avô teve um ataque cardíaco e morreu imediatamente; estava precisamente prestes a entrar no seu carro e a conduzir para casa quando colapsou num parque de estacionamento. Três meses mais tarde, começaram a chegar muitas mensagens, pretendendo vir dele, embora eu não lhe tivesse pedido para escrever. Um destes escritos é muito interessante: "Matthew, eu não te deveria dizer isto, mas sentimos que isto poderá ser útil para ti, por isso vou contar-te o melhor que conseguir. Há sítios sobre os quais não estou esclarecido. Foi belo, suave, sem medo e gentil. Muito disto vai ser difícil de explicar por escrito. "A última coisa de que me lembro era de me sentir muito tonto.

Tinha uma dor de cabeça terrível. Acho que me agarrei mas não segurei nada, perdi o equilíbrio e caí. Depois, há um ponto de que não me lembro. Simplesmente não sei. “Depois, parecia estar acima do solo. Vi um corpo no chão e um homem com um casaco escuro inclinado sobre ele. Soube então que tinha de ser o meu corpo. Pairou, creio, e observei enquanto jazia imóvel. À volta tudo estava calmo. A seguir, vi um cordão prateado desde o meu corpo até à nova entidade. (Desculpa a escrita. Está a ficar pior.) Este cordão estendia-se a partir dos meus ombros, na base da minha cabeça. Agora há outro espaço em branco. Olhando para cima, vi um campo de luz branca brilhante e rostos que conhecia, mas que há muito tinha perdido. O meu novo corpo estava a erguer-se suavemente.

Deixei o meu corpo terreno lá em baixo e fui lentamente perdendo de vista tudo, como se estivesse no ar. “Estava completamente relaxado, livre, a derivar o tempo todo para cima. Perdi de vista todos os que estavam no chão. Após uma curta viagem, vim descansar aqui, em paz, com amigos, velhos parentes e sossego. Não consigo exprimir em palavras mais nada em termos terrenos para ti. “Se pudermos continuar a falar, posso dar-te mais de uma imagem. Volta mais tarde. Não consigo continuar agora.

A. G. Manning.” Enquanto esteve vivo, ele sabia das experiências psíquicas pelas quais a nossa família tinha passado. Parecia sempre cético e não interessado. E, no entanto, aqui estava esta mensagem pretendendo vir dele. A assinatura era a dele e a caligrafia semelhante à dele, mas não posso deixar de pensar que a descrição que ele dá é bastante artificial e uma visão tradicional da morte. Isto pode estar correto, contudo, e ninguém está em posição de julgar.

Mesmo assim, após uma quantidade considerável de mensagens que recebi através de escrita automática, houve vários pontos interessantes que ele focou. Algumas das coisas que escreveu estavam de acordo com o seu caráter tal como eu o conhecia, algumas eram-lhe alheias. Os sentidos, os locais, as pessoas e a escala de tempo a que ele se refere são de interesse. No início da mensagem acima, ele escreve: “mas sentimos que...”. Isto implica de certa forma que ocorreu algum tipo de consulta relativamente ao que ele me pode contar.

Ele também não era o tipo de pessoa que desse um erro gramatical, e há vários na mensagem. Depois diz que "muito disto vai ser difícil de explicar por escrito". Mais adiante escreve: "podemos continuar a falar". Isto sugere que ele me "vê" como uma espécie de escriba, escrevendo o que ele me "diz". Ele descreve "uma curta viagem", o que sugere que ele tem alguma noção de distância. Também escreve: "volta mais tarde", o que dá a entender que ele está ciente de alguma escala de tempo. Esta noção de tempo é novamente demonstrada com outra mensagem que recebi mais tarde. Após o seu trespasse, a sua esposa sofreu de um esgotamento nervoso total do qual, ainda hoje, dois anos mais tarde, não recuperou, nem, segundo a opinião médica, é provável que recupere.

Ao início, o meu pai não sabia o que fazer em relação a ela, pois todo o tratamento parecia ineficaz. Pediu-me para comunicar com o pai dele e procurar o conselho deste. Assim fiz, e foi-me dito pelo meu avô que ele não podia dar ajuda. Mas, disse ele, se eu lhe desse "tempo para pensar", veria o que poderia fazer, e pediu "vinte e quatro horas" para pensar sobre o problema. Isto estava muito de acordo com o caráter dele: tentaria sempre ter tempo para pensar sobre um problema, em vez de dar uma decisão imediata.

No dia seguinte, ele escreveu: "Matthew, desde ontem tenho feito algum trabalho árduo que te pode ajudar. O médico em N. (nome fornecido) é inútil. Tenta: The Phobic Trust 51, Northwood Avenue Purley, Surrey. Eles lidam com este tipo de coisas e talvez vos possam ajudar. Para além disto, não consigo pensar em mais nada. Pode valer a pena tentar, mas nunca se sabe. Espero que proporcione algum tipo de solução para um problema muito preocupante. Não hesites em perguntar-me mais..." A morada fornecida revelou-se de certo modo desconcertante. Ninguém tinha ouvido falar de "The Phobic Trust". Ninguém na nossa família conhece Purley em Surrey.

Imediatamente fizemos investigações sobre esta morada e descobrimos que ela existia, e que uma pequena instituição de caridade registada e pouco conhecida, denominada "The Phobic Trust", operava a partir dali. Eu tinha a certeza de que o meu avô não conhecia esta zona, nem a "Phobic Trust". Como ele chegou a transmitir a sua morada era um mistério para mim, até que recebi uma

carta de uma senhora que ajuda a geri-la. Verificou-se que ela estava associada ao movimento Espiritista e, de facto, tinha ela própria alguns poderes mediúnicos.

Perguntei-me se o meu avô a teria "apanhado" enquanto ela praticava os seus dons e, depois, transmitido a morada dela através de mim. Quando a próxima corrida do Grand National estava próxima, voltei a perguntar a Hayward Collins (um antigo apostador profissional) os nomes dos cavalos que iriam ganhar. (Em momento algum apostei dinheiro nos cavalos que ele aconselhou.) Novamente, eu não sabia os nomes dos cavalos, mas ele escreveu: "Corrida do Grand National: Aposta o teu dinheiro no Red Rum, que chegará em primeiro lugar, e no Crisp, que chegará em segundo.

O terceiro lugar será uma posição renhida, por isso não te metas nisso. Segue este conselho, no entanto, Matthew, e só podes estar certo..." Mais tarde, nesse dia, os resultados foram anunciados. O Red Rum terminou em primeiro e o Crisp terminou em segundo. Além disso, foi um *photo-finish* para o terceiro lugar. A mensagem seguinte recebi-a na mesma altura e vinha assinada por Richard Stafford Cripps. É outra comunicação que chegou sem qualquer pedido da minha parte: "Morri na Suíça a 21 de abril de 1952. Estou agora inquieto. O meu corpo está em Sapperton. Onde fica Frith Hill? Na tempestade, incerteza e medo que hoje permeiam o mundo, disponham-se a tornar-se parte da mão de Deus que se estende para trazer paz, paciência e elevados padrões de verdade e justiça a todos os povos. Abençoem o meu corpo e permitam a missa. Aqui está o pai de Charles agora. Tenho de ir. Richard Cripps. (E depois em letras maiúsculas de imprensa), RICHARD STAFFORD CRIPPS. 52."

Até depois de ter recebido esta mensagem, eu nunca tinha ouvido falar deste nome e nada sabia sobre o homem. Contudo, investigações posteriores mostraram que Richard Stafford Cripps, o ministro trabalhista do pós-guerra, morreu na Suíça a 21 de abril de 1952. Quando morreu, foi sepultado num local chamado Sapperton, em Gloucestershire, e tinha vivido em Frith Hill. O seu pai era Charles Cripps. Apenas posso reiterar que o nome era completamente sem sentido para mim quando escrevi a mensagem. Mesmo depois, quando os meus pais a viram, nunca nos ocorreu o pensamento de que o

escritor tivesse sido um político bem conhecido. Além disso, eu nem sequer era nascido quando Richard Stafford Cripps morreu.

Um comunicador que me interessou é um cavalheiro chamado Thomas Penn, que parece ter sido médico. Ele não afirma curar, mas parece capaz de diagnosticar doenças. Não consigo decidir se ele era médico ou astrólogo, mas é uma pessoa que escreve consistentemente de forma inteligente e construtiva e, além disso, pareceria que de forma muito precisa. Ele apenas escreve diagnósticos para mim, mas não revela informações relativas à sua vida anterior. Thomas Penn começou a escrever um dia em que eu não estava propriamente focado em escrever automaticamente, mas sim a pensar no estado de saúde debilitado da minha avó. A minha caneta correu pelo papel:

"Por favor, posso tomar a liberdade de perguntar a data de nascimento da sua avó, pois isso irá ajudar-me. Considera o problema mental ou físico?" Escrevi a data de nascimento dela e também que acreditava que a sua doença era mental, após o que a seguinte mensagem foi escrita: "Embora os efeitos sejam grandes em Vuna Manning, a causa é relativamente simples. Basicamente, os seus pontos fracos são as pernas, os tornozelos, ossos finos, o sangue e a circulação. Deve ter-se grande cuidado em manter a digestão a funcionar corretamente.

Ela estará apta e bem quando viver numa vida de harmonia; se estiver preocupada, as suas reações físicas serão rápidas. "O seu principal problema nesta altura é uma doença conhecida como neurastenia, da qual no presente ela está a recuperar. Consequentemente, sofrerá de perda de peso com má digestão e funcionamento irregular dos intestinos. Queixas de dores vagas em qualquer parte do corpo são apresentadas, e a insónia é comum. Falta-lhe autoconfiança, não consegue concentrar-se e preocupa-se com assuntos insignificantes. Pode ser queixosa ou dada a cismar. Agora, eu pouco posso fazer por mim mesmo, mas o tratamento exigirá uma mudança completa, descanso, e tónicos são necessários.

A cura pode demorar várias semanas. "Não consigo ver claramente agora, mas ela está a sofrer de um tumor benigno (tumor de neuromas). Isto foi negligenciado pelo hospital e deve ser

radiografado. Está a afetar os seus gliomas. Thomas Penn." Talvez esta mensagem não seja um indicador justo da precisão da sua informação, visto que eu já sabia rudimentarmente o que se passava com a minha avó. Tudo o que Thomas Penn disse que estava, ou poderia estar, mal com a minha avó, de facto provou-se ser assim. Os termos médicos utilizados na mensagem apontam para o facto de a origem desta escrita automática estar fora da minha própria mente. Não tenho conhecimentos médicos e não seria competente para diagnosticar uma patologia com tais expressões. (Ainda hoje não sei o que é um "gliomas".) Ninguém tinha qualquer conhecimento ou suspeitava que a minha avó pudesse estar a sofrer de um tumor, embora quando nos foi sugerido por Penn tenha parecido bastante viável.

O hospital foi por nós persuadido a fazer uma radiografia à cabeça dela e a verificar se havia algo de fisicamente errado com o seu cérebro. Depois de terem radiografado o cérebro dela, não quiseram revelar se de facto havia um tumor, nem o negaram. Um ponto que me impressionou como estranho foi o pedido de Thomas Penn pela data de nascimento da avó. Sugeriu-me algo astrológico. Poucos dias depois, um amigo pediu-me para permitir que Thomas Penn escrevesse um diagnóstico sobre o seu avô debilitado. Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, interrompi-o, dizendo-lhe para não me contar mais nada, exceto o nome da pessoa em questão e o seu dia de anos.

Assim fez, e o Sr. Penn teve isto a dizer: "Aqui temos um problema interessante. Os pontos fracos são o peito, a região epigástrica, o estômago, os órgãos digestivos. "Ele é suscetível a constipações e reumatismo. Deve ser fortemente aconselhado a resistir a estados de espírito depressivos e a fixar a sua mente nos aspetos mais radiantes da vida. É grandemente afetado pelo ambiente. Tem uma deficiência de iodo e deve comer muito peixe." Esta mensagem pareceu impressionar o meu amigo, já que certas partes dela estavam corretas e eram do seu conhecimento. Havia outras partes de que ele não tinha a certeza e teria de verificar. Dois dias mais tarde, informou-me de que todo o diagnóstico parecia estar correto; a mãe dele corroborou isto.

Também descobriram mais tarde que o avô ia ser submetido a uma operação; no entanto, o hospital não pôde operar devido ao facto de ele ter uma grave deficiência de iodo no organismo, tendo de ser submetido a um tratamento com comprimidos de iodo. Contudo, o diagnóstico seguinte que Thomas Penn fez estava completamente errado. Novamente, foi-me dado apenas um nome e uma data de nascimento, e o seguinte conselho foi transmitido: "... os seus pontos fracos são dores de cabeça, fadiga cerebral e neuralgia. "Estes são sintomas de problemas nervosos profundos. Sob pressão, ela poderá sofrer de insónia, catarro crónico. É tensa e ambiciosa, o que poderá levar a problemas circulatórios causados por tensão arterial elevada.

Deve manter o sentido de equilíbrio..." A pessoa para quem eu tinha feito esta escrita disse-me que estava completamente errada, mas não quis dizer porquê. Disse-me então que o dia de anos era, de qualquer modo, dois dias mais tarde do que me tinha dito e, sendo assim, voltei a pedir a Thomas Penn o seu diagnóstico, dando-lhe o nome da paciente e o dia de anos corrigido. Desta vez, ele escreveu: "Os seus pontos fracos são o nariz, os órgãos urinários e sexuais, a bexiga e os ossos pélvicos e os poderes generativos. A moderação deve ser o seu forte. Sofre, pelo que parece, de inflamação das articulações, que é crónica. Tem um crescimento excessivo de osso nas articulações, estalidos na articulação e limitação de movimentos. O problema poderá derivar de um abcesso no seio nasal, na amígdala ou no dente. Destes, o primeiro é o mais provável. Thomas Penn." Este novo diagnóstico estava aparentemente correto. Foi-me dito que a mulher sobre quem isto foi escrito estava cheia de artrite e incapacitada numa cadeira de rodas, incapaz de fazer o que quer que fosse por si mesma. Outras comunicações que recebi de Thomas Penn têm sido persistentemente exatas. A única altura em que cometeu erros foi quando lhe foi dada uma data de nascimento incorreta.

Um diagnóstico muito interessante foi recebido de Thomas Penn relativamente a um Sr. F. Smith. O seu filho tinha-me pedido para descobrir o que poderia ser dito sobre esta pessoa. "Aqui temos novamente um caso relativamente simples. Os pontos fracos são as pernas, os tornozelos, o coração, o sangue e a circulação. "Ele está a sofrer de miocardite, estando o músculo cardíaco afetado, o que está a

resultar em fibrilhação auricular, na qual os ventrículos estão a bater irregularmente e as suas aurículas estão a falhar na contração e permanecem dilatadas e num estado de tremor.

"Uma vida calma e uma dieta não estimulante são necessárias para curar. Algo estranho na sua perna causou-lhe problemas, mas está seguro agora." Em vez de ser apenas uma lista das enfermidades do paciente, explica qual é o problema cardíaco e como é causado. No entanto, a parte mais intrigante da mensagem está contida na última linha: "Algo estranho na sua perna causou problemas, mas está seguro agora." Eu não tinha conhecimento do estado de saúde deste cavalheiro nem do seu historial passado. Foi-me dito mais tarde que, enquanto jovem, o Sr. F. Smith tinha sido vítima de um acidente de mota que lhe tinha ferido gravemente a perna. Tinha sido submetido a uma operação durante a qual um pivô de metal lhe tinha sido colocado na perna. Inicialmente isto causou grande desconforto, mas este cedeu passados alguns tempos. Thomas Penn é diferente em variadíssimos aspetos do comunicador comum de mensagens.

Não é mesquinho, irrelevante ou obstinado como tantos deles são. Não se alonga sem nexo e o que escreve é sempre positivo e habitualmente exato. É um contraste com a imensidão de mensagens que avisam que algo "pode acontecer", ou que outra coisa qualquer "pode estar errada". As descrições de Thomas Penn são definidas e decisivas. Por razões que só ele conhece, prefere manter um certo grau de anonimato. De que forma as datas de nascimento entram nos seus prognósticos, não sei, mas parecem fazer uma diferença nítida nos seus diagnósticos.

Os meus desenhos automáticos suscitaram provavelmente o interesse mais amplo, e foram o que primeiro me colocou em contacto com o meu editor e com *The Psychic Researcher*. No seguimento do incidente das gravações de voz em fita, discuti o fenómeno com o autor de *Carry on Talking*, Peter Bander. Na sequência do seu convite, conduzi até Gerrards Cross, e o próprio volume de desenhos que levei comigo pareceu sobressaltar o Sr. Bander e o Sr. Smythe. Ali mesmo fui entrevistado para um artigo no *Researcher*, e o seguinte extrato, que apareceu na edição de julho de 1973, dá um registo exato dos meus próprios pensamentos sobre o assunto e reflete as impressões da

altura: “Um dos artistas comunicadores é o miniaturista elisabetano Isaac Oliver, e entre outros que ‘surgem’ estão Albrecht Dürer, Thomas Bewick e Keble Martin. “Perguntado sobre como sabia que eram esses artistas, Matthew disse: ‘Esvazio a minha mente o mais completamente possível e, nesse estado, penso na pessoa que estou a tentar contactar — enviando toda a minha energia para esta pessoa, que depois escreve ou desenha através da minha mão.’

“O próprio Matthew não alega ter qualquer capacidade artística, mas os desenhos que surgem através da sua mão são de uma ordem muito elevada. No caso dos desenhos de Dürer, os peritos em arte descrevem-nos como ‘Muito dentro do estilo dele’. “Perguntado se poderia descrever que extraordinária faculdade mental invocava para fazer os desenhos, Matthew respondeu: ‘Utilizo o que seria chamado de energia cinética associada, penso eu, ao meu subconsciente. Penso que Dürer trabalha através de mim, pelo que isso pareceria provar a sobrevivência, embora eu acredite que o meu subconsciente desempenha um papel maior nisso.’”

Um investigador psíquico escreveu-me após estudar os desenhos e de me observar de perto em muitas ocasiões: “O instigador físico destes desenhos é a sua mão, mas para além disso não me posso aventurar com um igual grau de certeza. A inspiração — à falta de melhor palavra — parece vir de algum lugar fora da sua consciência. Sinto que esta conclusão é consubstanciada pela qualidade dos seus desenhos. Embora alguns destes sejam reproduções de peças anteriormente feitas pelo artista em vida, vários parecem nunca ter sido produzidos antes...”

Já mencionei que era o próprio volume de desenhos automáticos o que parecia impressionar mais as pessoas e, creio eu, o amplo espectro de artistas que pretendem executar estes desenhos através da minha mão. Tentei deliberadamente “sintonizar-me” com o maior número possível de artistas diferentes. Não o fazia necessariamente pedindo a um artista específico cujo nome conhecesse, e muitas vezes só descobria a identidade quando a assinatura “aparecia”. Muitos dos desenhos, contudo, permaneciam incompletos e anónimos. Entre aqueles que “assinaram” estão Albrecht Dürer, Rowlandson, Picasso, Bewick, Arthur Rackham, Leonardo da Vinci, Aubrey Beardsley, Paul

Klee e Beatrix Potter. Devo aqui acrescentar duas observações que, creio, são importantes:

Procurava com bastante frequência a cooperação de certos artistas e, embora acredite sinceramente que os desenhos subsequentes originam de uma fonte fora de mim, estou certo de que o meu subconsciente pode, em certas ocasiões, ter-me levado a embelezar ou a acrescentar algo a alguns desenhos. Isto, contudo, nunca fiz voluntária ou conscientemente. O outro ponto é que, embora o trabalho seja inconfundivelmente no estilo distintivo do artista que pretende executar os desenhos, uma certa proporção dos desenhos automáticos, normalmente aqueles que faço primeiro quando um artista surge, são meras reproduções ou quase cópias de obras executadas pelo artista quando ainda estava vivo.

Na maioria dos casos, estou absolutamente certo de que nunca tinha visto o desenho original antes, e fico bastante dececionado quando isso me é explicado por peritos. A única explicação que tenho é que o artista parece estar a fazer questão de se identificar para lá de qualquer sombra de dúvida, reproduzindo algo com o qual já se sabe que está associado. Contudo, a maioria dos desenhos que recebi automaticamente, tanto assinados como anónimos, completos e inacabados, parecem ser "originais", nunca antes desenhados pelo artista. Utilizo uma caneta de desenhador com um fluxo contínuo de tinta da China, pois descobri que isto produz os melhores resultados. O uso de cor sob qualquer forma, tinta, canetas de feltro, tintas coloridas, etc., parece baralhar o artista; as cores ficam misturadas e o resultado é normalmente um trabalho muito abaixo do padrão. Mais uma vez, não tenho explicação para isto.

Tudo o que experienciei aponta para o facto de que a monocromia produz os melhores resultados. O único artista para quem o uso da cor não apresenta problemas é o falecido Pablo Picasso. As minhas experiências com ele têm sido particularmente interessantes e diferentes das que tive com outros comunicadores. O primeiro trabalho dele surgiu em julho de 1973, três meses após a sua morte. Eu tinha pedido especificamente a Picasso para produzir um desenho para mim. Tinha na minha caneta um aparo com uma largura de 0,2 milímetros — a mesma espessura que utilizo habitualmente para

artistas que produzem trabalhos finos. Em segundos, a minha mão foi agarrada pelo que melhor se descreve como uma força extremamente assertiva.

Era tão forte que, após um minuto de desenho muito rápido, o aparo partiu-se e ficou inutilizável. Mudei para um aparo mais grosso, de 0,5 milímetros; este logo ficou torto, e foi só quando utilizei um aparo de 0,8 milímetros que a caneta conseguiu aguentar a tensão da força que atuava na minha mão. O desenho que produzi era inconfundivelmente no estilo de Picasso; era ousado e forte. Fiz este desenho com a minha habitual tinta preta, embora tivesse na minha secretária um pacote de vinte e quatro canetas de feltro coloridas. Encontrei outra folha limpa de papel de desenho e, pedindo novamente a Picasso para desenhar para mim, coloquei a minha mão sobre a gama de cores.

Das vinte e quatro cores, fiquei surpreendido por ver que a minha mão foi movida à força para a caneta preta. Rapidamente, um curioso padrão de formas e linhas foi colocado no papel, com a mesma força assertiva do desenho anterior. O que parecia ser um rosto foi desenhado com esta caneta preta. A minha mão moveu-se subitamente para a caneta verde; pegou nela, e algumas áreas foram coloridas com tinta verde. Este procedimento de colorir áreas específicas e depois mudar para uma cor diferente repetiu-se até que todas juntas constituíram um impressionante desenho multicolorido de um rosto que se assemelhava a uma espécie de rei egípcio.

Após terem sido utilizadas sete cores, preto, verde, castanho, roxo, vermelho, amarelo e cinzento, o desenho foi "assinado". Poder-se-ia muito bem perguntar: faço perguntas a estes artistas em inglês ou na própria língua deles? Como peço a Albrecht Dürer para desenhar através de mim, por exemplo? Ele não só era alemão, como também morreu em 1528, o que significa que falava "alemão antigo" e não o alemão contemporâneo. Leonardo da Vinci era italiano e morreu em 1529. Sempre que faço estes desenhos automáticos e quero um artista em particular, limito-me a concentrar todos os meus pensamentos no artista. Não penso em mais nada senão no artista em questão.

Não estou em nenhum estado de transe e estou perfeitamente consciente de tudo o que se passa ao meu redor. Contudo, já fui de olhos vendados em certas ocasiões e os resultados foram frequentemente muito abaixo do padrão, o que considero curioso. Porque é que, se estes desenhos são executados automaticamente, não consigo produzir um bom trabalho sem o uso dos meus olhos? Logicamente, não deveria fazer diferença e os comunicadores deveriam ainda assim ser capazes de escrever ou desenhar. Aprendi que os fenómenos psíquicos não são lógicos nem previsíveis.

Talvez a minha situação possa ser comparada à utilização de um rádio sem antena. Visto sob este prisma, eu poderia ser considerado como uma espécie de recetor que capta comunicações vindas de um transmissor. O facto de a pessoa com quem desejo comunicar não falar inglês não é, aparentemente, nenhuma barreira. Mesmo que eu receba algumas mensagens noutras línguas que não o inglês, alguns correspondentes estrangeiros escrevem de facto em inglês, ou utilizam um "intérprete" que atua como uma terceira parte para me transmitir as mensagens.

Outro ponto interessante sobre os desenhos é a forma como preenchem sempre a área completa de qualquer tamanho de papel que eu decida utilizar. Se tiver uma folha de papel com duas polegadas quadradas, ela fica preenchida sem espaço de sobra, tal como acontece se utilizar uma folha de papel com dois pés quadrados. Não tenho garantias de que, se tentar obter um artista em particular, vá de facto ser capaz de comunicar com ele. Isto pode justificar um grande número de desenhos "anónimos" que fiz. Quando tentei fazer um desenho com uma pessoa em particular, outra pessoa pode intervir sem o meu conhecimento prévio. Desenha então e muitas vezes não assina o seu nome.

Noutras ocasiões, recebi trabalhos anónimos porque me sentei sem nenhum nome em particular na mente, tendo-me meramente tornado recetivo; isto acontece habitualmente quando quero evitar uma vaga iminente de atividade de poltergeist. De alguma forma, sinto uma "acumulação" de energia cinética. Se não fizer nenhuma escrita ou desenho durante duas semanas ou mais, fico sujeito a atividade de poltergeist.

Depois de estar a escrever ou a desenhar por muito mais de uma hora, começo a "ficar sem forças" e sinto-me cansado. As mensagens tornam-se mais fracas até desaparecerem ou tornarem-se incompreensíveis. Demora então algumas horas a "recarregar". Um incidente que ocorreu precisamente numa dessas alturas é muito interessante. No Natal de 1972, iniciei um grande desenho que pretendia ser de Isaac Oliver. Tinha-lhe pedido para desenhar para mim Isabel I numa folha de cartolina de 21 polegadas por 25 polegadas.

Ele começou no centro da folha e trabalhou em direção à margem, não deixando uma única polegada quadrada sem ser tocada por detalhes intrincados. Ainda estava a trabalhar nele quando me perguntaram se poderia ser utilizado para ilustrar uma revista escolar. Concordei, não sabendo que só me seriam permitidos mais sete dias para concluir quase um quarto dele. Numa tarde de domingo, um amigo veio dizer-me que, se era para ser incluído na revista, tinha de o ter na manhã seguinte. Isto era, pensei eu, quase impossível. Com o espaço que faltava preencher, eu não tinha energia suficiente para o concluir. Contudo, às 19h30 dessa noite, comecei a desenhar novamente, sabendo que se ficasse sem energia seria incapaz de concluir o desenho. Uma hora mais tarde, a minha energia estava a escassear.

Pelas 21h00, já nada saía da minha mão. Tanto quanto conseguia ver, eu era incapaz de concluir o desenho. Foi precisamente por esta altura que um outro amigo entrou para ver como eu estava a passar. Expliquei-lhe o meu dilema e, após alguns momentos, ele disse: "Pergunto-me se faria alguma diferença se eu reunisse um grupo de pessoas que se concentrassem todas em ti, enquanto tentas continuar a desenhar. É concebível que consigamos alcançar uma espécie de transferência de energia, de modo a que possas utilizar a nossa energia para terminar o desenho."

Fizemos como ele sugeriu. Sentou-se noutra sala, a cerca de dez jardas de distância, com quatro outras pessoas, que se concentraram fortemente em mim. Sentei-me novamente para desenhar e concentrei-me em Isaac Oliver. Lentamente, a minha mão começou a mover-se e

a desenhar de novo. Inicialmente, pensei que seriam os restos da minha energia a produzir o movimento da minha mão.

Contudo, a energia parecia estar a aumentar e não encontrei dificuldades em desenhar à minha velocidade original. Pelas 23h00, o desenho estava concluído. Este incidente pareceu de facto ter ligações estreitas com o método pelo qual a minha irmã mais nova consegue, às vezes, escrever automaticamente. Ela necessita da minha presença como uma fonte externa adicional de energia. E quanto aos conteúdos e temas dos meus desenhos automáticos? Talvez surpreendentemente, há muito poucos desenhos religiosos entre eles. De facto, o único desenho religioso que produzi é uma cabeça de Cristo, pretensamente de Leonardo da Vinci.

A maioria dos desenhos são de pessoas, aves e animais; muito poucos são de edifícios. Sob as iniciais de Albrecht Dürer, produzi uma série de retratos, todos eles nomeados segundo o sujeito. Os nomes incluem "Matthäus Lang von Wellenburg", "Bilibaldi Pirkeymheri", "Hans Tucher", "Lucas van Leyden" e "Ulrich Stark". Nenhum destes nomes, com exceção de Lucas van Leyden, o gravador (contemporâneo de Dürer), me era conhecido. Contudo, pouca investigação foi necessária para descobrir que Bilibaldi Pirkeymheri era um amigo próximo e mecenas de Dürer.

Estou certo de que nem todos estes são originais; muitos deles são versões diferentes ou reproduções de obras anteriores do artista. Contudo, permanece a questão de como estes desenhos passam através da minha mão para o papel. Nunca vi estes desenhos antes e não tenho realmente capacidade nenhuma para desenhar eu próprio. Há peculiaridades semelhantes em alguns desenhos que Aubrey Beardsley produziu através da minha mão.

Notei-o primeiro num desenho razoavelmente grande, em que erros óbvios estavam a ser cometidos. Às vezes, um braço era desenhado de forma completamente errada e fora de proporção, ou uma ave podia estar fora de perspetiva; quando isto ocorria, ele parecia tapar a preto e obliterar a área em questão, transformando-a em algo totalmente diferente que, em vez de ser deixado em branco, ficava preto. Mais tarde aprendi que Beardsley, quando vivo, se

cometia um erro, como aparentemente fazia com frequência, colava por cima outra folha de papel.

Mais do que qualquer outro artista, Beardsley cometeu muitos erros ao desenhar através de mim, mas em vez de os cobrir com papel, o que obviamente não podia fazer, passava tinta por cima e transformava-os em algo diferente. Em certas ocasiões cometeu erros e não se deu ao trabalho de os corrigir; num desenho, por exemplo, um pavão foi desenhado com o padrão da cauda ao contrário. O mais notável nestes desenhos é a velocidade com que são desenhados. São habitualmente começados no meio do papel e depois trabalhados em direção ao perímetro.

São sempre desenhados diretamente no papel a tinta, sem qualquer trabalho preliminar ou contornos a lápis. Raramente ocorrem erros, embora em alguns dos desenhos se encontrem algumas falhas técnicas de perspetiva ou de sombreamento. Embora eu possa gastar uma ou duas horas para produzir um desenho, um artista levaria normalmente talvez seis ou oito horas para desenhar a mesma imagem. Penso que esta presteza se pode justificar pelo facto de os desenhos estarem a ser produzidos com pouca ou nenhuma premeditação ou planeamento.

Enquanto estava na escola, havia frequentemente uma forte tentação de pôr "outra pessoa" a fazer parte do meu trabalho nos exames; de facto, isso era frequentemente sugerido pelos meus colegas. Quando acontecia eu obter boas notas num trabalho, era acusado de ter convocado ajuda externa! Contudo, nunca utilizei intervenção espiritual para me ajudar com os meus trabalhos, até uma manhã em que decidi que iria tentar apenas para ver se, de facto, funcionava.

Os efeitos foram divertidos. Tinha-nos sido marcado um teste-ensaio de Inglês sobre a poesia de Wordsworth, e eu não tinha feito nenhuma revisão para o mesmo. Quando vi o tema do ensaio, fiquei completamente sem saber o que escrever. Foi bastante reconfortante ver que a pessoa sentada ao meu lado também não sabia nada. Comecei a escrever um parágrafo introdutório com a minha caligrafia normal e, tendo conversado fiado por várias linhas, não consegui

pensar em mais nada. Foi então que me surgiu a ideia de pedir ajuda a uma fonte externa, e Keats foi a primeira pessoa que me veio à mente. Eu sabia que ele tivera um bom conhecimento da poesia de Wordsworth, pois tinha escrito uma obra sobre esse assunto.

E assim, por baixo do que eu próprio já tinha escrito, pedi alguma ajuda a Keats, lendo mentalmente o tema várias vezes. Fiquei surpreendido quando surgiram oito linhas de escrita com uma caligrafia que era totalmente diferente da minha. O que estava escrito era inteligente e relevante para o tema, e deu-me ideias suficientes para continuar por um par de parágrafos pelos meus próprios meios. Depois disso, tive de recorrer novamente ao prestável Sr. Keats para mais algumas ideias.

Ele acedeu e escreveu outro parágrafo, após o que eu próprio escrevi mais um pouco. Neste ponto, o meu vizinho do lado por acaso olhou de relance para mim e viu o que estava escrito no meu papel. Percebeu imediatamente o que eu estava a fazer e gritou alto sobre desigualdade e injustiça. Limitei-me a sorrir para ele e continuei a escrever. Quando voltei a ficar sem material, Keats escreveu mais notas para mim num pedaço de papel rascunho separado, lembrando-me de coisas de que, de outro modo, me teria esquecido.

Após a aula, fui questionado pelos meus amigos curiosos e intrigados, que queriam saber o que eu tinha feito e escrito. Não tive outra opção senão admitir que o ensaio não era inteiramente trabalho meu! Quando o ensaio foi classificado, foi-me devolvido. Embora o professor que o tinha classificado não tenha dito nada sobre as duas caligrafias diferentes, notei que todos os "vistos" tinham sido colocados na margem ao lado do que Keats tinha escrito. Essa foi a única vez em que utilizei ajuda externa para o meu trabalho escolar, mas foi uma experiência interessante e "compensadora".

Numa escola tão grande como a minha, é inevitável que circulem histórias e boatos diferentes. Alguns professores e alunos desconfiavam de mim. Alguns ressentiam-se com "este absurdo", outros falavam de "loucura" ou do meu "desejo de atrair as atenções". Havia também uma boa quantidade que tinha medo de mim, e poucos estavam interessados em ficar do meu lado mau ou em irritar-me

abertamente. As consequências de alguém me irritar eram por vezes divertidas, olhando para trás em retrospetiva. O "infrator" sofria invariavelmente alguma quebra ou fenómeno de poltergeist.

Em cinco ocasiões, quando fiquei mais do que habitualmente zangado com os comentários sarcásticos de alguém, lâmpadas saíram dos casquilhos e espatifaram-se no chão perto deles, ou poças de água materializaram-se no chão. Um dia, cheirei algo a queimar enquanto estava sentado a ler e pensei que era um cheiro vindo de fora. Contudo, à medida que se tornava mais forte, percebi que havia algo a queimar perto de mim. Quando pousei o meu livro e dei um salto, a esteira de junco estava a arder sem chama numa área de seis polegadas aos meus pés. O fumo subia em espiral e pequenas chamas espalhavam-se. Foi uma sorte ter apanhado o fogo nesta fase; se tivesse sido deixado por muito mais tempo, ter-se-ia espalhado rapidamente. Nunca descobri a causa deste incidente. Não havia fios ou canos de qualquer descrição perto do local onde a esteira se inflamara, e eu não fumo.

A corresponder com os incidentes que têm ocorrido ocasionalmente quando estou irritado, há uma série de movimentos de poltergeist que têm tido lugar a muitas milhas de onde eu me encontrava na altura. Estes parecem ter acontecido em alturas em que eu estava a tentar contactar um amigo. O primeiro exemplo disto foi demonstrado quando a atividade de poltergeist grassou ao meu redor na escola e eu estivera em contacto bastante próximo com a minha família. Aconteceu numa noite de sábado, na sequência de uma decisão do Diretor de me pedir para deixar a escola no dia seguinte.

A minha irmã acordou nas primeiras horas da manhã, aparentemente sem razão, para descobrir que a sua almofada tinha desaparecido. Acendendo a luz, levantou-se da cama e encontrou-a no canto oposto do quarto. Depois, descobriu que o seu despertador já não estava ao lado da sua cama; este encontrou-o debaixo da cama. Eu tinha, como é óbvio, estado muito preocupado nessa noite e pensei na minha família ao longo da noite. De alguma forma, desejava poder fazê-los saber que não era culpa minha eu ir ser mandado para casa da escola. Desejava até que a minha irmã experienciasse esses

acontecimentos para que os meus pais não me pudessem culpar a mim sozinho.

Sentia-me infeliz e muito sozinho na minha situação difícil. Na altura em que a Governanta da minha casa na escola saiu para cuidar do pai que tinha adoecido, tínhamo-nos tornado muito amigos. Continuei a escrever-lhe e fui vê-la várias vezes. Em três ocasiões, descobriu-se que objetos se tinham movido na casa dela, após eu ter tentado contactá-la sem sucesso por telefone. Nessa altura, um parente vivia com ela e também testemunhou estes acontecimentos. Numa ocasião em que decidi telefonar-lhe, foi ele que atendeu a chamada. Assim que dei o meu nome, disse ele: "Tens estado a tentar falar com ela antes, não tens?

Ontem à noite, um candeeiro caiu na sala de estar dela e, esta manhã, uma cadeira tinha sido colocada contra a minha porta pelo lado de dentro. Estou aqui sozinho — ela só estará de volta esta tarde." Eu tinha tentado na noite anterior e mais cedo de manhã telefonar-lhe, mas não tinha havido resposta. Certa vez, quando isto ocorreu, ela soube que eu estava a tentar contactá-la e procedeu então a telefonar-me. "Conheces alguém chamado George Laing? Alguma vez recebeste uma mensagem automática dele? Sabes alguma coisa sobre este homem ou esse nome é conhecido pelo teu pai?" "Não, não me recordo de nenhum nome assim. Não conheço ninguém com esse nome. Porquê?", perguntei aos meus editores pelo telefone. Fiquei misterioso. "Temos aqui uma das tuas mensagens e um George Laing parece estar ligado a ela", foi-me dito.

Eu não me conseguia lembrar de ter recebido uma mensagem de alguém chamado George Laing. O nome não me dizia nada.

Mais tarde, transpirou que os meus editores tinham enviado duas folhas das minhas mensagens automáticas em árabe ao Professor S. Bushrui, na Universidade Americana de Beirute.

O professor tinha acabado de visitar o meu editor e trouxe consigo as traduções das mensagens.

Quando ele as traduziu, surgiram vários factos estranhos mas interessantes. O conteúdo das mensagens aparentemente fazia pouco sentido, exceto o de uma; além disso, várias partes estavam escritas

em caligrafias diferentes e distintas, que iam desde uma mão bem instruída e literata até um estilo que seria provavelmente escrito por um homem sem instrução. Uma única pessoa não poderia tê-las escrito todas. O Professor Bushrui classificou cada mensagem de um a dez de acordo com a grafia e com o conteúdo. Elaborou também um gráfico, mostrando os tipos de grafias árabes e indicando que o conteúdo das frases correspondia em qualidade à caligrafia literata ou iletrada.

Havia, contudo, uma mensagem que ele considerou fora do comum. Em letras decorativas e artísticas, dizia: "Reino da Arábia Saudita". O Professor Bushrui ficou desconfiado porque estas palavras apareciam nas notas de banco da Arábia Saudita e em cabeçalhos de cartas reais ou governamentais. O professor sugeriu que eu poderia ter visto isto e, quer consciente quer subconscientemente, copiado. A grafia era perfeita no que dizia respeito à caligrafia; um dos editores tentou copiar o que eu tinha escrito. Ele conseguia reproduzir a grafia árabe, mas apenas muito lentamente e não na perfeição. Mesmo que eu tivesse copiado "Reino da Arábia Saudita" de algum lado, o professor sentia que isso não justificava as frases coerentes que estavam incluídas em algumas das outras mensagens.

Foi nesta fase que recebi a chamada telefónica e fui questionado sobre George Laing. Eles tiveram o grande cuidado de não me dizer mais nada, mas meramente que estavam interessados num certo George Laing que estava ligado a uma das minhas escritas automáticas; nem sequer me disseram que este nome estava ligado a uma grafia árabe.

Como não conhecia tal pessoa, decidi ver se conseguia descobrir algo sobre este George Laing através da minha escrita automática. Contudo, nenhuma escrita apareceu quando tentei comunicar com George Laing. Ainda curioso por descobrir qual era o mistério, pedi informações a quem quer que fosse a respeito deste George Laing. Em trinta segundos, a minha mão começou a mover-se e resultou a seguinte mensagem:

"George Laing pede-me para te dizer que foi assassinado por um servo da casa do rei e não muitos sabem porque a polícia não prestava

para nada e o seu corpo foi sepultado nas encostas. Ele quer saber por que razão morreu quando estava a tentar ajudar a construir casas e a desenvolver os portos. Foi atingido na cabeça e morreu no Reino da Arábia Saudita. Pobre George, como vai a sua construção?

Leva-o até ao fim e hasteia a bandeira. Nós só somos simples porque tu és estúpido e temos muitas barreiras a cruzar. Monique Vanderhout."

Coloquei a mensagem no correio e enviei-a para os meus editores. Continuava sem estar ao corrente da situação, e tudo o que sabia era o que estava contido na mensagem de Monique Vanderhout; isto não me pareceu particularmente importante e relevante.

Peter Bander telefonou dois dias mais tarde:

"Esta mensagem é simplesmente boa demais para ser verdade. Na verdade, é tão notável que não posso deixar de desconfiar dela. É como encontrar um homem assassinado e descobrir que a imagem do seu assassino ainda é visível nos seus olhos", disse-me ele ao telefone.

Eu continuava intrigado com o facto de esta mensagem ter causado tal impressão e perguntei se importava que alguém chamado George Laing tivesse sido assassinado. Só agora recebi alguma explicação, mas apenas uma muito cautelosa.

O Professor Bushrui deparara-se com uma passagem que lhe parecera estranha. Estava na grafia com o cabeçalho "O Reino da Arábia Saudita". O que se seguia era uma série de palavras desconexas que não constituíam uma frase coerente. Estas palavras, quando traduzidas para inglês, eram: "Reino da Arábia Saudita", "encostas", "construir casas", "portos", "construções", "esconder", "rochas", "entulho". Em dois locais, o nome George Laing aparecia em grafia árabe.

Talvez ninguém tivesse prestado mais atenção a esta mensagem fragmentada se não tivesse sido por um dos meus desenhos que o Professor Bushrui viu. Era uma imagem bastante impressionante de uma águia belamente desenhada carregando o Sinbad nas suas garras. Num canto deste desenho estava o que me pareceu uma assinatura oriental. Como o artista desta imagem era obviamente oriental, a

julgar pelo estilo do desenho, eu tinha assumido que esta era a sua assinatura. Contudo, foi imediatamente reconhecida como outro pedaço de árabe pelo Professor Bushrui. A assinatura era, de facto, um desenho que incorporava o nome George Laing.

Por esta altura, era evidente para mim que alguém chamado George Laing estava a tentar fazer-me chegar uma mensagem. Se este era o caso, havia muitas perguntas que surgiam disto.

Porque estava um nome tão tipicamente britânico, George Laing, a aparecer em grafias árabes? Se ele estava tão desesperado por comunicar, qual era o seu problema? Porque eram as suas mensagens tão fragmentadas e qual era a relevância de "O Reino da Arábia Saudita"? Foi por estas razões que me tinham perguntado o que sabia sobre George Laing.

Quando apresentei a mensagem de Monique Vanderhout, todas as peças do quebra-cabeça de repente encaixaram, e os fragmentos em árabe tornaram-se relevantes e significativos, especialmente aqueles que tinham sido anteriormente descartados pelo Professor Bushrui.

Um George Laing tinha obviamente sido assassinado enquanto trabalhava na Arábia Saudita. A grafia de Monique Vanderhout dava todos os detalhes de forma mais coerente. O aspeto surpreendente da mensagem dela era o facto de conter todas as palavras que estavam na mensagem em árabe de George Laing. Em momento algum tive qualquer ideia do conteúdo da grafia árabe quando pedi "assistência".

Obviamente, a próxima coisa a fazer era fazer investigações sobre este George Laing, que estava evidentemente desaparecido e por justificar, tendo sido silenciosamente assassinado e deitado fora na Arábia Saudita.

Comecei, portanto, por perguntar a Monique Vanderhout se ela me poderia dizer quando é que George Laing tinha morrido. Ela escreveu:

"Aqui está a pobre Monique, que foi morta pelas balas do seu amoroso marido, para te dizer que George Laing se juntou a nós em 1943. Isto é estranho, porque tens de nos afastar com o rádio. Torna-o tão difícil para nós num espaço pequeno... Monique Vanderhout."

Foi interessante que a Monique tenha notado que eu estava a fazer escrita automática num quarto pequeno com um rádio ligado.

Pouco mais se descobriu sobre George Laing, para além do nome de um homem que se dizia tê-lo assassinado e onde. Consegui também desenhar uma imagem dele (automaticamente). Quando ele foi assassinado em Sakaka por um "servo chamado N. (nome fornecido)", deve ter havido uma luta bastante grande, se George Laing morreu apenas de um golpe na cabeça, porque o desenho dele revelava um homem grande e musculado que teria sido um bom par para qualquer pessoa.

Muitas vezes me perguntam se oiço ou vejo alguma coisa enquanto faço escrita automática. Os médiuns parecem receber impressões fortes relativamente aos seus comunicadores, ou até mesmo vê-los. Contudo, eu não recebo tais impressões, embora consiga avaliar a força da pessoa pela pressão exercida no papel pela minha mão.

Recentemente, participei num teste de perceção extrassensorial de longo alcance com o Dr. George Owen em Toronto, no Canadá. O Dr. Owen tinha convidado várias pessoas na Grã-Bretanha, na América e no Canadá para participarem numa série de experiências relacionadas com P.E.S. Ele estava interessado em descobrir se a distância desempenhava algum papel na determinação da força da mesma, e quão exata ela era.

Enviou aos participantes uma seleção de seis listas: a primeira lista compreendia cinco objetos, a segunda lista era de cinco nomes, a terceira lista era composta pelos símbolos de um baralho de cartas de Zener, a quarta era uma lista de cinco cores, a quinta lista era uma dos temas de cinco bilhetes-postais ilustrados e, na vigésima sexta lista, eram-nos dados os números de 0 a 999. Depois, na cave da sua casa em Toronto, ele colocou um artigo de cada uma das seis listas. Apenas ele sabia quais eram estes seis objetos. Era tarefa dos participantes adivinhar quais os artigos que estavam colocados na cave. Depois de todos terem feito isto e lhe terem enviado as suas suposições, ele escreveu-me dizendo:

“O teu resultado na primeira ronda foi extremamente bom. A seleção real do alvo foi:

Matthew / Probabilidades

Bolacha de água e sal / Correto / 1/5

Edgar / Vincent / 742 / 749 / 1/9 x 1/10

Quadrado / Ondas / Veículo motorizado / Montanha

“A tua probabilidade de acertar tanto por acaso era:

1 em 5 X 9 X 10 = 1 em 450.

“A tua impressão da nossa casa é perfeitamente exata até onde vai.”

Pessoalmente, não achei que estes resultados fossem particularmente notáveis, mas obviamente as probabilidades de adivinhar aquilo corretamente eram de 1 em 450, de acordo com as estatísticas do Dr. Owen. Contudo, enquanto realizava esta experiência, também recebi uma impressão da casa dele, que nunca vi e que ele não me descreveu.

Não estando em posição de apresentar explicações satisfatórias para o que descrevi, deixei essa tarefa para aqueles mais qualificados do que eu.

Na sua obra “Can we explain the Poltergeist?”, o Dr. George Owen escreveu:

“... as quantidades de energia necessárias não são grandes em relação ao fornecimento fisiológico normalmente disponível, mesmo numa criança pequena. Uma criança de quatro stones que se eleve ao longo de cinco pés em dez segundos, correndo por um pequeno lance de escadas, realiza 280 foot-pounds de trabalho e está a desenvolver potência à taxa de vinte e oito foot-pounds por segundo.

Se paranormalmente a criança erguesse um peso de quatro stones ao longo de cinco pés em dez segundos (e isto seria um feito bastante espetacular para o poltergeist comum), o fornecimento de energia e de potência seria exatamente o mesmo que o fornecido fisiologicamente ao correr escadas acima. Assim, as fontes normais de energia

fisiológica são perfeitamente adequadas mesmo para as realizações mais impressionantes na mecânica dos poltergeists, e não há necessidade de olhar para uma vitalidade superabundante como um fator necessário."

CAPÍTULO VII

NOS últimos meses de 1973, Uri Geller chegou à Grã-Bretanha e causou um fulgor de publicidade. Ele conseguiu, penso eu, convencer uma grande proporção do público britânico com as suas espantosas demonstrações de psicocinese e leitura de mentes.

Depois de ter demonstrado os seus talentos num "David Dimbleby Talk-in", televisionado pela BBC durante o mês de dezembro de 1973, vários ilusionistas alegaram que conseguiam reproduzir qualquer um dos feitos de Geller, não utilizando nenhuns poderes paranormais; ele era, disseram eles, meramente um ilusionista talentoso. Pode haver pouca dúvida de que as alegações dos ilusionistas foram em grande parte instrumentais para fazer com que muitos dos pretensos seguidores de Uri pensassem duas vezes sobre o que tinham visto. O argumento que começou a fermentar baseava-se numa única questão: será Geller um psíquico, verificável em condições de laboratório, ou meramente um ilusionista e mágico.

Depois de assistir ao documentário "Uri Geller: Is Seeing Believing?", televisionado pela ITV em janeiro de 1974, fiquei um pouco distraído com os pontos de vista opostos apresentados no

programa. Todo o filme tinha um ar de ceticismo que se manifestou fortemente na afirmação fervorosamente mantida por um dos operadores de câmara, que alegou ter testemunhado Geller a agir de forma fraudulenta. Disse ele que, enquanto Uri tentava descobrir telepathicamente qual de dez latas idênticas continha um objeto oculto, Geller tinha movido a perna; isto, alegou o operador de câmara, faria com que a lata que continha o objeto permanecesse imóvel, enquanto as latas vazias se moveriam. Com igual convicção, outra testemunha afirmou que Geller nunca tinha movido a perna. O próprio Uri contrapôs que as pessoas viam o que queriam ver.

Os meus pais tinham assistido a este programa comigo e, quando este terminou, foi a minha mãe que me pediu para tentar ver se conseguia dobrar objetos de metal. Disse-lhe que não iria conseguir, mas peguei numa colher de aço inoxidável para fazer a experiência, mais para lhe agradar do que por qualquer outra razão.

Fiquei a esfregá-la suavemente e a incitá-la mentalmente a dobrar. Passados dez minutos, a colher continuava na sua forma original e evidentemente não estava a ser afetada pelas minhas invocações. Passados outros dez minutos, quando o meu pai entrou na sala, mostrei-lhe a colher e expliquei que nada estava a acontecer.

A entrada dele na sala tinha distraído a minha concentração, e a minha concentração foi desviada da colher assim que comecei a falar com ele. Nesse momento, senti algo a acontecer ao cabo da colher. De alguma forma, o cabo já não estava tão rígido. Numa inspeção mais próxima, a colher tinha uma dobra óbvia no seu cabo. No seguimento disto, continuou a inclinar-se bastante rapidamente até se assemelhar à forma de um ganchinho de cabelo.

Mesmo assim, eu estava na dúvida sobre a colher dobrada: pensei mesmo que, inadvertidamente, deveria tê-la dobrado fisicamente. Os meus pais, que curiosamente não ficaram muito surpreendidos com esta proeza, pensaram mais tarde nessa noite num método simples de provar se eu tinha ou não dobrado a colher e um garfo à força. O meu pai apresentou um prego de seis polegadas com um quarto de polegada de diâmetro feito de aço galvanizado. Pensámos que, se eu conseguisse dobrar isto, teria de estar a utilizar uma fonte paranormal

de energia. Não acreditando que o prego fosse realmente dobrar a menos que eu exercesse fisicamente pressão sobre ele, peguei-o nas minhas mãos e descobri que era completamente incapaz de o dobrar com os meus dedos, nem o conseguia dobrar colocando-o num torno e exercendo pressão manual sobre ele.

Tentei em vão durante quinze minutos dobrar o prego por meios paranormais. Quando me apercebi de que estava a ficar muito cansado, desisti. Decidi ir para a cama e, olhando para o relógio de pendente que trago ao pescoço, vi com surpresa que o ponteiro grande dos minutos estava torcido em direção ao vidro do relógio. Isto convenceu-me de que eu tinha estado a utilizar uma força psicocinética anteriormente. O relógio não tinha sido aberto há algum tempo e os ponteiros tinham estado sempre bastante direitos.

Ao erguer o relógio na sua corrente por cima da minha cabeça, a corrente pareceu partir-se; retiro sempre o meu relógio por este método quando o tiro, em vez de abrir o fecho. A quebra na corrente pode ser mera coincidência.

Como uma experiência interessante, decidi dormir com o prego de seis polegadas debaixo da minha almofada, meramente para ver se algo lhe aconteceria durante a noite.

Às oito horas da manhã seguinte, havia uma dobra de cerca de trinta graus no prego de aço.

Mais tarde, nessa manhã, peguei noutra colher. A minha mãe estava precisamente a arrumar as coisas na cozinha e gritou: "Espera um momento, não comeces já."

"Não te preocupes", assegurei-lhe eu, "não consigo fazer nada num espaço de tempo tão curto."

Para minha surpresa e irritação da minha mãe, em poucos segundos o cabo da colher começou a dobrar-se, embora eu tivesse meramente segurado o objeto e pensado em dobrá-lo. Dobrou-se na forma de um ganchinho de cabelo, tal como a colher da noite anterior. De forma semelhante, um garfo e uma colher de chá vergaram-se. A faca ficou aparentemente imune aos meus pensamentos, pois permaneceu bastante rígida.

Começando a levantar a mesa do pequeno-almoço, a minha mãe chamou-me. A colher de chá de aço inoxidável com a qual eu tinha estado a comer uma toranja tinha uma dobra conspícua no seu cabo.

À parte um outro incidente curioso, não consegui dobrar mais nenhuns objetos de metal nesse dia.

Temos um estendal de roupa de alumínio que está concebido para permitir que roupas húmidas sejam penduradas nos braços de metal, cada um dos quais tem dois pés de comprimento. O metal é particularmente resistente e resiliente de modo a aguentar o peso de uma carga de roupa molhada ou húmida. Como o estendal está apenas aparafusado a uma parede, é impossível dobrar qualquer um dos braços de metal sem arrancar todo o aparelho da parede.

No decorrer da manhã, coloquei no secador um pequeno saco de musselina molhado através do qual tinha estado a coar fruta. Encontrei o saco caído no chão por baixo do aparelho quando olhei para ele uma hora mais tarde, e encontrei o braço no qual tinha pendurado o meu saco caído como uma planta. Era impossível dobrar o braço de volta à sua posição correta.

Dois dias mais tarde, encontrei algumas colheres de prata antigas que outrora pertenceram à minha avó e decidi fazer a experiência com elas. Curiosamente, achei-as muito mais difíceis de dobrar do que os talheres de aço inoxidável. Embora as pudesse ter dobrado facilmente de forma física, exigiram um período de tempo muito mais longo de esforço concentrado (trinta minutos em comparação com dez ou quinze) antes de mostrarem o mais pequeno sinal de dobra. Dobraram-se também apenas num ângulo muito mais raso do que as colheres de aço. Para isto não tenho explicação, a não ser sugerir que certos metais, ou ligas, são mais fáceis de trabalhar.

Enquanto tinha uma colher de prata nas mãos, vi um pente de metal caído num parapeito de janela a cerca de oito pés de distância de mim. Não toquei de todo no pente e fiquei estupefacto ao notar que o pente também se estava a dobrar.

Acredito que este fenómeno de dobragem de metal é apenas a mente sobre a matéria e não envolve de forma alguma os espíritos de pessoas falecidas; talvez no meu caso (não creio que isto se aplique a

Uri Geller), seja talvez possível considerar a força como sendo uma energia de poltergeist controlada.

O The Sunday Times (2 de dezembro de 1973) publicou um artigo sobre as capacidades de Uri Geller. O autor, um cientista, disse:

"Num extremo, Uri Geller poderia simplesmente ser exposto como uma fraude. No outro, mísseis poderiam ser derrubados do céu apenas pelo poder da mente. Mas estas não são as únicas formas em que o assunto se pode desenvolver. Há uma terceira possibilidade, completamente mais enfadonha. O Efeito Geller poderia vir a revelar-se real, mas raro e inútil, exceto para fazer truques. Poderia tornar-se uma espécie de estagnação científica, inútil em termos práticos e incompreensível teoricamente e, portanto, malvisto. Tenho a desagradável sensação de que é dessa forma que as coisas se vão passar."

Embora o artigo se referisse apenas a Uri Geller, acredito que é aplicável àqueles que, como eu, têm experiências semelhantes, capacidades ou como quer que as pessoas lhe queiram chamar.

Quaisquer noções de este poder "ser inútil, exceto para fazer truques" eu não aceito. Pode ser presentemente "incompreensível teoricamente", mas isso será esperançosamente resolvido no futuro.

Talvez este registo das minhas próprias experiências ajude um pouco. Se chegar o dia em que as minhas capacidades psíquicas me tenham deixado, serei o primeiro a dizê-lo. Há um valor de novidade em cada um e em todos os fenómenos, mas passados tempos torna-se bastante enfadonho e irritante, especialmente para a pessoa que tem de viver com eles, quer queira quer não.

APÊNDICE I

O CASO DO

BISPO KEPHALAS NEKTARIOS

UM RELATÓRIO DE PETER BANDER,

EDITOR DE

“THE PSYCHIC RESEARCHER”

DuranTe a parte final de 1973, fui solicitado por Sua Eminência o Arcebispo Athenagoras, Metropolita Ortodoxo Grego da Grã-Bretanha, para examinar e avaliar alguns fenómenos invulgares relativos a um membro da sua Igreja, a Sra. C. Katsikides de Wandsworth, e a aparente comunicação entre ela e o falecido Bispo Nektarios, que tinha morrido em 1920.

Para minha surpresa, recebi uma chamada telefónica de Matthew Manning na segunda-feira, 12 de novembro, durante a qual ele me disse que tinha recebido uma mensagem automática, assinada pelo referido Nektarios. Esta mensagem foi-me reencaminhada pelo correio:

e continuarei a aparecer no dia da minha festa, a cada 9 de novembro, até que tenhamos um mosteiro para geminar com o mosteiro de Egina. Em Egina muito acontecerá nos novos anos. Aqui aparecerá um dia a nossa Santíssima Senhora. Devemos erguer-lhe um monumento: o local será marcado pela sua vinda. Explicarei mais brevemente. Tenho muito para contar, mas é tão difícil. É Egina que é necessária para o mosteiro. Por favor, vão lá.

Kephalas Nektariost

1920

A 13, 22 e 29 de novembro, o Matthew enviou-me mais escritas automáticas pretendendo vir de Nektarios.

13 de novembro:

e o meu conselho agora é ir à Zoé. Lá receberão ajuda, conselho e apoio. A Zoé fornecerá fundos. Continuem a ir a Hieronymos — ele está seguro.

Kephalas Nektariost

22 de novembro:

quando tantas pessoas vão a Egina todos os anos para ver o meu túmulo, façam peditórios para construir o meu mosteiro. Devemos ter isto construído aqui em Inglaterra. Angariem o dinheiro. Egina precisa

de um casal e quando virem a Nossa Santíssima Senhora é aí que deve ser o local. Apenas permitam que o tempo revele as minhas intenções. Eu guiar-vos-ei a todos. Quando se reunirem todos — serão cinco de vós — tornarei tudo claro. Apenas 8000 em Egina — eles podem iniciar-vos no vosso caminho. Sigam o Ascetismo.

Kephalas Nektariost

29 de novembro:

Receio que, quando chegar a altura de o mosteiro ser construído, haverá desagrado por parte de Chrysostomos e de Atenas. A Nossa Santíssima Senhora é o sinal e Hieronymos apoiar-vos-á ao longo de tudo. Vão ter com ele para pedir ajuda e digam que fui eu que vos enviei. Ele compreenderá. Cuidado com a Turquia. Este mosteiro promoverá a unidade entre as Igrejas de Roma e a Ortodoxia. Ali o Patriarca será de ajuda.

Kephalas Nektariost

Estas mensagens continham vários pontos que eu não compreendia. Primeiro, queria saber quem era Kephalas; em segundo lugar, tinha a impressão de que o dia da festa de Nektarios era a 11 de novembro; as referências a Egina, Zoé, Hieronymos e Chrysostomos necessitavam de esclarecimento. Do Arcebispo Athenagoras recebi esta informação. Kephalas era o apelido do Bispo Nektarios; o dia da festa era, de facto, 9 de novembro; Egina era o local onde Nektarios tinha trabalhado e estava sepultado; Zoé é uma organização de sacerdotes e teólogos ortodoxos gregos; Chrysostomos — permanece um tanto ou quanto um mistério e Hieronymos é o destituído Arcebispo de Atenas.

Quase me tinha esquecido destas mensagens quando o Matthew chegou ao meu escritório na segunda-feira, 4 de fevereiro de 1974, e me mostrou mais uma mensagem. O Matthew perguntou se poderia ir a Battersea, mas aconselhei-o a não o fazer porque me sentia desconfortável com a possibilidade de duas investigações distintas se misturarem. Em vez disso, levei o Matthew comigo para visitar o

Arcebispo Athenagoras; a mensagem que o Arcebispo estudou recebeu um acolhimento cauteloso:

e continuámos a não fazer nada. Porquê? Sigam:

I As minhas instruções anteriores. Egina.

II Vão a Battersea onde entregarei nova mensagem.

III Vão ao Colégio Rhizarion onde recolherão mais fundos. Dinheiro é o que precisamos para o meu mosteiro. Todos vós juntos deveis discutir e agir como um todo unificado. Não demorem mais agora, por favor. Roch está convosco dois agora. O dia da festa dele é o dia do teu nascimento, filho. Vai na terça-feira à Igreja.

As minhas Bênçãos estejam convosco

Kephalas Nektariost

A 1 de março de 1974, escrevi ao Arcebispo Athenagoras a seguinte carta:

"Nektarios é certamente um 'escritor' prolífico; o Matthew telefonou-me ontem e recebi mais uma 'mensagem' dele no correio de hoje. Confesso estar perplexo: o seu nome aparece e o de duas outras pessoas que não conheço e de quem nunca ouvi falar. Como vê, Nektarios afirma que estes dois cavalheiros, Eusebius Matthopoulos e Makrakis, estão com ele. Disto concluo que já não estão nesta terra. Além disso, ele sustenta que o senhor conhece Matthopoulos. Aqui está, antes de mais, a mensagem:

'Aqui estou eu novamente. Usemos de previdência agora. Para me ajudar, tenho comigo Eusebius Matthopoulos e Makrakis. Eles também querem o mosteiro e na Zoé Matthopoulos será conhecido, visto e amado. Athenagoras pode falar-te sobre Matthopoulos. Somos três unidos por um objetivo. Makrakis tem a certeza de que muito da resposta será encontrado no Livro da Revelação, mas não consegue concordar com o Sínodo. Ele diz que isto vos será útil. Aceitem-no. Continuarei a 14 de abril, se for permitido, e então a Nossa Santíssima Senhora se mostrará no templo. Por favor, angariem dinheiro. Não posso fazer mais do que instruir. Preciso de apóstolos.

1920’

Para além da minha pergunta óbvia sobre os nomes mencionados nesta mensagem, penso que devo fazer uma pergunta ainda mais importante: qual é o seu veredicto sobre a origem, finalidade e genuinidade destas ‘cartas’ assinadas por +Kephalas Nektarios? Sente Sua Eminência que devem ser tomadas medidas relativamente aos pedidos expressos e, se sim, o que deve ser feito?”

No mesmo dia, o Arcebispo tinha-me enviado uma carta pelo correio. Neste ponto, consultei o Editor Religioso do The Psychic Researcher, o Rev. David Kennedy (Igreja da Escócia), e submeti-lhe todo o material relativo ao caso Nektarios:

A 27 de fevereiro de 1974, Sua Eminência o Arcebispo Athenagoras regressou da sua visita a Atenas, onde tinha assistido a um Sínodo de Metropolitas da Igreja Ortodoxa Grega. Entre a sua correspondência, encontrou uma carta datada de 29 de janeiro de 1974 da Sra. Olof Ericson, esposa do Cônsul-Geral da Grécia em Gotemburgo, Suécia. Sua Eminência enviou-me uma fotocópia da carta, que ocupa quase duas páginas de papel almaço de texto dactilografado. A Sra. Ericson recorda ao Arcebispo o encontro anterior de ambos na Suécia e pede desculpa por lhe tomar o tempo com a leitura da longa carta. O motivo para lhe escrever foi um sonho ou visão com que se tinha deparado na noite anterior, que continha uma ‘mensagem’ direta para Athenagoras. Parece haver alguma confusão quanto a quem falava na sua visão; primeiro, a Sra. Ericson apresenta uma citação verbal que recebeu: “No tempo certo eu te direi, Athenagoras, como fazer!” — e depois continua a sua narrativa:

“Fui para uma casa grande, construída com tijolos vermelhos. A poucos passos da rua havia uma grande porta aberta e olhei para uma sala muito grande através de uma passagem abobadada. Havia muitas pessoas a afluir até si e eu não quis incomodá-lo. Depois vi uma senhora de aspeto muito doce entre todos os homens de barba com hábitos de monge. Ela viu-me e perguntou o que eu queria. Depois

disse-lhe para vir ter comigo lá fora para que eu lhe pudesse dar a mensagem 'No tempo certo, dir-te-ei como fazer'."

Sem querer exagerar um caso que, num exame sério, pode simplesmente revelar-se uma série de coincidências, o sonho da Sra. Ericson é muito semelhante às visões da Sra. C. Katsikides em Battersea, Londres, embora esta última dê explicações mais detalhadas e tenha a certeza absoluta de que este edifício é um mosteiro. Se acrescentarmos a estes dois casos independentes as mensagens recebidas para o Arcebispo Athenagoras através da escrita automática do Matthew, todas as quais contêm referências a um mosteiro a ser construído, pergunto-me em que ponto deveríamos (se é que o devemos fazer de todo) assumir uma liderança positiva ou mesmo ativa no nosso jornal. Até agora, limitei as nossas reportagens a três artigos sobre o Matthew (sem mencionar essas mensagens para Athenagoras); um artigo sobre la Sra. Katsikides (The Apprentice Saint of Battersea), que certamente foi cauteloso e estritamente não comprometedor, e uma citação de Athenagoras nesse artigo, dando total proteção à Sra. Katsikides. Compreenderá que devemos estar absolutamente certos antes de agir. Das três pessoas envolvidas, a 'evidência' do Matthew é a mais marcante, pelo menos na minha opinião. Falei com o Athenagoras ontem à noite numa festa sobre a última 'mensagem'; claro que seria injusto deixá-lo 'dar a cara' sozinho. Ficaria grato por ter a sua opinião.

A resposta de David Kennedy chegou a 10 de março:

"Obrigado por me deixar ver a evidência no assunto de Nektarios. Como diz, é sobretudo a evidência 'Matthew' que apresenta material sólido aqui. Kephalas Nektarios — este era de facto o seu nome e alguma desta informação está disponível para qualquer pessoa que consulte o Penguin Dictionary of Saints. O dia da festa dele é de facto o 9 de novembro. Kephalas Nektarios começou de facto a construção de um convento de freiras (não de um mosteiro de monges) em Egina e creio que o seu túmulo está em Egina. Foi também reitor do Colégio Rhizarion. A informação acima está disponível para qualquer pessoa que utilize uma biblioteca. Esta informação não deve, portanto, ser

descartada, mas sim mantida no contexto do outro material, sabendo-se que não requer uma explicação supernormal para a justificar. Apenas Athenagoras pode falar sobre os detalhes pessoais de:

(1) Hieronymos.

(2) O desagrado por parte de Chrysostomos e de Atenas.

(3) Os 8.000 em Egina.

(4) Zoé.

(5) Eusebius Matthopoulos e Makrakis.

Incidentalmente, relativamente à mensagem de Makrakis de que a resposta será encontrada no Livro da Revelação, posso sugerir uma interpretação desta mensagem críptica. Athenagoras é Arcebispo de Tiatira e Tiatira é uma das sete igrejas a quem o Cristo ressuscitado se dirige no Livro da Revelação. É a Tiatira que são ditas as palavras 'Conheço as tuas obras — as últimas que são mais do que as primeiras'. Poderia isto ser uma mensagem para Athenagoras? Se os elementos que não poderiam estar disponíveis para o Matthew sob qualquer forma se revelarem (1) Verdadeiros em facto. (2) Verdadeiros também para a situação de Athenagoras. (3) De acordo também com o caráter e os desejos de Kephalas Nektarios tal como é recordado — então temos algo. Tal evidência valeria a pena ser apresentada a qualquer estudante de parapsicologia como uma evidência altamente persuasiva de que Kephalas Nektarios está de facto a tentar fazer-se ouvir."

Falei subsequentemente com o Arcebispo Athenagoras. Sua Eminência tinha solicitado ver a mensagem que continha referências a Eusebius Matthopoulos e Makrakis. Não havia dúvidas de que esta mensagem em particular incomodava o Arcebispo. Admitiu ter conhecido Eusebius Matthopoulos e acrescentou que Matthopoulos e Makrakis tinham sido amigos de Nektarios. Mas o que mais o intrigava era a referência a Makrakis e ao Livro da Revelação. Ao que parece, o Sínodo do qual Athenagoras tinha regressado tinha-se ocupado, até certo ponto, de Makrakis e da sua interpretação do Livro da Revelação. O Arcebispo não pôde revelar mais detalhes, mas

expressou a sua total surpresa perante a última mensagem de Nektarios.

Desde então, houve mais duas mensagens diretamente dirigidas ao Arcebispo Athenagoras. Ambas contêm diretrizes no que diz respeito ao mosteiro que Nektarios quer ver construído na Grã-Bretanha. O Matthew descreve Nektarios como um comunicador forte e impaciente. O The Psychic Researcher organizará, a seu tempo, um encontro entre a Sra. Katsikides e Matthew Manning na presença do Arcebispo Athenagoras, possivelmente na Igreja de S. Nektarios em Battersea. Se tal encontro produzirá ou não resultados invulgares, continua por se ver.

As duas últimas mensagens de Nektarios são obviamente dirigidas ao Matthew pessoalmente:

"Em breve estarás com um espírito próximo de ti que produzirá para mim um desenho que será utilizado em ligação com o meu mosteiro. Guarda-o e, quando estiver concluído, revelar-te-ei as minhas intenções. Nós aqui estamos todos por trás de ti e agora escolhi-te para ajudar a angariar fundos. Bênçãos Kephalas Nektariost"

Após o desenho ter sido "recebido", dois dias mais tarde, Nektarios deu longas e detalhadas instruções sobre a sua utilização. É para ser publicado "no livro" e para ser entregue a Athenagoras. Pela primeira vez, surge uma referência à Sra. Katsikides:

"Principalmente a Coula receberá instruções minhas..."

e a mensagem para o Matthew conclui:

"Embora possas não amar nenhum objeto material, serás recompensado por nós. Rápido agora. Bênçãos Kephalas Nektarios+. Já tiveste prova suficiente da minha existência. Vai ter com Athenagoras se precisares de a ver. Estou preocupado apenas com o meu trabalho agora."

Para além do envolvimento do Matthew neste caso, reuni evidências que não foram mencionadas neste relatório. É certamente notável que Kephalas Nektarios, que morreu em 1920 e foi feito Santo na Igreja Ortodoxa Grega em 1961, pareça ter-se "comunicado"

através de muitos canais diferentes ao longo dos últimos anos. Matthew Manning, cuja escrita automática é a principal preocupação deste relatório, é apenas uma de várias pessoas que, de forma totalmente independente umas das outras, parecem receber instruções de Nektarios.

No domingo, 16 de junho de 1974, Sua Eminência o Arcebispo Athenagoras, Metropolita Ortodoxo Grego da Grã-Bretanha, discutiu as implicações da evidência colocada perante si, que indicava que o falecido Bispo Nektarios se tinha, em várias ocasiões, dirigido a Sua Eminência. Esta evidência foi timidamente avaliada em contexto com outra evidência que pretendia originar de Nektarios e que tinha sido recebida principalmente através da Sra. Coula Katsikides de Battersea, Londres. Tendo em conta a esmagadora veneração que o Santo Ortodoxo Grego tem recebido nos últimos dois anos, Sua Eminência consagrará a Igreja de S. Nektarios a 6 de outubro de 1974.

Após elaborar sobre os acontecimentos relativos à Sra. Katsikides, Sua Eminência abordou as escritas automáticas recebidas através de Matthew Manning; várias das suas declarações foram em resposta a perguntas.

Arcebispo Athenagoras:

"O caso de Matthew Manning está para além de qualquer forma de investigação lógica. Posso dizer positivamente que o jovem não esteve em posição de saber de certas coisas que estavam contidas nessas 'cartas'. A minha própria ligação a São Nektarios é através do meu professor; ele foi ordenado diácono por Nektarios e foi seu aluno. Matthopoulos era, de facto, um amigo próximo de Nektarios, e a referência a Makrakis é absolutamente espantosa. Esta 'mensagem' específica foi recebida pelo Matthew quando eu estava em Atenas a assistir a um sínodo secretíssimo de Metropolitas. Não posso dizer mais do que isto: Makrakis foi discutido no sínodo, tal como o seu livro sobre o Livro da Revelação. Tendo declarado Makrakis um apóstata porque as suas opiniões foram sempre bastante contra qualquer reconciliação com a Igreja Católica Romana por motivos teológicos, é absolutamente assombroso como o Matthew pôde saber

sobre isto, porque todos estes assuntos foram discutidos in camera, sensivelmente na altura em que o Matthew recebeu a mensagem.

"Egina, o seu mosteiro e ordem monástica foram a criação de Nektarios. O Santo foi sempre da maior mentalidade ecuménica durante a sua vida. Porque quer ele um mosteiro em Inglaterra para geminar com o de Egina, não sei, mas faz sentido.

"Porque haveria Nektarios de me enviar 'mensagens' através da mão de um 'estranho'? Não sei, mas sempre aceitei que Deus tem muitas formas de enviar mensagens ao Seu povo — até mesmo aos seus bispos. E admitamos — mesmo hoje não compreendemos o significado de muitas profecias de outrora.

"Apenas posso julgar estas mensagens com base num critério: fazem sentido? — Como disse, faz sentido ter um centro para o trabalho ecuménico; faz sentido ter um centro onde possamos formar os nossos jovens para o novo tipo de trabalho que a Igreja tem de enfrentar.

"Contudo, também tenho de olhar para isto a partir de um ângulo diferente: por exemplo, não posso pedir dinheiro às pessoas para construir tal mosteiro. Lancei recentemente um apelo urgente para comprar quatro Igrejas em Londres. Portanto, a questão de um apelo a fundos deve ser descartada. Todos os apelos a fundos contêm um elemento de mercantilismo — e até a suspeita de utilizar este material para lucro — por muito digno que seja — deve ser evitada.

"Também tenho de considerar alguns outros pontos: Um mosteiro precisa de dinheiro mas, ainda mais importante, um mosteiro precisa de pessoas. Quem são as pessoas que se juntariam a este mosteiro? São homens ou mulheres? Novamente, poder-se-ia sugerir que as pessoas precisam de um mosteiro... contudo, estas são reflexões que têm de ser consideradas.

"Mas estou suficientemente impressionado com a evidência para dizer isto: Se houver pessoas que queiram ajudar na concretização do projeto que São Nektarios deseja, que essas pessoas me escrevam. Estou disposto a escutar. Vou mais longe, estou preparado para apoiar este projeto pessoalmente e estou disposto a trabalhar com elas no

estabelecimento do mosteiro. Estaria preparado para nomear alguém para investigar a possibilidade de encontrar uma propriedade."

"O apelo de Nektarios veio — em grande medida — de Matthew Manning, que não é um cristão ortodoxo grego; veio de fora, por assim dizer. Talvez seja a intenção de São Nektarios que pessoas de fora tenham um interesse especial neste projeto?

"Sou totalmente a favor de tomar em plena consideração tudo o que me foi apresentado como evidência. Naturalmente, esta é uma questão a ser considerada por aqueles que se interessam por assuntos espirituais. Esta não é uma questão para ser apresentada, digamos, perante os Responsáveis da Igreja, como se apresentariam as contas anuais perante um comité de responsáveis. Aqui temos algo que diz respeito a um serviço para e pelo povo de Deus; por isso, deixemos os responsáveis de fora disso por enquanto. Aqui lidamos com o desenvolvimento da atividade ecuménica cristã.

"Em princípio, agirei sempre que houver uma fonte sólida de informação; considero a evidência colocada perante mim sólida porque faz sentido. Portanto, estou preparado para investigar as alegações. A solidez deve basear-se no testemunho histórico. Devemos coordenar toda a informação que recebemos e deve, de alguma forma, ser-nos dito claramente qual é o objetivo desta instituição.

"Estou, portanto, preparado para ouvir todos aqueles que desejem expressar a sua opinião, oferecer ajuda ou aconselhar. Se receber cartas suficientes dos leitores*, por exemplo, irei, naturalmente, nomear um comité para investigar o que deve ser feito. Pessoalmente, estou impressionado com o que vi — especialmente se tomar em consideração os muitos acontecimentos milagrosos atribuídos a São Nektarios. Deixemos o povo julgar com base na força da evidência disponível. Estou preparado para ouvir e dar o meu apoio quando ele for necessário."

Sua Eminência o Arcebispo Athenagoras morreu a 9 de setembro de 1979.

APÊNDICE II

DR. GEORGE OWEN

Relatório do Dr. A. R. G. Owen,
Membro do Trinity College, Cambridge.
Geneticista, Biólogo e Matemático.
Diretor da "The New Horizons
Research Foundation", Toronto.

PERMITAM-ME que diga, desde o início, que considero Matthew Manning uma pessoa das mais empolgantes. Este é um relato dos talentos extraordinários de que ele está dotado — talentos que, à falta de melhor palavra, chamamos "psíquicos". São assim chamados porque parecem estar relacionados com a mente ou a alma do seu possuidor. Consequentemente, utilizamos a palavra "psíquico", que deriva do grego psyche, que significa alma ou mente, e que aparece em psicologia, psiquiatria, etc. Os termos psíquico ou psíquica são, contudo, utilizados de uma forma mais restrita para abranger vários fenómenos mentais, tais como a telepatia ou a transferência de pensamento.

A palavra telepatia passou para a vida quotidiana e quase não necessita de explicação, mas parecem existir outros fenómenos estranhos que ocorrem a muitas pessoas e que são chamados clarividência e precognição. Estes também são abrangidos pelo termo psíquico. O estudo de tais acontecimentos é denominado investigação psíquica, um termo introduzido pela primeira vez em 1882, quando a Society for Psychical Research foi fundada por três Membros do Trinity College, Cambridge: o Professor Henry Sidgwick, Frederick Myers e Edmund Gurney. Historicamente, Cambridge tem tido uma longa ligação com a investigação psíquica. Não foi, portanto, inteiramente acidental que travei conhecimento com a família Manning.

Como resultado do contacto com o meu colega mais sénior em Trinity, o eminente filósofo Professor C. D. Broad, interessei-me, por minha vez, pela investigação psíquica, ou parapsicologia (como

também é chamada). Uma coisa levou a outra e, em 1967, quando Derek Manning me telefonou para o colégio, eu já tinha dedicado, durante vários anos, uma grande proporção do meu tempo livre à investigação psíquica. Especialmente, tinha-me interessado por um tipo particular de fenómeno conhecido como perturbações de poltergeist e tinha publicado um livro bastante longo sobre o assunto (Can We Explain the Poltergeist?, Taplinger Publishing Co., Nova Iorque), no qual examinei este fenómeno sob todos os ângulos.

Normalmente, uma perturbação de poltergeist é de duração limitada. Os fenómenos desaparecem após um intervalo de dias ou semanas. Mais raramente, podem durar alguns meses, mas isto é invulgar. Uma vez que diminuem, normalmente nunca mais voltam a ocorrer, o que foi a base da declaração firme que fiz em conformidade em 1967.

Durante os últimos dois séculos ou mais, centenas de casos de poltergeist foram descritos, frequentemente por muito boas testemunhas independentes da família mais diretamente envolvida. Como resultado, não há qualquer dúvida de que a maioria deles é completamente genuína. Com isto quero dizer que os acontecimentos que se diz terem ocorrido ocorrem realmente, e não são o resultado de alucinação ou hipnotismo de massa. Se ocorrem ruídos estranhos, estes podem ser gravados num gravador de fita. Se um vaso parece ser espatifado, então ele é realmente espatifado; basta simplesmente apanhar os pedaços. É verdade também, na vasta maioria dos casos, que os fenómenos não se devem a ninguém a pregar partidas. No entanto, para saber isto, é preciso ter passado uma grande quantidade de tempo a estudar estes fenómenos.

O assunto está a tornar-se mais conhecido ultimamente, como resultado dos meus próprios esforços e dos de investigadores distintos como o Professor Hans Bender, o Dr. Gaither Pratt e o Sr. William Roll. Mas o público em geral não está ainda totalmente informado, e qualquer pessoa que experiencie um surto de poltergeist é, naturalmente, cautelosa em contar a pessoas de fora sobre o assunto.

Um dos tipos mais comuns de acontecimento em casos de poltergeist é a ocorrência de ruídos invulgares e inexplicáveis.

Naturalmente, cada casa, seja nova ou velha, é propensa a ser rica em sons naturais devidos a causas tais como a dilatação ou a contração de madeiras, água nos canos ou subterrânea. Contudo, numa grande proporção de casos de poltergeist, os sons são perfeitamente inconfundíveis em relação a qualquer outra coisa. Podem ser ruídos de arranhar ou de serrar, ou pancadas fortes e insistentes vindas da madeira dos móveis, ou das paredes, ou parecendo mesmo, às vezes, originar-se no ar! É por causa destes ruídos que o nome "poltergeist" ficou associado a estas perturbações. Poltergeist é uma antiga palavra do folclore alemão composta por polter (ruído) e geist (espírito), pelo que significa "duende do ruído" e era utilizada na Idade Média para se referir a hipotéticos espíritos da natureza (o equivalente alemão aos nossos próprios elfos, duendes, gnomos, etc.) que se supunha serem travessos sem intenção de fazer mal real — como o Puck de Shakespeare. Contudo, não é de todo claro que os acontecimentos de poltergeist se devam a um espírito e, para não dar a questão por assente, é melhor não fazer referência a poltergeists neste contexto, mas sim falar apenas de "perturbações de poltergeist" ou, como eu faço, de "fenómenos de poltergeist".

Em alguns casos de fenómenos de poltergeist, os únicos fenómenos são sons. Ocasionalmente, os sons ocorrem muito frequentemente, muitas vezes num dia. Noutros casos, acontecem de forma muito intermitente. Às vezes, passam-se vários dias entre os fenómenos. Alguns surtos de poltergeist não têm ruído nenhum, mas apenas movimento de objetos. Um caso de poltergeist em Swansea, no País de Gales, que ocorreu cerca de um ano antes de eu conhecer o Matthew, abriu com um frasco de xarope a erguer-se de uma prateleira e a flutuar em direção à senhora da casa. Ela recuou alarmada, fechando a porta na cara do frasco que avançava, o qual bateu contra ela com um estrondo audível. Num caso em Sauchie, Alloa, Escócia, em 1960, dois médicos e um ministro testemunharam que, em mais de uma ocasião, tinham visto uma pesada arca de linho erguer-se uma polegada ou duas do chão e depois flutuar no ar por uma distância de alguns pés. O caso de Sauchie, além de ter movimentos frequentes de objetos, teve também uma rica profusão de pancadas fortes e outros ruídos (que foram gravados em fita). Os médicos disseram que estes pareciam frequentemente vir de pontos em pleno ar. Contudo, no surto

de Swansea, tal como em muitos outros, não houve sons "paranormais"; os objetos moviam-se silenciosamente até baterem noutros objetos, caso em que, naturalmente, havia o ruído do impacto.

Mas estes ruídos de colisão eram, como é óbvio, sons normais — a única característica anormal era o movimento dos objetos, que descrevemos como "paranormal". Esta é uma palavra conveniente para aplicar a acontecimentos que não conseguimos explicar em termos de forças naturais conhecidas. É uma palavra melhor para usar do que "sobrenatural", porque não podemos ter a certeza de que os fenómenos deste tipo não resultem do funcionamento de forças que são completamente naturais e que, no futuro, possam ser compreendidas, mesmo que não as compreendamos no presente momento.

O caso de Swansea (ver o livro de Andrew Mackenzie: The Unexplained, Arthur Barker Ltd., Londres, 1966) foi interessante, pois mostrou quão poderosa pode ser a força do poltergeist. Numa ocasião, uma cama de casal foi erguida pela força, virada ao contrário e depositada em cima de um berço de bebé. Pouco antes ou depois de isto ocorrer, um pesado guarda-fatos no mesmo quarto foi movido de modo a obstruir a única porta que conduzia para dentro ou para fora do quarto de dormir. A polícia teve de ser chamada ao local para efetuar a entrada no quarto, que ficava no primeiro andar voltado para a rua. Enquanto estes acontecimentos se passavam, a senhora da casa e a sua mãe encontravam-se no passeio abaixo da janela. Ficou, portanto, claro que nenhum assaltante ou vândalo tinha causado a agitação no quarto de dormir, porque não poderia ter escapado sem ser observado. A perturbação de Swansea ilustra também uma característica encontrada em muitos casos de poltergeist; os objetos serão movidos dentro de quartos fechados quando ninguém está lá, e o facto só é descoberto depois. Esta "astúcia", por assim dizer, tem sido tão frequentemente relatada que a considero uma característica perfeitamente típica das perturbações de poltergeist.

A causa imediata de qualquer acontecimento individual num surto de poltergeist é, naturalmente, o exercício de uma força física de natureza desconhecida. Se uma cama pesando 200 libras é erguida no ar, então está a ser exercida uma força de pelo menos 200 libras de

peso. Se um ruído de pancada está a vir da madeira de uma mesa, então sabemos que as moléculas da madeira no local de origem do som estão a ser colocadas em vibração, e isto também implica o funcionamento de uma força. Qual é a causa desta força? Algumas pessoas abordam o problema praticamente da mesma forma que os alemães na Idade Média e atribuem todos os fenómenos de poltergeist e semelhantes à ação direta de espíritos, quer os espíritos dos mortos, quer duendes e demónios. Segundo esta teoria, é um ser desencarnado (de uma espécie ou de outra) que está a exercer a força física sobre os objetos.

Ao tentar decidir se esta poderia ou não ser a verdadeira explicação, o investigador de um surto de fenómenos de poltergeist tentará primeiro estabelecer se os acontecimentos estão ou não sempre confinados a um único edifício. Se assim for, a situação poderá ser a da chamada "casa assombrada". As situações de casas assombradas são normalmente muito complexas e difíceis de analisar (ver o meu livro Science and the Spook, Dobson, Londres). Ao contrário da crença popular, os "fantasmas" ou aparições visíveis não são a característica essencial e invariável das situações de casas assombradas, uma proporção surpreendentemente grande das quais envolve fenómenos físicos do tipo poltergeist.

Muitas vezes descobre-se que os fenómenos de poltergeist não estão ligados a um edifício em particular, mas, em vez disso, ocorrem apenas quando um membro específico da família está por perto. O caso de Sauchie, já mencionado, foi um exemplo perfeito disso. Os acontecimentos aconteciam na casa de uma rapariga de onze anos, Virginia. Ela foi enviada para ficar com a sua tia noutra cidade, mas as coisas continuaram tão más como sempre; por isso ela voltou para casa e foi para a escola.

Na sala de aula, as secretárias ergueram-se no ar e uma mesa pesada foi empurrada pelo chão, para surpresa do professor da escola. Cada acontecimento físico paranormal que aconteceu teve lugar a poucos pés de distância de Virginia. Por esta razão, a explicação mais simples é supor que a força que moveu o mobiliário e que fez as pancadas foi, de alguma forma, operada pela própria Virginia. Um grande número de outros casos de poltergeist registados enquadrou-se

exatamente neste padrão; os fenómenos estão ligados a uma pessoa e não a um lugar. É conveniente descrever este tipo de caso como sendo de tipo "clássico" ou "puro", para o distinguir da situação de casa assombrada.

Naturalmente, o facto de que, num caso de tipo puro ou clássico, os fenómenos estarem ligados a uma única pessoa não prova, por si só, absolutamente que um espírito desencarnado não esteja também envolvido, bem como a pessoa do poltergeist (ou seja, a Virginia no surto de Sauchie). Uma teoria é que existe, de facto, um espírito desencarnado, mas que ele, ela ou isso não consegue produzir os fenómenos por si próprio. Segundo esta teoria, a pessoa do poltergeist é alguém dotado de um talento "psíquico" especial que lhe permite ser utilizado por um espírito desencarnado como uma espécie de intermediário ou elo, facilitando a manifestação das ações do espírito.

Os defensores desta teoria referem-se à pessoa do poltergeist como um "médium", significando um intermediário entre o mundo físico e os espíritos. A palavra médium, neste sentido, estava em uso certamente já em 1852, durante os primeiros anos da difusão do movimento espiritista. Como questão de interesse, vale a pena notar que o Espiritismo moderno foi estimulado a nascer por uma explosão de fenómenos de poltergeist que envolveu ruídos de pancadas que ocorriam na presença de duas raparigas adolescentes, as irmãs Fox de Hydesville, no Estado de Nova Iorque, EUA.

Adiarei para mais tarde qualquer discussão sobre o conceito de mediunidade nas suas muitas formas. Por agora, é suficiente dizer que, numa grande proporção de casos clássicos de poltergeist, não há evidência real de que a pessoa central esteja a funcionar como um médium para comunicação de espíritos. Primeiramente, notamos que, em casos de poltergeist "puros", é raro verem-se aparições dos mortos pela própria pessoa do poltergeist ou pelas pessoas ao redor. Da mesma forma, nenhuma das pessoas envolvidas parece receber, por via de impressões mentais, quaisquer supostas mensagens dos falecidos ou de quaisquer outros seres. Nem entram em "transes mediúnicos" ou parecem, enquanto os fenómenos estão a acontecer, estar num estado de consciência que não seja o seu estado normal. Da mesma forma, muitas das condições tradicionalmente supostas

necessárias em sessões espiritistas para a ocorrência de fenómenos físicos, como por exemplo a escuridão e a presença de um círculo de pessoas solidárias, simplesmente não se aplicam em casos de poltergeist.

Os fenómenos ocorrem em plena luz e são propensos a desconcertar até os observadores mais hostis e céticos. Além disso, pelo que vale, podemos notar que o "ectoplasma" — uma forma subtil de matéria que se supõe emanar do corpo do médium — nunca foi visto em nenhum caso de poltergeist de tipo clássico. Finalmente, podemos notar que em tais surtos é normalmente difícil ou impossível reconhecer qualquer tentativa de comunicação.

Devido às razões que mencionei e também à diferença entre o caso clássico de poltergeist e a situação de casa assombrada, muitos estudantes sérios do assunto (e isto inclui pessoas que também aceitam que noutros contextos a comunicação de espíritos de facto ocorre) acreditam que o surto típico de poltergeist resulta da implantação involuntária, por parte da pessoa do poltergeist, de uma forma especial de capacidade psíquica com que está dotada. Esta é a capacidade para a psicocinese ou P.K., como é chamada abreviadamente. Em casos de poltergeist, esta parece estar completamente fora do controlo consciente da pessoa do poltergeist. Ele ou ela fica normalmente tão intrigado e desconcertado com os acontecimentos como todos os outros, e genuinamente surpreendido quando, finalmente, parece a partir da observação que a sua presença tem algo a ver com a ocorrência dos fenómenos.

Existe alguma outra evidência de que uma força P.K. exista? Parece que muitas pessoas comuns conseguem exercer este poder voluntariamente, mas apenas num grau muito minúsculo. A evidência disso é o grande número de experiências sobre a influência na queda de dados, uma investigação instituída pelo Professor Joseph B. Rhine na Duke University, Carolina do Norte, EUA. Descobriu-se que, quando os dados são lançados aleatoriamente por um método mecânico, as pessoas que conscientemente desejam que eles caiam com um lado escolhido voltado para cima, como por exemplo um "três", conseguem produzir uma ligeira tendência para os dados caírem conforme o exigido.

Isto apenas se manifesta estatisticamente; assim, o grau de controlo voluntário é de certo modo limitado. Alguns indivíduos dotados conseguem produzir efeitos um pouco maiores. Assim, o meu amigo Jan Merta, no Canadá, consegue regular o movimento de um móbile pendurado dentro de um frasco à prova de ar. A Sra. Mikhailova, uma senhora russa, consegue mover pequenos objetos, tais como isqueiros, caixas de fósforos e fósforos, por curtas distâncias sobre a superfície de uma mesa. O Sr. Merta e a Sra. Mikhailova, naturalmente, possuem o poder psicocinético num grau muito maior do que a maioria das pessoas.

Ao mesmo tempo, tem de se dizer que os seus efeitos são muito mais fracos do que os encontrados em muitos casos de poltergeist. No entanto, é um facto importante que algumas pessoas, como Jan Merta e a Sra. Mikhailova, de facto exibam a capacidade P.K. É lógico, portanto, supor que é este mesmo poder que é manifestado temporariamente pelas pessoas de poltergeist.

Quando conheci o Matthew e a sua família pela primeira vez, em 1966, eu estava bastante familiarizado com o tipo de fenómenos a esperar num caso típico de poltergeist. Além disso, era bastante experiente em avaliar a veracidade das testemunhas de acontecimentos de poltergeist. Cedo formei a opinião de que, em virtude da sua profissão, historial e qualidades manifestas, o Sr. Manning era uma testemunha altamente factual e fiável. Aceitei, portanto, que os fenómenos que se dizia acontecerem de manhã na sala de estar de facto tinham lugar exatamente como descrito, com toda a família a tomar chá no andar de cima sob o olhar do Sr. Manning.

Além disso, o movimento dos objetos na sala de estar pareceu-me estar perfeitamente de acordo com as características do que tem sido relatado em numerosos casos de poltergeist. Os artigos, alguns deles de grande mérito artístico, estavam sempre intactos. Isto quadra com o que se encontra na vasta maioria dos surtos de poltergeist; os artigos de valor não são arruinados; nenhuma pessoa é seriamente ferida; é como se os fenómenos fossem concebidos para intrigar e para irritar, em vez de ferir as pessoas quer corporalmente quer nos seus sentimentos. A natureza furtiva dos fenómenos era outra característica que tinha sido frequentemente notada. Consequentemente, fiquei

dececionado, mas não surpreendido, por nada ter acontecido na sala durante as minhas vigílias a olhar para o seu interior a partir do jardim.

A casa tinha apenas alguns anos e parecia improvável que estivesse assombrada. O Matthew descreveu como as três crianças foram dispersas durante uma semana por casas separadas. Se tivesse havido fenómenos em qualquer uma destas residências, teria sido útil, pois teria fornecido alguma pista sobre qual ou quais os membros da família que eram pessoas psicocinéticas. Sentia a certeza de que pelo menos uma pessoa estava a manifestar poderes P.K. As probabilidades eram de que a capacidade estivesse restrita a apenas um deles.

Além disso, com base em estatísticas obtidas a partir do estudo de muitíssimos casos de poltergeist, o candidato mais provável para esta distinção era o Matthew. Descobriu-se que as pessoas de poltergeist tendem a ter entre 10 e 20 anos de idade. O Matthew era o mais provável por motivos de idade. Também algum grau de tensão ou ansiedade parece ser contributivo para a atividade de poltergeist. Como ele próprio mencionou, estava na etapa final de preparação para um exame importante. No entanto, tudo isto eram meras probabilidades e não certezas. Os fenómenos de poltergeist centram-se por vezes em crianças mais novas ou em adultos. Até hoje, não tenho a certeza de por que razão o Sr. e a Sra. Manning notaram ruídos na casa durante a ausência das crianças.

Como a família acabou por se mudar para outra cidade, isto permanecerá sem dúvida por resolver. Possivelmente, a casa sempre teve uma tendência para ruídos estruturais que se impuseram à atenção da família apenas depois de os acontecimentos de poltergeist os terem alertado para la possibilidade de acontecimentos paranormais, induzindo assim um estado de acrescida consciência auditiva. Em todo o caso, senti-me suficientemente confiante de que este era um caso clássico de poltergeist, e não uma situação de casa assombrada, ao ponto de afirmar que a casa não estava assombrada. Expliquei também que, com elevada probabilidade, os fenómenos resultavam do funcionamento involuntário da capacidade P.K. por parte de algum membro da família. Finalmente, declarei que os fenómenos iriam desaparecer após algumas semanas, como de facto aconteceu, embora

não antes de terem ocorrido algumas variações dos fenómenos que o Matthew mencionou.

O som de "tinir", como que do impacto de uma pequena conta numa superfície sólida, tem sido descrito em muitos casos de poltergeist. A sensação de pressão, como se um pequeno animal estivesse a caminhar sobre as cobertas da cama, que o Sr. Manning experienciou, também tem o seu homólogo em casos anteriores. Não duvido da realidade de nenhum destes dois tipos de ocorrência.

Na grande maioria dos casos de poltergeist, há um único surto que acaba por diminuir após alguns dias ou semanas. Apenas raramente a pessoa em questão manifesta mais tarde quaisquer capacidades psíquicas, quer do tipo mental quer do tipo psicocinético. Consequentemente, a probabilidade é de que uma perturbação de poltergeist nunca mais se repita na mesma família. Contudo, tem havido algumas exceções a esta regra. Por exemplo, a Sra. Mikhailova, de quem já falei, foi quando jovem o centro de fortes fenómenos de poltergeist, com utensílios domésticos a saltar das prateleiras da sua cozinha. Ela chamou a atenção do Professor Vasiliev, um eminente fisiologista soviético, que sugeriu que ela procurasse treinar-se de modo a ser capaz de operar conscientemente o seu poder P.K. Nisto ela foi moderadamente bem-sucedida e, através de concentração mental, consegue mover pequenos objetos selecionados. Pareceria, portanto, que uma pequena proporção de pessoas de poltergeist está dotada de forma mais permanente com a potencialidade para o poder psicocinético.

Consequentemente, elas são mais propensas do que as restantes a ter uma recorrência, especialmente em tempos de tensão, os quais, conforme notámos, são por alguma razão misteriosa propícios à manifestação da capacidade P.K. Embora, tal como a maioria das pessoas de poltergeist, elas sejam noutros aspetos normais (na verdade, pareceria que, como grupo, estão um pouco acima do normal, sendo de inteligência superior à média e no seu comportamento bastante bem-comportadas), esta capacidade latente contínua faz delas pessoas muito interessantes, porque a capacidade psicocinética é, de facto, muito espantosa.

Quando, portanto, na primavera de 1971, o Sr. Manning me escreveu a contar que o Matthew era o centro de novos e muito mais variados e poderosos fenómenos de poltergeist, não fiquei totalmente estupefacto, mas fiquei surpreendido e também intrigado pela probabilidade de termos no Matthew uma pessoa de excecional capacidade psíquica. No entanto, restava ainda a questão da sua carreira na escola e depois dela, e eu estava principalmente preocupado em exercer a pouca influência que conseguia exercer a partir do Canadá para minimizar quaisquer más consequências que estes acontecimentos tivessem no que respeita à carreira do Matthew.

Escrevi, pois, ao Diretor num estilo tão autoritário e persuasivo quanto fui capaz, para sublinhar o facto de que o Matthew não era um desordeiro irresponsável, mas tanto uma vítima de uma situação não convidada como o pessoal da escola e os rapazes o eram. Espero ter feito algum bem; como o leitor está ciente, foi por um triz! Contudo, o Diretor agiu com discrição e humanidade, exatamente como fez o Diretor da Escola de Sauchie quando confrontado com os fenómenos da Virginia. Poderia dizer, entre parênteses, que embora estes casos sejam incomuns, não são excecionalmente raros; cada pessoa encarregue de crianças ou jovens deveria receber, como parte da sua formação profissional, alguma instrução no reconhecimento e gestão de surtos de poltergeist.

Penso que, com mais conhecimento prévio, o pessoal da escola do Matthew poderia ter regulado todo o assunto de modo a que tivesse sido muito menos perturbador para todos os envolvidos. Contudo, tudo está bem quando acaba bem! A tragédia evitada tem o hábito, pelo menos em retrospetiva, de se transformar em comédia, e os leitores devem ter apreciado os aspetos humorísticos do relato excelentemente escrito pelo Matthew sobre os acontecimentos na escola. Posso testemunhar que este relato não difere em nenhum pormenor daquilo que o Matthew e o seu pai nos relataram na altura. É uma narrativa sem adornos, de forma alguma empolada ou exagerada na recordação.

Acredito que a narrativa do Matthew é um relato verdadeiro. Digo isto apesar da natureza notável de alguns dos fenómenos. A maioria dos acontecimentos encontra paralelo noutros casos de

poltergeist onde foram descritos por testemunhas inquestionáveis e, por isso, embora estranhos, são perfeitamente possíveis. Além disso, as testemunhas, algumas delas relutantes e hostis mas todas independentes da família Manning, eram demasiado numerosas para que houvesse qualquer dúvida sobre o assunto. Como o Matthew disse, a sua segunda vaga de fenómenos de poltergeist abriu em julho de 1970.

Ocorrências como as da bota voadora, do guarda-fatos que se abre sozinho e dos ruídos de arranhar são a rotina dos fenómenos de poltergeist e, nesse contexto, dificilmente notáveis, mas servem para datar o ressurgimento a partir da latência dos poderes psicocinéticos do Matthew. Durante o resto do inverno, estiveram comparativamente atenuados. O episódio da caneta, que repetidamente desaparecia da secretária no seu estúdio para ser encontrada noutro local, à primeira vista parece ser meramente o fenómeno do movimento furtivo de pequenos objetos.

Contudo, poderá na realidade ter implicado um fenómeno mais temível: o movimento de objetos para fora de salas fechadas ou para dentro de salas fechadas. Isto é conhecido como teleportação. O episódio da lanterna que, durante as férias da Páscoa, foi encontrada inexplicavelmente dentro da (presumivelmente fechada) despensa também alude a este estranho fenómeno que discuto mais adiante. O Domingo de Páscoa de 1971 iniciou um ritmo mais rápido de acontecimentos, no qual o conteúdo de divisões na casa dos Manning foi desarrumado em grande escala, lembrando-nos o caso de Swansea.

Um aspeto verdadeiramente notável destes sobressaltos é que tiveram lugar a grande velocidade, com divisões a serem postas em desordem numa questão de minutos, mas a força em ação exibia uma delicadeza notável. Embora forças físicas da ordem de trinta ou mais libras de peso fossem aplicadas no levantamento de peças de mobiliário, estes objetos eram depositados tão levemente que não causavam danos. Isto pode parecer quase incrível, mas encontra paralelo em numerosos casos e indica claramente uma certa consideração ou inibição que atua para minimizar danos reais. Os delicados feitos de equilíbrio que o Matthew descreve também

encontram paralelo noutros locais e ilustram a mesma maravilhosa precisão de que a força psicocinética é capaz.

Nesta fase, a família Manning experienciou outra característica interessante que notei nos fenómenos de poltergeist: a forma como os fenómenos podem ser modificados pela sugestão. Aparentemente, a família desviou temporariamente os fenómenos para se especializarem em aparelhos elétricos e, mais tarde, em torneiras. Esta última sugestão não foi, talvez, inteiramente feliz, pois precedeu, e possivelmente induziu, uma série de fenómenos relativos ao transporte de fluidos — ácido, tinta, decapante de tinta e soda cáustica. Como não posso imaginar que na casa dos Manning estes líquidos não fossem mantidos em garrafas fechadas, isto pareceria indicar uma nova ocorrência dos misteriosos fenómenos de teleportação.

Em alguns aspetos, estes episódios assemelhavam-se ao surto noutro local na Ânglia Oriental, nomeadamente na Residência Paroquial de Swanton Novers, Norfolk. Isto foi em 1919, e líquidos tais como óleo ou água corriam das paredes e dos tetos. Esta estranha ocorrência foi testemunhada por numerosos repórteres de imprensa, bem como por um arquiteto, um geólogo, um químico e um par de engenheiros petrolíferos, além de John Maskelyne, o famoso ilusionista. Embora alguns leitores possam achar isso alucinante, aceito como totalmente possível a afirmação do Matthew de que a mesa da Rosalind desapareceu do seu quarto e (ou simultaneamente ou mais tarde) foi depositada na cave. A minha razão para acreditar que a teleportação é possível é a seguinte. Quando em 1962 fiz o meu levantamento de relatórios de poltergeist, descobri que em pelo menos cinquenta casos os fenómenos de poltergeist do tipo mais “comum” (por exemplo, voos de objetos, etc.) eram acompanhados por instâncias de artigos que desapareciam de salas fechadas ou de recipientes trancados. Por vezes, estes artigos reapareciam noutro local.

Muitas vezes eram vistos no ato de reaparecer. Muito frequentemente, dizia-se que pequenos artigos, tais como moedas ou seixos, apareciam subitamente no ar. O mesmo se dizia frequentemente de objetos que nunca tinham estado na casa em questão e que, aparentemente, tinham tido origem noutro local. Em

muitos dos 50 casos, estes fenómenos de teleportação ou de *apport* foram testemunhados por testemunhas muito respeitáveis. Quando escrevi *Can We Explain the Poltergeist?*, disse, portanto, que, por muito difícil que fosse dar crédito ao fenómeno, a evidência do mesmo era demasiado persuasiva para ser rejeitada de imediato, e o problema deveria, por conseguinte, "ficar sobre a mesa".

Desde 1962, muitos outros casos foram descritos. Infelizmente, nenhum parapsicólogo observou até agora o fenómeno em casos de poltergeist sob condições suficientemente rigorosas que não deixem absolutamente nenhuma dúvida sobre a sua ocorrência, mas inclino-me a pensar que é apenas uma questão de tempo até que ocorra uma observação definitiva. Em meses recentes, a teleportação tem sido frequentemente relatada como ocorrendo esporadicamente entre os fenómenos do Sr. Uri Geller. Tenho conhecimento de que algumas experiências científicas foram realmente feitas, nas quais objetos desapareceram de caixas seladas, mas os relatórios científicos oficiais ainda não foram publicados. Seria justo dizer que, embora a teleportação e o *apport* não estejam ainda totalmente estabelecidos como factos científicos, existe, não obstante, uma forte presunção de que às vezes eles ocorrem. Consequentemente, podemos dar crédito à descrição do Matthew sobre o aparecimento de pequenos objetos no Gabinete da Governanta da Escola como se viessem do nada. Da mesma forma, os artigos atirados no dormitório podem perfeitamente ter tido origem fora do quarto.

Assim, com uma exceção, os tipos de fenómenos na escola do Matthew, embora invulgares em frequência, poder e variedade, não transgrediram os limites do que tem sido relatado noutros casos de poltergeist. Contudo, os aparecimentos dos anéis ou discos de luz nas paredes são, tanto quanto sei, sem paralelo nos fenómenos de poltergeist. O único ponto de semelhança com outros casos é o facto de as manchas luminosas parecerem estar aquecidas. Ora, o aquecimento local de paredes, papel de parede, cobertas de cama e cortinas tem sido notado em cerca de duas dezenas de casos; frequentemente isto levou a que o material aquecido ficasse a arder sem chama e até a arder efetivamente. Isto tem sido considerado

paranormal porque não é de todo fácil inflamar papel de parede por meios comuns.

Mas a luminosidade na escola parece ser um fenómeno diferente. É interessante que o Matthew tenha sentido que era diferente. Pelo seu relato, é claro que ele deduziu por si próprio que, embora a sua participação em todos os acontecimentos precedentes tivesse sido não pretendida, involuntária e fora do seu controlo consciente, ele era de alguma forma a causa deles; eles eram uma expressão, por meios inconscientes, de uma tensão e pressão internas. Mas ele sentiu que os círculos luminosos eram gerados por uma força fora de si próprio, a qual descreveu como intervenção de espíritos. Curiosamente, o Matthew não parece sentir que os gatafunhos nas paredes em casa e a escrita de *Matthew Beware* indicassem comunicação de espíritos. Imagino que, ao chegar a esta conclusão, o raciocínio dele se assemelhou àquele que eu estaria inclinado a aplicar ao caso: as laçadas e círculos infantilmente desenhados são inconsistentes com a capacidade de soletrar uma mensagem, mesmo que tão curta como *Matthew Beware*.

Além disso, esta suposta mensagem parecia ser sem referência real, pois, no desenrolar dos factos, nada de terrível teve lugar. Esta inconsistência e irrelevância são também típicas da escrita em paredes, ou em papel, que tem sido relatada noutros casos de poltergeist. Da mesma forma, quando são recebidas "mensagens" por outros meios no decurso de surtos de poltergeist, por exemplo através de pancadas codificadas ou até da "voz direta", o suposto "comunicador" não pode ser identificado como uma personalidade real.

Muitas vezes as suas comunicações e descrições de si próprio são totalmente incoerentes; "ele" dará relatos inconsistentes e na verdade contraditórios sobre quem "ele" é, ou era. A meu ver, isto reforça a perspetiva que mencionei anteriormente de que, nos fenómenos de poltergeist clássicos ou puros, não há evidência real da intervenção de espíritos, quer de seres humanos falecidos quer de qualquer outro tipo de entidade.

Como disse, o facto de o Matthew, após um lapso de anos, ser o centro de uma atividade contínua de poltergeist numa escala mais

grandiosa é extremamente interessante porque sugere que, ao contrário da pessoa de poltergeist comum, ele é um "psíquico" altamente dotado, como alguém com capacidades psíquicas contínuas é frequentemente chamado. A Sra. Mikhailova é um exemplo de uma psíquica que reteve permanentemente o seu talento P.K. mas, tanto quanto é do meu conhecimento, não exibe capacidades mentais, ou seja, telepatia, clarividência ou precognição.

Contudo, conheço um ou dois "sensitivos" psíquicos que são altamente dotados com perceção extrassensorial; estes não são pessoas P.K. mas, nos seus primeiros anos, experienciaram alguns acontecimentos psicocinéticos. Um caso interessante é descrito no livro *Beyond Belief*. Um jovem completamente normal, com cerca de trinta anos de idade, foi o centro de atividade de poltergeist quando no trabalho, no seu estúdio de fotografia. Seguiu-se a isto uma fase na qual ele desenvolveu algo semelhante a uma mediunidade de transe.

Após as sessões dedicadas a isto terem sido descontinuadas, ele descobriu que estava a desenvolver capacidades psíquicas do tipo mental, particularmente a precognição — a previsão de acontecimentos que poderiam facilmente ser antevistos. Assim, cheguei a perguntar-me se em certos casos os fenómenos de poltergeist são o primeiro estágio na evolução natural de um psíquico poderoso. Se isto for assim, então o Matthew pareceria exemplificar um padrão de desenvolvimento raro mas importante. A experiência de ver a aura humana que ele relata é também partilhada por muitos sensitivos psíquicos, embora seja uma experiência extremamente difícil de interpretar. Se a substituição de fenómenos físicos por fenómenos psíquicos mentais é uma característica regular de um certo modo de desenvolvimento psíquico, trata-se de um facto dos mais intrigantes. Na medida em que a pessoa psíquica é inconscientemente motivada, isso poderia ser considerado como a substituição de uma atividade socialmente prejudicial por uma atividade socialmente inofensiva — os irritantes fenómenos de poltergeist.

É extremamente interessante que conscientemente o Matthew se tenha esforçado por efetuar esta substituição — guiado por curiosidade intelectual, por um lado, e por outro pelo que pode ser descrito como um interesse próprio esclarecido, ou seja, tornar os

fenómenos socialmente inócuos, para minimizar o sofrimento da sua família e amigos. Aqui a palavra operacional é "esclarecido"; no que diz respeito ao interesse próprio, o mundo bem precisaria de uma quantidade ilimitada da variedade esclarecida.

Penso eu próprio que é um grande mérito da inteligência e perspicácia do Matthew que ele tenha procurado conscientemente substituir as atividades na esfera da sensibilidade mental pelos caóticos fenómenos de poltergeist. Se, como é possível, isto mostra que acontecimentos P.K. incoativos podem ser substituídos por capacidades mentais do tipo extrassensorial, trata-se de uma descoberta muito importante — tanto prática como teoricamente.

De passagem, vale a pena tecer comentários sobre o "ritual" de abolição dos fenómenos de poltergeist recomendado pelo cavalheiro no hospital psiquiátrico. Este ritual parece ser um item do vasto reportório de estudos ocultistas centrados na prática milenar da magia. Para clareza, será melhor dizer desde já que não temo a magia ou a bruxaria porque acredito que são disparates saídos do pano da superstição e da tradição errónea. Contudo, tal como o Matthew, não tenho apetite por elas, pois considero-as tolas e enganadoras; além disso, através do grande poder da sugestão, podem precipitar fobias, ansiedade e neuroses entre aquelas pessoas crédulas que são intelectualmente incapazes de rejeitar o palavreado vazio em que estas tradições abundam.

Devo enfatizar que estes maus efeitos resultam inteiramente de causas psicológicas naturais e não de eficácia sobrenatural dos rituais ou doutrinas. Como vemos pelo relato do Matthew, o ritual funcionou na primeira ocasião em que foi utilizado, mas falhou daí em diante. Isto é exatamente o que esperaríamos de qualquer procedimento utilizado para acalmar fenómenos de poltergeist. Na primeira aplicação pode (possivelmente, mas não certamente) ter efeito, mas frequentemente, após um intervalo decente, os fenómenos recorrem. Isto está de acordo com a psicologia; os fatores psicológicos podem produzir a desejada diminuição dos acontecimentos por um tempo.

Mas cada instrumento torna-se embotado com o uso. Há um paralelo estreito com o exorcismo ou serviços de oração ou

intervenção. Os efeitos tendem a ser apenas temporários. Isto também é verdade em muitos casos do tipo particular de 'cura pela fé' que depende apenas de fatores psicológicos. Muito mais significativo é o sucesso dos próprios esforços do Matthew para canalizar ou direcionar os seus poderes para fenómenos puramente mentais (pois a escrita e o desenho automáticos caem nesta categoria). Parece demasiado cedo para avaliar se em todos os casos de escrita automática pelo Matthew a informação foi adquirida de forma paranormal. Isto exigiria uma grande quantidade de investigação histórica. O próprio Matthew expressa uma perspetiva bastante conservadora quando alude à possibilidade de uma contribuição do seu próprio inconsciente (por exemplo, ou fantasia subconsciente ou o seu banco de memória). Contudo, acho improvável que o Matthew (amante de livros como é) escrevesse árabe da Arábia do Sul.

Não sou cozinheiro e não posso emitir opinião quanto ao tipo de conselho culinário que seria apropriado para a Sra. Beeton, mas fiquei intrigado com o material relativo a Sir Stafford Cripps, que foi o meu próprio deputado em Bristol. Acompanhei a sua carreira com interesse, mas nada sabia sobre Sapperton ou Frith Hill. Sem me comprometer sobre a questão, que merece um estudo exaustivo e completo, inclino-me a dizer que há bastantes argumentos para supor que o Matthew recebe informação por meios paranormais. Se isto é na realidade vindo dos espíritos dos mortos, não posso dizer.

A evidência para a sobrevivência humana à morte a partir da escrita automática ou por outros meios de comunicação tem sido amplamente discutida durante a última metade de século. É um campo no qual eu próprio não sou competente para dar uma opinião que valha a pena. Respeito aqueles que examinaram todo o corpo de evidências para a sobrevivência humana à morte e se sentiram capazes de chegar a uma conclusão afirmativa. Mas também respeito aqueles estudantes que argumentam que o poder da perceção extrassensorial é quase ilimitado. Esta última escola de pensamento sugere que um psíquico poderoso consegue adquirir uma quantidade notável de conhecimento exato por perceção extrassensorial, talvez por telepatia a partir dos vivos ou pela faculdade que, à falta de melhor palavra, é chamada clarividência. Qualquer que seja a interpretação que se

escolha adotar, permanecem muitos mistérios e pontas soltas. Estou especialmente intrigado com a recente indicação de que o Matthew é, até certo ponto, capaz de desenvolver novos fenómenos físicos. Ultimamente, no que diz respeito a outros psíquicos, tenho tendido a suspeitar que os seus talentos são potencialmente maleáveis do ponto de vista psicológico.

Numa entrevista recente, o Sr. Uri Geller disse que tendia a restringir-se a procurar produzir apenas certos tipos de fenómenos, tais como os seus efeitos em relógios e a dobragem e divisão de metal. Pensava que possivelmente isto se devia a serem estes os fenómenos que ele primeiro tivera na sua juventude. Tinha, portanto, fé em que eles funcionariam e, por isso, eram esses os que procurava produzir. É fascinante, portanto, que o Matthew tenha sido capaz, quando estimulado pelo exemplo do Uri, de produzir os seus próprios fenómenos com metal.

Devo dizer, de passagem, que muito recentemente a minha esposa recebeu o que, para nós, foi uma prova absoluta da validade dos fenómenos com metal do Uri. Uma chave na mala da minha esposa, na qual o Uri nunca tinha tocado ou sequer visto, e que foi examinada por um comité de testemunhas antes de ser colocada na mala, foi dobrada em 10 graus enquanto ainda estava na mala, com o Uri a pelo menos 25 pés de distância. Comecei este comentário dizendo que o Matthew é uma pessoa empolgante. Isto é assim não apenas devido às suas capacidades notáveis, mas por conta da sua atitude reflexiva e distanciada em relação a elas. Muitas pessoas psíquicas contentam-se com a mera repetição dos seus efeitos paranormais e esta é, talvez, uma das razões pelas quais a parapsicologia avança apenas lentamente. Mas se o Matthew conseguir continuar a combinar o exercício dos seus poderes com o mesmo espírito de indagação que já demonstrou, é provável que o seu trabalho possa conduzir a uma nova e profunda perceção científica sobre estas matérias.